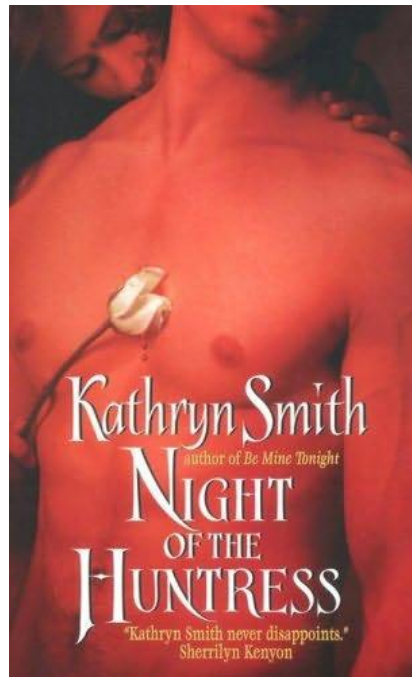




Série: A Irmandade do Sangue 02

Amor Imortal

Kathryn Smith

Disponibilização em Esp: *não tem no arquivo*

Tradução: Gisa

Revisão e Formatação: Claudia Centelhas

Revisão Final: Amanda Souza

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

*“Sou o vampiro conhecido como Bishop.
E jurei destruir o mal neste mundo.”*

Desde o vil assassinato de minha amada esposa faz mais de trezentos anos, dediquei-me à destruição de monstros. Minha obsessão rivaliza só com a luxúria de sangue que me separa dos homens comuns. Mas agora existe outra que busca a vingança também. É chamada “A Caçadora” e quando nossas rotas se cruzarem, um de nós deverá morrer.

Mas agora que vi a Marika Korzha, como posso ser o instrumento de sua ruína? A beleza e a coragem de sua determinação de caçadora de vampiros me comove de maneiras que já não acreditava possíveis. E só eu conheço seu segredo obscuro. Somos mais parecidos do que a Deliciosa Caçadora acha. Ambos suplicamos



justiça...e paixão...e absolvição. E nenhum dos dois se atreve a negar os desejos que consomem a ambos.

"uma autora maravilhosamente original." -Lisa Kleypas

Contracapa

Um aroma familiar chegou às ao seu nariz ...

Quando seu assaltante chegou a ele, Bishop vislumbrou seu rosto. Ela não era um ele depois de tudo, mas sim, uma ela. Ele a agarrou ao redor da cintura e a segurou de maneira que ficaram olho a olho.

Suas fortes pernas enroladas ao redor dele. Mechas de cabelo negro roçaram sua bochecha quando seus braços rodearam seu pescoço.

Grunhindo, agarrou seus pulsos e a puxou. Ela era forte, mas ele era mais.

Lutou para trás quando ele deu um passo para ela.

Bishop olhou à mulher sobre o chão. Ela o olhou fixamente com uma mescla de medo, admiração, e triunfo.

- O que...?

Ele golpeou a terra com uma forte sacudida de ossos.

Então não houve nada a não ser a escuridão da noite e o aroma de seu ataque. Quando ele escutou a suave risada de vitória, ele soube a terrível verdade. A caçadora o tinha encontrado.

Capítulo 1

Região montanhosa de Fagaras, 1899

A moeda de ouro girando caiu aos pés de Marika Korzha. antes de tentar alcançá-la, sua mão em seu lugar foi à faca segura por fora de sua coxa.

- Você...- Procurou pela palavra exata em inglês, -insulta-me.

O homem sorriu presunçosamente, estreitando seus olhos pálidos. Sua confiança disse a ela que ele se acreditava a salvo com seus homens a seus lados, respaldando-o. Acreditava que porque era uma mulher em um botequim cheia de homens, tinha o controle.

Ele estava errado.

Não estava sozinha; seus próprios homens estavam sentados em uma mesa esperando. Tudo o que ela tinha que fazer era dar o aviso e eles viriam a ajudá-la.

Ela teria três destes homens mortos no momento em que os seus chegassem.

- Ofende-te o ouro?- a voz do homem era suave, zombadora.

Ela não respondeu. Ela só o olhou. Ele sabia perfeitamente bem qual era o insulto.

Ele cruzou seu arrogante sorriso com seus companheiros antes de voltar-se de volta a ela. -não vais levá-lo?

O inglês lhe chego mais fácil esta vez agora que ela recordou a linguagem. - levantar que?

-O ouro a seus pés.

O olhar de Marika permaneceu fixo nele, mas ela deslocou seu pé direito rápido para diante de modo que o dedo de seu pé começou a agarrar a moeda. Deslizou-se através do piso desigual para ricochetear na tíbia coberta de couro do homem. Seus olhos se alargaram ante a força do impacto. -Talvez você deva recolhê-la.

Algo da presunção abandonou suas estreitas feições. - Não te pagarei então.

- Me pagar? - Elevou seus ombros em um encolhimento casual, a lâ ligeira de seu pescoço roçou sua bochecha. -Como posso ser paga por algo que ainda não disse que farei?

O homem se aproximou só um passo. Alguns dos clientes do pequeno botequim olharam o encontro com interesse. Outros dirigiram sua atenção a seus próprios assuntos. -Fizemos um trato.

Seus ombros se moveram para trás, endireitando suas costas. Não era tão alta como ele, mas isso não significava que se deixaria acovardar por ele. Não o temia, nem a seu dinheiro nem a seus homens. – Concordei em me reunir com você. Estive

de acordo em escutá-lo. Posso concordar a trabalhar para você. Até agora você não tem feito nada pra me convencer de aceitar.

Olhos escuros se estreitaram. - Bastante descarada para uma mulher, não é assim?

Marika não estava bastante segura do que "descarada" queria dizer, mas podia captar pela expressão do homem que não era um elogio.

Sua cabeça se inclinou quando ela o olhou, sua expressão cuidadosamente em branco. -Se fosse um homem você não poderia me falar como se fosse uma idiota.

Não tinha nenhuma outra expressão a não ser esse irritante sorriso presumido? -Mas não é um homem.

Não, ela não o era. Tomaria mais que calças e botas para ocultar seu sexo. Seu cabelo era muito comprido, muito grosso, sujeito em uma trança que caía longa abaixo de suas costas. Sua pele era muito pálida e sem sombras, suas feições muito delicadas e finas. Não queria ser um homem. Era muito mais vantajoso ser o que era.

Isso fazia tudo do mais satisfatório ao ver a expressão no momento em que seus oponentes compreendiam que a tinham subestimado.

- Tampouco sou uma idiota. Põe a prova minha paciência. Esta reunião terminou.- voltou-se decidida, apresentando-lhe as costas Desejaria lhe disparar? Enterrar-lhe uma faca? Matá-la, ou seus homens se perguntariam além outra vez que tão rapidamente sanaria de lesões que poderiam ter sido fatais aos simples mortais?

Sobre as vozes e risadas roucas no botequim, ela escutou o passo, o arrasto de uma bota sobre o piso. Sentiu que o ar anunciava um perigo próximo com um deslizamento sutil, lhe arrepiando o pêlo detrás de seu pescoço.

O homem não era o primeiro a atacá-la quando suas costas se girou. Os homens sempre esperavam. Queriam provar-se sua superioridade, mas sempre esperavam até que não lhes podia ver vir para fazê-lo. Sabia sem olhá-lo que o inglês tinha enviado a um de seus esbirros atrás dela antes de tentar ele mesmo.

Ela girou rapidamente, agarrando o braço do homem quando chegou a ela. Se ela não tivesse estado esperando essa tática poderia ter quebrado seu pulso, mas ela o tirou das costas, pondo-o de joelhos com a força de seu punho. Seus próprios irmãos se ruborizaram, vindo a parar-se a seu lado em caso de que a situação se agravasse. Seu olhar se encontrou com a do homem de rosto magro. Ele permaneceu com o resto de seus homens, olhando-a com logo que dissimulada admiração.

-As histórias a seu respeito são verdadeiras.- ele falou como se de repente compreendesse que ela era mais que só uma mulher-mais que humana."

A Marika isso não agradou. Os clientes do botequim estavam olhando também. Os cochichos começaram. Cochichos sobre isso uma mulher que se vestia como homem e lutava como um soldado.

Quem era ela? Ela estava caçando? Estavam eles em perigo? O medo elevou suas vozes, aumentou o aroma de seu suor.

Esse era o momento de sair.

"Você é um homem que sempre envia outros para fazer o que tem medo de fazer. -soltou o pulso do prisioneiro, jogando-o longe dela. -não confio nisso.

- Não estou pedindo sua confiança, - respondeu.

Marika bufou. Este homem não tinha nenhuma honra, e ela não podia rebaixar-se a ter entendimentos com ele. - terminamos.

Seus homens a seguiram quando ela se voltou para ir-se, agrupando-se ao redor dela como se necessitasse seu amparo. Eles sabiam que ela era superior, mas eram simples homens e seus hábitos estavam arraigados até os ossos.

- O nome De Saint significa algo para você?

Era uma pergunta desesperada, mas teve o efeito desejado. Marika paralisou. Seus pulmões, tão imóveis como a morte, negaram-se a trabalhar. Não pôde piscar, não pôde pensar. Mas seu coração se sacudiu em seu peito, como um pássaro golpeando contra sua gaiola.

Lentamente, o enfrentou outra vez. A ansiedade coloriu suas feições, mas essa arrogância familiar estava vindo lentamente de volta. -vejo que sim.

Os dedos se apertaram nos punhos. -Me diga o que sabe.

Ele interpretou mal a calma de seu tom, ignorando a inexpressividade de seu olhar. Ele estava muito longe de ser estúpido ou crédulo.

-Acho que não. Acho que pode esperar sentada.

Ele não pôde terminar, não com sua mão rodeando ao redor de sua garganta. Tinha começado a mover-se logo que abriu a boca, cruzando o espaço entre eles como um gato saltando. Ela o dobrou para trás sobre a mesa, ofegando por ar quando seus os dedos arranharam os seus. um pote se derramou, seu fragrante conteúdo impregnando-se na velha madeira perto da cabeça do homem .

Pálidos olhos olharam fixamente um ponto sobre seu ombro. Viu a ordem dada nessas cinzas profundidades. Viu medo também, mas então ele teria que ser uma idiota para não teme-la. A pistola em sua têmpora baixou, quando o fizeram as outras.

Marika afrouxou seu punho, permitindo tomar ar. Ela deu um, dois passos para trás, consciente de que os homens a seu redor se moviam também. Ninguém queria estar muito perto agora que ela tinha mostrado os mais selvagens ângulos de sua natureza. Tinha sido estúpido de sua parte revelar tanto de si mesmo, mas ao menos este inglês o pensaria algo duas vezes antes de subestimá-la de novo.

Agora que era óbvio não ia haver ali derramamento de sangue, os clientes do botequim voltaram para seus assuntos ou deram a aparência de fazer só isso. A maior parte dessas pessoas eram camponeses e eles ficavam fora do que lhes concernia, mas estavam em guarda no caso de.

Marika assinalou à mesa vazia e as cadeiras ao redor dela. -Sente-se por favor.

Esfregando sua garganta, o homem de olhos pálidos lhe dirigiu um olhar cauteloso antes de fazer como ela pedia. Marika tomou a cadeira ao outro lado dele e pediu bebidas e placintele prajite (pastéis de carne pequenos) para seu companheiro e seus homens, assim como para si mesmo.

Uma vez que estavam todos sentados, o humor entre o inglês se aliviou. Isto era bom. Ela desejava que este homem lhe temesse o suficiente para falar com a

verdade, mas não tanto como para que tivesse medo de não falar de maneira nenhuma.

Ela sorria, podendo fazer-se parecer mais feminina e acessível, mas isso era estúpido e escavava sua própria natureza. Em vez disso se decidiu por uma mais direta mas relaxada tática. Rodeou sua mão ao redor do fresco pote e tomou um gole profundo de cerveja.

Eles beberiam algo antes de que se apressassem pela informação, embora desejasse afastar-se dele. A bebida não lhe afetava igual aos humanos normais, mas este homem não sabia. Ele pensaria que o álcool a faria lenta, débil. Ele relaxaria, provavelmente se tornaria um pouco arrogante de novo.

Homem estúpido.

Ela levantou um pequeno pacote de massa frita cheia de carne e o mordiscou. O delicioso sabor encheu sua boca, rico e quente. Ela mastigou e tragou. - Por favor, me conte o que sabe da criatura chamada Saint.

Ele se serviu do prato também. -Sei o quanto que deseja encontrá-lo.

O olhar da Marika se estreitou. .Espero que você saiba mais que isso. Ele pagaria por desperdiçar seu tempo se não soubesse mais nada.

Devia ter ouvido a advertência em sua voz porque empalideceu. - Não muito, mas acredito que a criatura que quero que capture por mim.

Poderia ser assim? Ela finalmente conseguiria aproximar-se, ou isto poderia resultar num esforço estéril?

- Não é meu costume caçar por dinheiro.- Era muitas coisas, mas não era empregada de ninguém.

O homem deu uma pequena dentada em seu empanado e inclinou a cabeça. - Compreendo isso, mas eu não tenho... os recursos nem a habilidade para rastreá-lo e capturá-lo por mim mesmo.

- E eu sim...?

- Você está familiarizada com os hábitos dos vampiros, ou não?

Marika olhou ao redor para assegurar-se de que ninguém o tinha ouvido. A superstição era ainda muito forte em seu país, e as pessoas tendiam a tomar a menção a monstros muito seriamente.

- Poderia ser.- Ela não estava preparada para admitir por completo sua identidade, não até saber com certeza o que se esperava dela.

Ele pareceu tomar isso como uma resposta afirmativa. - É também desta região. Bishop tem uma história com este país. Ele pode ir a algum lugar onde poderia nunca encontrá-lo. Seus talentos fazem com que seja mais difícil para ele esconder-se, acredito. Talentos.

Talentos. Ela nunca teria pensado efetivamente isso antes. - Bishop?-

- Esse é seu nome.

Saint e Bishop. Como ousavam estas abominações tomar tais títulos Santos como deles? Eles tinham alguma vergonha? Ela pôde bufar contra isso durante muito tempo, mas tinha outra preocupação para negociar neste momento. - Está aqui? Na Romania?

O homem inclinou a cabeça, sua bochecha avultada com o pão-doce. - Chegou ontem à noite. Nós esperamos que ele entre nesta área amanhã a tarde."

O coração da Marika deu um pulso. Amanhã. - nós?

-Meu sócios e eu.

Sócios? Que classe de palavra era essa? Amigos. Companheiros. Família. Essas eram as palavras que indicam conexão e lealdade. Os sócios não tinham nenhuma intenção exceto um interesse comum. Não existia nenhuma obrigação ali.

Às vezes ela desejava que seu pai nunca a tivesse enviado longe para ser educada nos costumes da Inglaterra e o resto do mundo. A ignorância faria a sua mente um tanto mais pacífica.

Se ela era ignorante, ela não podia pensar em perguntar sua seguinte inquietação.

-Que deseja com este Bishop?

Ele se limpou esfregando seus dedos em um lenço.

- Ele tem algo que eu desejo.- Bastante simples. Ela tinha razão para não confiar neste homem, mas a informação que lhe deu era sem preço. Se ela o permitisse agora poderia caçar a este Bishop para si mesmo, descobrindo o paradeiro do Saint, e então liberar o mundo não de um mas sim de dois vampiros.

O homem obviamente pensou nisso também. – preciso dele senhora, vivo. Tortura-o se deve conseguir a informação que precisa, mas devo tê-lo vivo. E te garanto que não permitirei que ele viva quando tiver servido a seu propósito."

Pela primeira vez desde que ele tinha feito com que retornasse da porta, Marika sentiu completamente a verdade em sua voz e modos

Sua mandíbula se apertou. -Tem o pagamento?

Seu companheiro sorriu e retirou uma bolsa pequena do interior de seu casaco. Aterrissou na mesa ante ela com um surdo som metálico pesado. Um olhar dentro verificou que tinha sido cheio com moedas de ouro.

-A metade agora, a outra metade quando me trazer ele ante a mim.

A metade? Isto era só a metade do que ele tinha a intenção de lhe pagar? Bom Deus, ela e seus homens poderiam viver como reis com a quarta parte disto! Ela controlou suas expressões para manter seu choque escondido.

Ela dirigiu seus gestos para manter seu assombro oculto.

- Normalmente não capturo vampiros.- Normalmente simplesmente os mato. - Não há forma que possa controlá-lo.

Seus lábios estreitos se curvavam. Ele ainda se mostrava extremamente encantado com si mesmo, mas Marika já não o considerou nem a metade de incomodo. - acredito que posso te ajudar com isso. Eu tenho minhas reservas também.

Ele parecia pensar em tudo. - E posso ficar com ele o tempo que precisar?

-Dentro do razoável.

Não lhe deveria tomar mais de uns quantos dias para encontra o vampiro, se tanto. As criaturas eram notoriamente desleais aos de sua espécie, trocando-se por outro como ratos para salvar sua próprio pele.

Uma mão longa, limpa se estirou através da mesa, oferecendo-se. - Temos um acordo então?

Ele não teve que perguntar nenhuma vez para provar que ela era quem ele pensava. Se pusesse sua mão na sua, ele saberia que era exatamente a pessoa que ele tinha vindo procurar. Ele teria algo para retê-la de volta. Ele podia com facilidade razoável enviar um caçador atrás dela um dia. Havia muitos monstros que aceitariam imediatamente a oportunidade de derramar seu sangue.

Mas tinha dado a ela a oportunidade de encontrar a Saint, a mesma criatura que ela tinha estado caçando desde que ela teve idade suficiente para matar.

Marika pôs sua própria mão em seu punho, aplicando a suficiente pressão para lhe recordar quem era o mais forte

- Faremos isso. - respondeu em voz baixa. - Darei a você esse Bishop.

E Bishop lhe daria ao vampiro Saint o que tinha matado a sua mãe.

Três séculos tinham passado da última vez que Bishop tinha visto as montanhas de Fagaras. Ele não se expôs alguma vez retornar, mas esses projetos levavam o mesmo caminho que tantos outros tiveram sobre o trecho vasto de sua vida. Os projetos mudavam. Os países mudavam. Ainda ele, imortal como ele era, tinha mudado.

A tristeza, entretanto, não o fez.

Ele tinha chegado a tarde anterior mas lhe havia tomado o resto de um dia e um montão de coragem reunida antes de ter podido deixar a vila e fazer esta jornada em particular. Não seria capaz de concentrar-se no que veio fazer aqui com o fantasma deste lugar pendendo sobre ele.

A noite pendia como um negro véu sobre o campo. Os velhos picos das montanhas eram silhuetas negras contra o céu como se alcançassem as nuvens prateadas. Uma lua pálida roçou dedos de luz sobre a erva, sobre a abandonada argamassa e pedra.

Entrou na escuridão, entre as ruínas do que tinha sido uma vez uma fina casa de campo. Tudo o que permanecia era o arruinado contorno da estrutura, o interior tinha sido destruído por fogo centenas de anos antes. Aves aninhavam nas áreas mais altas, as mais protegidas, enquanto que os animais noturnos fizeram suas casas dentro. Os restos de uma fogueira de acampamento de ciganos, que se tinham ido fazia muito tempo.

Sua velha casa era uma ruína, uma antiguidade de que alguns viajantes comentavam e as pessoas da localidade usavam como alimento para histórias. Recordou quando esta casa havia estado cheia de música e risada e amor. Tinha existido um vestibulo grande onde estava parado agora. Um crucifixo de ferro tinha estado pendurado sobre a porta, pendurado ali por sua própria mão. Elisabetta havia escolhido as cortinas da janela; tecidos ricos e atrevidas cores. A casa poderia ter sido antiquada para as normas de hoje, mas tempos atrás tinha sido um epítome de estilo e elegância.

Havia sido uma casa.

Quantas noites havia ele estado no balcão -- no teto -- e mirava as nuvens nadarem junto à mulher que amava a seu lado? Sua pele tinha sido como pálido marfim à luz de lua, tão frágil e morna.

Não havia nada aqui para ele a não ser as lembranças. Nada deixado aqui que lhe pertencesse a não ser a dor e a pena de uma noite fazia muito tempo quando o fogo tinha destruído esta casa e um grupo de homens ignorantes e assustados havia destruído suas vidas.

Esta casca não dizia nada a ele, e entretanto, quando estava parado entre a sujeira e cascalho, podia ouvir quase a voz de Elisabetta na brisa. Amaldiçoado com uma excelente memória, ele podia evocar a doçura delicada de suas feições sem esforço. Ele recordava amá-la e ser amando de volta.

Amado tanto que ela pôs sua segurança sobre a sua, a pequena tonta. Mas não o amou tanto quanto para lhe dar sua alma, de tão mau que o havia amado.

Ela tinha entregue sua vida para ele. Séculos mais tarde ele ainda tinha problemas para perdendo seu sacrifício.

Tentáculos de luz sombria faziam a este lugar etéreo e sentimental, tão belo como decrépito. Ele via tudo claramente igual que as coisas que as sombras tratavam de ocultar. Esta não era sua casa. Não havia nenhuma vida aqui, nada que o tocassem.

Deixou as ruínas. A longínqua distância que havia entre eles agora, quão melhor sentiria. Os pedaços de madeira e pedra que rangiam debaixo de suas botas davam um suave estalo de erva contra seu calçado de pele. Flores silvestres floresciam ao redor dos alicerces da casa, bastante pontos de cor bolo na rica, verde-negra erva.

De forma dispersa a erva roçou suas coxas, mas facilmente atravessou por ela como uma faca quente corta a manteiga fresca. Cada passo era fácil e pausado quando caminhou para o bosque detrás da propriedade. Era mais denso do que ele lembrava, as árvores, é óbvio, maiores e espalhadas mais longe do que tinham estado quando viveu aqui.

Tinha perdido o aroma deste lugar. **Abeto**. Faia. Rico, úmido chão e erva fragrante, prenhe de umidade. A doçura selvagem o encheu, aliviando sua dor, o lembrando como havia amado sempre este lugar.

Lembrando tudo o que havia tido antes de que os homens viessem e o aprisionassem longe. A sepultura não estava longe do bordo do bosque uma pedra assimétrica, gravada com esmeradas letras esculpidas que estavam agora sem brilho e com uma capa de musgo, era o único sinal. Ele havia querido lhe dar um anjo, mas não tinha tido o talento para cinzelar algo além de seu nome e a data. Ele havia destruído três lajes de pedra tiradas das ruínas de sua casa e dois cinzeiros, e tinha perdido quase sua prudência fazendo este monumento, e estava longe de ser perfeito.

Embora refletindo, ele mas bem pensava que Betta poderia ter gostado desta tosca lápide. Ela sempre preferia a simplicidade à tendência pelo dramático dele. A ela poderia ter gostado de como o bosque tinha crescido ao redor de seu lugar de descanso também. Ela gostava do campo e a quietude, tinha amado estas selvagens, inflexíveis montanhas. Amava-as tanto que se negou a deixá-las, assim que ficou ali

com ela. Apesar de tudo, ali havia unicamente tanto do mundo que podia ver antes de chegar a ser repetitivo.

Seu amor era contagioso. Eles tinham estado assentados durante anos antes de que ele começasse a falar em viajar, sobre desejar lhe mostrar as maravilhas do mundo. Tinha visto tanto, e ele queria compartilhá-lo com ela antes do final aterrador de sua vida mortal.

As coisas poderiam ter sido diferentes se ela o tivesse deixado quando ele o quis, ou se lhe tivesse permitido fazê-la como ele.

Mas ela não o fez. E a dor disso era muito como a sepultura que ele tinha erigido, um pálido reflexo do que alguma vez havia sido. O tempo realmente era um excelente curandeiro, é o que parece.

Demônios.

Limpou escombro e ervas longe da pedra, tirou o musgo de sua superfície tosca. Deixou os flores silvestres com suas pétalas purpúreas e azuis.

- Sei que não está aqui, - murmurou, escovando sujeira do interior da curva de um S. -Mas quero que esses que passam por aqui saibam que te recordam. - Tal atenção estava seguro que espantaria às pessoas da localidade, se alguém via a sepultura, mas ele tinha deixado de preocupar-se.

Trabalhou por uma hora, até que a pequena sepultura havia ficado tão limpa como podia estar sem fazer modificações e ao terreno e adaptar uma nova pedra. Podia ter endireitado o sinal, mas pensou melhorá-lo. Mas pensou melhor. Então disse adeus a Elisabetta só no caso de que estivesse equivocado a respeito de que ela não estava ali-e roçasse seus pés.

Amanheceria logo, e precisava retornar a seu alojamento antes dos primeiros raios do sol. Anara, o amigo pelo que tinha feito esta viagem, tinha-lhe proporcionado, durante sua permanência, uma casa em uma aldeia perto do Fagaras com um pessoal pequeno que sabia o que era. Ele podia confiar neles para atender suas necessidades e manter uma ilusão de normalidade.

Não importava se as pessoas viam a tumba de Elisabetta cuidada, mas não era tão arrogante para exhibir-se diante delas. Não tinha medo das pessoas dali, mas o lugar mesmo e as lembranças que guardava o punham inquieto. Ele faria seu tempo na Rumania tão breve como fora possível e seria a sua maneira.

O irmão da Anara desapareceu. Estas coisas as vezes aconteciam, mas mais freqüentemente o ano passado. Anara estava preocupado de que seu irmão tivesse caído vítima de certa caçadora chamada ‘A Caçadora’. Aparentemente esta caçadora tinha tomado sobre si liberar o mundo de todas as criaturas das sombras, particularmente vampiros. Tomou a tarefa muito seriamente, parecia, e sem misericórdia. Não importava se o assassinato tinha sido merecido ou não; se não era humano era mau, e portanto se tinha que destruir.

Bishop conhecia esse tipo muito bem.

A maior parte dos vampiros - ele incluído - matavam acidentalmente porque estavam muito famintos, não devido a algum sentido retorcido de reta moralidade. Isso não queria dizer que não existissem vampiros que fossem cruéis ou viciosos,

mas eles eram freqüentemente os únicos que não tratavam de viver uma vida tranqüila.

Esta caçadora matava sem provocação, e lhe atribuíam mais de cem mortes e desaparecimentos no sul na Bulgária e o oeste de Moldova. Os vampiros e outros estavam se pondo cada vez mais assustados. Faziam a esta mulher alguma classe de monstro místico, algo oculto nas sombras esperando o momento correto para atirar golpes.

Bishop havia tomado sobre si resolver o mistério da caçadora e pôr fim ao regime de terror da criatura. Era contra o assassinato insensível sem consideração das vítimas ou culpados. Fazia muito tempo ele tinha feito a promessa de combater tais crimes, e ele tinha a intenção de mantê-la.

Quando ele e a caçadora finalmente cruzassem seus caminhos, um dos dois ia morrer.

Não seria Bishop.

Ele não foi mais longe que ao caminho-unico feito de trilhas de carretas, a rota que cortava pela ladeira-quando ele ouviu o ruído surdo de uma carreta a alguma distância ao longe.

Seu primeiro instinto foi tomar o céu, ir-se voando antes de ser encontrado e arrastado para ser estacado na metade da vila a esperar o amanhecer, mas tremeu do medo irracional. Com a lua cheia e a noite clara, havia muita oportunidade que os ocupantes do carretão ou alguém mais na vizinhança o vissem. Um homem voando estava destinado a causar sensação, e ele não queria que nenhum indício de sua presença saísse. Era melhor ocultar-se, ou considerar que havia alguma razão para que ele fosse a pé tão longe da vila.

Um aroma familiar alcançou as aletas do nariz. Não humano. Vampiro. Outro vampiro? Não, o aroma não era correto. Ele não teve tempo de processá-lo antes de que algo se movesse no canto de sua visão— uma sombra jogando-se da escuridão.

Ele girou rapidamente, tirando seu ataque do ar e se movendo completamente de um lado a outro.

O homem baixou a terra com um grunhido, mas rodou a seus pés com graça antinatural e velocidade. Esta era a criatura que ele havia captado no vento a alguns instantes.

Quando seu assaltante chegou a ele, Bishop vislumbrou seu rosto. Ela não era um ele afinal de contas, mas sim uma ela. - Uma de curvas marcadas, forte, mas bem bonita ela era a que parecia tentar combatê-lo.

Seus olhares se encontraram. Seus olhos escuros se arregalaram, e por um segundo ela vacilou. Se ele não estivesse em choque, poderia ter usado esse segundo para sua vantagem, mas ela tinha tido a primeira mão. Ela golpeou rapidamente, vindo a ele com um punho que resplandecia à luz de lua.

Prata. Ela tinha uma correia de prata enrolada ao redor da mão.

Bishop a esquivou. Ela tratou de continuar com um chute em suas costelas, que ele desviou com um tapa de seu braço. Ela se retorceu mas caiu.

Seu seguinte murro aterrissou, enviando um impacto da dor por sua mandíbula quando a prata queimou sua carne. O instinto esperneou quando a besta dentro dele rugiu por viver. Presas rasgavam de suas gengivas. Sua visão se afiou. Quando ela veio a ele de novo, estava preparado..

A cabeça dela rangeu de novo quando lhe deu um golpe com a sua. O sangue gotejou de sua boca como a enfrentou. Cheirava a terra e fortaleza e algo familiar que o chamava ainda quando lhe deu um chute a um lado da cabeça. Suas presas raspavam para dentro de sua boca, e ele saboreou seu próprio sangue. A fome florescia dentro. Queria afundar seus dentes nesta mulher. Ele queria saciar-se nela, queria-a gemendo em seus braços.

A dor lancetou seu braço. Um de seus companheiros o havia cortado com uma espada de prata. Bishop não parou para pensar, reagiu simplesmente. O homem viajou pelo ar e caiu sobre o terreno com um grito e um estalo forte.

Enfrentou a mulher outra vez. –Você tinha imaginado que ia rompê-lo? - Não sabia porque ela o atacava e não se importava. Ele não tinha feito nada mau, não havia feito nada para provocar esta violência, mas tinha fugido dos humanos uma vez. Ele não desejava fazê-lo de novo. Se significava sua própria preservação, ele teria que matar até o último desse bando.

O som que veio de sua garganta soada muito como um grito de combate. Ela se lançou a ele. Bishop a agarrou ao redor da cintura e a agarrou de maneira que ficaram olho a olho.

O medo pervertia de outra maneira a voluptuosa essência dela. Abaixo disso havia um aroma de desejo. Estava sendo governada pelo instinto além disso, assim que a ele parecia que sua besta havia sido cativada tanto por ele como por ela.

Suas fortes pernas enroladas ao redor dele. Ele tomou seu lugar. Muito tarde compreendeu que não a estava tratando de derrubar, mas sim de assegurar que ele não a sacudisse tão facilmente como se ele fosse seu homem. Seus seios apertaram-se contra seu peito quando suas coxas o tomaram. Mechas de cabelo negro roçaram sua bochecha quando seus braços rodearam seu pescoço. Ele liberou sua pressão de sua cintura, estirou-se para agarrar suas mãos, mas era muito lento. No momento em que os dedos dela tocaram os seus, uma punhalada aguda ferrou o lado de seu pescoço.

Grunhindo, agarrou seus punhos e a puxou. Ela era forte, mas ele o era mais. Voltou a golpear suas costas contra a carreta, uma vez, duas. Seu punho em sua cintura se afrouxou, e ele empurrou o suficiente firme para golpeá-la contra o chão.

Lutou para trás sobre suas mãos e talões quando ele deu um passo para ela. Suas presas se estendiam inteiramente. Seu coração gritou violentamente quando os últimos vestígios do controle se separaram dele. Ia matá-la. Ele ia matá-los a todos.

Deus, perdoe-me.

Seus joelhos se dobraram quando ele deu outro passo. A luz da lua se debilitou quando obscura bruma a envolveu. A névoa não pertencia à noite, estava em sua cabeça.

Olhou à mulher sobre o terreno. Ela o olhou fixamente com uma mescla de medo, admiração, e triunfo. Ela se desvanecia e borrava ante seus olhos.

- Que..?- Isso foi tudo o que conseguiu perguntar antes de que sua língua deixasse de funcionar.

Ele golpeou a terra com uma forte sacudida de ossos.

Tudo o que ele podia escutar era o som de sua própria respiração áspera, o rugido de seu próprio coração palpitando em seus ouvidos.

Então não houve nada a não ser a escuridão da noite e o aroma de seu ataque. Quando ele ouviu a suave vitória de sua risada, ele soube a terrível verdade.

Capítulo 2

Tinha o sinal da cruz marcada em suas costas. A visão da pálida cicatriz marcada a fogo em sua pele dourada fazia com que o coração de Marika se acelerasse pela antecipação. O inglês tinha estado certo. Este Bishop fez em si próprio a mesma marca que Saint e o resto de seus vis irmãos. Tinham sido marcados pela igreja com um ardente sinal de prata de sua suposta penitência.

Não havia nada penitente sobre esta... coisa, não importa quão angélico ele parecesse enquanto dormisse.

Estava dolorida e machucada de sua batalha, mas Dimitru tinha sofrido a maioria. Ele a tinha ajudado a ferir Bishop com sua espada, mas havia pago por sua valentia com um braço quebrado. Poderia passar muito tempo antes que fosse capaz de lutar de novo.

-Este é ele?

Marika desviou sua atenção do vampiro o tempo suficiente para olhar à menina na entrada. -Olá, Roxana, - respondeu em romeno. -Sim, é.-

A menina se adiantou, entrando no porão esfumaçado por tochas que servia de refúgio, armazém e cela. Aos dezesseis era alta, esbelta e bela. Dimitru tinha grandes esperanças para o matrimônio de sua filha, mas Roxana queria ser uma caçadora de vampiros como Marika.

Marika sinceramente esperava que escolhesse o matrimônio em vez disso.

Os olhos escuros de Roxana se estreitaram quando olhou fixamente ao detento. -Achei que seria feio.

Eles tinham tirado sua camisa e seus sapatos em caso de que tivesse armas ocultas dentro. A roupa não podia ajustar sobre as algemas que tinham fechado nele, assim tinha sido deixada fora. Agora Marika desejava que eles tivessem posto ao menos uma manta sobre ele. Roxana não deveria estar olhando a um homem seminu, mesmo se fosse um vampiro.

Especialmente não um vampiro como Bishop, que não duvidaria de sua habilidade ao seduzir a sua presa dentro de seu abraço sombrio.

-É feio, - Marika a informou friamente. -No interior.

Mas seu exterior era belo, algo que ela nunca, nenhuma vez admitiria. Era alto e musculoso, bronzeado e gracioso. Seu cabelo era despenteado era como seda cor de café com um toque de castanho avermelhado. Sua boca era tão sensual quanto cruel e seus olhos se mostravam dilatados como os de um falcão, de cor ouro esverdeado. Quando a tinha olhado antes a havia deixado sem fôlego A única imperfeição tinha sido a sujeira debaixo de suas unhas e os calos em suas mãos.

Sua reação a estava desgostando. Ela não deveria achá-lo nem o menor pinga desejável. Mas achava. Quando estavam brigando ela ainda sentiu um excitante calor na parte baixa de seu abdômen. Nunca havia reagido a um vampiro dessa maneira antes. Nunca desse modo por ninguém, humano ou não.

Se isto não fosse parte de seu convênio com o inglês (Armitage era seu nome) mataria a Bishop neste momento. Se não pudesse dar a localização de Saint, ela poderia pô-lo para fora para dar boas-vindas ao próximo amanhecer, e então ali não ficaria nada dele que ela achasse bonito ou sensual.

Roxana entreabriu os olhos sobre o ombro da Marika para o vampiro, mas mantendo uma distância segura. – O que é que vai fazer com ele?

Marika pôs um braço sobre a menina. Roxana era quase tão alta como ela era agora. - Ele nos dirá onde outros como ele se estão escondendo. Então nós o entregaremos a um inglês em troca de ouro.

-Um inglês? Ouro?

Rindo, Marika deu uma palmada nas esbeltas costas da menina. -Sim.- Então uma idéia lhe ocorreu. - Mais tarde iremos à vila para comprar um novo vestido com o pagamento do inglês. Você gostaria disso?

- OH, sim!- Roxana abraçou a Marika furiosamente (parecia como ser abraçada por um gatinho.) -Obrigada !

Sim, um vestido. Conseguir que a garota saísse das calças que ela preferia porque imitava a Marika sob qualquer ponto de vista. Pô-la em um vestido, fazê-la tão bonita como ela poderia ser e ter a esperança de que alguma espécie de granjeiro bondoso com uma confortável renda tomasse carinho por ela, se casasse com ela e lhe desse bebês gordos. Isso era o que Marika queria para ela. Melhor que (qualquer coisa era melhor) vê-la assassinada por um vampiro ou algo do tipo igualmente malvado.

- Vai dormir um pouco então. Logo amanhecerá. Podemos ir depois tomar o café da manhã.- A luz do dia poderia ser difícil de olhar em tão pequeno resto, mas antes de meio-dia havia menos risco de conseguir uma dor de cabeça. Era anormalmente sensível ao sol, embora pudesse suportá-la se tomasse as precauções necessárias. Geralmente não era grande o desconforto, quando sua "ocupação" exigia que estivesse alerta a maior parte da noite.

Roxana se foi sem discussão, um pequeno salto a seu passo. Dez anos as separavam em idade, e até poderia também ser cinquenta. Marika nunca tinha sido essa jovem, essa inocente. A vida tinha tomado todas as suas decisões por ela.

- Posso ter um novo vestido também?

Ela saltou ante o som de sua voz (impecavelmente romeno com apenas um indício de um acento estrangeiro). Não era uma surpresa que conhecesse seu idioma dada sua história com este país, mas o som em sua língua a zangava por completo.

Ele não deveria estar acordado tão cedo (não amanhecia ainda. Armitage lhe disse que a injeção o faria dormir até bem avançado o dia) quando o sol estava muito elevado no céu para que ele considerasse tentar escapar.

Enfrentou-o com o queixo erguido. Não podia mostrar medo. Não podia mostrar nada.

Ele estava sentado na estreito cama de armar (as correntes não tinham feito ruído quando se moveu) suas costas voltadas à parede de pedra, um joelho inclinado, seu tornozelo apoiado na borda. O outro joelho posto a um lado, dando uma vista ampla de seu musculoso peito. A prata ligeiramente acolchoada ao redor de seus tornozelos estava embaralhada mas o segurava, como as algemas ao redor de seus pulsos. As correntes que o seguravam à parede e ao piso eram mais fortes, com os elos grossos. Deveria ser muito forte para que ele a rompesse, mas só para estar a salvo, uma corrente de prata mais fina estava unida ao redor.

Porque a prata era tão eficaz, não sabia. Tudo o que ela sabia era que aos vampiros não agradava.

Nem tampouco a ela.

Sua cabeça estava inclinada a um lado como se a estivesse olhando. Seu rosto estava completamente inexpressivo, embora pôde sentir sua ira, seu ódio. Ela manteve sua distância (bem fora de seu alcance).

- O que acontece agora?- exigiu. - vou ser torturado? Aleijado? Talvez você e as outras mulheres se propõem a me destruir?-

Ela não perguntou como sabia ele que havia outras mulheres ao redor. Ele podia havê-las ouvido indubitavelmente (ela podia, embora não tão bem). Ela não tinha querido trazê-lo de volta à aldeia, mas era o único lugar onde eles tinham os meios para retê-lo. E as pessoas ali acreditavam que ela as podia proteger realmente deste monstro.

Disse brincando. - Nenhum das mulheres aqui poderia ter uma criatura como você.

Ele sorriu - algo que o fez parecer incômodamente humano. E muito atrativo. - Mas você não é uma mulher, não é assim? Não completamente.

Ela não respondeu. Não pôde. Devia ter antecipado isto.

Seu sorriso nunca vacilou, mas seus olhos pareciam brilhar à luz da tocha. – As pessoas sabem que é meio vampiro, caçadora?

- Uma *halfpling*.- Seu tom era vagamente zombador. - nunca encontrei um *dhampyr* antes.

Marika se acovardou ante a palavra. Instintivamente verificou a entrada, onde a cinzenta aproximação do amanhecer se movia lentamente no porão. Ninguém estava ali para ouvir sua avaliação conclusiva.

As correntes tilintaram quando ele se endireitou, seus pés estreitos tocando o piso áspero. - Não sabem. Não é isso interessante."

O olhar que ela deu a ele era de pura malícia. - Se acha que isto te dá poder, pense de novo. Podem nunca escutar você.- Deus, esperava que eles não desejassem isso.

Estava ainda sorrindo, um fato que lhe trouxe um frio à base de sua coluna. - É obvio que não desejam isso. Mas não tem razão, pequena halfling, tenho poder. Sei seu segredo.

Fez-o. Ela nunca tinha mantido a uma criatura viva o suficiente para que soubesse o que ela era. Ninguém a não ser seu pai alguma vez soube, e ainda não conhecia o alcance completo do que o vampiro que atacou a sua mãe grávida havia feito.

- pergunto-me porque isso protege deles.-

Sua expressão lhe disse que sabia exatamente porque. Como podia dizer a seus homens que essa metade dela era o mesmo monstro que eles tratavam de destruir? Eles não poderiam compreendê-lo. Muitas das vidas destas pessoas já tinham sido tocadas pelo *vampiro* seja literalmente ou pelas histórias. Marika nunca pediu esta maldição. Tinha sido imposta sobre ela por aquele que matou a sua mãe.

Saint.

- Seu tempo poderia ser melhor gasto, vampiro, me dizendo o que quero saber.

Levantou uma sobrancelha, desdenhando-a com seu humor. Ele estava acorrentado e entretanto a fazia sentir como se estivesse a cargo desta troca de informações.-e isso é...?

podia golpeá-lo, enrolar prata ao redor de sua mão e sofrer o desconforto só para vê-lo sangrar. Tomar o poder de volta. - Onde está Saint?

Ele franziu o sobrecenho. - Saint? Nunca ouvi falar dele.- Seu tom era pouco convincente.

Os dedos apertados a seus lados. "Sustenta a mesma cicatriz em suas costas."

A parte superior de seu corpo lentamente se reclinou para deixar descansar a cabeça contra a parede; seu queixo com covinha se levantava insolentemente. -Não é isso uma coincidência?.

Se ela não soubesse bem poderia ser tentada a acreditar nele; soava tão sincero, ainda quando em silêncio estava rindo dela. - Dirá-me onde está.

- Por que não te fodo em vez disso?

Ela não pensou, simplesmente reagiu, lançando-se através do piso para apontar um chute feroz a sua cabeça. Levou como se não fosse nada mais que uma bofetada. Ela compreendeu seu erro um segundo muito tarde como ele agarrou seu golpe em sua mão e o inverteu.

Marika golpeou a sujeira em frente a ela, o ar saiu de seus pulmões com uma força que a deixou aturdida. Fazia exatamente o que ele esperava e agora ia matá-la.

A sujeira se incrustou sob suas unhas quando ele puxou-a para ele. Seus dedos morderam em sua pantorrilha. Se ele quisesse podia morder sua perna como um ramo, mas não o fez. Uma parte dela sabia que ele a queria aguda e consciente para qualquer coisa que queria fazer a ela-não intumescida por choque ou dor.

Tentou virar-se sobre suas costas, mas era mais forte do que ela era. Os ganchos na parede gemeram quando ele estirou-se contra eles. Bom Deus, não era bastante forte para rompê-los, não é mesmo?

Isso a assustou.

Ali havia uma caixa de madeira perto da cama de armar só para tal emergência. Sua mão tocou desajeitadamente dentro enquanto ela se deslizou, agarrando o que estava procurando. Quando ele deixou de puxar e a agarrou pela parte de atrás das calças, arqueou-se para cima, retorcendo-se em sua pressa para quebrar a água benta contra seu ombro e a parte superior de seu peito.

Ele a soltou como a um atizador quente. Ouviu-o grunhir quando o aroma da carne queimada encontrou as aletas do nariz. Jogou-se no sujo piso duro, mas a autoconservação a fez impelir-se a seus pés apesar do tremor em seus membros. Correu à porta. Só uma vez ela se deteve nesse remendo do pálido amanhecer voltando-se para olhá-lo.

Estava derrubado no cama de armar, sua carne ardendo sem chamas e empolando-se onde a água benta tinha acertado. Havia sangue além disso (a garrafa o tinha cortado quando se quebrou). O aroma dele a chamava, despertando uma fome que se negava a satisfazer.

Ali havia tal dor em seu rosto quando ele encontrou seu olhar, mas seus olhos estavam tão frios como o gelo. Ela não podia sentir-se mal por lhe causar dano. Ela não era o monstro. Não era uma abominação. Era meio humana. Não bebia sangue. Não matava sem isso nem aquilo.

- Dirá-me onde está Saint, - disse a ele. - não me faça te machucar de novo.

- Um de nós vai morrer,-disse-lhe, sua mandíbula se apertou. -sabe isso.

Ela inclinou a cabeça. -Sei também que não serei eu.

Então fechou a pesada porta, passado o ferrolho e subiu as escadas para encontrar o amanhecer.

- Encontrou a *dhampyl*?

Victor Armitage olhou a carne assada quase crua em seu prato. Seu chefe, um homem de cabelo cinza com olhos cor esverdeada, estava olhando-o com expectativa. -Sim, milord. Ela chego à taberna exatamente quando você disse que o faria.

- E nossa oferta a agradou?-

O ancião preencheu o copo do Víctor quando perguntou.

Víctor mastigou a tenra, suculenta carne e a passou com um sorvo do vinho. Cecil Maxwell sempre empregava os melhores chefs em qualquer lugar que ele residisse, e neste atrasado país não era diferente. -Em realidade. Muito previsível,

essa.- Apertou um guardanapo nos seus lábios. -Ela se comportou justamente como tínhamos previsto.

Pazerosamente revolvendo seu próprio copo, Maxwell olhava seu vinho, mas Armitage sabia onde estava verdadeiramente sua atenção, (nele). -Vai me contar do machucado em sua garganta?

Instintivamente a mão do Victor foi a seu pescoço. Seu pescoço e a gravata cobrindo onde a mão da Marika Korzha o tinha estrangulado. Como sabia Maxwell? Ele sempre sabia.

O velho estava sorrindo- um sorriso de satisfação de si mesmo antes que um de prazer genuíno. - Está distraído, Victor. A resposta apropriada poderia ter sido, Qual machucado?’

Víctor dirigiu um sorriso forçado a si mesmo. -Na realidade, milord, vejo que é muito o que tenho ainda tenho que aprender de você.

O sorriso do Maxwell se retirou. -Ali sempre será, Victor.

Seu apetite decaiu sob o peso desse olhar fixo significativo. Durante anos Víctor tinha seguido a este homem (e a outros como ele). esperando subir às categorias superiores da ordem. Nunca aconteceu. Era tanto como se Maxwell lhe dissesse que nunca aconteceria. Homens inferiores renunciariam, mas não havia nenhuma renúncia na Ordem da Palma de Prata. A única saída era a morte, por causa natural ou de outra maneira.

Víctor não queria sair. Ele queria provar-se. Se ia tudo como estava planejado com a *dhampyr*, os superiores teriam que fazer caso de seu trabalho. Maxwell podia ser forçado a admitir que tinha feito certo. Somente essa promessa valia a luta.

- Quando te contatará com a *dhampyr* de novo?

- Uma semana é o prazo, -Víctor respondido, cortando em sua carne de cabeça de gado outra vez. Seu apetite estava retornando. - Para então ela deverá ter o paradeiro do Saint.

Maxwel sorriu A seu vinho, agradado agora. Melhor ao vinho que sentir o peso desses olhos frios sobre o mesmo Victor. -E nós saberemos também.

Victor inclinou a cabeça. -tenho homens controlando seus movimentos. Se ela descobrir algo ou for a qualquer parte, a seguirão e deverão reportar a mim. Se ela for atrás de Saint, saberemos.

-Se Bishop o entregar, ela irá. Maxwell soava acertado. -Ela não será capaz de ajudar-se. Sua curiosidade e necessidade de vingança são muito grandes. Nós teremos que vigiá-la estreitamente. Se chegar a Saint antes que nós pode matá-lo.

A carne pareceu obstruir-se na garganta do Víctor. Isso não poderia ser bom para ele. Tragou duro. - não permitirei que isso aconteça.-

Pela primeira vez Maxwell o olhou com algo mais que aborrecimento. -Isso é o que quero ouvir.

Esse era para tirar a atenção de si mesmo. - Como podemos estar seguros que Bishop trairá A seu amigo?

- Trair?- Maxwell rio. - OH, nosso amigo Bishop tem muito honra para trair seu amigo, Víctor.

Não era esta mesma traição o ponto essencial sobre o que esta operação inteira dependia? -Mas eu acreditei...quer dizer, estava sob a impressão...

-Não tente pensar, Víctor. Você só precisa fazer o que eu te digo. Fará o trabalho de ambos menos complicados desse modo.

O homem mais jovem se ruborizou. - Sinto muito, milord.-

Maxwel encheu até o batente o copo do Victor de novo, embora ele havia meio doido apenas o vinho já nisso. - Uma vez que Bishop compreenda a verdade sobre a identidade da *dhampyr*, lhe dará a localização de seu amigo sem vacilar.

- Fará-o?- Em silêncio se amaldiçoou por perguntar o que seu patrão indubitavelmente consideraria uma pergunta tola.

Mas Maxwel não mostrou que nenhuma brincadeira. Em realidade, ele parecia satisfeito de ter a oportunidade para explicar-se em detalhe. -Sabe que Saint querará vê-la, e acreditará que seu vampiro associado é o suficiente forte para resistir a qualquer ataque que a *dhampyr* cometa, e esta correto em sua hipótese. Mas Saint não será capaz de resistir a ambos, a *dhampyr* e a nossos agentes. Então será muito tarde.

Victor sorriu. -E a Palma de Prata terá a ambos: Bishop e Saint.”

Maxwel sorriu também, e elevou seu copo outra vez. E a *dhampyr*, Victor. Não esqueça que teremos a *dhampyr* também.

* * *

Enquanto saía com Roxana, Marika compreendeu que a cruz de ouro que tinha pertencido a sua mãe havia sumido. Ela nunca a tirava, a única coisa que podia considerar para explicar seu desaparecimento era que poderia haver caído durante a captura do vampiro ontem à noite.

Era uma distância curta fora de seu caminho e a cruz tinha um grande significado, muito, suficiente para que, depois de comprar o vestido para Roxana (um bonito vestido rosado para combinar com seu escuro colorido) Marika conduzisse seu velho carro sobre o caminho da ladeira . Faltavam ainda duas horas para o meio-dia e o sol, embora incomodo, não estava muito brilhante ou quente para que ela ficasse embaixo dele . Um dos aspectos mais negativos de sua condição era esta maldita sensibilidade à luz do dia.

É obvio, tudo sobre ser um *dhampyr* era negativo. Ela teria trocado toda sua força e habilidades em um segundo por ser uma mulher normal, humana.

Ou ao menos era o que ela acreditou quando se dedicou a pensar sobre as conseqüências de tal troca.

O lugar era fácil de encontrar. A erva tinha sido pisoteada por sua luta e as botas dos homens quando eles tinham recolhido ao ferido Dimitru.

Roxana não pareceu ainda sentir-se zangada por que seu pai tinha sido ferido. Talvez ali havia alguma dureza nela ainda. Ou talvez ela era como todas as jovens moças, simplesmente não acreditava que seu pai poderia morrer algum dia. Estranhamente, nenhum pensamento lhe oferecia a comodidade que deveria ter.

-Você procura um lado do caminho, - Marika lhe ordenou quando ela baixou. - eu procurarei do outro.

Sem palavras, Roxana saltou ante sua ordem. Às vezes Marika pensava que poderia dizer à moça que saltasse de um ravina e ela desejaria fazê-lo.

Estaria tão desejosa Roxana de imitá-la, de idolatrá-la, se soubesse o que Marika era de verdade? As observações do Bishop sobre seu segredo a haviam deixado paranóica. Tinha-lhe dado poder sobre ela, e isso tinha sido tolo.

Os eventos da noite prévia retornaram a ela quando Marika procurou na erva onde tinha lutado com Bishop. O aspecto em seu rosto quando a viu tinha sido uma de surpresa com um pouco de apreciação. Ele a tinha considerado atraente até que o atacou.

Apostaria todo o ouro do inglês de que tinha mudado de opinião nessa avaliação bem rapidamente. Uma lástima que não pudesse dizer agora que o encontrava feio também. Ele deveria ser tão feio, disforme e abatido quanto era malvado. Pelos menos ela deveria ser imune a seu encanto, sendo o que era e sabendo o que fez.

Ele podia havê-la matado esta manhã e em lugar de estar aterrorizada, ou furiosa, tinha tremido ante sua força. Tinha passado muito tempo desde que ela tinha encontrado um adversário com a habilidade para superá-la. Normalmente o fato de que era mulher os fazia baixar o guarda, fazendo-os indolentes. Bishop não deixou que o fato de que fora fêmea o detivesse. Ele a tratou como a uma ameaça verdadeira.

Tão estranho quanto isso era, apreciou que não a subestimasse.

- Encontrei!

Orgulhosamente, Roxana saltou pela erva e através do caminho. A luz solar brilhou do pendente de ouro da corrente em sua mão.

Marika a tirou dela com um abraço. - obrigado. Estava começando a pensar que a tinha perdido para sempre.

Roxana assinalou um ponto sobre o ombro da Marika. -Que é isso que esta ali?

Olhando sobre seu ombro, Marika viu os restos de duas chaminés de pedra e o que parecia ser as paredes de uma antiga casa. Certamente não podia ser coincidência que este lugar estivesse situado no lugar exato onde tiveram o encontro com Bishop? Isto poderia ser seu lugar de descanso diurno. Poderia haver algo importante aqui que pudesse usar contra ele-algo que a ajudasse em sua busca por encontrar Saint.

Olhou à moça com um sorriso. -Quer ir explorar?- ela não deveria. O sol estava só ficando mais e mais difícil de suportar, mas ela não podia deixar passar a oportunidade para investigar, especialmente se bisbilhotar produzisse a informação sobre o assassino de sua mãe.

Roxana não fez nenhuma réplica, simplesmente começou a correr para as ruínas.

Rindo, Marika a seguiu. Deus lhe concedesse a metade do entusiasmo da juventude.

Se suspeitasse que pudesse haver algum perigo para a menina, ela não ia querer deixá-la correr de cá para lá, mas desde que os vampiros raramente compartilhavam um lugar de esconderijo, havia muito pouca oportunidade de tropeçar com algo que pudesse machucar a qualquer uma delas. Ainda se o fizessem, a luz do dia logo o mataria.

Ali tinha pegadas na cinza de uma fogueira de um antigo acampamento, mas além disso não havia nada fresco nas ruínas. Nada tinha sido perturbado. Estava ali a entrada para um antigo porão, mas tinha desmoronado anos atrás. Se alguém ou algo tinha escavado por causa disso, eles o tinham manejado para ocultá-lo perfeitamente.

Marika pôs suas próprias botas nas cinzentas depressões. Seus pés eram pequenos em comparação. A pessoa que fez estas era um homem com pés grandes e compleição robusta. Um homem seguro de sua própria força e arrogância.

As impressões não pertenciam a um homem os outros. Pertenciam a Bishop. Sabia que isso era tão verdadeiro como o ar que respirava.

Se esta não era o refúgio de Bishop então porque tinha estado aqui? Não tinha estado fora passeando tranqüilamente, e não pôde ter estado caçando uma presa, não em semelhante lugar isolado. Ele se tinha reunido com alguém ali? Outro vampiro? Saint?

Não, ali não havia nenhum rastro de alguém mais. Se Saint tivesse estado aqui, ela poderia havê-lo sabido, de algum jeito estava segura. Sua presença poderia ter sido um estremecimento na base de sua coluna.

Ela olhou ao redor, entrecerrou os olhos contra a brilhante luz solar quando uma imperceptível pulsação começou em seu crânio. Alí tinha estado algo...

Alí. No bosque.

Roxana foi rápido sobre seus talões quando Marika avançou cruzando a erva profunda. O mar de verde estava desequilibrado em alguns lugares, como se alguém tivesse atravessado o caminhando recentemente. Seu coração se acelerou. Isto era onde encontraria o que seja que houvesse trazido Bishop alí.

Suas esperanças foram desprezadas quando viu a sepultura. Vampiros da idade de Bishop não descansavam em tumbas, ao menos que fosse sua própria cripta. Só as mais vis criaturas profanavam uma sepultura. Ela mesma o tinha feito só uma vez e unicamente porque a pessoa enterrada nela, a que teria que ter estado morta e descansando, estava quase por levantar-se como vampiro.

Esta não era a sepultura de Bishop. A terra aqui não tinha sido deslocada - a menos que ela contasse as ervas revolvidas a um lado e o montículo pequeno de musgo ao lado delas. Esta sepultura tinha sido recentemente cuidada, não perturbada.

-Elisabetta Radacanu, - leu em voz alta. -Nascida 1583, morta 1624.

A mão da Roxana voou a sua boca. – Era ela!

Marika olhou carrancuda a reação da menina. - sabe quem era esta mulher, Roxana?

Uma inclinação da cabeça rápida foi sua resposta. - Era sua amante.

-Bishop?- sacudiu sua cabeça. Chamá-lo por seu nome diminuía o que ele verdadeiramente era fazia-o mais humano. - O vampiro?

Outra inclinação de cabeça acompanhada por um olhar para trás ao caminho pelo que tinham vindo. -Esta deve ter sido sua casa.

Voltando sua atenção para trás delas também, Marika estudou as ruínas. Essa podia ter sido uma elegante casa em um tempo mas agora não era nada a não ser o refúgio mais lastimoso para os ciganos de viagem e animais.

O vampiro em seu porão havia vivido aqui? Foi impossível imaginá-lo em uma situação doméstica. Indubitavelmente ele ridicularizou a aldeia próxima com sua própria presença, fingindo-se de humano quando em realidade a saqueava.

-Algumas historias contam que ela morreu enquanto ele tentava protegê-la.- Os olhos de Roxana eram amplos enquanto falava sem dúvida ela via isto como uma estoria de fantasmas transformada em realidade. -Os outros dizem que ele a sacrificou para salvar-se.

Marika bufou. - Sei em qual versão acredito.-Nenhum vampiro alguma vez poria a vida de um humano sobre a própria.

Roxana cravou os olhos na tumba antiga. -Pergunto-me quem a enterrou.

- Sua família, suponho. Quem quer que seja que fez a lápide.- Isso tinha ocorrido a centenas de anos atrás, não deveria ter importância.

- Mas diz “Amada”.

-Acha que o vampiro a enterrou?-Ela falou agudamente – mas não gostou das hipóteses que sua mente fazia. - Não fará uma boa caçadora se pensar que têm sentimentos, Roxana. Se não quiser acabar morta, ou pior, um vampiro você mesma, tem que lembrar, então que não são humanos.

A garota olhou como se Marika a tivesse esbofeteado. - Foram-no uma vez. ?Você mesma disse que compreender a seu inimigo faz uma melhor caçadora.

Ela saiu batendo o pé, deixando Marika observando atrás dela. Bonito, ela tinha ferido os sentimentos da garota. Marika disse a verdade, entretanto. Roxana poderia ter tido razão de que algumas vezes era bom recordar a própria humanidade, mas a natureza ingênua e romântica da garota a mataria. Ela não duraria dois minutos contra um monstro verdadeiro.

Elisabetta Radacanu tinha morrido porque se aliou com um vampiro. Ela não era uma menina. Não importava como tinha morrido, ela tinha causado isso com suas ações.

Marika falaria com o Dimitru quando retornasse à vila. Roxana precisava encontrar homens jovens dos povoados próximos. Quanto mais rápido estivesse casada e vivesse sob o teto de seu marido, mais rápido Marika poderia suspirar de alívio.

E a julgar pela pressão em sua cabeça, e o calor propagando-se através de suas bochechas e seu nariz, ela faria bem em sair do sol. Faria com que sair de novo em qualquer momento próximo fosse doloroso.

Pendurando a cruz no pescoço uma vez mais, Marika dirigiu um largo olhar para a tumba.Alguem tinha estado aqui recentemente e tinha posto em ordem o

lugar. Mostrava-se muito bem conservado para uma tumba tão velha. Quem tomaria tanto cuidado por uma mulher a séculos morta e esquecida?

Havia só uma pessoa – a criatura – e ela não queria acreditá-lo capaz de tal sentimento. Ela não acreditaria isso.

Embora, pensou enquanto se ia, tinha estado ali a noite anterior.

E isso explicaria a sujeira debaixo de suas unhas.

Capítulo 3

Uma dhampyr que caçava vampiros. Jesus Cristo, no que se colocou?

Ficando de barriga para cima no cama de armar, Bishop escutou vozes por cima dele – algo que lhe pudesse dar alguma pista sobre o que tinham planejado para ele. Não houve nada. Mais cedo ele tinha captado uma pequena conversação, mas nada importante.

Possivelmente a dhampyr sabia o suficiente para falar dele em outro lugar, assim não poderia ouvir. Ele gostaria de pensar que poderia lhe cortar a língua bem fora de sua cabeça, mas isso seria um desperdício quando havia tantos outros usos para ela.

Dizer a ela sobre fôde-la tinha sido uma tática, mas ele não teria dito que não se ela tivesse levado suas palavras a serio. Isso dizia bastante a respeito dele – nada disso adulator.

Ele não tinha tido intenção de dormir quando saiu o sol, mas a dor da água benta e a cólera eventualmente o fez cansar-se e seu corpo precisava sarar.

Em alguma ocasião durante seu descanso alguém – e ele havia uma boa idéia de justamente quem poderia ser o suficiente sigiloso – havia entrado e tinha pendurado uma cruz de prata grande a só polegadas em cima de seu peito. Ele tinha espaço para respirar, mas com muita dificuldade. Qualquer outro movimento o queimaria. Sua anfitriã estava realmente decidida a mantê-lo ali.

Por que ele estava alí? Mais importante ainda, por que ela o tinha mantido vivo? E o que em nome de tudo o que era sagrado essa meio híbrida de bruxa tinha com o Saint? Embora ele soubesse onde estava o filho de puta, ele não estava exatamente a ponto de entregá-lo à Caçadora.

Ele estava em seu acampamento. Essa era a única masmorra ou tinha outras? Havia outros prisioneiros aqui – o irmão da Anara, possivelmente? Ele não tinha ouvido nada que lhe indicasse que não estava sozinho, mas isso não queria dizer muito. Outros prisioneiros poderiam estar alojados em alguma outra parte. Ou talvez ele era o único que ela tinha ainda para matar. Ele serviria para algum propósito.

Ele só tinha que esclarecer que esse propósito era ganhar a primeira mão. Ele conhecia seu segredo, mas isso lhe faria pouco bem a menos que ele pudesse

obriga-la a revelar-se diante de seus homens. Mesmo assim, tal revelação só poderia servir para fazer que os matassem aos dois.

O que Saint tinha feito para ganhar o ódio desta mulher? Por que ela se enfocava nas criaturas das sombras quando ela mesma era meio desse mundo? Ele poderia entender se ela caçasse a maldade como ele fazia, mas não parecia ter nenhum padrão. Ela caçava sem provocação.

Ela caçava a esses que deveriam ser seus aliados, não seus inimigos.

Era perigosa para sua classe e aos outros como ele. Com seus dotes de dhampyric ela poderia rastreá-los, brigar contra eles. Seus seguidores a ajudavam com armadilhas e armas de prata. Não poderia permitir que ela continuasse este reinado de sangue ou as criaturas das sombras do leste da Europa seriam dizimadas gravemente.

Pisadas se escutaram no piso fora, aproximando-se de um ponto exatamente em cima de sua cabeça. Alguém vinha. Estavam vindo para matá-lo? Alimentá-lo? Ele precisaria de sangue logo. Talvez fosse sua anfitriã. Ele contava com o muito que gostaria da oportunidade para recompensá-la pelo batismo que ofereceu sobre ele mais cedo.

A porta sobre o chão para o porão se abriu com um gemido baixo. A luz do sol alagava baixando as escadas para combinar no piso, a forma de um homem desenhada no meio.

Botas se arrastavam sobre os degraus de pedra. Bishop observo como o homem só entrou em sua prisão. Possivelmente ele deveria ter estado mais em guarda, menos otimista, mas tendo vivido seiscentos anos o fazia mais ou menos relaxado quer seja que vivesse ou morrera. Isso não queria dizer que ele se iria facilmente, mas não lhe dava medo isso tampouco.

O homem era alto e loiro. Ele tinha a constituição robusta de um operário ou um guerreiro – algo que Bishop poderia respeitar. Ele se deteve ao pé dos degraus – na segurança do sol – e cravou os olhos em Bishop.

Bishop ficou olhando-o também. Quantos minutos tinham passado e o homem não tinha falado, não se tinha movido –cruzou os braços mas respirava e piscava, Bishop falou, - O que foi?

O homem deu de ombros. -Vim aqui para olhar.- Seu romeno era rural, mas não de camponês. Como sua senhorita, este homem tinha um pouco de educação. Pelo modo com que a Caçadora falava inglês ele apostaria que ela tinha nascido em uma família rica.

Por que uma senhora se vestiria com calças e caçaria vampiros?

-olhaste. -Bishop arqueou uma sobrancelha. -Terminou?

- Toda minha vida ouvi a história de como foi expulso deste povoado.

A mandíbula do Bishop se apertou. –E quanto a minha esposa? Escutou o que aconteceu a ela também?

- Sacrificou-a para se salvar.- O homem falou com tal convicção que Bishop quase acreditou na mentira ele mesmo.

-Acha realmente que preciso me esconder detrás de uma mulher?

O homem só ficou olhando. Ele acreditava que Bishop o poderia ter para o almoço e não sentiria nem um pouco de remorso? Porque agora mesmo ele poderia.

- Não, - o homem disse finalmente. -mas não tem importancia agora, ou tem?

"Nenhuma." Uma punhalada tímida da dor perfurou o coração de Bishop. Pobre Elisabetta. Isso não importava para ela, não agora.

- É uma lenda, - o homem continuou. Teria alguma vez a intenção de ir-se? - Pensei que seria mais assustador.

Sorrindo, Bishop estirou um braço acorrentado. -me liberte e verás o quão aterrador posso ser.

O homem realmente empalideceu ante essa sugestão.

- Alguem precisa me alimentar, sabe.

Um cenho franziu a frente do homem. Não o farei –

- Não servirei a sua senhora se estiver desnutrido.

Isso parecia soar razoável ao homem. -Pedirei que lhe tragam comida.

Muito bem. Logo ele não teria que preocupar-se em matar a alguém. - Obrigado. Agora vai.

Ele esperou que o homem saísse, mas não o fez. Educado poderia ser, mas era hermético como um prego em um ataúde. Bishop sacudiu com força suas corrente, como se fosse saltar fora da cama de armar. A cruz em cima dele se bamboleou mas não o tocou.

Seu visitante se sobressaltou, voltou-se sobre seus tornozelos e acelerou os passos. A escuridão se fechou outra vez enquanto a porta caiu fechando-se com força com um estampido.

Só outra vez, Bishop se recostou em sua cama estreita e sorriu. Ele não tinha muito tempo para ser divertido, mas algumas vezes convinha dar medo.

-A maioria dos dhampyrs morrem pouco depois de nascer, soube isso?

A mulher – ele inclusive não sabia seu nome – não o olhou enquanto entrava em sua cela com um prato de comida e uma jarra de cerveja essa tarde. Sua declaração, entretanto, fez com que ela lhe dirigisse um olhar antes de que pudesse pensar.

Ele jazia na cama de armar, suas mãos dobradas reservadamente sobre seu estômago. -Sua mãe deve ter tido todas as precauções contigo.

Ela colocou o prato e o pote no piso exatamente a seu alcance e logo usou a ponta do pé para lhes dar um empurrão para mais perto.

- Criei-me com minha avó.

Interessante. Tinha morrido a mãe? Não queria a seu bebê metade vampiro? - Então ela obviamente cuidou muito bem de você.

-Fê-lo.

Ele a observou por um momento, estudando a inclinação leve de seu fino nariz, a curva de seus cheios lábios rosados. Em condições diferentes ele a teria achado atraente, possivelmente até misteriosa. Querer transar com ela não contava.

Enquanto fosse assim ele somente queria aprender tanto quanto pudesse a respeito dela para encontrar sua fraqueza.

-Como se chama?

Ela não o olhou. - Já sabe como me chamam.

- Seu nome real.

Seu queixo levantado. Ela o olhou agora – direto aos olhos. -Por que?

- Porque quero saber como te chamar.- Cristo, ele desejava poder endireitar-se.-Você sabe meu nome.

- Sei como o chamam.- Ela o disse como se fizesse uma diferença. -Isso nos faz iguais.

- É meu nome. Foi meu nome mais tempo que o original.

Ela apartou o olhar. - Não há necessidade de que saiba meu nome, nem preciso saber o teu.

-Isso fará as coisas mais fácil, não é assim?- Cristo, seria tão mais fácil intimidá-la se pudesse mover-se. - Então não terá que pensar em mim como uma pessoa.

Sua mandíbula se apertou. Ele tinha acertado no ponto sensível. -Como seu nome, você foi um monstro muito mais tempo do que foi alguma vez uma pessoa.

-E você foi ambos e nenhum desde o dia em que nasceu.

Ela reagiu como se ele a tivesse esbofeteado. -Marika, - ela murmurou. -Meu nome é Marika.

Era um nome bonito – e surpreendentemente combinava bem com ela. Era muito bonita também para ser quão assassina era. Por alguma razão, sua confiança nele o afetou um pouco. Ele não queria sentir afeto por ela porque sabia que o mataria em uma piscada.

- Meu nome era Blaise.- Isso foi toda a desculpa que ela obteria por seu anterior comentário. Ela não merecia sua culpa ou sua simpatia. Não lhe importava se ela nunca hovesse tido um lugar, se ela pertencia a dois mundos. Essa não era desculpa para matar.

Inclinou a cabeça, sua escura trança caía sobre suas costas enquanto se compunha outra vez. Ela assentiu, sua trança escura caía sobre seu ombro enquanto ela se tranqüilizava de novo. Este lado duro seu era muito mais fácil de lidar. -Me diga onde está Saint.

Saint era de verdade a razão para este seqüestro? E como tinha sabido ela que ele estaria na Rumanía? Quem o havia dito e por que? -Por que o odeia tanto?

- Ele matou a minha mãe.

Merda e Demônios. Nunca prestaria atenção ao afeto por ela; Essa era quase razão para sentir lástima por ela. - Sinto muito.

- Tanto quanto eu.- Ela vacilou um segundo enquanto seu negro olhar enfatiado estava no dele. -Me diga onde está.

-“ Até se quizesse lhe dizer isso não poderia. Não sei onde está.

- Está mentindo.

-“ Não falo com ele a quase vinte e seis anos.- Ele e Saint se encontraram pouco depois de que a mulher que Saint amava tinha morrido. Saint havia estado inconsolável. Não só pela mulher que tinha morrido, mas também pela criança que ela tinha estado levando também. Saint tinha tratado de transformá-la para salvá-la, mas não tinha surtido efeito. Ele tinha dado à mulher seu sangue, mas estava muito fraca para sobreviver ao processo. Embora Saint não fosse o pai da criança, angustiou-se como se o fora.

Isso tinha sido no Brasov, não longe daqui. A criança teria sido um dhampyr se sobrevivesse, enquanto que o sangue do Saint teria corrido por suas veias. Bishop cravou os olhos em Marika. Certamente não...

Mas havia algo familiar a respeito desses olhos escuros dela. Os dhampyrs freqüentemente herdavam os rasgos de seu vampiro progenitor, embora ninguém saiba por que. A verdade era, que os dhampyrs eram simplesmente muitos estranhos para saber muito a respeito deles.

Não era impossível que Marika fora a que Saint transformou. Quais eram as probabilidades de que Saint estivesse envolvido com duas mulheres grávidas? Mas Saint estava tão seguro de que a criança estava morta, e ele tinha visto sua amante morrer. Se Marika era a criança, ela não saberia que Saint não havia matado a sua mãe então, mas sim tinha estado tratando de salvá-la?

A menos que, está claro, lhe tivesse sido contada uma história diferente.

-Sabe de fato que Saint matou sua mãe?

- Sim.- A determinação iluminou seus olhos. -Me diga onde está ele.

- Disse-te que não sei.

- E eu te digo mentiroso.- Seu rosto estava avermelhado à luz da lanterna, seus olhos brilhavam com cólera. - quer proteger a seu amigo.

Amigo? Saint tinha levado ou tinha aspirado alguma vez a semelhante título? Tinham sido mais irmãos que amigos – leais até a morte em caso de que não ser particularmente próximos. Era essa a lealdade que protegia Saint até agora. - Não haveria muito de um amigo se eu não o fizesse, ou sim?

- Ele matou a minha mãe.

-E matando-o não a trará de volta.- Seiscentos anos lhe facilitaram ser sábio. Mas ele falava pela experiência nesse caso.

- Dará-me uma grande satisfação.

- Não, não o fará.- Seiscentos anos tinham resolvido esse ponto central também.

-Quer dizer que se tivesse a oportunidade para vingar a morte de sua esposa não o faria?

O sangue de Bishop gelou. Como ousava essa mulher falar a respeito de sua esposa. -Ela foi assassinada por gente muito parecida com você mesma e seus homens, e não necessito a oportunidade para me vingar. Matei-os a todos eles quase trezentos anos atrás.

Seu rosto se voltou até mais franzido. -Se você o diz. Há alguns que acreditariam que você mesmo a matou.

Foi um golpe baixo, dito para irritá-lo. Não o fez. Havia tantas outras formas de que ela o poderia chatear, mas estava muito zangada para as ver. -Não o nego. Sua relação comigo foi o que a matou. Ofereci-lhe a imortalidade mas ela não aceitaria. Era católica. por que estava ele lhe dizendo tudo isto?

- Ela sabia que estaria condenada.

-Você acha que estou condenado?- Não era uma surpresa realmente. Todo mundo pensava isso – ainda a igreja ele e outros tinham acreditado isso. Bishop não acreditou nisso, nem por um segundo.

- Sei.

-E quanto a você, pequena híbrida?- Ele o fez soar tão desagradável quanto pôde. - Ali não há nada reclamando a ambos os mundos quando morremos. - irá ao Inferno ou ao Céu?

- Espero ir ao céu.

- Matando gente inocente? acredito que não.

- Não havia nada inocente em ninguém dos que matei- nem eram humanos.

-Você não é humana, e seguindo esse raciocínio, merece morrer também.

Ela não disse nada, mas ele podia sentir sua animosidade – e sua confusão. Não podia ser fácil ter duas naturezas. Ele não estava por ter pena dela – depois de tudo, ela o tinha envolto em prata e jogado água benta nele – mas ela nunca de verdade teria um lugar com a humanidade e se fez uma pária para o mundo das sombras.

Lhe aproximou o prato outra vez. -Iván disse que queria comida.

Bishop cravou os olhos no prato. Tinha guisado nele. -Essa não é o tipo de comida que quis dizer. Não é que não pareça e cheire delicioso, mas isso não aquietará a fome que sinto.

Ela parecia horrorizada. -Não te trarei sangue.

Ele quase riu ante sua expressão.-Então vamos ter um problema.

- Está me ameaçando?

Ele examinou seu rosto; Não havia astúcia nela, nenhuma inocência fingida. - Realmente não sabe?

- Saber o que?

- Meu deus, quantos vampiros matou?- Que mais não sabia ela, e como poderia usar sua ignorância para sua vantagem?

Ela se encolheu de ombros. -Cem possivelmente.

Meu deus. -E nenhuma vez conservou um como a mim?

Vacilação. Então, - Não.

-Alguma vez deseja ardentemente sangue?

Suas mãos se apertaram com força.-Claro que não!

Ela mentia, ele o podia ver em seus olhos, mas isso não importava agora mesmo. -Assim é que não tem nenhuma idéia do que ocorre a um vampiro desnutrido?

- Assumo que ficam mais débeis.

Esse presunção a mataria algum dia. -Alguns jovens estariam assim, sim. Mas eu não sou jovem pequena halfling, nem sou como os vampiros nascidos de uma mordida.

- Como?

" a fome não me debilita, faz-me mais como um animal. Em alguns dias serei mais forte que estando normal. Terei também menos controle. Serei governado por minha fome, conduzido a comer. Suas correntes e cruzes não poderão me deter quando isso acontecer.

Ela o olhava cenhudamente. – Está mentindo. Quer me assustar para que deixe de te pressionar.

-Não seja estúpida!- Ele lutou por endireitar-se, e a cruz queimou seu peito. Ele caiu para trás no cama de armar com um grunhido, queimado mas sem cicatrizes. Ele a mataria se tivesse que fazê-lo, mas ele não queria levar gente inocente com ela.

- Não me assusto tão facilmente, nem sou tão parva para acreditar que me diria a verdade a respeito de tais coisas.- Ela inclinou a cabeça no guisado. -Isto é toda a comida que obterá de mim, monstro.

Ela não teve uma idéia exata de quão monstruoso poderia converter-se. Mataria-o de fome para salvar seu orgulho, pensaria que ele ficaria mais maleável a suas exigências. OH sim, ia acabar morta um dia destes.

Ela o deixou ali, uma fome incomodamente intensa dentro dele e a irritação ardendo a fogo lento ali também.

Eventualmente ele tratou de alcançar o guisado e a cerveja. Até conseguiu acomodar-se em uma posição méio erguida para comer. Logo se recostou e começou a pensar atentamente em escapar.

E esperou que se ele perdesse o controle antes de que pudesse escapar, então o povo estivesse ausente de noite – embora ele também sabia que isso era improvável.

Algumas vezes, não era tão conveniente ser horripilante.

Irina Comenescu vivia no povoado próximo de Fagaras, por cujas montanhas o lar de Marika foi renomado. Ela estava acostumada viver no povoado com Marika e outros, mas Marika não tinha gostado de ter a sua avó tão perto. Seus inimigos poderiam usá-la sua *bunica* contra ela, e Marika preferia passar uma eternidade no inferno antes pôr à mulher que a tinha criado em perigo.

Irina levava a dureza de sua vida em sua excessivamente enrugada cara. Os vinte anos anteriores tinham visto florescer estabilidade através do povoado onde antes tinha havido desassossego e um desejo por reformas. Marika sabia pouco dessa luta. Sua avó a tinha experimentado. A velha perdeu a um filho que partiu para brigar a favor dos russos contra do império Otomano em ' 77, somente uns três anos depois de sua única filha morrer de parto e um ano antes de perder a seu marido por uma enfermidade devastadora.

Cada vez que Marika queria ver fortaleza verdadeira, ia a sua avó, quem também tinha sido a mãe e pai para ela.

A casa era pequena, em esmerado rosado, se localizada em uma das melhores vizinhanças da cidade. O pai da Marika não tinha querido nada com sua filha, mas queria tratá-la de algum modo adequado a seu nascimento – quando não estava em uma das escolas a que ele a tinha enviado. Ela e sua *bunica* tinham vivido em comodidade, com uma governanta e um servente, mas a pobreza estava em qualquer lugar, e desde que Marika nunca tinha sido ensinada a pensar em si mesmo como alguém melhor, tinha amigos que não desfrutavam da mesma vida que ela teve.

Esta pequena casa rosada era onde ela corria sempre que precisava de um guia. E precisava agora.

Bishop havia dito que ela era meio monstro, que seu código a assinalava como uma desses que mereciam morrer. Poderia-o negar tudo o que quisesse, mas quando ele o disse, fê-la dar-se conta de que se ela alguma vez cuidasse de outro igual a ela e se esse outro não fosse um caçador como ela, então ela o mataria. Mataria-o embora fosse meio humano.

É obvio que ela o mataria. Ninguém deveria ter que viver assim. Isso não a fazia um monstro; A fazia... compassiva.

Ela atou com uma correia a seu cavalo perto onde poderia pastar na grama e bateu na porta. Esta já não era sua casa mais, e não importava o que sua avó dissesse, não entraria sem convite. E até se fizesse a tentativa, a porta deveria estar fechada de dentro como instruiu a sua avó que fizesse sempre.

Do outro lado da porta os ouvidos sensíveis de Marika escutaram aproximar-se ruído de passos arrastando-se. Sua avó não era de maneira nenhuma jovem, mas uma vida dura a tinha envelhecido mais que seus anos. -Quem é?- Perguntado uma voz cristalina, forte em romeno lírico.

Marika sorriu, como o fazia cada vez que ouvia essa voz – e lhe agradou que a velha tomasse as precauções lhe tinha pedido. -Marika, *Bunica*.

Ali estava o som do ferrolho abrindo-se e logo a porta se abriu. antes de que pudesse falar, Marika foi envolta em fortes braços, sua bochecha pressionada contra câs que cheiravam a doces e assado.

- Papanasi prajiti,- Marika quase disse suspirando as palavras. Pequenas bolas arroz cheias de passas fritas e orvalhadas com açúcar era sua sobremesa favorita.

- Da, - sua avó respondo, soltando-a. -Tive o pressentimento que viria hoje.

sentaram-se na sala de estar, a qual se via quase igual como estava quando Marika era uma menina, com seu mobiliário robusto e suas cortinas azuis. Beberam café espesso, forte com seus doces e falaram das idas e vindas do bairro. Meia hora ou mais tinha passado quando sua avó finalmente disse, - Assim é que me diga, menina. Por que vieste?

Marika tragou o último de sua sobremesa. -Capturei a um vampiro a outra noite.

- Ele é amigo do que assassinou a Mama.

A velha se paralisou. A mão que se elevou a sua boca tremia ligeiramente. Seu choque foi quase evidente; Marika o sentiu escorregar sobre ela como pó.

-Marika, por que persegue estes espectros?

-Porque a criatura que matou a minha mãe deve pagar pelo que lhe fez– o que me fez !

Sua avó negou com a cabeça outra vez. Seu rosto enrugado estava pálido e entristecido. -Sua mãe não quereria isto.

-Não acha que ela quereria que seu assassino pagasse pelo que lhe fez?- Só pensar nisso já zangou.

- Não, especialmente não por você.

Essa era um estranho modo de dizê-lo. -Que é o que está dizendo?

Sua avó pensou por um momento, refazendo-se e a seus pensamentos. -Eu não gosto desta vida violenta para você. Não desejo te perder como perdi sua mãe.

A culpa penetrou no coração de Marika. Indubitavelmente essa tinha sido a intenção de sua avó. Nunca falavam da morte da mãe de Marika. Sua avó evitava o tema cada vez que surgia. Por que? Era simplesmente tão doloroso? Ou havia coisas que sua *bunica* sabia que não queria ou não podia – compartilhar com Marika?

- Não me perderá.- Ainda enquanto ela falava pensava no quão perto da morte tinha estado a outra noite quando Bishop tinha tentado escapar. O quanto era justo para ela isso de arriscar a vida quando sua avó já tinha perdido a tantos seres queridos?

-Seu pai veio de visita faz alguns dias. Ele perguntou por você.

Esta era a forma de sua avó – de mudar de um tema desfavorável a um pouco divertido. Ela sabia como se sentia Marika a respeito de seu pai, e ela sabia que a cólera se sobreporia à curiosidade a respeito de sua mãe. Sempre o fazia.

-Fê-lo?- Era mais provável que *Bunica* lhe tivesse dado a informação a ele. A seu pai não importava onde estava ou o que acontecia a ela. Nunca se importou. Via-a como um aviso do monstro que tinha matado a sua esposa amada. Enquanto era menina Marika tinha rezado por que ele a amasse. Agora ela pensava nele como um pouco mais que um homem que ela mal conhecia.

- Sua esposa teve um novo bebê o mês passado.

A mandíbula da Marika se apertou. -Foi um filho?

Sua avó assentiu, sua expressão incerta.

- Finalmente, um herdeiro. Um que é completamente humano e do sexo correto.

- Marika.- Não foi uma recriminação, a não ser simpatia.

- Estou bem.- Era uma velha ferida, uma que não deveria irritar tanto, mas o fazia. -Espero que ele seja feliz agora.

Possivelmente agora que o velho tinha a seu precioso filho ele finalmente morreria – isso era o que ela verdadeiramente desejava. Morresse para que assim ela não tivesse que pensar no fato de que ela era tal decepção e vergonha que ele não queria vê-la.

Agora, se ele pudesse ser assassinado – e transformado – por um vampiro, então teria uma desculpa para lhe cravar uma estaca através de seu negro coração

insensível. Ele a pôs de lado como lixo, e cada vez que matava um vampiro pensava nele e como teria que aprová-la agora.

O bastardo. Ele tinha uma parte tão grande em sua vida para ser alguém que não estava nunca nela.

Algo do que pensava devia haver-se mostrado em seu rosto porque sua avó se via quase assustada.

-Seu rosto me assusta quando está assim.

Essa era uma mudança sutil de suas feições, um brilho em seus olhos. Era como sua natureza de vampiro reagia nos momentos de emoções intensas.

Marika cravou os olhos em seus pés, querendo retroceder a um estado de calma. -Sinto muito.

- Não se desculpe pelo que sente, minha menina. -Não deve pensar nele, ele não importa.

Faria-o se você deixasse de falar sobre ele. Ela manteve em privado esse pensamento, é obvio. Sua avó parecia pensar que merecia saber da vida de seu pai, mas lhe repugnava ver Marika alterada por isso.

-“*Bunica*, - ela perguntou, levantando sua cabeça, - eu sou um monstro?- Tinha sido seu pai o primeiro que a chamou de algo semelhante. Bishop foi só outra pessoa que fez isso em sua cara. Ninguém mais sabia o que ela era, ninguém exceto sua avó.

Esse rosto enrugado caiu afligido. -OH, minha querida menina, não.- Ela estendeu seus braços, e Marika foi a eles. Sobre joelhos diante da cadeira da velha, ela pressionou seu rosto contra o ombro de sua avó, sentindo a comodidade alí e chorou.

Capítulo 4

A única coisa que Marika odiava mais que aos vampiros era estar errada.

Enquanto ela estava sentada ao pé de sua cama diante da chaminé, as chamas lhe secando o cabelo, estava muito temerosa sobre estar errada de não dar sangue a Bishop.

Ela estava sozinha em sua pequena cabana, fresca de um banho morno, e era tarde. Ela estava vestida com uma camisola que sua avó tinha dado. Era suave e cômoda, e Marika tinha cortado quase trinta centímetros de tecido da barra para assim poder brigar com ela se seu pequeno povoado fosse alguma vez atacado.

Seu pequeno povoado. Seu lar e orgulho. Eram só umas poucas casas ao longo de uma vereda,, realmente, e por agora estava silencioso. Todos estavam a salvo e na cama onde pertenciam. Alí estavam os sons usuais da noite, o fogo rangente na

chaminé, animais noturnos à espreita e cavalos bufando com delicadeza no celeiro, mas não havia qualquer voz – e absolutamente nenhum som debaixo dela.

Se Bishop soubesse que era em seu porão, onde ele estava encerrado, então sem dúvida trataria de mantê-la acordada tanto quanto pudesse. Já seja que ele não se deu o incomodo de tentar classificar o som de suas pegadas, ou ela tinha feito um trabalho melhor em isolar a casa de campo contra o ruído do que ela pensava. Grossos tapetes cobriam o piso. Pesadas cortinas cobriam as janelas, e ela tinha aprendido a mover-se tão ligeiramente quanto um gato – a tinha mantido viva em mais que uma ocasião.

Inclusive não falava ou cantava dentro da cabana. De fato, quão único fazia ali era dormir e banhar-se. Ela comia com o Dimitru e sua família e ocasionalmente com sua avó. Odiava a cozinha, e cozinhar era até mais desprezível. Algumas vezes descansava na cama e lia um pouco, mas mesmo assim se preocupava sobre fazer qualquer tipo de som que a identificasse.

Mas ela se cansava de ser tão cuidadosa, e o vampiro no porão não fazia nada para aliviar o sentimento.

Tinham passado dias desde que lhe tinha feito o primeiro pedido por sangue. Ele tinha estado em sua posse por quase uma semana completa, e ele tinha mudado radicalmente desde sua captura. Ele se tinha posto mais agitado, mais venenoso.

Mais como um animal que como um homem.

Nunca tinha visto tal mudança em um vampiro. Por este momento ele deveria estar letárgico, debilitado pelo jejum. O sangue era o que sustentava a um vampiro, e a falta dele deveria reduzir drasticamente a força dele. Isso era o que ela tinha aprendido em sua investigação, o que todos os livros e histórias diziam. Não era assim com Bishop. Mais que nada, parecia mais forte, mais poderoso. Seu medo agora era que ele rompesse suas correntes.

Se isso acontecia, então ela e sua gente estariam mortos. Não enganava a si mesma sobre que pudesse derrotá-lo – não sozinha. Tinha sido necessário ela e seus homens e o veneno de Armitage para capturá-lo sob condições normais. Poderia ser possível destruí-lo se escapasse, mas ele levaria a muitos deles com ele enquanto pudesse.

Havia algo em seus olhos que empurrava seu coração um sentimento de culpa. Ela não podia suportar olhá-lo, porque estava sempre alí olhando atrás dela. Era como se ele soubesse que se perderia por completo – como um tigre em uma jaula em que uma criança estava a ponto cair. Bishop poderia não querer matá-los, mas ele o faria.

Ela não quis ter compaixão por ele, mas uma pequena parte sua tinha que admitir que ela poderia ter estado errada por assumir que ele era o mesmo assassino malvado que Saint. Isso não queria dizer que Bishop fosse inocente – para um vampiro isso era impossível.

Ultimamente ela tinha chegado a pensar sobre como ele parecia a noite que ela o encontrou – quando tinham brigado e experimentou a emoção de um verdadeiro

adversário— essa breve sombra de dúvida. Por um segundo se perguntou se ganharia. Ela raramente pensava isso – mas pensaria nisso de agora em diante. não seria tão arrogante a respeito de seus dotes.

Se ela tivesse enfrentado Bishop sozinha ele a teria superado, e não só porque era de sangue não mesclado, mas sim porque ele era simplesmente mais forte e mais rápido que qualquer outro vampiro que alguma vez tivesse encontrado.

Não era que ficasse impressionada, disse a si mesma, porque não o estava. Ela simplesmente reconhecia a um adversário formidável. Seu poder era no que ela precisava pensar, suas habilidades e seus dotes. Isso era com o que ela precisava estar familiarizada para assim saber como defender-se contra ele.

Ela não pensaria nas linhas de sua boca, o conjunto amplo de seus olhos, a textura de seu cabelo. Estava vendo-o como um homem, e isso era mais perigoso que deixá-lo livre de suas correntes.

Amanhã ela deveu reencontrar com o inglês – Armitage –. Se supunha que teria a localização do Saint por estas datas. Em lugar disso, não ficava nada mais que incrementar a animosidade do Bishop e sua repetida insistência sobre que ela sabia algo a respeito do desaparecimento de alguém chamado Nycen. Aparentemente havia outros dos que pensava que ela deveria saber também, criaturas que ela nunca tinha sabido que existiam, e muito menos havê-los encontrado.

Não havia indício de uma mentira em seu tom ou seu olhar, nada que a fizesse suspeitar que ele tratava de distraí-la com esta informação. Alguém lhe tinha dado o crédito – ou a culpa – pelos desaparecimentos destas criaturas.

O mundo das sombras - foi seu termo, não o dela – agora a considerava uma ameaça o suficiente para que tenham enviado Bishop atrás dela. Sua missão podia não ter sido matá-la, se não teria estado morta desde a primeira noite. Ele a teria quebrado como um galhinho antes de que ela conseguisse injetar o veneno nele.

E não era um vampiro normal, isso ela tinha estabelecido. Ele não era como nada que alguma vez tivesse visto. Era Saint igual? Mais importante ainda, era essa a classe de sangue que a tinha envenenado, a que ela possuía ?

Meu deus, o que a fazia isso?

Bunica disse sua mãe não queria isto para ela. O que pensaria sua mãe sobre no que se converteu também? Estaria orgulhosa de ter morrido trazendo para o mundo a semelhante criança, ou teria voltado as costas ao monstro como seu pai fez?

Ela poderia perdoar a seu pai por acreditá-la um monstro. Tanto como ela o desprezava por isso, tanto como seu abandono a machucava, entendia o medo e o ódio dele. Exceto Bishop tinha sugerido que era muito como ele mesmo; Um vampiro pensava que era um monstro. Que tipo de pessoa alguém tinha que ser para ser chamado de monstro por esses que estavam sem espírito?

O tipo de pessoa que matava de fome a alguém que nunca tinha feito nada contra ela que ela soubesse.

Ridículo. Ela deveria deixar de pensar nestas coisas como humanos, como gente inocente. Não o eram. Ele não o era. Não podia ser culpada do delito de que

Bishop a acusava, mas isso não queria dizer que discordasse com ninguém que era responsável.

Tudo o que ela precisava lembrar era que ela era o tipo de pessoa a que os monstros temiam. Era forte e decidida e não tinha medo. Era o tipo de pessoa que não descansaria até que tivesse matado a cada vampiro e cada monstro que pudesse.

O tipo de pessoa que estava segura de que sua mãe nunca sonhou que alguma vez se convertesse também.

Ela o matava de fome para provar um ponto que não poderia viver para desfrutar.

- Nosso pai, que estas no Céu - ele murmurou a oração em voz baixa para afastar sua mente do tormento em seu intestino. Em todos seus anos nunca tinha recebido nenhuma prova de que Deus odiasse ou amasse a sua espécie. Tão longe como o podia contar, não tinha sofrido mais ou menos que outras criaturas, humanos ou diferentes. Ele somente tinha tido mais tempo para passar sofrendo.

E mais tempo para considerá-lo cuidadosamente.

Tinha havido uma quantidade igual de alegria em sua vida também, assim não poderia ser tão desprezado pelo todo-poderoso.

E quando morresse, Bishop suspeitava que sua alma seria pesada assim como a de todos os outros. Ele tinha uma idéia medianamente boa sobre onde terminaria. O que pensaria sua pequena halfling Marika disso se soubesse onde? Preocuparia-se de que ela pudesse terminar em algum lugar decididamente mais quente, ou ela o enviaria a seu Criador no ato para provar sua teoria?

O pensamento o teria feito sorrir em qualquer outro momento, mas outro medo mantinha seu humor sob controle. Ele estava muito assustado – e não pôs atenção a admiti-lo – por que ele ia perder o controle logo.

Dias tinham passado desde que lhe disse o que aconteceria se não o alimentasse, e em cada um desses dias que ela tinha vindo a ele e lhe tinha perguntado onde estava Saint, prometendo-lhe sangue como uma recompensa se lhe contasse tudo.

Se fosse o suficiente estúpido para acreditar em que ela manteria sua palavra, ele teria mentido e teria inventado uma localização para o Saint, somente assim é como ela daria o que necessitava para recuperar seu equilíbrio.

Mas cada dia que veio, ele a via cada vez mais atraente em suas calças e camisa de homem que vestia. As roupas eram disformes, mas algumas vezes quando ela se movia, o tecido se amoldava contra a curva de um quadril, um seio. Era inegavelmente mulher.

... - e perdoa nossas ofensas como perdoamos aos que nos tem ofendido

Possivelmente era a fome o que o fazia encontrá-la tão excitante. Talvez estivesse tornando-se louco, porque ele deveria estar pensando em formas de matá-la, não imaginar o peso de seus seios em suas mãos.

A idéia de assassiná-la não era tão atraente como uma vez tinha sido. Agora não queria seu sangue por qualquer sentido de vingança ou justiça, mas sim pelo simples sabor dela em sua língua.

Possivelmente era porque tinham uma natureza similar, ou possivelmente era porque ela se desesperou progressivamente por descobrir a posição do Saint – tanto que ele sentiu pena dela. A simpatia fez a seus métodos fáceis de entender.

Mas não era simpatia o que o fazia perguntar-se como pareceria todo esse cabelo negro solto e caindo ao redor dele enquanto ela o montava. Algumas vezes – e ele sabia isto por experiência – lhe desgostava ter sexo fabuloso.

Ele ignorava estes desejos o melhor que podia. A única coisa que ela parecia sentir por ele era asco, e ele usava isso para centrar a si mesmo.

- Pois teu é o reino...

Todos os dias que ela perguntou pelo Saint, ele a olhou de frente e pediu o conhecimento sobre a posição do irmão de Anara, Nycen. Seja por que não soubesse do que ele falava ou porque fosse uma mentirosa melhor do que ele estava disposto a acreditar.

Ele não estava preparado para considerá-la exatamente inocente, não quando havia tanto sangue em suas mãos. Mas negar pareceu um comportamento estranho para alguém tão aparentemente orgulhosa de suas matanças. Se tinha levado e matado a Nycen, então por que não alardeava a respeito disso? Por que não lhe esfregava isso cara? Esse parecia mais seu estilo, desde que ela era tão endemoniadamente justiceira.

E ela tinha o descaramento de chamá-lo de monstro. Ela era o monstro, e se não o alimentasse logo, ia descobrir que espécie de monstro ele poderia ser. O sangue que ele derramasse estaria em suas mãos – não que é que ele deixasse muito para derramar.

-Amém.

Ele ouviu as portas do porão abrir-se e os passos familiares quase inaudíveis – um clique sobre os degraus.

- Por favor, - a voz do Bishop era rouca, desesperada enquanto ela entrava no porão. Ele tinha acabado com o seu orgulho. Ele se arrastaria ante ela para lhe suplicar. -me dê sangue.

Seu controle escorregava. A fome ameaçava consumir o que restava de humanidade nele. Algo que tinha sido enterrado profundamente dentro dele se retorcia para a superfície. Se era auto-conservação ou autodestruição o que saíria disso, ele não sabia, mas estava aproximando-se e tornando-se impossível de opor-se a isso.

Ele não queria deixá-lo solto.

Marika não o olhou – raramente o fazia – enquanto colocava o prato de comida no piso como era seu costume.

- Onde está ele?

Este era seu jogo rotineiro – um que Bishop estava cansado de suplicar. Cansado e zangado. Ergueu-se de repente na cama de armar, a cruz suspensa por cima dele golpeando-o no peito. A fumaça se levantou.

Grunhindo, ele agarrou a prata enquanto chamuscava sua carne e arrancou-a bruscamente de suas correntes liberando-a. Ele a arremessou o suficientemente forte para que se incrustasse na parede no lado oposto do porão.

-Disse-te que não sei onde ele está.

Cravando os olhos em Marika e seus olhos amplos, escuros, Bishop arrojando-se na direção contrária ao do metal que o sujeitava. A pequena idiota inclusive não foi o suficientemente racional para mover-se.

Os elos se estiraram quando as correntes começaram a se soltar da parede e do piso. As algemas de prata ao redor de seus punhos e dos tornozelos arderam, mas isso só alimentou sua força. Suas correntes não o segurariam uma vez que a besta se elevasse.

Em qualquer segundo agora, o pouco controle que lhe tinha ficado desapareceria. Ele seria livre. Livre para fazer qualquer maldita coisa que bem o agradasse. Livre para alimentar-se.

Marika seria a primeira que mataria. Meu Deus, ele queria lhe fazer muito mais que matá-la.

Lhe grunhiu. -Fora!

Ela se via surpreendida pelo que lhe havia dito. Para ser honestos, ele estava um pouco horrorizado também. Ele tinha mais controle do que pensava.

Ou ao menos o tinha tido.

-Agora!- Um grunhido baixo escapou enquanto as correntes começaram a separar-se.

Sua visão era uma neblina vermelha, Bishop observava desesperadamente como Marika se foi correndo à porta, mas em lugar de escapar, ela começou a chamar seus homens e suas armas. Disse-lhes que trouxessem algo que chamou - o veneno inglês.- Ele só podia esperar que fosse a mesma coisa com a que o tinha derrubado essa noite em que o capturou.

Ele rezou por que fosse forte o suficiente para atuar contra ele agora.

E rezou para que ela ou o matasse esta noite ou que quando ele despertasse estivesse tão longe de pessoas inocentes como pudesse.

O demônio dentro dele soube que estava correndo perigo e isso o empurrou mais forte. As correntes se abriram de repente com um pequeno som explosivo e estalaram, arrancaram-se das paredes com a pura força de Bishop. Arrastaram-se na sujeira do piso enquanto ele espreitava Marika. Não se apressou, embora soubesse que seus homens viriam. Ela não se moveu,

Passando ao redor dela, ele fechou a porta –seja para proteger a seus homens dele, ou comprar alguns quantos minutos mais antes de que ele a matasse; Honestamente não sabia quanto.

Havia uma oportunidade muito boa de que os dois pudessem terminar mortos antes de que esta noite estivesse terminada.

- Não quero te machucar, - ele falou com voz áspera, - mas se você não me deter, então matarei a você e a qualquer outro que se atravessasse em meu caminho. Entende?

Ela assentiu, seu rosto lívidamente branco.

-Bem. E agora te dá conta que pôde ter impedido isto?

Outra inclinação de cabeça.

- Quis que soubesse isto – no caso de chegar a sobreviver.

Ela tragou, sua garganta longa, elegante apertando-se sob sua pele de marfim. Seu pulso batia como asas de pardal na base de seu pescoço. Como desejava colocar sua língua ali, sentir o sangue correr através de suas veias. Afundar suas presas nela e senti-la quente e escorregando em sua boca. Fartar-se dela.

A umidade queimou seus olhos – algumas lágrimas de sangue. Quanto tempo tinha passado desde que ele perdeu a si mesmo pela fome? Ele não tinha matado a um humano em séculos – nenhum que não o tivesse merecido.

Marika era uma assassina fria – por que sentir qualquer culpa pelo que ia fazer?

Com esse pensamento, o último de seu controle murcho, desesperado pela luxúria alagando seus sentidos. Suas presas se deslizaram de suas gengivas com um empurrão doloroso. Sua pele estava quente e vibrando, como se cada nervo estivesse vivo e em fogo.

Ele se uniu ao olhar aterrado de Marika. Poderia ter medo, mas estava em uma postura lutadora. Ele tinha estado certo. Um deles não ia sobreviver havendo-se responsabilizado pelo outro. Um deles não ia sobreviver havendo-se cruzado com o outro.

- Me mate. -Foi seu pedido final.

E então saltou ao ataque.

Ela ainda podia sentir o calor de seu fôlego em sua pele, o pesado peso dele pressionando-a no piso do porão. As algemas de prata em seus pulsos tinham queimado e cravado em seus braços enquanto ele as segurava imobilizando-as aos lados. Indefesa como um gatinho, o coração golpeando tão duro que o podia ouvir, ela tinha esperado pelas presas raspando seu pescoço para mordê-la e quando o tinham feito...

-Certamente está brincando.

Negando com a cabeça, Marika olhou estupidamente ao inglês. Ela se estremecia, e o lugar sob a vendagem em seu pescoço pulsava ao mesmo tempo que o pulso entre suas pernas.

OH. Meu Deus.

Felizmente ela não teve que perguntar do que estava falando. Ele seguiu adiante e refrescou sua memória. –O que quer dizer com que necessita de mais tempo?

Seus dedos tremeram quando ela os pôs contra a vendagem oculta debaixo de um cachecol ao redor de seu pescoço. A falta de pressão para aliviar a dor, só fez

dela algo pior. Tragou e apertou suas coxas em conjunto debaixo da mesa. -Ele não me disse onde está Saint ainda.

A pressão não fez nada para aliviar a dor, só a piorou. Ela tragou e apertou suas coxas sob a mesa. -Ele não me disse ainda onde está Saint.

- Isso não fazia parte de nosso acordo.- Armitage se mostrava aborrecido, preocupado, e um pouco confuso.-Digo, estas realmente bem?

Ela ria de sua intuição ou lhe tiraria os olhos só por ressentimento? -Estou bem.

Muito bem enquanto que ela não pensasse em Bishop envolvendo sua trança ao redor da mão, lhe puxando a cabeça para trás

- Não parece bem.

-Estou-o. - Sua voz era rouca mas firme.

Os quadris de Bishop tinham pressionado contra os dela, suas pernas entre as suas. A dureza que a fez arquear-se contra ele enquanto suas presas perfuravam sua garganta.

Matá-lo tinha sido o último em sua mente.

A fazia adoecer simplesmente pensar nisso – não por que não podê mata-lo, e sim pelo que tinha querido fazer em lugar disso.

Desejando-o dentro dela onde estava quente e úmida para ele. Querendo sua dureza empurrando dentro dela enquanto ele bebia sua vida fora. Ela o desejava.

Graças a Deus seus homens tinham vindo com o veneno. Graças a Deus meu sangue pareceu esfriar o ardor de Bishop.

Se só tivesse havido algo que esfriasse a ela.

O inglês lhe dirigiu um olhar estranho. - Está muito ruborizada. Você gostaria de um pouco de água?

Ela duvidava que o botequim tivesse algo de água fresca. -Não. - Logo ela adicionou, - Obrigado.- Sua avó a tinha criado para ser educada.

- Eu não gosto disto.- Armitage deu a sua cabeça uma pequena sacudida, logo levantou seu dedo. -Estivemos de acordo que teria ao vampiro uma semana, não mais.

Seu tom irritou seus nervos, e essa era uma distração bem-vinda dos pensamentos de Bishop e as coisas que poderia ter feito a ele. -combinamos de que o poderia manter até que dissesse a localização de Saint.

- E também acordamos que não deveria tomar mais que sete dias.

Ela se encolheu de ombros. -Como pode ver, entretanto, assim é.

A boca do inglês se apertou, voltando-se em nada mais que uma navalhada na metade inferior de sua cara pálida. -Isso não é meu problema .

- Poderia me recusar a trazê-lo-a idéia de perder a Bishop a enchia com tal ansiedade e medo que sua garganta se apertava por isso. Como encontraria a Saint sem ele?

Como experimentaria alguma vez a promessa de tal êxtase outra vez sem ele?

A arrogância que chegara a associar com o Armitage revelou sua completa força na curva de seu sorriso afetado e do brilho zombador em seus olhos cinzas. -

Poderia dizer a cada criatura das sombras daqui até a Inglaterra onde encontrar à Caçadora também.

O tremente, opressivo calor do abraço de Bishop se desvaneceu afastando-se completamente a fria agressividade. -Eu não gosto das ameaças.- Não gostava que este pequeno homenzinho atuasse como se tivesse poder sobre ela tampouco. Certamente sabia que ela o poderia matar e ninguém nunca o encontraria? Poderia escondê-lo onde ninguém jamais o encontraria.

- Não o farei. Um dia mais, isto é tudo o que posso te dar.

Ela aceitaria isso por agora. Jogaria com suas regras por agora. Levaria a Bishop quase esse tempo para recuperar-se da quantidade de veneno que Sergei tinha injetado em seu sistema. Ela encontraria a maneira de obter mais tempo se o necessitasse mais tarde.

Tinha sido fácil para que seus homens se aproximassem às escondidas de Bishop. Ele tinha estado muito ocupado chupando sua garganta para preocupar-se com eles. O sabor de seu sangue tinha parecido lhe acalmar um pouco, tinha tirado uma parte da agressividade dele. depois dessa primeira dentada se pôs quase terno com ela – não brutal como ela tinha esperado. Sua boca tinha estado quente, seus lábios tentadoramente mornos. Ele se tinha sacudido contra ela quando a agulha perfurou sua carne, enviando sacudidas de prazer através de sua virilha.

Ela teve que morder seu próprio lábio para evitar que seus homens escutassem seu gemido.

- Um dia completo e a noite, -ela rebateu. -será mais seguro transportá-lo durante o dia.

- Para você, possivelmente.- Os olhos pálidos se estreitaram. -Como sei que não o matará?

Ela piscou. -Se o quisesse morto, então o estaria.- Mas dentro dela se fez a mesma pergunta. O que a detinha de simplesmente matar Bishop? Por que ela não tinha dado permissão a seus homens para matá-lo ontem à noite como tão febrilmente tinham querido?

O dinheiro, é obvio. Os homens e os aldeãos que a apoiavam colocavam em perigo suas vidas por sua causa. Tinham crianças e esposas para alimentar.

E ele era sua única conexão com o Saint, é obvio. Isso era tudo o que havia.

Sua resposta pareceu tranquilizá-lo. -Muito bem. Um dia e uma noite e você me trará isso a manhã seguinte.

- Onde?

Armitage pensou por um momento. -O lugar de sua antiga morada. Isso parece apropriado.

Pareceu-lhe cruel entregar Bishop a este homem no mesmo lugar onde o tinha capturado e onde ele tinha perdido tantíssimo, mas o que a preocupava? Com tudo ela sabia que Bishop não perceberia onde se encontrava.

Ela não deveria preocupar-se com seus sentimentos. Ele tinha tentado matá-la. Ele a teria matado se não tivesse tido a seus homens para que viessem resgatá-la.

Teria-o feito?

Essa morte, ela suspeitou, teria sido mais prazerosa que qualquer outra coisa que ela alguma vez tivesse experimentado.

-Bem.- Ela ficou em pé. Suas pernas tremiam um pouco. Se ela tivesse posto uma saia, então não se notaria. Como estava, pensou que o inglês viu seu leve tremor.

- Realmente deveria descansar um pouco, -disse-lhe sem sua mofa usual. - Penso que te esforça além do que sua constituição pode suportar.

Seu olhar se centrou no dele, lhe deixando ver simplesmente que tão perto estava de impulsionar sua bota abaixo de sua garganta. -Será minha constituição delicada, *feminina*?

Agora ele foi o que pôs sua mão contra sua garganta, sem dúvida recordando como o tinha segurado à mesa em sua primeira reunião.

Ele negou com a cabeça. -Não quis te faltar ao respeito.

É obvio que ele não quis. Ela quase resfolegou de risada.

Marika o deixou sem despedir-se. Pisando forte fora do botequim, encontrou a Iván e Sergei fora, onde o sol estava agradavelmente escondido detrás de nuvens grossas. Os dois tinha insistido em acompanhá-la. Pensavam que ela era uma mulher débil também? Deveriam ter melhor critério. É obvio, não tinham idéia do que era verdadeiramente.

Ela inclusive não sabia o que era na verdade. Este encontro com o Bishop tinha despertado sentimentos e sensações que nunca tinha tido antes.

-Tudo bem?- Sergei perguntou, seu romeno nativo mais brusco que o usual. Era simplesmente sua imaginação, ou fez ele a olhava de forma diferente agora depois do que aconteceu ontem à noite?

Marika assentiu. -Por agora.

Ela se impulsionou à sela de sua égua negra e apressou o cavalo a mover-se com seus calcanhares. Quando esteve o suficiente adiantada a fim de que os homens não lhe pudessem ver a cara, tocou seu lábio inferior. Estava sensível onde ela o tinha mordido, mas estava sarando. Ninguém notaria as estranhas marcas que seus dentes tinham feito.

Tinha-os sentido detrás de seus lábios – os sentiu brotar de suas gengivas enquanto a boca quente, úmida do Bishop trabalhava contra sua garganta.

Presas. Ela tinha começado a desenvolver presas.

E ela tinha querido afundá-los na carne tensa, dourada de seu ombro nu como ele fazia em seu pescoço. Ela quis saboreá-lo, quis seu sangue em sua boca e seu corpo dentro do dela.

Nesse momento, entrelaçada com o Bishop no piso sujo do porão, ela tinha querido conhecer o sabor de seu sangue.

Ela tinha querido ser um vampiro.

-O que é o que vamos fazer?

Maxwell aplicou um fósforo a seu charuto. O acre aroma do caro tabaco logo era expelido ao redor dele. Ele acreditava que poderia saber muito a respeito de um

homem pelos charutos que fumava. os dele eram caros, exóticos e cheiravam a poder.

- Sempre tenha um plano de contingência, Armitage.- Ele sacudiu o fósforo para apagá-lo. -É a única forma de garantir o êxito.

O homem mais jovem estava confunso, e é obvio que o estaria, não tinha nem o intelecto de Maxwell nem sua experiência nestas matérias. -Senhor?

- Na verdade Saint é problema de alguém mais. Onde quer que esteja, nossos irmãos ali o rastrearão e o capturarão.- Ele desenhrou uma voluta de fumaça e lentamente exalou. -Nossa meta acima de tudo é trazer Bishop e a *dhampyr*.

Armitage pareceu assombrado. -Isso é exatamente o que esperamos?

- Claro que não.- Não, o moço realmente não tinha talento para pensar. Ordens, Armitage as podia seguir, mas o pensar era um mistério para ele. Era de uma vez uma virtude e um defeito até onde Maxwell estava preocupando. O superior de nossa ordem na Itália me informou que Temple está já em suas instalações sob sua custódia. Ele quer a outros tão rápido quanto é possível.

- Mas não temos o número de homens que possam capturar a ambos o vampiro e a *dhampyr*.

Maxwell sorriu. Tão parvo como o intelecto de Armitage pudesse ser, ele desfrutava ilustrar ao jovem. -Ao vampiro, não. A *dhampyr*, entretanto, será mais fácil. Bishop será presa fácil uma vez que a tenhamos.

- Não entendo.

- É obvio que não o faz. Usarei palavras mais curtas talvez?

Armitage se ruborizou, vergonha e indignação esquentando seu sangue. -Me perdoe.

Não, o moço não era terrivelmente brilhante, mas ele sabia qual era seu lugar. Isso lhe serviria também. -Já usamos a *dhampyr* uma vez para apanhar Bishop. Ele a acha responsável por muitos dos desaparecimentos que orquestramos nesta área.

- Mas quando ela for seqüestrada ele saberá ela não era responsável.

- Sim, e ele se disporá a encontrar quem é. Deixaremos suficiente rastro para que chegue diretamente a nós. E quando o fizer...

“ Contaremos com os meios para capturá-lo.- A cara jovem de Armitage se ilumino com um sorriso aberto quando finalmente juntou as peças em sua pequena, estreita mente.

Maxwell sorriu. -Dois pássaros, uma pedra.

- Brilhante, senhor.

- Sim, sei.- Ele empurrou a caixa de madeira de cedro ao outro lado do escritório. Ele o sentiu como celebrando. -um charuto?

Capítulo 5

A primeira coisa que Bishop viu quando abriu os olhos foi Marika. Ela estava sentada sobre uma cadeira no centro do quarto, um pé com bota cruzava a coxa sobre as calças que usava. Chamem-no antiquado, embora não seria de ajuda mas se perguntava como pareceria em um vestido bonito.

Esse só pensamento lhe disse que seu demônio estava sob controle outra vez. E isso talvez foi metido de um pontapé na cabeça, porque não deveria pensar nesta mulher como atraente, especialmente quando ele havia, para todos os efeitos, tratado de comê-la.

Estavam nos limites familiares do porão. Ele estava em sua cama de armar, amarrado com correntes como sempre. Poderia ter pensado que a noite anterior foi um sonho a não ser pelo fato que as correntes eram novas – e a alguém finalmente tinha ocorrido lhe dar uma camisa.

E é obvio, ali estava a vendagem no pescoço de Marika. Os *dhampyrs* não cicatrizavam tão rápido quanto os vampiros aparentemente.

- Todos vocês estão bem?- perguntou.

Ela assentiu, sua trança escura brilhando com alguns pontos azuis sob a luz de abajur. -Parece te haver recuperado bem.

- Sim.- Ele não tinha que lhe dizer a razão para isso. Pelo modo em que seus dedos acariciavam o tecido em seu pescoço, ela já sabia a resposta. Ele não estava inclusive cheio de cicatrizes pela prata que tinha queimado sua pele.

- Suponho que justamente deveria estar agradecida porque não me matou.

- Suponho.- Podia ter dito a ela que não a teria matado, mas podia– ou não ser a verdade. -Não queria te matar. Não dessa forma.

Ela assentiu; Seja o que fora que ela tirou dessa explicação o manteve para si mesma.

-Essa pequena quantidade de sangue foi tudo o que necessitava?

Era estranho ter esta conversação com ela – era muita irreal, como falar de dívida com um amigo que justamente lhe tivesse dado um xelim.

- Porque era teu, sim- Não era o caso de acrescentar que o dela era o sangue mais potente que ele alguma vez saboreou. E ele conduziria uma estaca através de seu olho antes de admitir que estava ainda embriagado por isso.

Ela sem dúvida o mataria se lhe dissesse que venderia sua alma por mais. O sabor dela só o tinha deixado faminto por mais.

Marika pareceu entender o que ele queria dizer. Ele olhava as mudanças em sua expressão enquanto ela processava o que o fato de que ele a tivesse saboreado e tivesse tomado tanta força dela significava. - Sairá daqui amanhã.

-Assumo que não quer dizer que estarei em liberdade para ir de alegremente?

Ela realmente se ruborizou ante seu comentário sarcástico. Não era culpa colorindo suas bochechas, ou era?

Ele tentou outra aproximação.-Vai me matar?-Ele certamente não a culparia por isso. Isso não queria dizer que ele tivesse a intenção de facilitar isso de qualquer maneira.

Ela pareceu perturbada pela sugestão, como se ela não o tivesse matado antes. - Não.

- Então ou tem a intenção de me levar a outro sítio ou vai me entregar a outra pessoa que me matará.

Ela apartou o olhar. O suficiente certo. Esta noite era a noite então. Não importava que tanto dano obtivera, teria que escapar antes do amanhecer. Ele não o tinha tentado antes disto porque queria descobrir o que ela queria com ele e determinar se ela não estava fingindo não conhecer Nycen. Agora que sabia que realmente estava tudo relacionado a Saint, e que ela não era responsável pelo desaparecimento de Nycen, não havia nenhuma necessidade mais de ficar neste inferno.

- Teria pensado que faria o trabalho por você mesma.- Ele conservou a ligeireza em seu tom, mas o veneno estava ali de todo modo.

Ela o assombrou encontrando seu olhar. -Teria me matado ontem à noite? Se meus homens não tivessem vindo?

- Possivelmente. Eventualmente.- Sua mandíbula se apertou. -Realmente não sei.

Suas bochechas se ruborizaram até mais profundamente. Ela sabia o que lhe teria feito antes de matá-la, tal como ele sabia que ela o teria deixado. Alimentar-se era muito sensual para sua espécie, um ato cada ápice tão íntimo se não for sexual em si mesmo.

-Foi a primeira vez que foi mordida, não é assim?

Sua cara devia sentir-se como se estivesse ardendo. Ela inclusive não falou, só assentiu concisamente. Até se não tivesse respondido, ele o teria sabido pela forma em que se abraçava a si mesma e o calor sutil do despertar de seus sentidos.

De certo modo, ele tinha tomado sua virgindade ontem à noite. Muito mal que ele não tivesse estado bem da mente para verdadeiramente apreciá-lo.

-Ninguém lhe disse isso alguma vez?

Provocadoramente ela cravou os olhos nele. -Não houve ninguém para me dizer isso ninguém ao redor de mim sabia algo a respeito dos vampiros e até se soubessem ... muito poucos sabem o que sou.

Pobre pequena *halfling*. -Não é estranho que odeie o que é.

- O que sou pela metade.

Lhe sorriu tristemente. -Não há nada disso. Não pode pôr a metade do que é longe.

-Como sabe?- Ela soava como uma menina. Comparada com ele ela o era.

- Tenho seiscentos anos de idade. Nunca o vi funcionar.

Seus braços dobrados baixo esses seus peitos zombadores. -Mas não sabe com segurança. Pode haver alguma forma.

- Se te faz sentir melhor, então acredita nisso. Poderia ser mais feliz se somente aceitasse o que é. Vai ter uma vida longuíssima – A menos que alguém lhe mate é obvio.

-Você falhou.

- Realmente não o tentei, - respondeu honestamente com um pequeno encolhimento de ombros. -O proximo vampiro ou o que seja que venha poderia ter êxito onde os outros não o obtiveram. Talvez trarão amigos para assegurar que o trabalho seja feito corretamente.

Ela empalideceu, mas sua postura não perdeu nada de sua rigidez. -Antes morreria por obra de um monstro que me converter em um.

Ele sorriu, em parte burlando-se, em parte por simpatia verdadeira.-Posso ser um monstro, mas querida, seu coração é tão negro como o deles. Muito mau para você que não o possa ver.

Ela escolheu para trás pela bofetada verbal, sobressaltando-se por como suas palavras acertavam no alvo.

- Conheci alguém que era muitíssimo como você uma vez.

Ela o desdenhou com sarcasmo. -E não te matou?

- Pergunto-me se sua boca seria tão sarcástica se não estivesse eu nestas correntes. Não, ele não me matou. Ele era meu amigo.

Ela arqueou uma sobrancelha para lhe dizer o que pensava sobre isso, mas estava de outra maneira silenciosa.

- Ele estava obcecado com a idéia de converter-se em um monstro. Tinha medo de que estivéssemos condenados. Como você, ele pensava que uma cura poderia ser possível, mas a seus olhos a cura era constante oração e negar o que ele chamava seus desejos “demoníacos”.- Enquanto Bishop e outros tendiam à idéia do demônio dentro deles em condições mais metafóricas ou benignas, Dreux tinha acreditado que isso era puro mal.

Ele poderia ver pela expressão na cara da Marika que estava de acordo com a maneira de pensar de Dreux. Fez a Bishop perguntar-se simplesmente que espécie de desejos sua pequena captora negava a si mesma. Se fosse uma situação diferente, então ele se ofereceria a ajudá-la com isso.

- Meu amigo tentava conseguir passar dias, semanas até sem alimentar-se. Ele se enclausurava em uma cela com sua Bíblia e seu rosário enquanto o resto de nós nos alimentávamos e nos permitíamos outros apetites.

- Até agora não me tem dito nada que me faça acreditar que ser comparável com este “amigo” teu seja desonroso.

- Não, suponho que não posso esperar que faça a hipótese lógica por você mesma.-Ele quase riu de sua expressão assassina, mas pensar no Dreux o mantinha sério. -Sempre terminava do mesmo modo que quando ele se envolvia neste comportamento autodestrutivo.

Quando ele não continuou imediatamente, ela arqueou ambas as sobrancelhas.

-Parece-me ter perdido esta hipótese “lógica” também.

-Permitindo o gosto por nossos apetites permitidos ao resto de nós –

-Quer dizer que ali há mais que você e Saint?

Isso é o que obtinha por abrir seu boca. - Permitia ao resto de nós nos alimentar sem matar, ter um parceiro sem mutilar.- Ela se sobressaltou mas ele continuou, - Dreux negava a si mesmo até que ele não pôde agüentar mais. Ele estava tão desnutrido que matava ao primeiro humano com quem ele tropeçasse acidentalmente. Não importava se era homem, mulher, ou menino, embora ele usualmente preferia a esses que eram doentios ou débeis – ou esses que não fariam falta a manhã seguinte. Vê você meu ponto agora, pequena?

Ela assentiu, sua expressão repentinamente aflita.

- Tratar de negar o que ele era, a meu amigo o converteu na mesma coisa que ele temia converter-se mais.

- Isso não me ocorrerá.

-Não?- Que tão segura se escutava, e ainda que tão assustada. -Diz-me, do último vampiro que matou, qual foi seu delito?

-Que diz?

-O último que matou – que razão havia para isso?

-Era um vampiro.

Notou que não disse que tinha sido alguém do mundo das sombras, e isso apoiava só sua crença de que não era responsável pelo desaparecimento do Nycen. Nycen não era vampiro, mas sim da gente Fae.- só isso?

-Isso é o bastante.

Sustentou seu olhar durante muito tempo. Acreditava o que disse. -Não sei quem te ensinou a odiar tão profundamente, mas o sinto por isso.

-Sente-o?- Ela lançou um bufo.- Eu não.

-Sei. Por isso é que o sinto.- E ele o sentia. Tão assim que seu coração se fez pesado com isso. -Por favor me deixe agora.

Ela piscou. -O que?

- Não te posso seguir olhando. Por favor vai.- Ele desviou seu rosto dela então, e fingiu não observar quando ela lentamente ficou em pé.

- Sei o que trata de fazer,-disse enquanto caminhava para a porta. - trata de me fazer me desprezar. Não sortirá efeito.

Ele se permitiu olhá-la uma última vez, e a deixou ver a piedade em seu olhar. -Sei. Alguém muito antes de mim já teve êxito.

-Marika, quero ficar aqui contigo!- Os olhos escuros da Roxana, brilhantes e suplicantes, Estiveram perto de mandar ao demônio a determinação da Marika.

- É muito Perigoso, - Marika respondeu, subindo a mala da garota no vagão. Ela e o resto da família do Dimitru eram os últimos a deixar o povoado. Outros tinham começado a reacomodarse depois de que Bishop esteve perto de escapar – ante a petição de Marika. Era uma precaução que algumas vezes tomavam quando temiam um ataque.

Só Marika e um punhado de seus homens ficaram. Dimitru deveria ter sido um deles, mas com seu braço ferido, Marika se preocupava de que ele pudesse acabar machucado outra vez. Sua esposa nunca a perdoaria se isso ocorria.

E se algo acontecia com sua única filha, então Ioana a mataria.

-Mas posso ajudar!

Marika se endureceu contra as lágrimas da garota. Estou afligida, Roxana, mas poria sua segurança sobre todo o resto e isso faz que me matem – ou a alguém mais –. tem que ir.- Com isso, ela voltou suas costas à garota chamando-a da parte posterior do vagão e caminhou a curta distância a sua morada.

O vagão retumbou afastando-se; O som de suas rodas se desvaneceu junto com o som da voz lastimosa de Roxana. Algum dia entenderia. Até se não o fizesse, não importava. Estaria a salvo, e isso era tudo o que Marika queria.

Correção – tudo o que ela queria era Roxana a salvo e as palavras de Bishop fora de sua cabeça. Desde que saiu o porão, tudo no que pensava era nas coisas que ele havia dito, a maneira em que ele a tinha cuidadoso. Seu rancor e sua fúria ela poderia dirigi-la. Se ele tivesse tido medo, então poderia ter aceito isso também, mas não sua compaixão, não seu desagrado. Como se atrevia a desgostar-se com ela! Como ousava olhá-la como se fosse alguma criatura odiosa por debaixo dele, ela teria que subir apenas para tocar a sola de sua bota.

Ele foi o mais baixo dos dois. Ele era o vampiro de sangue puro– uma criatura repleta de puro mal. Ela era ainda meio humana. O sangue em suas mãos podia estar desculpado. Não eram inocentes.

Exceto que Bishop reclamava que alguns o eram.

O mesmo pensamento revolvía seu estômago.

Ela parou fora da porta de sua casa e contemplou o céu. Não havia uma nuvem à vista, só a curva da lua e mais estrelas do que ela poderia alguma vez esperar contar. Ela ficou olhando em sua luz cintilante, respirando a noite fresca profundamente em seus pulmões, exalando todo o medo e as dúvidas fora.

Era tarde para as normas humanas, mas como meio-dia para os vampiros. Para ela, era simplesmente muito cedo para ir à cama e muito tarde para fazer qualquer outra coisa. Outra vez ela estava apartada.

De seus homens que ficaram, só dois não estavam adormecidos. Tinham ajudado a Dimitru e a sua família com sua partida, mas logo também estariam na cama, sabendo muito bem o quão alerta teriam que estar chegando o amanhecer. E então Marika seria a única acordada exceto pelo vampiro sob sua casa.

Não lhe dedicaria mais pensamentos. Já não daria importância às coisas que lhe disse. Era um truque. Ele queria fazê-la duvidar de si mesma fazendo-a ter a idéia de que os não humanos não equivaliam ao mal. Teria que tentá-lo melhor se queria ter êxito com isso.

É obvio que ela não era má. É obvio que todas as suas mortes estavam justificadas. Ela tinha salvado vidas – destruído aos vampiros justo quando estavam a ponto de rasgar a garganta de um humano inocente.

Pois bem, pode que não fosse justamente a ponto de rasgar a garganta de alguém, mas sim isso era inevitável. Os vampiros eram assassinos. Era sua natureza. Até Bishop mesmo tinha sido incapaz de dizer que ele não a teria matado quando a atacou.

Ela fazia um favor ao mundo desfazendo-se dos vampiros. Pensaria em toda a gente que tinha salvo – todos humanos inocentes. Não refletiria sobre as criaturas das sombras que podiam ter sofrido a perda de um amor.

Não havia tal coisa como um vampiro inocente. Não sabiam nada a respeito de perda ou amor.

Era o que pensava o que a levou para dentro de sua casa para preparar-se para dormir. Envolveria-se debaixo das mantas e a suave colcha que sua avó tinha feito e leria um pouco. A leitura era um luxo que raramente se dava – não só porque era difícil colocar livros em uma área tão rural, mas sim porque sempre aparecia alguma outra coisa que precisava ser feita. Tomaria seu tempo para dar-se o gosto, e não pensaria sobre o fato de que na manhã entregaria Bishop aos homens que eventualmente o matariam.

Marika não pensaria nas coisas que poderiam lhe fazer antes de que realmente encontrassem a forma de resolver o assassinato.

Ele merecia morrer por seus delitos – pelo que ele era. Mas não parecia justo imobilizá-lo como um animal por isso. Ele merecia uma briga justa.

Mas quem possivelmente poderia lhe dar uma? Nenhum humano, isso era seguro.

Ela tinha um pé dentro da porta quando ela ouviu distante tamborilar de patas. Estavam a alguma distância, mas sua audição era mais sensível que o normal para um humano – não tão boa como a de um vampiro mas o suficiente boa para que soubesse que os cavalos estavam aproximando-se de seu povoado, não saindo.

Era esse Dimitru retornando apesar de seus desejos? Era Roxana? Se essa garota a desafiasse, então Marika pessoalmente a amaria e a esconderia na latrina até que retornasse amanhã.

Escutou cuidadosamente. Não era só uma carreta o que ela ouvia. Havia mais cavalos também. Não podia ser Dimitru ou Roxana a menos que tivessem companhia. O resto de seus homens não a desafiariam desta maneira, A menos que algo terrível tivesse ocorrido.

Não eram seus homens, disso estava segura. Sabia que não era sua própria gente porque os cabelos detrás de seu pescoço se levantaram embora não havia brisa.

Se não seus homens, então quem?

Ela permaneceu na entrada, mas colocou sua mão esquerda dentro para agarrar o rifle que estava perto a entrada. Estava carregado e não lhe dava medo usá-lo.

Quando os homens finalmente entraram cavalgando dentro de sua visão – obrigado Deus por sua excelente vista noturna – ela contou facilmente uma dúzia deles. Alguns deles eram romenos, uns poucos se pareciam gregos ou turcos. Outros eram decididamente ingleses.

Estava seu *amigo* Armitage atrás disto?

-Quem são vocês?- Ela perguntou ao que dirigia ao grupo. Perguntou em inglês, dado que era sua linguagem.

-Não sou ninguém de quem precisa conhecer o nome,- respondeu. Tinha tido a razão por assumir que ele era inglês. Seu acento, embora não tão claro como o do Armitage, era inegavelmente o mesmo.

Os dedos da Marika se apertaram ao redor do rifle, fazendo-a avançar pouco a pouco mais perto para um lado. -O que querem?

-O que você pensa?

Qual era o jogo que estes homens estavam representando? Por que não lhe respondiam a pergunta como ela queria? Por que sempre com mais pergunta?

- Não tenho idéia.- Se não seriam honestos, então ela fingiria ignorância.

O homem sorriu – não foi agradável. -Pois bem, carinho, viemos por você.

Seu coração deu um pequeno golpe, mas Marika o ignorou. -Eu?- Realmente ela tinha esperado que lhe dissessem que era Bishop ao que queriam, não a ela.

Se pensavam manchá-la, então lhes aguardaria a briga de suas vidas.

O homem assentiu; o cabelo loiro brilhou sob a pouca luz da lua que ali havia. Nunca pusemos nós mesmos num saco uma *dhampyr* antes. Estou desejando descobrir do que é capaz.

Ele sabia o que ela era. A compreensão a golpeou no mesmo momento em que ela tirou o rifle fora e o subiu até seu ombro. Ela disparou, tombando ao homem de seu cavalo. Logo se atirou dentro da casa, golpeando o piso duro, e puxou com força a gaveta de seu aparador onde guardava mais balas.

As fortes vozes se elevaram fora. Seus homens despertariam logo. Poderiam ser o suficientemente rápidos para armar-se contra estes intrusos?

Com suas costas no piso, ela voltou a carregar seu rifle e o levantou. Quando a porta de sua casa se abriu, lhe tomou um abrir e fechar de olhos averiguar que não conhecia homem e lhe disparou no pescoço. Ele caiu com um pesado ruído surdo, seu corpo apoiado na porta aberta.

Os outros vinham. Os disparos se ouviram, e ela ouviu um grito. Soava como Iván. Estava morto ele? Sem tempo para pensar ou até inspecionar. Ela precisava voltar a carregar.

debaixo dela podia ouvir golpeando. Bishop. Tinham ido eles abaixo ao porão? O medo – inexplicável e importuno – a encheu mas só por um segundo, só para ser substituída por uma certeza quase presumida que não seria Bishop o que morreu nesse porão.

Outro homem apareceu ante sua porta. Ela levantou o rifle, mas uma piscada muito tarde. Ele disparou primeiro.

A dor estalou em seu ombro esquerdo enquanto ela disparo seu próprio tiro, lhe golpeando de costas contra do piso. Seu tiro foi um pouco aberto, mas ela ainda conseguiu acontecer roçando o lado de sua cabeça. Foi suficiente para fazê-lo cambalear-se para trás e tropeçar com as pernas do homem morto detrás dele.

A cabeça da Marika golpeou o piso com estrondo. Luzes explodiram atrás de seus olhos enquanto a dor a engoliu dos ombros para acima. A náusea invadiu seu estômago e a negrume alagou sua mente. Ela não podia deprimir-se. Se ela se deprimia, então a pegariam.

Apertando os dentes, procurou cegamente a sua munição e voltou a carregar o rifle. Ali viriam mais em pouco tempo. Tinha que estar preparada.

Não seria raptada.

Ele se estava voltando acostumar ao aroma de sua carne ardendo.

Tão silenciosamente como podia Bishop, forçou-se a resistir a agonia de romper liberando-se dos grilhões que o sujeitavam. O suor, ligado com sangue, perlaba em suas sobrancelhas e as costas.

Desde não ser pelo sangue da Marika, isto teria sido muito mais fácil. Em uma condição selvagem ele tinha arrancado estas cadeias como papel. Mas onde o sangue de Marika diminuía esse lado primitivo dele, fortalecia-o em outras formas, retornava-lhe seu controle precioso.

Por cima do piso ouviu o som de cavalos. Aí tinha havido muito o tráfico saindo e entrando do povoado todo o dia. Tinha despachado Marika às pessoas para que assim não fossem danificados quando o mau vampiro fora entregue aos inocentes assassinos na manhã?

A pequena mucosa hipócrita. Ela não tinha idéia de no que ela estava metendo-se – e era muito teimosa para ver que ela era a coisa mais próxima ao mal neste povoado.

Algo do que ele havia dito a tinha alcançado; Ele tinha que acreditar nisso. recusava-se a acreditar que estivesse além de toda esperança. Por que ele queria acreditar que poderia mudar, não se incomodou em perguntar-se, porque sabia que havia muito que fazer com sua atração para ela, e a lembrança de como se sentou ela debaixo dele, retorcendo-se enquanto bebia profundamente dela.

Ele a ouviu por cima dele. Estava no edifício colocado sobre este porão? Era ela a que escutava algumas vezes, passeando, suspirando em seu sono?

Ela falava com um homem, o tom de sua voz hostil. O homem respondeu – algo a respeito de estar ali por ela. Que diabos?

Um disparo se ouviu, logo algo golpeou forte o piso por cima dele.

Marika.

O pulso rugia em suas orelhas, Bishop se esforçou contra as correntes, agarrando com força sua mandíbula contra o desejo de gritar quando a prata rompendo-se pressionava em sua carne. Ele tinha sido queimado muito a última semana, deveria estar acostumado a isso para este momento, mas por Cristo dóia!

O grilhão em seu punho direito se quebrou primeiro. A prata era em sua maioria efetiva contra sua espécie por como reagia para sua pele. O sangue da Marika o fortaleceu contra as queimaduras. Como um metal, a prata era medianamente fácil para que ele a quebrasse, embora oferecesse alguma estranha resistência a sua força.

Quando ambos os braços foram liberados, ele se agachou e rompeu as cadeias em seus tornozelos. Seus pés estavam nus e seus tornozelos em carne viva quando ele foi correndo à porta. Uma patada e a pesada madeira voou fora de suas dobradiças. As escotilhas de fora seguiram, explodindo para fora e pulverizando madeira e pedacinhos de correntes a metade do caminho através do povoado.

Era um pandemônio fora. Seus olhos não necessitavam de nenhum tempo para ajustar-se à escuridão – ele podia ver melhor que um gato. Um dos homens de Marika jazia a alguns pés dele, sangrando de uma ferida no peito. Não estava morto ainda, mas logo o estaria.

Havia outros corpos – homens que ele não reconhecia. Os que estavam ainda vivos atravessaram correndo o povo, refugiando-se onde podiam, disparando quando a oportunidade surgia. Dois homens brigavam ao lado do poço – um tinha suas mãos ao redor da garganta do outro.

Bishop volteio quando outro disparo ecoou do interior do edifício detrás dele. Um homem se levantou no portal, iluminado por luz de abajur. O lado de sua cabeça sangrava, mas isso não o deteve de entrar.

Ele estava indo detrás a Marika.

Um fluido salto levou Bishop da entrada do porão às escadas da casa. O homem estava justo a alguns poucos pés longe da Marika, que sangrava no piso. O homem se virou, surpresa transformando-se em medo em uma fração de segundos quando viu Bishop. Foi o último que viu porque Bishop o agarrou pela cabeça e a torceu. O homem caiu sem vida ao piso.

Ele foi a Marika, ajoelhou-se ao lado dela. -Está completamente bem?

Ela assentiu, sobressaltando-se com o movimento. Sua mão direita se levantou tocar cautelosamente detrás de sua cabeça. -Me amarre algo ao redor de meu ombro e estarei bem.

A única coisa perto era sua camisa, assim Bishop tirou de um puxão o tecido sobre sua cabeça e a usou para adaptar um torniquete para seu braço. O tiro foi por suas costas para alojar-se nas pranchas do piso debaixo dela e estava sangrando profusamente. O aroma disso o chamava, mas não despertou sua fome. Despertou outro impulso um muito mais perigoso e instável.

Ele queria matar ao homem responsável por isto, mas já estava morto. Se era um dos dois corpos jazendo no interior no piso da casa.

Ele teria que contentar-se em matar o resto deles então.

- Fique aqui, - disse-lhe.

- E esperar a que um deles venha e me capture? Não, levanto-se.

-Capture-te? Ou te mate?

Encontrou seu olhar. Além de estar um pouco pálida, não parecia machucada seriamente. Uma das vantagens de seu sangue, indubitavelmente.

- Eles disseram que nunca tinham capturado uma *dhampyr* antes. Estavam interessados em ver do que sou "capaz".

Algo fez clique dentro da mente do Bishop. Uma turma de homens vagando pelo campo à caça de criaturas das sombras. Eram estes os homens que tinham capturado a Nycen? E o que estavam fazendo com as criaturas que capturavam?

Existia só uma forma de descobri-lo.

Saiu correndo da casa, diretamente pelo primeiro homem que encontrasse. Não teve que ir longe, porque havia um vindo sobre os degraus. Tinha sangue na cara e em seu cabelo claro, e um braço pendurava flácida em seu flanco onde tinha sido disparado.

Ele pareceu surpreso de ver Bishop. - deveria estar encerrado.

Como infernos havia ele sabido isso? Agarrando ao homem pelas lapelas, Bishop o puxou para perto. - Que desejam fazer com a *dhampyr*? O que têm feito com os outros? Me diga ou te matarei.

O homem fixo a vista em seus olhos sem medo. -Suas mortes servirão a um propósito mais elevado.

Assim que este homem estava entre os responsáveis. Não tinha sido Marika em modo algum. Bishop permitiu a suas presas alargar-se A sua máxima extensão. - Qual é o propósito? Onde estão eles?

Sua resposta foi uma detonação forte e então uma salpicadura morna em sua cara. O homem tinha uma pistola-e antes que responder as perguntas do Bishop ou enfrentar as consequências, matou-se.

Bishop deixou cair o corpo e enxugou esfregando seu braço através de sua cara. -Jesu Cristo.

Ele olhou para baixo encontrando seis homens o enfrentavam abaixo, rifle apontando a seu peito.

Bishop sorriu. - Não são dignos adversários para a *dhampyr*. Acreditam que serão dignos rivais para mim?

Seis dedos se dobraram sobre o gatilho. E dispararam.

Capítulo 6

Ivan estava morto. Sergei estava ferido, mas não fatalmente. Que ali tivesse havido só uma morte dado o alcance do ataque era algo bom, mas Marika não podia resignar-se a sentir-se mais contente por isso.

Esses homens tinham ido atrás dela. Ela nunca tinha sido caçada antes, e a experiência a deixou com um pequeno tremor em seus músculos que recusava ir – um calafrio que estava profundamente em seus ossos. Se não fosse pelo Bishop, esses homens a teriam capturado.

Tal como ela tinha capturado a Bishop. Ele não tinha motivo para defendê-la, mas o tinha feito.

Nenhum tinha sobrevivido a sua fúria. Cada homem que veio ao povoado tentando capturá-la tinha morrido. Ela tinha matado alguns por si mesma, os outros tinham sido jogados mortos por seus homens, mas ao menos sete deles tinham sido mortos pelo Bishop sozinho. Dispararam-lhe e ele ainda conseguiu derrotá-los.

Marika nunca tinha visto alguém como isso. Tinha sido ao mesmo tempo aterrador e belo observá-lo brigar. Havia sido só graça, com um só propósito. Tão rápido, tão mortal. Ele os havia salvo a todos. Tinha salva a ela.

E como lhe pagava? Retirando perdigotos de seu peito com um pequeno par de pinzas que usava especificamente para tais tarefas. Normalmente quando fazia isto, seu paciente estava inconsciente ou logo estaria em tal estado. Bishop estava muito acordado e isso a deixava ansiosa.

-Dói?- perguntou, enquanto pinçava em sua rasgada carne pela primeira bala. Era o trabalho difícil porque seu corpo estava já tratando de curar-se com velocidade antinatural e facilidade.

Estava em sua cama com vários abajures iluminando-o. Ferido, maltratado, ensangüentado e vencido, ele ainda se mostrava melhor que a maioria dos homens humanos em um bom dia. Não era correto.

Ele procuro seu olhar. Havia dor em seus olhos, misturado com o que ela tomava por mofa. -As balas que usaram são de prata, e você escava dentro de mim como se escavasse uma tumba com uma faca para manteiga. O que você acha?

A prata explicaria porque sua própria ferida lhe tinha causado tanto mal porque ainda queimava, ainda quando sentia que começava lentamente a sarar. Bishop se curava mais rápido que ela. Se não atuava rapidamente, ele teria que sarar-se com a prata queimando-o de dentro, até que finalmente o matasse.

Deixou cair seu olhar de volta a sua tarefa. - Não te agradei por salvar minha vida.

-Não havia notado.

Estava sendo sarcástico de novo-não teve que olhá-lo para saber isso.

-Suponho que mereço isso.- Ela encontrou a bola dentada de prata dentro dele e a agarrou firmemente com as pinzas. -Mas quero que saiba que aprecio a ajuda para combater a esses homens.

-Não foi nada.

Nenhuma brincadeira essa vez. Tirou o tiro de seu peito. Ele grunhiu e seu corpo ficou tenso, mas além disso ele não deu nenhuma indicação do quão mal devia haver-se sentido.

O sangue saiu da ferida, quente e rico. Viu-o unir-se em sua carne, cor vermelha e incitante. Ela queria... saboreá-lo.

Suas gengivas picaram, doíam como se tivesse um dente brotando. Eram suas presas, estendendo-se pelo sabor.

Tragando duro, apertou um pano sobre a ferida e deixou cair a bola de prata em um tigela pequeno na mesinha de cabeceira.

-Está pálida, - aludiu. - a vista do sangue te incomoda?

Se viesse de alguém mais ela responderia como uma humana e pretenderia que não era a não ser uma fêmea débil, mas não com ele. Sabia exatamente o que estava perguntando.

- Sim, -admitiu.

-Provaste-o alguma vez?

O pensamento aumentou sua câibra de estômago. - Não. E eu nunca poderia.

Ele não fez mais tentativas de conversação enquanto trabalhava eliminando a prata restante de seu corpo, e Marika estava contente por isso. Ela trabalhou tão rapidamente como pôde, mas ainda tomou um tempo batalhar com a última ferida quando havia já começado a cicatrizar.

Ela enxugou esfregando sua mão com uma toalha e finalmente levanto seu olhar para ele. - nunca tinha visto um vampiro sarar tão rapidamente.

Ele parecia cansado e deixou entrever o que pensava. -Isto não é normal, nem mesmo para mim.

Havia algo que ele não estava lhe dizendo, algo que ele esperava para compreender ele mesmo... Sua garganta se apertou. -Meu sangue.

Bishop assentiu. -Acredito que sim.

Se seu sangue era tão potente para ele, como seria o seu para ela? Aumentaria somente sua natureza de vampiro durante um tempo, ou isso a converteria completamente?

-Se tomar mais de meu sangue, curaria-se mais rapidamente?

Ele franziu o sobrecenho. - imagino que assim, sim.

Podia lhe dar seu sangue, deixá-lo mordê-la de novo-ela virtualmente se estremeceu de prazer ao pensá-lo, condenando seu proprio segredo. Então poderia estar forte o suficiente para sair daqui. Podia dizer a seus homens que escapou-dizer a Armitage que tinha conseguido afastar-se durante o ataque.

Ela poderia não ter nunca que vê-lo de novo-poderia esquecer todas as coisas que ele a fazia perguntar-se e sentir. Podia voltar para modo que tinha sido antes de capturá-lo.

Voltar a caçar procurando ao que tinha matado a sua mãe e perguntar-se se Bishop lhe falaria sobre ela. Voltar a pensar que todos os vampiros eram desalmados e maus e esquecer que alguém tinha em realidade salvo sua vida.

-Que está pensando?- havia cautela em seu tom. - cheguei a odiar essa expressão. Normalmente significa vai tratar de me matar.

-Não pode ficar aqui, - respondeu. - tem que ir.

Ele se sentou. -mudou de opinião sobre me entregar a seus amigos?

- Não são meus amigos, e sim.

Ele a olhou por um momento, seus olhos esquadrinhando-a enquanto apertava os lábios juntos de uma maneira extranhamente cativante.- Porque a mudança de intenções?

-Salvou minha vida.- estendeu suas mãos amplamente como se isso explicasse tudo. - o mínimo que posso fazer é preservar a tua.

Os olhos de falcão se estreitaram.- Vai me deixar ir?

- Sim, se promete deixar a área esta noite.

Sacudiu sua cabeça só uma vez. -Não posso fazer isso.

-O que quer dizer? Não podia ser a sério? Depois de tudo o que tinha feito e se negava a ir-se? Ele tinha sido baleado!

-Prometi descobrir a verdade sobre o desaparecimento de meu amigo e o farei.

-Acredito que disse que esses homens estavam por trás disso.- Havia dito sua teoria quando ela estava preparando-se para tirar as balas de seu peito. Ela estremeceu, pensando uma vez mais em como poderia converter-se em parte de alguma coleção monstruosa de seres antinaturais.

Todos seriam tão leais a ela que a buscariam como Bishop fazia por seu amigo?

-Eu disse.

Ela tratou de ignorar como os músculos de seu estômago se agrupavam quando se sentou dessa maneira. Tratou de ignorar a lisa, perfeição dourada de sua pele. Por que não era pálido e com aparência sombria como um não-morto devia ser? -Estão todos mortos.

-Alí poderia haver mais.

Mais que podiam ainda vir para ela. Se eles a raptavam e a punham em uma habitação com outras criaturas que tivessem seqüestrado, ela poderia estar morta assim que compreendessem o que era e a quantos de seu tipo tinha destruído.

Estranho, mas nunca lhe tinha importado como o ódio podia ser, até agora. E ainda agora se preocupava só porque lhe podia custar a vida. Não, não é que não fosse bastante justo. Se era honrada consigo mesma, e estava forçada a sê-lo, teria que admitir alguma quantidade de culpa por suas ações passadas.

A ela não gostava de sentir-se culpada. Isso a fazia inventar justificativas, e disso gostava ainda menos

- Tenho a culpa de que Ivan esteja morto. Por meu engano meus homens estão feridos.

-Eles lhe seguiram voluntariamente.

- Diga isso à viúva de Ivan.

- Não tenho que fazê-lo. Ela sabe. Seus homens lhe seguem porque o desejam. Depois de todo este tempo, cada um deles conhece os riscos implicados.

Ela o olhou, procurando algum indício de brincadeira em sua expressão, mas não encontrou nenhum. -E agora sabem o que eu sei, que nem todos os vampiros são maus. Pergunto-me se eles se perguntarão a quantos matamos equivocadamente.

Ele a olhou também, um pouco mais perto. - O passado está feito. Melhor pensar no que virá.

Ele tinha razão. Poderia ter tempo para lamentar-se depois, se vivesse muito tempo.

-Está seguro de que há mais humano envolvivos?, Deus, ela desejava ter uma camisa para fazê-lo que a pusesse. A visão de sua carne nua a distraía. Todo pensamento de pesar, todo pensamento de algo, evaporava-se quando o via.

-Um deles me disse que havia um propósito "mais elevado" por trás destes seqüestros.- deteve-se um pouco cerimoniosamente, mas com ainda muita mais graça do que lhe correspondia - Isso me faz acreditar não é um assunto pequeno.

Só Deus sabia quantos mais podiam estar ali fora. Quando os homens que a tinham atacado não retornassem podiam enviar mais.

-Não pode ficar aqui.- Ainda como disse as palavras soube que eram tolas e inúteis. Sabia já que não era seguro para ele. Não era seguro para nenhum deles. Seus homens nos que confiava podiam dispersar-se e ir-se. Podia cuidar de suas costas ela mesma, encontrar um lugar pequeno onde não pudessem encontrá-la rápido enquanto que ela buscaria a eles.

- Tenho uma casa, - disse-lhe ele. - No Fagaras...

- Vai para lá. Irei logo que possa.

Ele pareceu surpreso. -Para que?

-Quero encontrar a seu amigo.- Ela foi ao armário para procurar roupas limpas para si mesma. - Quero saber porque estes homens querem atribuir suas ações a meu nome. Quanto antes isso aconteça, mais cedo poderá deixar a Rumania.

Olhou-a com fixidez; ela pôde sentir o calor de seu olhar queimando em suas costas. Ela fez uma pausa, olhando profundamente na escuridão do armário perfumado de cravo. - Queria te ajudar a encontrar a seu amigo, e a estes homens.

Não respondeu imediatamente, e quando o fez, não foi como se esperava. - Serei o primeiro que tenha deixado escapar, não é assim?

Ela assentiu, olhando-o sobre seu ombro. -Eu não gosto, mas parece que você e eu temos um inimigo comum, e estou pronta para tratar de pôr meu prejuízo de lado e confiar em você se estiver preparado para fazer o mesmo.

Bishop realmente sorriu então, uma curva suave de seus lábios que fez ao coração de Marika dobrar seu passo. -Isso é terrivelmente tolerante a você, pequena *halfling*.

- A tolerância não tem nada que ver com isso.- Ela tentou soar cortante e descuidada. -Tenho uma dívida com você e não quero viver minha vida me perguntando se estes homens tentaram me pegar de novo. Melhor morrer que ser parte de alguma coleção de espetáculo secundário.

- Isso é o que acha que é?

Encolheu-se e segurou uma camisa de um cabide.

-Quem sabe? Esse é meu medo. Pode haver muitas coisas desagradáveis dentro e me nego a ser parte disso.

Ele apoiou suas mãos na magra curva de seus quadris, onde o cinturão de suas calças parecia inclinado a assentar-se. -O que sabe de seus amigos? Não podem ter vindo te buscar quando não me entregou a eles?

-Não são meus amigos, e o que falei com eles não é nenhum assunto seu."Ela tirou de um puxão o que restava de sua camisa que ele tinha rasgado para chegar a sua ferida. -pensarei algo.

Não disse nada. Era totalmente silencioso quando ele evidente a olhou trocar-se. Não era como se estivesse nua ante ele. Tinha posto seu pequeno semi-espartilho

que o mantinha olhando muito. Mas se sentia como se estivesse nua ante seu olhar, tão aguda era sua atenção. Seu corpo inteiro tremeu com isso. Vestiu a nova camisa tão rapidamente quanto seu desajeitado e palpitante ombro o permitiu.

-Por que?- perguntou finalmente, depois de que o silêncio muito tenso tinha passado. Se um dos dois não falava, temia que algo muito mais íntimo pudesse acontecer.

Seu olhar se levantou ao seu. Ela não queria saber o que ele tinha estado contemplando. -Por que?

-Por que me salvou?- Apertou a camisa em suas calças.

-Deveria ter deixado que a levassem?

-Teria preferido me salvar eu mesma.

- Ah.- seus lábios se dobraram ligeiramente. -Me perdoe por danificar seu orgulho.

- Esta... situação era muito fácil para mim quando te podia considerar como meu inimigo.

-Do mesmo modo.

Eles se contemplaram mutuamente por um comprido momento, cada um medindo ao outro, pesando o que estas admissões lhes custariam.

Dobrou seus braços através de seu peito, abraçando-se. - Poderia ter escapado.

-Não sou um monstro, Marika, -ele disse como se tivesse devido representar esse exterior em si mesma. -eu não poderia deixar ninguém ser seqüestrado dessa forma.

Deveria ter estado contente com isso, mas isso estava alterando a opinião tão má que ela tinha sobre ele, e a incomodou que pudesse haver feito o mesmo para algum outro.

E se por acaso ela tivesse morrido, desejaria ele retornar e lhe fazer um pequeno monumento para ela? Ele cuidaria de sua tumba trezentos anos desde agora ?

Ela devia ter prejudicado seu cérebro quando golpeou a cabeça mais cedo. Certamente essa podia ser a única razão que ela quisesse que um vampiro pensasse que era especial.

Ela apareceu no degrau da porta pouco depois da meia-noite. Sua governanta, Floarea, estava alarmada por encontrar uma moça na porta -especialmente quando compreendeu que Marika era a neta de Irina Comenescu.

Irina vivia não muito longe, aparentemente. Era ali onde Marika tinha ido depois que terminou de dirigir a seus homens, depois de dispor dos corpos de seus atacantes? A Bishop não tinha sido permitido ajudá-la com nada disso. Ainda se o sol saindo não o tivesse detido, Marika o faria.

Tinha sido idéia dela que ele se fosse. Ele não tinha querido deixá-la desprotegida -não é que ele fosse de muita ajuda para ela durante o dia. Tinha que ver-se como se ele tivesse escapado, disse. Havia uma possibilidade muito grande de ser descoberta se ele ficasse ali, ainda oculto no porão. Ela não queria dar a oportunidade de que seus homens o descobrissem e o culpassem pelo ataque.

E desde que Bishop não tinha querido arriscá-los nem a ela tampouco, fazia o que ela quis e escapou de volta a sua própria casa como a criatura inútil que era.

Ele poderia ter perguntado a Floarea sobre a avó da Marika e família depois. Não só para mitigar sua própria curiosidade, mas sim ele não estava tão afetado que estivesse por cima de reunir informação que pudesse demonstrar ser útil depois

Havia só uma peça de informação que ele queria quando Marika entrou em seu estudio algum momento depois, e que era a resposta a isto: -Por que tem uma mala com você?

Marika acomodou o estropeado estojo no tapete e lhe dirigiu um olhar surpreso quando ele se levantou a seus pés. -Quer-me desfilando ao redor de sua casa nua?

Floarea pareceu pasma pela sugestão e voltou sua excessivamente enrugada cara para ele. Baixando o olhar para o olhar das duas. Bishop soube que daria uma melhor resposta a esta pergunta se fosse menos honesto do que seu primeiro instinto exigia.

- Não posso te ter desfilando ao redor de minha casa em modo algum.

Agora ela franziu o sobrecenho. A pobre Floarea não parecia terrivelmente agradada por esta resposta tampouco. Era um pouquinho rude, certamente, mas sua governanta não sabia o que esta mulher verdadeiramente era. Que verdadeiramente era. O patrão de Floarea não estava agradado em ter a presença da caçadora debaixo deste teto.

Bishop não estava feliz pela perspectiva tampouco. Em todos seus anos de existência, as únicas mulheres que teve compartilhando sua casa tinham sido mulheres que estavam envolvidas romanticamente com ele, e essas tinham sido muito estranhas. Ele preferia ter seu próprio alojamento, seu próprio domicílio.

Poderia dormir sem medo de que alguém o tratasse de matar enquanto que estava inconsciente.

Quando ela não deu nenhuma resposta, ele provou uma tática diferente. -Não te propõe ficar aqui?

A postura da Marika se voltou defensiva. - Disse que podia.

- Disse que precisava encontrar um lugar seguro para ficar.- Marika era absolutamente a última pessoa que ele desejava como hóspede. Seu sangue o chamava. Ele não desejava a preocupação de que alguém pudesse, acidentalmente, encontrar seu caminho ao dormitório do outro. Ela o poderia matar por isso mais tarde, mas se ele fosse a ela e a saboreasse de novo, ela o permitiria.

Prová-la de novo podia ser um equívoco, mesmo que não tivesse sabor de nada que ele alguma vez tivesse experimentado antes.

-Sim mas, - insistiu, -Antes que deixasse a aldeia, disse-te que viria aqui, esteve de acordo.

Esta conversa estava ficando forte, podia senti-lo. E Floarea estava olhando com muito interesse. Bishop sorriu à baixa mulher. -Pode ir agora. Tocarei o timbre se a necessitarmos.

Assinalou à bagagem da Marika. -Quer que o leve ao piso de acima?

O inteligente seria não dizer nada, mas Marika parecia tão perdida que não o pôde fazer. - Sim suba-o ao piso de cima.

Marika realmente sorriu ante sua capitulação. Eu rosto se iluminou de tal maneira que literalmente lhe tirou o fôlego só por seu aspecto.

Em que inferno estava conseguindo meter-se?

- Não lamentará isto, - disse-lhe quando a governanta saiu com sua mala.

-Já me arrependo.- Afundou-se súbitamente na cadeira mais próxima. -Isto é só temporário, você sabe, até que nós risquemos nosso curso de ação.

Seu rosto decaiu um pouco, e ele lamentou a perda de seu sorriso. -Não confia em mim.

Fê-lo soar tal como uma traição. Olhou-a fixamente. -Não, não o faço. Mantive-me em um porão e me torturou; terá que me perdoar por duvidar de sua mudança de coração.

-Achei que era meu inimigo.

Ela realmente estava adorável com seu rosto suja. Nada ameaçador nela em modo algum. -Não estou convencido que você não seja minha inimiga.

-O que aconteceu sobre pôr nosso conflito de lado para combater a um inimigo comum?

- Eu não disse que não possa confiar em você para lutar ao meu lado. Só não confiou em você para estar em minha casa quando estou dormindo.

Um sorriso malicioso curvou seus lábios. O grande, poderoso vampiro tem medo de uma mulher?

Medo, não. Precavido, sim. Teria que ser idiota para não sê-lo.

Ela esfregou uma mão sobre que seu rosto, e deixou uma mancha. Ele tinha uma banheira subindo as escadas. Ela podia fazer uso dela. Deus sabia que necessitava um banho. A imundície da noite anterior estava nela.

Podia se oferecer para esfregar suas costas.

-Não pense que eu repousarei acordada me perguntando se planeja se vingar contra mim por tudo o que te fiz?

Bishop foi afastado de pensamentos dela molhada e nua pela vulnerabilidade em seu tom. -Suponho que teria que ser uma idiota para não considerar isso também.

-E entretanto estou aqui.

-Obviamente é uma idiota.

Para sua surpresa ela riu disso. -Suponho que o sou. Estou pronta para confiar em você, entretanto. Se estiver preparado para confiar em mim.- Ela se deixou cair no sofá do outro lado dele. Seus ombros se afundaram e ele pôde ver a fadiga em seus olhos.

-Por que?

Ela encontrou seu olhar com uma sinceridade igual a dele mesmo. -Porque nunca me retratei do meu dever.

-Como é viver comigo um dever?- Certamente, não era nenhum homem fácil para viver com ele, mas ela o fez soar como se estivesse se sacrificando em um altar.

Ela suspirou. - Estes homens estão se escondendo por trás de meu nome. -Você disse que sua amiga me crê responsável pelo desaparecimento de seu irmão.

Notou que não tinha respondido sua pergunta. - Sim, toda a evidência, o que pouco ali estava, apontava para você.

-Disse que este amigo era gentil, amante da paz.

-É uma fada, - Bishop respondeu secamente. -Ouviu alguma vez de um fae perigoso?- Bem, estavam as banshees, mas ele não era sobre o que ela estava interessada.

Ela tragou. Seu olhar foi a seu pescoço. Ele recordou quão sedoso e docemente salgada era a pele ali. -Não quero a morte de inocentes em minha conta.

Era tudo o que ele podia fazer para não mofar-se abertamente. -Assim agora te interessa pelos inocentes?

-Sim, - foi sua resposta simples.

Ele não soube como responder.

- Não o compreendo,- ela disse, -mas me aliar com você parece correto. Parece mais correto para mim do que algo pareceu em muito tempo. Podia ter ido para junto de minha avó mas não a quero expor. Podia ter ido com qualquer de meus homens e pedir por refúgio.

-Mas não quero fazer com que saibam que estou ainda nos arredores.

Ela o segurou com esse negro olhar fixo dela, tão intenso e insondável. - Sinto-me a salvo com você.

O fazia? Para falar a verdade, ela estava, ao menos perto dos homens caçando-a.

-Embora tenha tomado seu sangue?- Ele não o deveria ter mencionado. Era um aviso de como ela se havia sentido embaixo dele, em sua língua.

Ela tragou, chamando sua atenção outra vez a sua garganta. Lhe fez água na boca. -podia ter me matado, mas não o fez.

-Seus homens me detiveram.

- Ambos sabemos que se tivesse querido me matar poderia estar morta.

Inclinou sua cabeça, recostando-se de novo em sua cadeira. - Suponho que sim.

-Não há nada que supor. Capturei-te, e podia ter me matado por isso. Poderia ter estado certo de fazê-lo assim, mas não o fez. Isso me diz que pode gozar de confiança.

Arqueou uma sobrancelha, a pergunta silenciosa persistindo entre eles; ele poderia confiar nela?

- Tenho uma dívida com você, - ela continuou, seu rosto tenso, como se dizer as palavras lhe causasse dor. -Não deixarei que vá sem que eu pague.

Bishop sacudiu sua cabeça. Isso era indubitavelmente o mais perto de uma desculpa ele ia receber dela. Por estranho que parecesse, isso apaziguou essa parte dele que necessitava semelhante gesto dela. Lhe estava oferecendo sua confiança e lhe pedindo a sua em troca.

E condenação, queria dar-lhe por estranho que parecesse, acreditou nela.

Como tinha acontecido isto? Tudo o que ele tinha querido fazer era encontrar Nycen. Esta mulher o tinha seqüestrado, torturado e ameaçado. Infernos, ela o havia quase entregue às pessoas que o queriam matar. E agora estava falando como se tivesse algum código de honra.

Por estranho que parecesse, acreditou nela.

Ela tinha razão quando disse que tinham um inimigo comum, e sabia que eles estariam a salvo e mais fortes se eles combatessem juntos em lugar de mutuamente em contra. Mas confiaria ele em que ela não o trairia ao final? Uma vez que esse inimigo comum tivesse sido derrotado, trataria de matá-lo? Se confiava nela, poderia ser mais suscetível a ela.

E era já bastante vulnerável no que lhe interessada. Seu sangue estava em suas veias e o chamava, atraindo-o a ela. Sua força o atraía, sua determinação e o modo desafiante em que enfrentou seu medo o intrigavam. Ele estava sendo cada vez mais afetado por ela, ao ponto que a queria como um homem quer a uma mulher, e não estritamente de uma maneira sexual.

Dado o fato de que só a alguns dias atrás o havia querido matar, esta consciência estava perturbando-o pelo menos.

Ainda se ela não o quisesse matar agora, existia esse assunto de que odiava sua natureza de vampiro, odiava que ele fosse um vampiro. Se entregassem a esta atração entre eles, levaria a problemas.

Estava parecendo pouco ansiosa. –Vai me deixar esperando muito mais tempo? Diga algo.

Ele disse a primeira coisa que lhe veio à mente. –É a mais estranha mulher a que alguma vez me aproximei.

Ela realmente sorriu um pouco ante isso. O esforço fez seu olhar mais jovem, suavizando-a ao ponto que quase rompe seu coração, era tão formosa. –Isso significa que vai deixar que fique?

Ele assentiu. Ele ia viver para lamentar isso, disso não havia dúvida.

- Pode ficar.

Capítulo 7

-Me conte sobre o Saint.

Bishop suspirou e pôs a um lado o livro que justamente havia começado a ler. Ele tinha lido o livro da Mary Shelley sobre o Victor Frankenstein e sua criação várias vezes desde sua publicação em 1819, e cada vez ele encontrava algo novo nele. Esta vez ele estava apanhado sobre o tema da arrogância descarada do homem, e a perseguição do que é aterrador e mau compreendido.

- Quantas vezes devo te assegurar que não sei onde está ele?

- Acredito em você.- O olhar da Marika o atraiu a ela. -Quero saber sobre o que ele gosta?

Se esta era alguma nova manobra de sua parte, ela o ocultou bem. A expressão de Marika era uma de curiosidade inocente quando eles se sentaram juntos na pequena sala à frente de sua casa, esperando que a escuridão completa caísse sobre o povoado.

Uma vez que estivesse escuro, seria capaz de sair e começar a procurar as respostas para todas as perguntas que o ataque na casa da Marika havia forjado; até então se esforçava por encontrar alguma forma de facilitar mutuamente sua presença.

-Quer saber como era antes de que nos convertêssemos em vampiros ou depois?

Pensou por um momento. -Ambos

Bishop sorriu ante sua vacilação. Sabia o que sentia. Seu pai tinha morrido quando não era mais que um menino. Embora sua mãe tenha voltado a casar-se e ele tenha estado muito perto do homem que o criou, costumava dirigir a sua mãe pergunta sobre seu pai. Tinha significado muito para ele saber os pequenos detalhes que lhe disse. Pequenas coisas que o faziam sentir mais próximo ao homem que influenciou tanto em sua vida como na morte.

A maior parte do tempo as coisas que sua mãe lhe disse eram boas, mas às vezes, quando Bishop era muito obstinado ou desejoso de brigar, sua mãe lhe dizia, com um rubor em suas bochechas que traía sua própria têmpera, exatamente quanto ele era como seu pai.

Marika merecia essa mesma franqueza, se isso a ia induzir a ver Saint como um homem e não como algum demônio de seus pesadelos. Se sua mãe era a mulher que Bishop acreditava que tinha sido, Marika não merecia nada menos.

-Quando conheci Saint ambos eramos muito jovens. Eramos da mesma aldeia, e nossos pais caçavam juntos. Fomos moços típicos. eu não era tão bom sendo peralta como ele era, ele podia falar com quem fosse de quase qualquer coisa, e convencer aos outros que seguissem suas ordens com comodidade aterradora.

Apertava-se em sua cadeira, como uma menina retorcendo-se por uma história. -No que foi bom você?

Estava surpreso de que perguntasse. -Luta. Era bom brigando.

-Obviamente não foi o suficiente. Capturei-te.

Semelhante jactância. E era um pouco de calor isso que ele detectava? Ela não estava gracejando, não é assim? - com a ajuda de quatro homens e veneno. E não devemos esquecer o que me fez com a água benta.

- Sinto-o por isso.

-Sente?- surpreendeu-o. Ele não tinha esperado que ela alguma vez se desculpasse. Talvez ele devesse desculpar-se por golpeá-la, ou mordê-la. Algum dia. - dado que não tenho cicatriz disso, perdoarei-te.

Algo passou entre eles nesse momento. Bishop não soube o que era, mas o desequilibrou. Isso desequilibrou obviamente a Marika além disso, dado a palidez de suas bochechas. -Assim conheceu Saint da infância?

- Sim, mas seu nome era Adrián du Lac.

-E se tornaram amigos de infância?-amigos? Talvez nós fôssemos somente isso, uma vez.- Bishop sorriu, recordando alguns momentos que ele e Saint compartilharam quando moços. Isso tinha sido há tanto tempo, entretanto sua mente os reteve. - estávamos tão próximos, fomos mais que família. Nós nem sempre íamos juntos. Brigamos, e nos amedrontamos mutuamente, mas no total, nós sempre sabemos que podemos depender mutuamente. confiar um do outro.

-E vocês se converteram em vampiros juntos.

Fomos soldados primeiro.

Um pequeno cenho apertou a pele de sua sobrancelha. -Foi soldado?

-Não sabia?-como as tinha se arranjado ela para permanecer viva tanto? -Não nos investigou muito bem, verdade?

Seu pequeno queixo subiu em desafio. -Soube tudo o que precisava saber para caçar a sua espécie.

Deixando descansar seu cotovelo no braço de sua cadeira, ele apoiou seu polegar e índice A um lado de sua cara. - Sim, a ignorância faz de modo surpreendentemente fácil justificar tomar uma vida.

-Fala a voz da experiência?

-É obvio, tal qual você. -sua voz era ainda baixa e calma, apesar de suas tentativas de zangá-lo.

- Os vampiros são desalmados, coisas mortas.

Doce Jesus !, ela honestamente não acreditava nisso, ou sim? Todos esses contos de velhas sobre vampiros levantando-se da sepultura, de ser os não-morto?

-Meu coração palpita.

- Só devido ao sangue - a vida.- que rouba de outros.

- Meu Deus, não posso acreditar que tenha sobrevivido tanto tempo. Não estou morto !- Ele se esticou através da escassa distância entre eles e segurou sua mão, forçando sua palma contra seu peito de modo que ela pudesse sentir o palpitar ali - a ascensão e queda de sua respiração.

- Não precisa bater tão freqüentemente como o teu, nem meus pulmões precisam respirar tão freqüentemente, mas estou vivo, Marika. Só não sou humano.

Ela o olhou com fixidez, sua longa, fria mão apertada contra sua carne pelo linho finode sua camisa. Seus batimentos de coração se elevaram.

-Ainda sei a diferença entre o bem e o mal, -disse a ela, seu polegar acariciando o osso delicado de seu pulso. - acredito em Deus, e acredito que minha alma está onde sempre esteve.

-A proxima coisa que me dirá é que quando morrer vai para o Céu. - Ridicularizou-o, mas não tentou tirar sua mão.

Ele só sorriu. Nesse momento recordou um pouco a Elisabetta. Tinha tido algumas noções muito decididas sobre o céu e que pertencia ali ela mesma. - O que me acontecer quando esta vida terminar é um assunto entre Deus e eu.

Ela abriu a boca-pára debater, indubitavelmente, mas ele falou antes que ela.-
deseja ouvir falar do Saint ou debater religião comigo?

Sua mandíbula ficou rebelde. -Saint.

Bishop ocultou um sorriso. Ele desfrutava falando com ela, embora ele vacilava entre desejar beijá-la e querer sacudi-la. Ela era tão forte e tão capaz, entretanto era quase infantilizada em suas crenças. Era realmente assombroso que ninguém a tivesse matado. Ainda.

Com esse pensamento voltando a gelar seu sangue, ele a soltou e disse o que queria saber. Eramos bastante jovens quando decidimos cumprir nosso dever ao rei e ao país.”-Podia ouvir brincadeira em seu tom? -Pensamos que poderíamos ser heróis nobres. Que a nossa seria uma grande aventura. Não foi absolutamente romântico.-

-Mas foi hábil no que fazia?

Ele assentiu. -Fomos. Não nos levou muito tempo antes que introduzíssemos a outros. Cada um de nós tinha características que destinaram a um lugar especial nas forças do rei. Seus bonecos privados.

-Qual era seu papel neste grupo?

-Lutar, é obvio.

-E Saint?

-Era um ladrão. Dos mais finos, o mas astucioso ladrão que alguma vez tive o prazer de conhecer. Nenhuma fechadura havia que não pudesse abrir, nenhum tesouro que não pudesse procurar para si mesmo.

-Diz isso com um sorriso, como se admirasse essas características.

Bishop encolheu os ombros. Ela não compreendia, mas então era preconceituosa, como era ele. -Sim, eu o admirei por seus talentos. Nós tivemos muitas aventuras bem-sucedidas devido a isso.

-Matanças bem-sucedidas imagino também.- Ali havia um mínimo indício de mofa em seu tom.

- Estaria mentindo se negasse que as vezes acontecia isso também.

Ela não parecia tão contente pela informação como ele pudesse ter pensado.

-Nos converter em vampiros não nos fez assassinos, Marika. Ser soldados fez isso.

Ela assentiu, guardando-lhe e qualquer que seja seu pensamento sobre isso. - Sua relação amistosa com o Saint mudou quando se converteram em vampiros?

-Não. A mudança nos afetou a todos nós de forma diferente. Nós chegamos a estar embriagados de nossas novas habilidades, mas uma vez que a vergonha passou, nós percebemos que não eramos diferentes.

- Exceto que bebiam sangue.

-Sim.- Ele franziu o cenho um pouco, recordado que tão mal tinha parecido a ele desejar saboreá-lo tão imperfeitamente. -Esse foi talvez o ajuste maior que fizemos.

-Como aconteceu?

Ela realmente não sabia muito sobre eles. Ou possivelmente ela o fazia mas queria ouvir dele. Talvez esperava que mentisse sobre isso. - Durante uma incursão em um baluarte templário encontramos uma taça que nós pensamos que era o Santo Graal. Chapel, ele era Severian então, estava ferido, e bebeu da taça para ver se o curaria.

-Curou-se?

A cena se reproduziu em sua mente como se tivesse acontecido só no dia anterior. Ele recordou a Chapel sangrando e Dreux lhe dando a taça. Chapel bebeu e então caiu inconsciente.

-A ferida se fechou. Era milagrosa a forma em que sanou. Nós pensamos que certamente era o Santo Graal.

- Mas não o era.- Obviamente ela sabia qual era a resposta porque não a tinha formulado como uma pergunta.

- Não. Acredito que poderíamos ter bebido do Graal de sangue ainda se tivéssemos sabido o que o era de verdade. Poder e imortalidade são despreocupações muito tentadoras. Abusamos de nossos poderes e habilidades. Deleitávamo-nos na sensualidade de nossas novas naturezas confrontadas.

Ela o estava olhando, seu olhar curioso quando sua amargura cresceu. -Então o que aconteceu?

-Então Dreux, do que te falei sobre que tentou negar o que ele era, saiu uma manhã para ver o amanhecer.

Para seu crédito, o horror avivou seu olhar.- Viu-o?

Ele assentiu.-Sim.-não se explicou. Não importa quanto tempo vivesse, não poderia nunca esquecer a visão do Dreux destruído. -Fomos criados completamente católicos e também retornamos a igreja por guia. Por penitência.

-Foi quando pôs uma cruz marcada em suas costas?

Bishop sentiu uma sombra cair sobre seu rosto. -A igreja pensou que poderia ser um bom modo de que nós recordássemos nosso lugar assim que nos marcaram com cruzes de prata.

-E deixou uma marca?

-Queimamo-nos. Podemos sarar, mas fogo e prata bendita juntos. É a última pessoa a quem deveria dar esta informação.

Ele esperou que sorrisse ante sua admissão mas ela pareceu em seu lugar como um pouco triste, como um menino cujas mãos tinham recebido palmadas enquanto estendia o braço por um doce.

-Acha que vou usar cada informação que me da contra você.

-Não poderia ser uma caçadora se não explorasse a fraqueza de seu inimigo.

Marika agachou a cabeça. A trança que trazia caiu a um lado da cadeira com um ruído surdo. -Acha que vejo você como um inimigo?

-Apesar de nossa aliança presente, não tenho nenhuma razão para pensar que sua opinião sobre mim e os de minha espécie se alterou o suficiente para me fazer acreditar de outra maneira.

-Qual é sua opinião sobre mim?

Sorriu ligeiramente. -estou esperando para ver se me dá razões para mudá-la.

Ela assentiu, aceitando sua resposta admiravelmente. -O que aconteceu depois que foi à igreja? Mudou?

Ele deu de ombros. -Alguns de nós permitiram que nos marcassem, para nos mudar o nome. Servimos a eles por algum tempo. Saint foi o primeiro em sair. Ele disse que ele não ia passar a eternidade sendo castigado pelo que era. Ele acreditava que a igreja desfrutava nos degradando.

-Concordou com ele?

-Depois de um tempo, sim. Por então Reign a tinha deixado também. Para o tempo que decidi ir, Têmpera estava já preparada para tomar a taça para escondê-la para que assim ninguém mais a encontrasse.

-Por que não deram-na à igreja para escondê-la?

Ele dirigiu a ela um olhar que disse o que pensava dessa pergunta. -Ainda se confiássemos em que os fanáticos guardassem a taça, existia a possibilidade de que alguém a roubasse. Afinal de contas, foi como a conseguimos em primeiro lugar.

-Assim deixou a igreja, você e Saint deixaram de ser virtualmente irmãos para ser quase estranhos.

-Não. Nunca estranhos.- Não pôde explicar a natureza de sua conexão com Saint e os outros. Existia uma obrigação que nunca se quebraria, uma lealdade que nunca podia separar-se.

Ela o olhou fixamente por algum tempo, indubitavelmente processando tudo isso que lhe havia dito. Ele esperou, pacientemente, por sua seguinte pergunta. Foi uma que ele esperava.

- Você faz o que gosta?

Bishop franziu o sobrecenho. -Ser um vampiro?

-Beber sangue.

Não, não foi a primeira coisa que pensou que ela perguntaria.

-Faço.- Passou uma mão por seu cabelo. -Suponho que é parte de ser um vampiro.

-Acredito que é repugnante.

Foi muito rápida em lhe dar sua opinião. Retornaria-lhe o favor, e o descaramento. -É repugnante quando um homem se põe dentro de uma mulher?

-Como?- ruborizou-se, mas ele não sentiu alguma indignação virginal.

-É natural para um homem derramar sua semente dentro de uma mulher. É natural para os amantes saborear-se mutuamente de muitas formas. Acha essas coisas repugnantes?

-Não, mas não é o mesmo.

Ele deu de ombros. -Foi repugnante quando fiz isso com você? Te causei mal, algo nisso te fez sentir suja?- Precisava saber isto. Precisava saber que ele não a tinha prejudicado em algum sentido mais adiante do físico.

-Não, sua voz era débil. Era possível que ela na realidade o tenha desfrutado?

-É estranho para você assim que a aborrece e sente medo, provavelmente é mais humana do que acreditei antes.

Pela escuridão que sombreava suas feições, soube que não era um elogio. Me diga como não devo julgar baseada no fato de que é um vampiro, e entretanto me julga porque sou humana.

-Julgo baseado em suas ações, que, sim, as vezes são muito humanas.

-Disse porque odeio os vampiros. Por que odeia aos humanos?

-Não odeio aos humanos, só não confiou nesses que destroem o que não compreendem.

-Porque eles pegaram seu amigo?

-Porque eles queimaram minha casa, violaram e mataram a mulher que eu amava. Seu rosto não podia haver ficado mais branco se tivesse drenado todo seu sangue.

-Morreu em meus braços.- Por que lhe estava dizendo isto? Era doloroso, mas três séculos o fizeram mais como um conto trágico que sua própria vida. -Eu implorei para que me deixasse transformá-la, embora soubesse que não o queria. Poderia ter feito qualquer coisa para mantê-la viva. Fracassei.

-Elisabetta.

-Sabe seu nome.- Não sabia que foi um soldado, mas sabia de Betta. Devia ser por causa da lenda local afinal de contas.

-Vi sua sepultura.

Marika não era nenhuma ameaça a Elisabetta, mas o incomodou igualmente. - Por que estava lá?

-Perdi meu colar quando o capturamos.. Voltei para recuperá-lo e me perguntei porque esse lugar era tão especial que tinha estado ali essa noite. Olhei ao redor e eu encontrei essa sepultura.

-Enterrei-a ali depois de que os homens a tinham deixado, não quis deixá-la só na noite.

-Algumas histórias dizem que a sacrificou para se salvar.

Isso não o surpreendeu, mas o entristeceu da mesma forma. Nunca poderia fazer tal coisa covarde. Que Marika pensasse que poderia acrescentava ao insulto. -Ela não estava sentindo-se bem, assim saí nessa noite para comer.

-Normalmente comia dela?

-Sim.

-Permitia-o?

-Sim.

Inclinou-se para frente na cadeira, com respeito a ele com intenso interesse. - Gostava?

Deveriam ser desagradáveis para ele, estas perguntas, mas o não eram. Sua curiosidade o intrigou. Talvez ela tivesse desfrutado que ele a mordesse afinal de contas. -Normalmente diria que não é seu assunto, mas, o que o faz um assunto? Sim, era um momento de intimidade entre nós.

Marika assentiu. Bishop pôde cheirar que a temperatura de seu corpo se elevou. Obviamente ela não achava a idéia de ser mordida tão repulsiva quanto originalmente exclamou. O que não poderia dar para meter-se dentro de sua cabeça então e ver o que estava pensando. Ela estava refletindo a sobre noite em que a tinha atacado? Estava ela recordando o que lhe parecia ter suas presas enterradas em seu pescoço?

Sabe Deus se o esteve considerando. Suas presas desejavam alargar-se e afundar-se na doçura de sua carne. Seu pênis se endureceu, engrossando-se. Ele queria enchê-la com cada polegada dele mesmo, queria-a retorcendo-se e gemendo debaixo dele quando ele chupasse seu sangue de suas veias e esvaziar-se dentro dela.

Tinha ficado muito tempo sem uma mulher se ele desejava a uma que tinha tentado matá-lo.

-Deseja o sangue?- A pergunta escapou antes que pudesse pensar em ficar calado.

Seu corpo inteiro tremeu enquanto seus olhos se alargaram. Sua reação foi resposta suficiente.

Interessante. Ele poderia vangloriar-se, esfregar sua cara no fato de que não era mais humana do que ele era, mas não o fez. Na realidade, sentia pena por ela. -Por quanto tempo?

Marika voltado longe.

-Alguns anos agora. É por isso que quero encontrar Saint.

"Pensei queria encontrá-lo para matá-lo."

- Sim. Quero matá-lo para curar a mim mesma.

Bishop não disse uma palavra, mas o coração da Marika deu uma fispada de todo modo. Ele não a enganava – não havia forma de que ele pudesse obter à força uma aparência de semelhante piedade.

Matar Saint não a curaria.

- Todas as lendas... Estão erradas. Matar ao que te criou não te salva.

Ele assentiu. -Tenho tanto medo.

Ela jogou um olhar ao redor do quarto – ao pequeno fogo ardendo na chaminé,

Porque ela tinha querido acreditar nelas.

- Pensei que poderia vingar a minha mãe e me desfazer desta aflição horrível ao mesmo tempo. Agora devo me conformar vingando sua morte e aceitar meu destino.

- Marika, a respeito de sua mãe

Sua cabeça se sacudiu com força, seu olhar se travou com as palavras dele. - Que tem minha mãe ?

Bishop negou com a cabeça. Tem certeza que Saint a matou?"

- Isso é o que meu pai me disse. Ele atacou a minha mãe e provocou o trabalho de parto. A perda de sangue a debilitou, e ela morreu pouco depois de que nasci.- A cólera aliviou a dor dentro. -Saint se aproveitou de sua situação e a matou.

Seu companheiro não respondeu, mas algo em sua expressão a fez parar. - Pensa que meu pai mentiu.

Ele deu de ombros. - O que acredito não é importante.

- Ele não mentiria a respeito de algo semelhante.

O vampiro encontrou seu olhar com seu olhar frio. - Claro que não. Afinal ele a conservou de seu lado e te amou todos estes anos.

Foi uma fria bofetada. Como ele se inteirou de que não viveu com seu pai? A governanta. Ela conhecia a avó de Marika, e obviamente a Bishop tinha ocorrido fazer perguntas a respeito de sua família.

Sabia onde vivia sua avó? Causaria mal a ela? Seus dedos se crispavam, fechando-se ao redor da lâmina em sua coxa -Se você machucar a alguém de minha família...

-Você fará o que?- Seus olhos se estreitaram ameaçadoramente. -Você não é rival para mim sozinha, pequena *halfling*. Deveria lembrar disso.

O temor deprimente rodou em seu estômago. Ele estava certo.

- Você também deveria recordar que se quiser te machucar, então te machucarei. Não usarei seu pai ou sua avó para fazê-lo.

-Supõe-se que acha que um vampiro tem honra? -Ela já não tinha admitido muito?

-Está ainda viva, não é assim? Se te quisesse morta, então o estaria a estas horas.

-E por que não estou morta?

- Não tenho desejo de te matar, já que os homens que levaram a meu amigo são muito provavelmente os mesmos que estão atrás de você, satisfaz meu propósito te manter viva, não é assim?

- Suponho que assim é. Nós somos de utilidade um ao outro, então.

O modo em que ele a olhou enviou um calor afiado caindo em espiral a um ponto baixo dentro dela. O que ele estava pensando? Em mordê-la, ou fazer amor com ela?

Como podia até pensar em deitar-se com um vampiro e fazer amor? Independentemente disso, ela pensou. E o pensamento de suas mãos nela, de sentir a pesadez dura de seu corpo no dela uma vez mais, foi mais delicioso do que queria admitir, ainda que para si mesma.

-Por que meu pai mentiria a respeito de Saint ter atacando minha mãe?

- Porque possivelmente ele era ciumento.

-Ciumento? Do vampiro? Ela o quis dizer de brincadeira, mas quando ele não riu, a risada se obstruiu em sua garganta.

- Não. - Sua voz era rouca, estrangulada. - Minha mãe não faria isso nunca... - Ela não podia terminar. O pensamento disso fez sua cabeça nadar, fez seu estômago agitar-se. Não, não sua mãe. Não com um vampiro.

Ela se lançou sobre seus pés, escapando pela porta. Mais rápido que ela pôde pensar, Bishop estava ali, bloqueando seu caminho. Ela era mais rápida que um

humano mas ele era mais rápido ainda – um fato que deixou seu coração golpeando furiosamente contra suas costelas.

- Sua mãe não faria nunca o que?- A cólera pôs sua voz áspera. -Nunca se entregaria a um vampiro? Nunca amaria a um vampiro? Nunca tornaria a si mesma a puta de um monstro?

Ele era perigoso agora. Ela havia tocado algo pessoal. Ele tinha perdido a mulher – a mulher humana – que ele tinha amado. Seu horror foi um insulto para a memória dessa mulher – para o Bishop mesmo.

Até ela não estava tão segura de seus dotes de tal maneira ela desejava estar sozinha em um quarto com um vampiro muito velho, muito zangado.

- Sim, - ela admitiu. Isso não podia ser inteligente, mas era como ela realmente se sentia. Não que ela pensasse que era terrível amar um vampiro – a pessoa nem sempre pode escolher a quem entregar o coração, ela sabia isso – era que simplesmente ela não podia imaginar a sua mãe traindo seu pai desse modo. Ela não podia imaginar sua mãe amando um vampiro.

- Você pequena hipócrita. Seu rosto estava a polegadas do dela enquanto ele a fez ir para atrás o mais longe dentro do quarto. Seus olhos pareciam resplandecer com luz própria, e entre as linhas firmes de seus lábios, ela vislumbrou um brilho de incisivos brancos.

Suas presas cresciam. O conhecimento fez a suas próprias gengivas esticarem-se em resposta. Seus sentidos gritavam em sua cercania. Ele estava muito perto. Também quente. Muito tentador. Podia cheirá-lo – tão claramente, era um sabor doce, temperado com especiarias em sua língua.

-Você pensa que não posso cheirá-lo? Ele exigiu. -Acha que não posso sentir seu calor? Me diz como não gosta pensar no que os vampiros são e ainda assim me deseja.

Era inútil negar isso. Encontrou seu olhar. Eram seus olhos avermelhando de seu gosto? Pôde ver a luz tênue das presas em sua boca? Soube que lhe fez sentir que desumana e ao mesmo tempo mais mulher do que ela tenha se sentido antes?

- Sim. Ela admitiu, seus dedos se dobraram ao redor do respaldo de uma cadeira para sustentar-se. -Desejo você, e sim, parte de mim está desgostosa por isso.

Ele cravou os olhos nela, seus olhos estreitando-se. Ele tinha semelhantes pestanas longas, tão grossas e escuras. Seriam suaves, parecidas com o roço da asa de uma mariposa contra sua bochecha. Seu toque seria tenro, seu corpo duro e inquebrável. Ele tomaria tudo o que ela oferecia e mais, e daria de si mesmo até que ela não pudesse tomar mais, enchendo-a até a borda com seu poder.

Dedos longos, quentes tocaram sua garganta, onde seu pulso golpeava freneticamente. -E a outra parte de você?

Marika não podia ajudá-lo; Seu olhar caiu em seus lábios. A parte superior de seus lábios se curvava para cima nos cantos- uma inclinação sensual sobre um biquinho que ela desejava entre seus dentes .

Ela desejava morder.

De repente ela estava em seus braços e esses lábios belos estavam nos dela – firmes e exigentes, ainda assim doces. Ele tinha sabor de noite, A especiarias terrosas que faziam sua cabeça inundar-se. Como pôde ter alguma vez a crença de que os vampiros eram criaturas frias, mortas quando este era tão quente, tão vivo?

Ela o desejava, e o desprezava por isso. Seus dedos se enredaram em seu cabelo, puxando os fios sedosos o suficiente forte para machucar a um homem mortal. Ela queria machucá-lo. Como podia reagir ela assim por ele? Por um vampiro? Como podia lhe fazer sentir estas coisas? Ele era a mesma coisa que ela sempre tinha odiado. A coisa que ela tinha que caçar. A coisa em que ela morreria antes de converter-se.

Então por que se sentia invencível quando ele estava com ela? Por que a excitava o pensamento de afundar seus dentes em sua carne em vez de lhe causar repugnância?

E quando tinha decidido que ele era a mas formosa criatura que ela já viu em toda a vida?

Só inflamou a Bishop mais quando ela puxou seu cabelo. Ele pôs seus lábios contra os seus, seus dentes chocando-se juntos. Seus quadris pressionaram os suas, emparedando-a entre ele e a cadeira. Seu sexo estava cheio e duro, pressionando entre suas pernas através das camadas de roupa que os separava. Seu organismo respondeu com um batimento de coração pesado e um ataque de calor.

Seus lábios rasgaram libertando-se dos dela e levantou a cabeça apesar das mãos que agarravam os cabelos dele. –Desagrado você agora agora? -Ele perguntou, seu fôlego quente em seu rosto. -Ou me deseja?

Ela deveria lhe dizer que a deixasse ir, que lhe causava repugnância. Em lugar disso ela encontrou seu olhar com um sorriso sombrio. -O que você acha?

Ele não respondeu, mas seus olhos relampejaram brilhantes por um segundo antes que sua cabeça baixasse a dela outra vez. Esta vez quando ele a beijou não houve nenhuma restrição. Suas presas raspavam o interior de sua boca, tirando sangue. Seu próprio sabor em sua boca fez ao coração de Marika palpitar mais forte. Entre suas pernas Bishop se endureceu até mais. Sua língua varria contra a sua ela, degustando-a.

Ele deu um passo atrás, suas mãos deslizando-se para baixo em suas costas para segura suas nádegas. Quando ele a levantou, Marika envolveu suas pernas ao redor de sua cintura em de forma preemente.

Ela não lembrava de ter soltado seu cabelo. A seguinte coisa de que ela soube foi um som forte e rasgão e ela tinha a camisa rasgada abaixo das costas. Ele a colocou sobre o chão e lhe tirou o linho arruinado.

Marika o observava como um falcão observando a um camundongo. Ele estava tão dourado e suave à luz de abajur. Seu peito musculoso era largo, suas clavículas afiadas. Uma luz polvilhava o pêlo que começava em seu umbigo e derivava para baixo, sob as calças que descansavam baixo em seus quadris magros.

Seu cabelo escuro estava desordenado – com um toque de cobre na luz tênue. Seus lábios estavam úmidos e avermelhados pelos dela. Quando ele tentou alcançá-

la, Marika manteve sua posição. Ele segurou a gola de sua camisa com ambas as mãos e a rasgou como se não fora mais substancial do que tecido lamê. Puxando-o bruscamente abaixo sobre seus ombros, segurou-o ali por um momento, imobilizando eficazmente seus braços de seus lados enquanto enterrava seu rosto em sua garganta.

Suas presas raspavam sua carne, e Marika tremeu. O calor ondeante entre suas coxas se intensificou enquanto ela esperou a espetada de sua dentada. Nunca veio. Ele tirou sua camisa e levantou suas mãos para seus seios, alcançando dentro de seu semi-corset para importunar seus mamilos doloridos em bicos apertados. Ficando sem fôlego, Marika observou como ele levou um de seus mamilos à boca e o chupou – mordendo-o gentilmente.

Suas calças seguiram, seguidos pelo seus. Seu sexo se endireitou grosso e ereto em um ninho de cabelo grosso, escuro. Ela mal teve tempo de admirá-lo antes de que ele a levantasse outra vez. Ele se deslizou nela enquanto suas pernas rodearam sua cintura, e Marika gemeu ante a hábil intrusão. Seu corpo estava preparado para ele, desejoso e molhado. O ataque dele entretanto era como se feito para estar dentro dela, e quando ele empurrou, ela sentiu seu corpo agarrando forte ao redor dele.

Bishop se moveu, cada grau enviando-o mais profundo dentro dela até que Marika pensou que possivelmente não haveria mais dele que tomar. Suas costas se juntaram à parede; O papel de parede estava fresco e suave contra sua carne, um contraste surpreendente para o calor abrasador do corpo anexado ao dela.

Fechando suas pernas ao redor de seu corpo, ela se moveu com ele, elevando seus quadris, movendo sua pélvis contra a dele até que pequenas faíscas de deleite tremeram através de sua virilha.

As palmas do Bishop se espalmaram na parede em cada lado dele. Os músculos de seus antebraços se sobressaíram sob sua carne enquanto ele empurrava nela. Seus lábios reclamaram o seu em um beijo exigente, ávido que a privou de fôlego assim como também da razão.

Não havia palavras para descrever como se sentia ele dentro dela exceto ela pensou que poderia morrer se ele parasse. A necessidade a conduziu adiante, moveu-a contra ele como se sua vida dependesse da libertação que seu corpo prometia.

Ela não o queria exatamente. Ela tinha que o ter. Ela o necessitava mais do que necessitava ar ou comida.

A necessidade a conduziu mais que qualquer ambição, mais que seu desejo de vingança, mais que seu ódio. Bishop podia dar a ela algo que ninguém mais poderia. Seu corpo o reconhecia, até se ela não tivesse idéia do que era.

- Por favor. O áspero de sua voz contra sua boca foi quase inaudível, mas ecoou em sua cabeça.

Bishop sabia o que ela queria – ela viu o conhecimento no brilho de seu olhar. Ele cravou o olhar em seus olhos enquanto ele empurrou a si mesmo nela. Ele se retirou quase toda a passagem e logo empurrou outra vez, trazendo um grito de rendição a seus lábios. Ela não queria opor-se a ele, não queria detê-lo de fazer o que fora que ele faria com ela.

Quieta sustentando seu olhar, ela recostou sua cabeça para trás contra a parede, inclinando-a a fim de que sua trança escorregasse sobre seu ombro, deixando ao descoberto seu pescoço. Ofereceu sua garganta, e com ela, confiança.

Ele se acalmou só por um segundo, mas ela sentiu sua vacilação. Um débil cenho franzido se deslizou entre suas sobrancelhas e se foi tal qual rapidamente. Logo sua boca estava em seu pescoço, seu cabelo fazendo cócegas em sua mandíbula.

Marika fechou seus olhos. Um beliscão agudo enquanto suas presas perfuravam sua carne e ela ficou sem fôlego, arqueando-se em seu abraço. A dor rapidamente deu lugar a um prazer tão intenso, que alagou seu corpo com sensações, enviando-a sobre o bordo enquanto o orgasmo se rasgou através dela. Seus gritos encheram o quarto enquanto Bishop a açoitou contra a parede, seu corpo endurecendo-se com a libertação. O calor a encheu enquanto ele gemia contra seu pescoço.

Marika foi só vagamente consciente enquanto ele chupava seu pescoço, fechando a ferida. Ele a levou para o sofá e amavelmente a colocou nas suaves almofadas.

Amavelmente. Depois de tudo o que que tinha acontecido, por que essa gentileza que trazia formigamento quente para detrás de seus olhos? Havia dito que ela estava desgostosa pelo que sentia por ele. Sua intimidade era nascida da desconfiança e a violência e mesmo assim ele a tratou como se ela fosse frágil e delicada, não completamente sua inimizada.

Como a uma mulher.

Apartando-o à força, ela ficou rapidamente em pé. Entre suas pernas estava fresco, úmido e vazio – tão vazio.

- Marika? Ele não se moveu do sofá, mas ela sentiu a preocupação em sua voz tão pesadamente como uma mão em seu ombro. –Machuquei você?

Machucá-la? Ele tinha posto ao seu mundo do avesso, fazendo tudo certo, o que era errado, e tudo o que era desprezível, desejável. Como poderia voltar a sua antiga vida sabendo que poderia haver outros vampiros ali fora tão incapazes de maldade como ele?

O que aconteceria se o inglês o encontrava? O que aconteceria se o matassem? Poderia ser capaz de viver consigo mesma se não o avisasse?

Meu Deus, sua mãe amou o Saint? Saint tinha amado sua mãe? Apenas a idéia a fez se sentir tão terrivelmente vazia por dentro – tirando tudo o que ela em toda a vida tinha tomado como verdadeiro.

Com as extremidades tremendo, ela vestiu o que sobrou de sua roupa enquanto ele a observava silenciosamente. Suas mãos tremiam enquanto amarrava a camisa na frente. Com uma jaqueta cobrindo-a, ninguém saberia que tinha sido rasgada. Ela não se atreveu a olhar Bishop, com medo do que ela poderia ver em seus determinados olhos.

- O remorso é uma coisa horrível, *halfing*. Ele fez soar como uma carícia – quando aconteceu isso?

As lágrimas queimavam detrás dos olhos de Marika. Ele acreditava que ela se lamentava de estar com ele? Ela queria que isso fosse verdade. Ao menos depois ela teria algo que a fizesse sentir a que aferrar-se. A terra sob seus pés estava pronta para lhe dar rumo em qualquer segundo.

Ela empurrou seus pés em suas botas. -Tenho que ir.- Sua voz foi frágil e ela odiou isso. Se só pudesse odiá-lo por isso.

Ele fez um som e ela o olhou – embora ela devia ter melhor critério. Seus lábios estavam curvados em um sorriso duro, cínico. Era dor o que havia em seus olhos?

- Sim, - ele esteve de acordo, ficando em pé em toda sua magnificência bela, nua. Ele tratou de alcançar suas calças e entrou nelas com uma graça muito fácil que ela invejou. -Escapa do monstro antes de que ataque outra vez.

Não o corrigiu. Girou sobre seus calcanhares e se foi correndo à porta. Ela correu através da casa e fora na noite recém-nascida. Correu até que ela esteve segura que ele não a estava seguindo e logo ela se deteve, acorada na esquina de um beco escuro entre dois prédios comerciais que se fechavam pelo fim do dia.

Aí foi onde ela deixou as lágrimas finalmente chegarem. Ela soluçou em suas mangas de camisa, lágrimas salgadas lavando o sabor de Bishop de sua boca, mas não o perfume de sua pele.

Quando não houve mais lágrimas pendentes, secou suas bochechas e se levantou. Ela sozinha era responsável por esta situação. Ela sozinha estava a cargo de sua vida e seu destino. Sofrimento e incerteza não eram novos para ela, e sabia o que tinha que fazer. Tinha que assegurar-se que ninguém mais sofresse por suas ações. Em particular, que Bishop não sofresse por suas ações.

Já não pensava em Bishop como simplesmente outro monstro.

Deus a ajudasse, ela começava a pensar nele como um homem.

Capítulo 8

Bishop a seguiu.

Embora ele soubesse que ela podia proteger-se, que era mais rápida e mais forte que qualquer homem mortal, ele sentia em seu coração que ele era a única pessoa que realmente poderia mantê-la a salvo. Só Deus sabia em que tipo de problema ela poderia trazer para si mesma nesta condição. Agora mesmo ela era um perigo não só para si própria, mas também para qualquer parvo ingênuo que tivesse a desgraça de cruzar seu caminho.

Ela era sua responsabilidade. Se ele mantivesse sob controle a si mesmo isto não teria acontecido. Ele não teria seu aroma por todo o corpo, não estaria saboreando-a em sua boca. E ela não teria ido correndo envergonhada depois de ter relações sexuais com um vampiro.

Depois de ter relações sexuais com ele.

Agulhava seu orgulho saber que estar com ele foi tão ruim para ela. Alguém pensaria que ele estaria acostumado a isso. Elisabetta não podia não ter se envergonhado dele, mas tinha pensado que era menos humano aos olhos de Deus. Se ele quisesse ser aceito como um homem, então ele tinha que aparentar ser nada mais que um, e esses relacionamentos raramente duravam mais que uma semana ou duas. Era por esse motivo que ele usualmente enfocava seus cuidados em mulheres do mundo das sombras; Elas entendian.

Ele não tinha que fingir com Marika, mas ela não o entendia totalmente.

Ele a observou soluçar no beco com uma mescla de cólera e impotência. Ele queria ir a ela e confortá-la, mas ela não encontraria tal paz em seus braços.

Queria sacudi-la por ser tão tola. Foi só sexo. Não era como se ele a tivesse convertido em vampiro. O que tinham feito não mudaria o que e quem era ela, até ele não era tão otimista para esperar isso.

Pelo que diz respeito ao efeito que teve nele ter estado dentro dela... ele se recusava a pensar disso. Tinha sido assombroso. Ainda maravilhoso. Parte dele ainda tremia.

E outra parte dele a desprezava por isso.

Ao cabo de um momento, Marika deixou de chorar, ficou em pé, e deu uma corrida rápida para a parte de atrás da casa de Bishop. Ela não entrou, entretanto. Foi ao pequeno estábulo rodeando a parte traseira e selou seu cavalo. Quando ela saiu do povoado, Bishop a seguiu – correndo a um passo rápido o suficientemente para segui-la mas evitando ser visto.

Ela cavalgou para um botequim pequeno, sórdido, na base das montanhas. Lembrava muito ao que ele tinha ido depois do assassinato de Elisabetta. Ele tinha ido para lá a procurar os homens que a mataram, e os tinha encontrado.

Ele não tinha deixado a nenhum vivo.

Ele vigiou do telhado como Marika desmontou e entrou. Fechando seus olhos, ele concentrou toda sua audição em separar sua voz do ruído de dentro. Finalmente a encontrou – perguntando a alguém se o “ inglês ” tinha estado lá essa tarde. Ela foi informada que ele não tinha estado. Agradeceu, e essa foi a extensão da conversa.

Este inglês, era ele que a tinha contratado, em primeiro lugar? Planejava ela entregar Bishop a ele agora que ela tinha brincado com ele como um tonto?

Gostaria de vê-la tentar. Ele estava preparado agora – e não permitiria a ninguém chegar perto o suficiente para droga-lo outra vez.

De cócoras pela chaminé, Bishop ignorou o agulhão de sua possível traição e se manteve escondido quando Marika se aproximou de seu cavalo. Mais cavalos entraram no pátio. Um dos homens a cavalo a saudou.

Era um homem com um acento inglês inconfundível.

Embora não havia muito da lua no céu nublado, o botequim estava bem iluminado dentro, e fora lanternas iluminavam o caminho para os clientes bêbados. Bishop teve uma visão clara de Marika, e sua visão aguda lhe deu também uma boa visão de seu companheiro.

O homem era de estatura média, magro e arrumado. Ele não estava vestido como um local. Seu casaco estava muito bem talhado, seu cabelo também engenhosamente estilizado. Ele vinha de Londres, pela maneira da moda de Paris. Que diabos ele estava fazendo aqui?

Mais importante ainda, o que este homem queria com ele? Ele não parecia o tipo que gostasse de trazer sangue em suas mãos – ou em sua gravata, para isso. Ele não era um caçador. Se fosse, então ele não teria contratado Marika. Ele colecionava criaturas exóticas? Bishop tremeu ante o pensamento. Provavelmente ele não tinha outra motivação a não ser o ódio de todas as coisas não humanas.

Não era estranho que Marika tivesse aceito trabalhar com ele.

Bishop não o reconheceu, mas isso não queria dizer que a vingança do homem não fosse pessoal. Saint não poderia reconhecer Marika tampouco, mas isso não mudaria o que ela pensava dele.

Uma coisa estava clara; Ele não precisava imaginar este homem como um rival pelos encantos de Marika. Não havia rastro da flexível sedutora que se envolveu ao redor dele em seu refúgio. Seus ombros quadrados, sua coluna vertebral rígida. Não, não gostava ou confiava neste homem totalmente. Bishop estava mais contente por isso do que ele deveria estar.

Os dedos da Marika foram a sua coxa, onde ela normalmente trazia posto sua adaga – a mesma adaga que estava atualmente no piso na casa de Bishop, onde ele o tinha arrojado depois de remove-lo de sua perna.

Ela estava indefesa além de seus reflexos e sua habilidade. Uma mulher excepcional contra ... ele contou meia dúzia de homens.

- Minha estimada caçadora, - o homem disse enquanto dava as rédeas de seu cavalo a um de seus homens e se aproximou de Marika. -Dá-me muito gosto vê-la. Quando perdeu nossa reunião me preocupei de que pudesse ter tido um acidente.

A forma que ele falou trouxe um semblante carrancudo ao rosto de Bishop. - Acidente ?- Ele sabia do ataque no povoado de Marika? Ele o tinha orquestrado? Se fosse assim, com qual propósito? Os homens tinham estado ali para colecioná-la para este homem, ou tinha significado uma advertência?

Qualquer que fora o propósito que o ataque tinha, não o conseguiu. Bishop não era modesto o suficientemente para não tomar o mérito por isso. Se não fosse por ele, Marika teria sido capturada ou assassinada. Até ela não era contraparte para tantas armas.

- Como você pode ver, estou bem.- Marika conservou sua atenção no homem loiro, mas Bishop sabia que ela vigiava os outros com cuidado.

- Onde está meu vampiro?

Seu vampiro? Como se Bishop fosse um cavalo. Ele estava com ânimo de mostrar a este pequeno verme arrogante que não pertencia a ninguém exceto si mesmo.

- Não sei, - Marika respondeu. Foi estranho ouvi-la falar inglês. Ela dominava bem o idioma, o que queria dizer que ela tinha sido educada para falá-lo. Se ela tinha

sido criada em tais condições, como tinha se tornado ela uma caçadora? Certamente seu pai teria esperado que ela fizesse um matrimônio aceitável?

Possivelmente a seu pai não tinha importado o que acontecesse a sua filha enquanto ele não tivesse que vê-la.

- Não sabe?- O inglês perguntou.-Ou se recusa a me dizer?”

- Por que mentiria? Seu tom foi muito defensivo, e o inglês notou isso.

- Não sei. Talvez tenha feito com que você fique suave. Talvez seja estúpida o suficiente para tentar me enganar. O homem loiro a olhou cuidadosamente – com um pouquinho de lascívia. -Ou talvez tenha desenvolvido sentimentos pela criatura.

Marika ficou tensa. Alí havia um pequeno ponto em tentar distinguir o que a tinha ofendido em suas palavras –havia muitas que a pudessem ter ofendido. Por um segundo, Bishop se permitiu acreditar que ela poderia ter começado a desenvolver sentimentos por ele – mas só por um segundo.

- Ele escapou.

Os olhos do inglês se estreitaram. Era óbvio que ele realmente não acreditou nela. Bishop não o fazia tampouco, não conhecendo Marika como ele fazia. -Como?

Ela sustentou o olhar do homem; daria crédito a ela para isso. Embora não fosse um bom sinal para sua confiança que ela pudesse olhar tão diretamente nos olhos de alguém e mentir. - Enviei a maior parte de meus homens nos preparativos para mover o vampiro. Um de meus homens se descuidou e a criatura atacou.

Por que lhe doeu ouvi-la referir-se a ele como uma criatura? O tinha chamado de coisas muito piores que isso em sua breve relação. Ele estava se tornando suave e sentimental. Uma loucurazinha e ele queria ser um herói em sua mente.

O homem deu um passo mais perto de Marika, examinando-a de um modo quase insolente. Felizmente para ele não a tocou – se o tivesse feito, então não restaria muito dele por este mundo.

- Você não parece como alguém que esteve em uma batalha.”

Ela inclinou sua cabeça, lhe dando uma visão de sua garganta onde Bishop a tinha mordido mais cedo essa tarde. As feridas tinham curado rapidamente, como sempre o faziam, mas havia dois pontos vermelhos em seu pescoço, rodeados com machucados que não deixaram nenhuma pergunta sobre que os tinha causado.

- Tenho sorte de que ele não me drenasse, - Marika declarou friamente, - ou algo pior.-

- Sim, - o homem esteve de acordo, parecendo satisfeito com sua evidência. - Poderia ter te convertido em uma criatura da noite também.

Isso? Bishop poderia ter rido se não fosse pelo fato de que ele queria matar este mequetrefe. Marika era tão “ criatura ” da noite como ele era. A única diferença era que ela podia sair fora durante o dia e não arder em chamas – não é que parecesse passar muito tempo no sol.

Aparentemente ela tinha herdado um pouco da debilidade do vampiro junto com a força.

-Você se dá conta de que isto nega nosso acordo? -O inglês dirigiu uma mão enluvada abaixo de sua lapela. -Não tenho intenção de te pagar por bens não entregues.

Marika inclinou a cabeça. -O dinheiro que você já nos deu foi mais que generoso.

Os lábios pálidos se curvaram em um sorriso que revelou os dentes torcidos. Se ele nunca tivesse falado, então Bishop ainda poderia tê-lo identificado como inglês simplesmente por seu sorriso. O suficiente para manter a sua esfarrapada pequena turma alimentada por alguns poucos meses, né?

Ela assentiu cortantemente. -Sim.

Por isso é que ela o seqüestrou – não só para informar-se a respeito de Saint, mas também lhe interessava o dinheiro para as pessoas do vilarejo.

Cristo, a este passo ele a faria candidata para a santidade logo. Seus motivos não mudavam suas ações – não mudavam uma coisa.

- Agora, se você me desculpar?- Marika se mudou para subir na cadeira de montar. -Eu gostaria de voltar para casa. Eu não gosto de ficar fora só com o Bish... – o vampiro correndo livremente.

A cabeça do inglês oscilou de cima para baixo de acordo. - Sim, claro. O monstro poderia voltar para vingar-se. Você quer que eu te dê uma escolta?

- Não. - Seu tom foi incrédulo e Bishop riu suavemente. Ela faria melhor por si mesma que com estes macacos.

O loiro a bloqueio com uma mão em seu braço quando ela colocou sua bota no estribo. -Sinceramente espero que você não me esteja tomando por um idiota, meu amor.

Bishop se esticou ante a ameaça em sua voz, preparado para saltar ao ataque de um momento a outro.

Marika cravou os olhos em sua mão até que o homem a soltou. Logo ela se impulsionou acima sela e se afastou a cavalo. Ela inclusive não se despediu dele.

A mulher tinha *bolas*, a ela concederia isso.

-Acredita nela?- Um dos companheiros do homem perguntou.

O loiro deu de ombros. -Ou diz a verdade ou é a puta do vampiro. Se ela disser a verdade precisamos nos preparar.

Bishop levantou uma sobrancelha. Preparar-se para que?

-E se ela for a puta do vampiro?- Perguntou outro.

Outro fez uma careta zombadora. -Então é um bastardo valente.”

Todos os homens riram e caminharam adiante para o botequim, o loiro vinha na retaguarda.

Silenciosamente Bishop caiu do teto para a grama. Ele devia ir embora, mas não podia fazer isso. Ainda não.

Velozmente ele foi atrás do grupo, detendo sua presa com uma mão em seu ombro.

- Toca-a outra vez e arrancarei sua garganta, - grunhiu na orelha do homem.

No momento em que o inglês se voltou ao redor, a pistola em sua mão tremula, Bishop já tinha ido.

Marika tinha ficado adormecida nos estábulos detrás da casa de Bishop, em um montão de feno com uma manta áspera de lã abrigoando-a.

Ela despertou em uma cama – na casa de Bishop – nua sob lençóis revoltos e mantas suaves.

Como ela pôde dormir sendo levada de um lado a outro em uma casa? Como podia dormir enquanto era despida? Meu Deus, teria dormido ela durante qualquer outra coisa?

Não, se ele tivesse feito amor com ela outra vez, então ela teria despertado, disso estava segura.

Estranho como ela podia pensar no que tinha acontecido como fazer amor. Fazia pouco tempo teria chamado de “sedução do vampiro”. Ela teria se convencido de que ele a tinha feito desejá-lo. Bishop não tinha feito nada para persuadi-la; Ela podia admitir isso a si mesma. Poderia ter iniciado como intimidação – sua necessidade masculina para provar um ponto – mas isso não tinha continuado desse modo. Se tivesse dito que parasse ele o teria feito.

Não, ela o tinha desejado – procurando saber como era unir-se com um homem que ela não teria que preocupar-se com machucar – para ser tomada por um homem feito para uma mulher como ela.

Seu coração saltou. Isso tinham que ter sido suas emoções intensificadas falando. Ela e Bishop tinham compartilhado algo incrivelmente íntimo – é obvio que ela estaria confusa em sua maneira de pensar sobre ele durante algum tempo. Ele a fez sentir-se maravilhosa – era difícil não atribuir algum tipo de idéia românticas a isso, Apesar de quem e o que ambos fossem.

Ele era um vampiro. Ela era uma assassina de vampiros. Ele era imortal e ela não era. A situação não precisava ser mais complicada que isso.

Na primeira vez que se encontraram havia dito que um deles não sobreviveria a relação. Naquele tempo ela tinha sido o suficiente arrogante para prometer que não seria ela a que encontraria seu fim. Agora ela não estava tão confiante. Se não fosse por ele ela já estaria morta.

Ela tinha sido fraca e capturada sem saber. Um ataque único em seu povoado que nunca tinha acontecido antes de que ela se encontrasse com Bishop. Se ela tivesse agarrado a qualquer outro vampiro – qualquer outro homem –, então ela teria tido aos homens patrulhando os limites de sua propriedade. Ela teria estado preparada, sua mente enfocada no que tinha que ser feito, não em um vampiro que a fazia sentir-se aceita pelo que ela era. OH, ele algumas vezes usava a informação para irritá-la, mas só porque sabia que a incomodava. Não lhe importava que ela fosse *dhampyr*. Ninguém a não ser sua avó sabia a verdade a respeito dela.

Nem mesmo seu pai.

As palavras de Bishop voltaram a obcecá-la. Seu pai podia ter mentido a respeito de sua mãe? Era possível isso de que sua mãe e Saint tivessem uma relação?

Se era verdade, então provavelmente seu pai não ia confessar agora. Nunca escrevia, raramente perguntava por ela. Ele a tinha mandado partir quando era uma menina. A saltar entre sua avó e a escola. Marika estava acostumada acreditar que o fazia assim para que ela tivesse uma boa educação, mas não era isso. Algumas vezes ela pensava que talvez ele a culpasse pela morte de sua mãe.

Talvez olhá-la fosse simplesmente um aviso da mulher que ele tinha perdido.

Ou possivelmente ele a olhava e via o produto da infidelidade de sua esposa com um mons... – o vampiro.

Havia uma pessoa que poderia dar a ela resposta a estas perguntas – sua avó.

Jogando para trás os cobertores, Marika saiu do casulo quente da cama e passou nua para o armário contra a parede. Os raios de luz do sol fluíam através da janela, fazendo o tapete sob seus pés morno e convidativo. Algumas vezes ela desejava poder se espreguiçar nesses raios como um gato, poder deixar o calor acalmá-la em um sono preguiçoso. Se o fizesse, então ela despertaria com uma dor de cabeça e uma queimadura tão má que ela não poderia pensar ou mover-se por uma semana.

Ela vacilou diante de sua escassa seleção de roupas. O que ela queria vestir e o que ela sabia que deveria vestir não coincidia.

Sua avó odiada que vestisse calças, e desde que estava sob luz do dia e era domingo, Marika sabia que obteria menos atenção se ela vestisse uma saia para ver a anciã. Fora no campo estava em meio de camponeses e ciganos com quem ela podia escapar vestindo roupa de homem e ser quem ela era. Aqui, na cidade, ela sobressairia de um modo que poderia envergonhar a sua avó.

Ela antes brigaria com Bishop com as mãos nuas antes de fazer algo para incomodar a sua *bunica*.

Ela escolheu uma saia azul e uma blusa que combinava do armário. Tinha só outro traje elegante e esse estava muito mais apropriado para a noite – não é que soubesse muito sobre a moda feminina. Como uma joventinha ela tinha lido todos os livros de Paris e constantemente suplicava a sua avó pela última moda. Seu pai tinha pago, é obvio. Ele pagava tudo. Agora ela estava mais preocupada com ter um casaco que não restringisse seu movimento.

Tinha deixado uma das alegrias mais maravilhosas e frívolas da feminilidade em sua perseguição de monstros.

Depois de lavar-se na bacia, vestiu sua roupa interior e o semi-corset. As senhoras muito de moda em Paris ou Londres sem dúvida estariam consternadas com sua roupa interior, mas Marika não tinha uma criada para ajudá-la a vestir-se – precisava de facilidade e economia.

A saia longa era de um azul vivo, não muito larga, e sussurrava belamente quando caminhava. A blusa que combinava era de ajuste cômodo e gola alta. A cor combinava com sua pele clara e seu cabelo escuro – o qual ela escovou, trançou, e logo o enrolou em um coque grosso detrás de sua cabeça.

Felizmente a casa estava quieta quando ela saiu. Ela não queria que a vissem deste modo – não quis que ele a visse vestida assim. A governanta atendia seus

trabalhos diários, e Bishop estava dormindo em seu quarto acima. Ou manteria um lugar escondido? Uma cripta ou um porão próximo?

Ou talvez passasse a noite em um dormitório normal. Nenhum ataúde. Nenhuma sujeira. Ela estava orgulhosa de estar bem informada dos hábitos dos vampiros, mas ele tinha desmentido muitas de suas hipóteses. Só Deus sabia se ela não tinha estado mal informada sobre isso. Meu Deus, ela tinha sorte de ainda estar viva – sorte de que as coisas que ela tinha usado contra as criaturas tivesse funcionado.

Criaturas. Estava difícil pensar neles – em Bishop de qualquer modo – dessa maneira agora. Ela não estava convencida de que ele estivesse certo em seu raciocínio de que a maioria dos vampiros eram bons e não maus por natureza. Talvez ele não fosse, mas isso era porque lhe tinham ocorrido coisas horríveis. Embora ele tenha tomado represálias horivelmente, não era assim? Ele admitiu até aniquilar aos homens responsáveis pela morte de sua esposa.

Só porque ele plantou uma semente de dúvida a respeito de Saint em sua mente não queria dizer que ela tivesse que se dar por vencida. Ela acreditaria que Saint matou a sua mãe até que ela ouvisse outra coisa.

Os vampiros que ela tinha matado eram maus – tinha que acreditar nisso. Tinha visto muitos deles matar. Tinha encontrado alguns cobertos de sangue, a morte a seus pés. Nem mesmo Bishop poderia negar sua culpa.

Os vampiros matavam a humanos para sobreviver. Bishop era um velho e não precisava alimentar-se como os que tinha encontrado. Ou talvez os vampiros fossem diferentes de onde ele vinha, mas aqui, na terra onde Bram Stoker tinha localizado sua agora famosa novela, os vampiros eram exatamente os monstros que o autor os tinha escrito que eram.

Era este pensamento o que mantinha a seu mundo desnivelado debaixo dela.

Nos estábulos ela encontrou uma sela de amazona e pôs em cima de sua égua. Ela preferia montar escarranchada como era seu hábito, mas não havia modo que ela pudesse fazer isso com sua saia. O desconforto valeria ver o semblante no rosto de sua avó quando a anciã visse seu aspecto de mulher.

Quando chegou à casa, sua avó tinha companhia. Duas vizinhas a tinham acompanhado a sua casa da igreja e tomavam refresco no pequeno salão. *Bunica* tinha sobremesas, queijo, e carnes em bandejas para elas desfrutassem. O estômago da Marika grunhiu ante a vista.

-Marika!- O rosto bonito de sua avó estava enrugada com alegria enquanto estendia seus braços. -Está tão bonita. Iulia, Marianna, não é linda?

Ruborizando-se enquanto as mulheres elogiosamente estiveram de acordo, Marika abraçou a sua avó e logo tomou assento ao lado dela no sofá. Ali se sentou, comendo e conversando, esperando não tão pacientemente para que as outras para mulheres finalmente se fossem.

Quase meia hora passou antes de que fizessem isso. Quando estavam finalmente a sós, sua avó se voltou para ela com uma aparência perspicaz em seu rosto.

- Você quer algo, menina. O que é?

Algumas vezes Marika jurava que sua avó podia ler a mente.

Ela mordiscou um pedaço de queijo. - Vim te visitar, *Bunica*. Isto é tudo.

A anciã lançou um bufido e selecionou uma fatia pequena de carne da bandeja.

- não mente bem, Marika. Nunca o tem feito.

Não havia razão para fingir.- Tenho outra razão para te visitar além de passar um tempo com você.

Sua avó se centrou nela com uma aparência sábia. -E é...?

Marika se virou a sua avó e se inclinou para frente, apoiando seus antebraços em suas coxas. -Preciso que responda algumas perguntas para mim.

- OH, amor. Marika, desde que era uma menina estou temendo ouvir essas palavras de você.

Ela sorriu ante a expressão de sua avó. -Preciso saber a verdade, *Bunica*. Espero que me diga o que você puder.

Irina se limpou suas mãos em um guardanapo e inclinou a cabeça solenemente.

-Responderei o que puder. Qual é sua pergunta?

-Minha mãe traiu a meu pai?

A cor avermelhada varreu o rosto da velha. “Como que pergunta tal coisa?”

- *Bunica*, Por favor. É importante. Houve outro homem?”

Sua avó se levantou sobre seus pés e passou através do quarto parando ante o retrato da mãe de Marika pintado pouco antes de sua morte. Marika não tinha que olhá-lo para saber que ela se pareceu muito com sua mãe – exceto por seus olhos escuros. Esses olhos não eram os de seu pai tampouco.

De fato, ela começava a suspeitar que seus olhos tinham provindo de seu vampiro “pai.” Se sua dentada lhe tinha dado as habilidades que ela tinha, então além disso era razoável que ele contribuísse outros traços também.

O que quer que fossem, não sabia. Tinha que encarar isto lentamente, de outra maneira ela perderia a razão.

- Houve... outro, - sua avó respondeu finalmente, ainda cravando os olhos no retrato. -Disse a ela que estava errado, mas era tão feliz.

O coração de Marika saltou. -Esse foi... esse foi o vampiro?

Bunica olhou por cima seu ombro para ela. -Não sei. Ela disse que seu nome era du Lac. Adrian du Lac.

Os olhos estreitando-se, Marika tomou um fôlego profundo para estabilizar-se. Esse era o nome que Bishop lhe tinha dado como o nome de batismo de Saint.

- Ela... o amou?- Ela abriu os olhos outra vez e viu que sua avó havia dado as costas ao retrato e a observava de perto.

- Sim. Não deve julgá-la, Marika. Seu casamento com seu pai, foi arrumado, e ele... ele não foi um marido atento.

- Ele não foi um pai atento, - Marika respondeu mais mordazmente do que pretendia. -É obvio que não julgo a Mama.- Mas em seu coração – OH, Mama, como pôde? Com um vampiro?

Ela não tinha direito a perguntar isso, nenhum direito. entregou-se a Bishop sem titubear. Queria defender-se e dizer que o sexo era diferente, mas não o fez. Não era melhor que sua mãe e sua mãe não era pior que ela. Possivelmente era um defeito das mulheres em sua família. Talvez fossem vítimas de algum tipo do encanto do vampiro.

Ao menos sua mãe tinha estado apaixonada pelo Saint. Marika não tinha essa desculpa. Mas pensou que ela tinha estado apaixonada pelo Grigore quando se entregou a ele, e não tinha sido nada como o desejo que sentiu pelo Bishop, um homem que tinha acreditado desprezar.

- Adrian du Lac assassinou minha mãe?

Sua avó se encolheu de ombros, uma expressão dolorida em seu rosto. Era doloroso para ela falar de sua filha morta, embora mais de duas décadas e meia tinham passado. Não era fácil para a Marika tampouco.

- Não sei. Seu pai me disse que ela foi atacada por um vampiro e que ela morreu depois de te ter, mas...

- Mas que?

Uma mão longa, envelhecida passou roçando pela bochecha de Irina. Até a essa distância, Marika podia ver o pequeno tremor nela. -Sua mãe planejava deixar seu pai. Ela e du Lac iam fugir ao exterior, A Paris e te criar juntos como deles.

Marika não poderia estar mais emocionada se sua avó o tivesse dito a ela que sua mãe se decidiu a fugir com um bando de ciganos.

- Se ela mudou de ideia a respeito de ir-se, então ele poderia tê-la matado pela fúria.

Bunica disparou a ela um olhar compassivo. Marika, quando fui à casa para ajudar a te cuidar, encontrei bagagem no quarto de sua mãe. Ela tinha estado fazendo a bagagem. Era meia noite e ela se dispunha a sair.

OH. Ela poderia replicar isso, poderia tratar de pensar em uma desculpa, mas não havia ponto. Bishop acreditava que Saint tinha amado a sua mãe, e *Bunica* no que acreditava que sua mãe tinha, amado a Saint. Aparentemente contavam ambos que ela o amou. De fato, a única pessoa que não parecia ser amada, ou ter para dá-lo, era seu pai.

- Ela tinha sido mordida, - sua avó disse a ela brandamente. -Se du Lac era um vampiro e tomou seu sangue, então não acredito que ele tivesse a intenção de matá-la. Seus últimos pensamentos foram para du Lac, e para você. Ela desejava que ambos soubessem que os amava.

Era possível que isso que Saint não tivesse estado tentando machucar sua mãe? O que ocorreria se ele tinha estado tratando de transformar-la – não matá-la? Exceto o que, que espécie de vampiro idiota tentava transformar uma mulher em trabalho de parto?

Um que estava assustado porque a mulher que ele amava ia morrer, como Bishop tentando transformar Elisabetta quando ela agonizava em seus braços.

Seu estômago se apertou e revolveu. Ela aspirou profundamente para manter o conteúdo do lanche de volta. Não havia modo de que ela pudesse deter o mundo de inclinar-se agora. Estava tão inclinado, que tinha medo que ia cair completamente.

-Por que nunca me contou tudo isto antes?- Ela estava zangada com sua avó e isso era errado.

- Nunca acreditei que du Lac e o vampiro eram a mesma pessoa, - *Bunica* esclareceu, seu olhar fixo embotado com pesar. -E prometi a seu pai que não falaria disso.

- Mas estive caçando vampiros todos estes anos porque pensei que ele a tinha matado.- Todo esse ódio que tinha carcomido nela. Isso não tinha sido para nada? - Podia ter me detido.

-Deter você? Nunca pude impedir que faça exatamente o que quer.- Não disse isso cruelmente, mas a ofendeu de todo modo. -Se tivesse te contado tudo, então sua mãe teve um amante – até se soubesse que era o vampiro – teria encontrado a maneira de odiá-lo porque precisava odiá-lo.

Ela estava certa. Marika poderia admitir isso. Era só sua relação com o Bishop que a fez ver as coisas diferentemente. A vida seria tão mais simples se pudesse retornar a sua ignorância!

As coisas que ela tinha feito. As coisas que ela tinha justificado porque pensava que Saint era um monstro. Todos os vampiros eram monstros. Alguns o tinham sido, mas e outros?

Saint não tinha matado sua mãe.

-Só há duas pessoas que podem dizer que aconteceu, -sua avó disse, seu tom terro.-Adrian du Lac e seu pai. Terá que perguntar a um deles o que realmente ocorreu.

Marika apenas se meteu no banheiro do piso superior antes de vomitar. Não tinha pensado que falar seja de seu pai ou de Saint dessa maneira lhe causaria náuseas, a não ser a verdade do que lhe poderiam dizer.

Que a única pessoa responsável pela morte de sua mãe era ela.

Capítulo 9

Victor Armitage não gostava da decepção. A ele particularmente não gostava de ser o único a decepcionar.

Maxwell ia estar muito decepcionado quando ele se inteirasse da reunião de Victor com a *dhampyr*. As pessoas que decepcionavam Maxwell muito freqüentemente tinham mau fim. Ou simplesmente desapareciam.

- Onde está a *dhampyr*, meu jovem?- O homem mais velho perguntou, sem incomodar-se em olhar para cima dos papéis em seu escritório quando Victor entrou no estúdio.

- Não a tenho, milord.

- Por que?

-Os homens que enviamos atrás dela falharam. Acredito que foram assassinados.

Maxwell levantou a vista, claramente assombrado em suas feições aristocráticas. -Por ela?

Victor esclareceu a voz. Ele não tinha recebido ordens de sentar-se assim é que ele estava parado ante a escrivaninha grande como um aluno ante o diretor. -E possivelmente pelo vampiro.”

As sobrancelhas escuras do homem mais velho se levantaram. -Realmente? Isso é uma surpresa. Ele andava livre?

- Não sei.

- Não, claro que não sabe. Mas isto é inesperado. Dava por certo que ele poderia persegui-la quando ela fosse tomada porque ele se precaveria que ela não era a responsável pelos desaparecimentos. Nunca sonhei que ele a defenderia.

Victor refreou um suspiro. Talvez ele escapasse desta reunião ileso depois de tudo.

Franzindo o cenho, Maxwell se reclinou em sua cadeira, golpeando ligeiramente um lápis contra a parte superior polida de seu escritório. -Estamos seguros que foi o vampiro que a auxiliou?

- Medianamente, sim.- Ele ficou mais crédulo agora. O último anoitecer, depois de que me precavi que nossos homens tinham sido derrotados, retornei ao botequim onde a *dhampyr* e eu nos reuniríamos. Ela estava ali.

-E por que não a pegou?

- Ela alegou ter acudido me buscando, para me dar conta da fuga do vampiro. Pensei que era melhor deixá-la ir assim poderíamos observá-la – determinar se planeja nos trair, ou deixá-la capturar ao vampiro para nós.- Na verdade, Victor não tinha pensado em pegá-la. Ela tinha parecido agitada e um pouco selvagem. Ela o tinha assustado.

O homem mais velho inclinou a cabeça, mas ele ainda franzia o cenho. - Percebo.

- É algo bom que tivesse tido tal cuidado, milord. Nem um minuto depois de que a *dhampyr* se foi, o vampiro apareceu. Se tivéssemos tentado capturá-la, então ele certamente nos teria matado a todos.

Seu anúncio foi recebido por um olhar horrorizado. - Mente.

- Palavra de honra, é verdade. Ele me disse que se me aproximava da *dhampyr* outra vez era um homem morto.- Sua boca ficou seca ante a lembrança. -Tirei minha pistola mas quando mudei de direção ele se foi.

- São muito rápidos, os vampiros. Bishop e seus irmãos são mais rápido ainda, dada a pureza de seu sangue.- O lápis suspendeu o tamborilar. -Pareceria que o vampiro e a *dhampyr* têm alguma espécie de relação. Estão eles fodendo, não acha?

A mandíbula do Victor caiu ante tal vulgaridade de um personagem tão elevado. -Não poderia dizer-lhe milord.

Maxwell ondeou seu lápis. -Não é mais que suposição, mas isto é realmente muito interessante, Victor. Muito interessante.”

Victor se orgulhou pelo que ele tomou por elogio. -Obrigado, milord.

O homem mais velho ficou em pé. -Tenho uma tarefa nova para você, meu rapaz. Me siga.

-Uma tarefa nova, senhor?

- Quero que veja algo, Victor.

Ele seguiu A Maxwell para a pesada porta, a qual quando se abriu revelou nada menos que escuridão.

Victor olhou com atenção através da abertura. Ele não viu nada a não ser o começo de um conjunto de degraus na escuridão. Um aroma fétido se incrementou vindo das profundidades em um fôlego de ar frio. Era um porão – um que fedia a morte violenta e decomposição.

- O que é isto?- A pergunta escapou antes de que ele a pudesse deter. Ele realmente não queria saber.

- É sua nova casa ,- Maxwell respondeu, jogando-o de um empurrão dentro da escuridão. -Provavelmente não será tão decepcionante depois disto.

Victor não teve o tempo para reagir. O velho era mais forte do que parecia, e Victor tropeçou. A porta se fechou de repente detrás dele quando caiu pelas escadas.

Ele gritou como de dor, cortante e abrupto, fraturando as costelas. Quantas estavam quebradas? Seu antebraço se fraturou contra as tabuas, o osso estalando enquanto se dobrava sob a força de seu peso.

Finalmente golpeou fundo, rodando e ficando sem fôlego na fria sujeira do chão.

Ele abriu os olhos. Isso era uma luz? Sim, a piscada de uma chama vindo para ele, o som de ruído de pegadas silenciosas.

Um rosto, pálido e longo, gravitava sobre ele, sinistramente escurecida pela luz de um abajur pequeno.

- Sim, - o homem disse com uma voz que enviou o frio direto ao coração de Victor.-Você o fará. Fará isso certamente.”

Logo Victor viu momentaneamente a coisa detrás dele e gritou.

“ Meu Deus.” Bishop cravou os olhos em Marika quando ela entrou na casa pouco antes de pôr-do-sol essa tarde.

A casa estava obscura com as cortinas corridas, mas ele se afastou da luz moribunda que escorria através da porta de entrada. -Por favor me diz que não vesti isso em meu benefício?

- É obvio que não o fiz. A cor subiu ruborizando suas bochechas enquanto ela entrava na luz artificial brindada pelos muitos abajures. As luzes elétricas ainda não chegaram nesta parte do país- Mas se fiz isso, estiveste vivo tanto tempo que esqueceu que é o costume elogiar a uma mulher quando se esforça com sua aparência?”

Bishop balançou com a cabeça para esclarecê-la. Ele não havia -tido a intenção de envergonhá-la. -Me desculpe. Está linda.

Era extremamente incomum vê-la vestindo algo tão feminino – algo que revelava simplesmente o quão feminina ela era. Ele a tinha segurado virtualmente nua em seus braços e ainda estava mais ofegante vendo-a completamente vestida. Não fazia muito tempo ele se perguntava como pareceria em um vestido, e agora ele a via

- Essa blusa.

Suas mãos foram a sua cintura ajustada, apenas debaixo de onde o tecido abraçava suas costelas. -O que?

Moldava seus seios de um modo que fez com que suas mãos quisessem fazer o mesmo. A noite anterior tinha sido muito urgente, muito apurado. Ele queria desfrutar seu tempo com ela. - É bonita.

- Obrigado.

Seus braços dobrados atravessados sobre seu peito. Não havia sentido em bancar a tímida – nenhuma necessidade para atormentar essa parte dele que estava ligeiramente aborrecida por que ela não se arrumou para seu benefício afinal de contas. -Onde estava?

Ela o olhou carrancuda, irritada. Não é da sua conta, mas fui visitar minha avó.

Como um demônio não era da sua conta. Até que ele estivesse seguro de que ela não ia matá-lo, tudo o que ela fizesse era de seu interesse.

- Não é que deseje que vá embora, mas por que não ficou por lá?- Tinha mais sentido que ela quisesse morar em algum lugar que a fizesse sentir confortável e segura.

Se ela se sentiu ofendida por seu comentário, então não demonstrou. - Porque minha presença em sua casa a poderia pôr mais em perigo de que já está simplesmente por ter algo a ver comigo.

-Se sua presença poderia ser tão perigosa, então por que foi lá?- Por que se importava? Era difícil que ela pedisse a ajuda de sua avó para matá-lo. Improvável, mas não impossível.

Isso não era saudavel, não confiar completamente em alguém mesmo querendo-a tanto.

Ela vacilou.

-Precisava falar com ela.- Essas poucas, ambivalentes palavras disseram muito.

Então esse era o rumo.- Ela te absolveu de seus pecados?- Foi a pergunta taciturna de um amante descartado como se fosse lixo.

Disparou a ele um gesto que teria posto a homens inferiores de joelhos implorando perdão. -Sou a única pessoa que pode fazer isso.

- Blasfêmia- Ele não pôde deter o sorriso tênue que veio com a acusação.

- Realmente, - ela replicou, passando roçando-o com um sussurro de saias e um arrogante queixo levantado. -Com sua permissão, preciso me trocar.

- Vou caçar.- Ele foi atrás dela, para a base das escadas. -Você gostaria de se unir a mim?

Marika girou para ele, sobrancelhas levantadas. -Caçar o que?

- Aos homens que a atacaram.

Seus olhos se estreitaram. -Por que?

Que moça tão desconfiada... É obvio, ele conservava segredos que ele também podia revelar agora que ela farejava por eles. -Recebi notícias de um associado de acontecimentos estranhos na Inglaterra. Ele tinha sido surpreendido pela carta de Padre Molyneux – e se desalentou por ver que tinha ido a sua residência na Espanha primeiro. As semanas já tinham passado.

-Tem relação com o ataque em minha vila?

- Não tenho certeza, mas um amigo meu está desaparecido, e eu acho isso muito suspeito para ignorar. - Suspeito?, Isso era dizer o mínimo. De que modo alguém tinha conseguido capturar a Temple estava além do que ele podia imaginar. Como um homem ele tinha sido formidável. Como um vampiro ... bem, quem quer que seja que o tivesse feito devia ter tido a um exército com eles.

Ela o observou, registrando sua expressão para uma resposta a uma pergunta que ela obviamente não conhecia. -É obvio que quero ir com você.

-Há um pequeno botequim não longe daqui acredito que poderia fazer algumas investigações. O rumor é de que alguns ingleses estiveram freqüentando o lugar como na tarde.

Toda a cor fugiu de seu rosto. -Você não quer ir para lá.

- Por que? Porque você não quer que o homem a quem ia me vender saiba que você os enganou?

Ele não teria pensado que isso fosse possível, mas ela ficou mais pálida ainda. -Como soube?

- Segui você ontem à noite.

O teto da casa não caiu como ele esperava – não que ela não estivesse zangada. -Me seguiu?

Ele pôs os olhos em branco quando a desafiou para lhe chamar a atenção. - Honestamente não pensou que permitiria a você partir por seus próprios meios depois do que aconteceu?

A mandíbula de Marika se apertou, sua postura rígida, mas ela parecia mais envergonhada que furiosa. Estava ela perguntando-se se ele a viu chorar? -Pensou que poderia me ferir?

- Depois de se sujar com um vampiro?- Ele se apoiou contra o corrimão, seus braços cruzados sobre seu peito. -O pensamento tinha cruzado minha mente, sim.

Ela se sobressaltou, assombrada. –Não vou mentir, Bishop. As partes de mim estão desequilibradas pelo que ... aconteceu entre nós.”

-Que partes? Ele não ajudava incomodando-a.

Ela o ignorou. -De qualquer modo que viva para lamentá-lo veremos, mas isso não foi o motivo pelo que fui.

Ele poderia ter ficado incomodado por seu fresco atrevimento se não fosse porque nada disso suavizava que ela o tinha abandonado porque estava enojada pelo que aconteceu entre eles. -Por que saiu?

Marika suspirou e apoiou uma mão sobre a parte superior do pilar do corrimão, a outra na curva cheia de seu quadril. Porque você me fez ter dúvidas no que antes tinha certeza. Você me inquieta onde antes encontrava comodidade. Eu não gosto de duvidar de mim mesma. Eu gosto de me certificar de que um vampiro não possa ser totalmente malvado pelo menos.

Ele balançou a cabeça com um sorriso apreciativo. Quanto suas palavras o agradaram – mais do que deveriam agradar, disso estava certo. “É você sempre tão honesta?”

-Quando escolho sê-lo.

Seu sorriso abatido se fora. Isso não era de bom agouro para seu seguinte pergunta, possivelmente. - Por que foi ao botequim?

-Para dizer ao inglês que tinha escapado e pôr fim a nosso acordo, mas você já sabe se estava lá.

Ele deu de ombros. O que ele poderia dizer, que queria ouvir isso de sua boca, com ela olhando em seus olhos?

- Agora é sua vez de ser sincero. Foi você quem me tirou dos estábulos?

Ele assentiu. Ela diria algo sobre ele tirando suas roupas, certamente. Perguntaria se ele a tinha profanado outra vez.

- Obrigado.

- De nada.- Ele a respeitou por um momento. Estava sendo tão acessível, seria uma lástima desperdiçar esta oportunidade. -Você não lamenta o que aconteceu ontem à noite?”

Ela encontrou seu olhar. -Ainda não, não.

Ele riu abafadamente. - Fere meu orgulho, *halfling*.

-O que isso se trata de você como homem que te faz tão frágil que sua façanha seja afetada?

Sua diversão se desvaneceu, deixou passo a algo um pouco mais sério, um pouco mais vulnerável. -Penso que essa é a primeira vez que você se referiu a mim como um homem e não como um monstro ou uma criatura.

Parecia longe. Ela afastou o olhar. -Quando você me chama *halfling* agora isso soa como uma carícia. Provavelmente ambos estamos mudando mais do que nós gostaríamos de admitir.

- Provavelmente.

Seu olhar travou com o dele uma vez mais, negro e ilegível. -Isso não quer dizer que tenha que gostar de você.

- Nem eu.

-E não espere que o que aconteceu ontem à noite aconteça de novo. Foi um momento de fraqueza, nada mais. -Se isso era verdade, por que ela estava aproximando-se dele agora?

-A curiosidade te venceu?- Ele estava divertido – e um pouco insultado.

- Exatamente. Foi um momento de emoções intensas.

- Estava zangado.- Essa foi uma declaração comedida.

Seu queixo subiu provocadoramente. -Você quis provar um ponto.

- Que você se sente atraída por mim. Ele disse isso alfinetando-a e ambos sabiam. -Acredito que provei.

Havia pouco mais que uma polegada ou duas entre eles enquanto ela ficou olhando diretamente em seus olhos. -Sim. Penso que ambos conhecemos nosso efeito no outro.

Bishop realmente não apreciava ser provocado de volta. -Faz você se sentir vulnerável?”

- Um pouco, sim.

-Bom.- Ele deu um passo atrás para lhe dar permissão para acessar as escadas. -Vá se trocar. A noite não durará para sempre.

- Não. -Marika deteve sua mão para assinalar um final para a discussão enquanto ela golpeou com os pés pela noite para os estábulos. Ele foi como um cão com um osso, preocupando-a até que fosse tentada a entregar-se simplesmente para calá-lo.

Bishop ignorou ambos, sua mão e suas palavras. -Será muito mais rápido desta maneira.

- Disse que não!- Ela girou sobre seus calcanhares para encará-lo tão rápido, que quase colidiram. -Por que não escuta?

Ele sorriu – simplesmente um rastro de zombaria em seus lábios sensuais. - Assustada?

- De fato, sim.- Há! Ele não tinha visto esse ápice de honradez vindo!-Não é natural para um homem voar.

- Mas é conveniente, - ele replicou. -não posso acreditar que realmente algo te dê medo.

Ele não precisava soar tão assombrado. Havia muitas coisas que a assustavam – mas ela não estava a ponto de deixá-lo entrar em mais nenhum de seus segredos.

Como que ela estava terrivelmente assustada dele – e seu efeito nela. Estar junto a ele fazia seu coração acelerar-se, fazia seus pulmões lutar por respirar. Apesar deste desconforto, estar com ele devia ser muito mais preferível que estar sem ele.

- Confia em mim, - ele disse, segurando-a em seus braços. -Nunca deixaria que nada aconteça com você.

Contra seu melhor julgamento, seus próprios braços se fecharam ao redor de seu pescoço. –Gosto de você, mas você é tudo o que fui educada para desconfiar. Meu coração me diz que é perigoso.

Ele sorriu abertamente. -Seu coração está correto, mas isso não quer dizer que não possa confiar em mim.”

Antes de que ela pudesse protestar, estavam no céu. Ela não havia sentido nada mais além da ligeira curva de seus joelhos e então uma brisa forte soprou abaixo deles.

- OH, Meu Deus!- Apertando os olhos fechados, Marika se segurou a ele quando a terra se afastou.

A risada abafada de Bishop estava quente contra sua orelha. - Não tenha medo, *halfling*. Estou te segurando.

Cautelosamente, Marika abriu um olho e logo o outro. Bishop a segurou a fim de ficar a sua frente, e a menos que ela se retorcesse em seus braços, tudo o que ela podia ver era a ele. Cruzaram velozmente o céu como uma flecha, mas não havia nada a não ser seus olhos brilhantes, o contorno disfarçado de seu rosto.

Seus braços eram seguros e firmes ao redor dela, abraçando-a fortemente mas não dolorosamente. Ele era tão mas forte. E não a deixaria cair, disso estava segura. Lentamente ela se relaxou, e se concentrou na beleza de seu rosto.

Ele sorriu quando a tensão deixou seus músculos. -Melhor?

Ela assentiu. -Acredito que sim.

- Estamos na reta final.

Ele não tinha mentido. Dentro de minutos estavam na terra outra vez. Ele estava certo.Foi mais rápido voar.

Felizmente ele tinha tido a precaução de colocá-los fora do perímetro das tochas no povoado. Seus homens estavam ali, reparando o dano que tinha sido feito. Eles trariam de volta suas famílias para cá, ou quereriam uma casa mais segura para eles agora?

Marika vacilou antes de entrar em seu acampamento. Esta era sua casa e estes eram seus homens, mas ela trazia um intruso com ela. Ela sabia que ela podia confiar em Bishop para não deixá-la cair do céu, podia saber que poderia confiar em que ele encontrasse seu inimigo comum, mas logo, o que acontecia? Ela o tinha seqüestrado, até o tinha torturado. Certamente ele queria ver a dívida paga.

Seus homens não entenderiam por que ele estava ali – não quando ela não lhes poderia dizer toda a verdade. Ela confiava neles com sua vida mas não com a verdade. Que tão estranho que em alguns níveis ela confiasse em Bishop mais que em seus amigos.

Ela o conduziu ao centro do povoado, onde uma fogueira ardia, alimentada com os escombros que não poderiam ser reutilizados. Os sons da conversação, o martelar, o fogo crepitante e até a risada enchia a noite. A repugnava interromper.

Uma mão ligeira tocou seu braço. Ela deu meia volta, esperando ver um de seus homens. Em lugar disso só havia Bishop, seu rosto se escureceu e seus olhos brilharam. Ali não havia nada confundindo a preocupação em seu rosto.

Como podia estar preocupado por seu bem-estar depois de tudo que lhe tinha feito?

Ela sorriu e esperou, até ele teve que deixar cair sua mão, para sair a chamar seus homens— em uma maneira tranquilizadora, ela esperava. – Não era ele fazendo contato com ela o que ela não queria que eles vissem – era o quanto apreciava o gesto o que ela queria encobrir.

Se surpreendeu que ela temesse alguma coisa. Ela temeu que seus homens descobrissem que eles tinham algo mais – temido como poderiam reagir, que não pudessem entender.

O que esse medo dizia a respeito da ela? A respeito deles?

Os homens puseram abaixo suas ferramentas, deixaram suas tarefas, e vieram a ela, um por um fora das sombras. Ela os via todos claramente – melhor que do que a poderia ver.

Como era que nenhum deles nunca tenha observado que ela era mais que humana? Não haviam eles simplesmente procurado ver?

Gritaram em vozes alegres, satisfeitos de vê-la, até que Dimitru notou seu companheiro.

-O que *ele* está fazendo aqui?- Ele a assinalou com seu braço bom, o outro ainda rígido e a um lado.

Marika se crispou. -Ele está comigo.

Dimitru pareceu notar seu aborecimento, do contrário ele poderia não ter atuado ante ela tão provocadoramente. -Por que?-

- Porque ele ofereceu sua ajuda para encontrar aos homens que mataram Ivan.

O homem robusto estava nu da cintura para cima, e a luz do fogo só realçava a pesada musculatura de seu torso. Em uma boa batalha ele poderia ser um rival digno para Bishop – se Bishop fosse humano. -Foi por causa dele que Ivan foi assassinado. Não precisamos de sua ajuda.

Ela controlaria seu temperamento. Ficaria tranquila. Mostrar algo exceto a ordem seria uma fraqueza – Dimitru poderia tentar abusar e Bishop poderia tentar defender.- Esses homens estavam detrás de mim, Dimitru. E nós precisamos de sua ajuda. Teriam matado a todos nós se não fosse por ele.

“ Ora. Não nos preparamos. Agora estão mortos de qualquer maneira.”

- Haverá mais.

Seus homens cravaram os olhos nela em um silêncio surpreso. Ela tomou vantagem do momento para pressionar sua ação.- Não peço a vocês que fiquem e me ajudem a brigar esta batalha, - ela lhes disse, sua voz timbrando através da escuridão. -É somente minha para lutar, mas se vocês ficarem logo aceitarão a Bishop tanto como um de nós e ganharão minha gratidão eterna.

Dimitru cuspiu nos pés do Bishop, como se sua opinião não tivesse sido o suficientemente clara antes de que ela falasse.

O vampiro não se moveu, mas Marika sentiu sua presença desdobrar-se ante ela, como se ele tratasse de restringir seu poder. Estes não eram seus homens, eram

dela. Ela tinha que recuperar sua liderança, e se isso significava ter que provar sua dominação sobre Dimitru, ela o faria.

- Quer se opor a mim, Dimitru?- Ela expressou a pergunta suave, mas claramente. -Desafia-me sobre isto?

Dimitru zombou, mas dirigiu seu olhar a Bishop. O vampiro não pode ser confiável.

Marika podia haver-se arqueado de alívio. Nenhum desafio então.

- Você esteve bebendo muito ontem à noite,- Bishop disse ao tosco homem menor... - e tem o cheiro de uma mulher que não é sua esposa. Fiz muitas coisas que você não gostaria, mas trair a um ser amado não é uma delas.

Todos eles cravaram os olhos em Dimitru em estado de choque. Marika esperou que negasse a acusação – desejava que a negasse. Mas não o fez.

- Uma cigana,- Bishop comentou, parecendo captar um aroma na brisa. A aparência que ele mostrava ao homem era desapaixonada, quase interrogativa.-Uma virgem. Você a forçou?

Mãos apertadas, Dimitru deu um passo adiante, mas ele não tinha perdido toda sua razão, aparentemente, pois se deteve abruptamente. Ele tinha melhor critério para atacar Bishop, mas lançou adagas pelos olhos contudo.

- Oh, Dimitru.- Sua decepção era clara em sua voz. E o sentimento não estava dirigido só a Dimitru, mas a Bishop também. Ela sabia que ele só se defendia, mas revelar tal coisa tão feia a respeito de um homem diante dos que o respeitavam era baixo.

E ainda assim ela não poderia negar que ela teria feito o mesmo se suas situações estivessem invertidas. Ele poderia ter revelado a ação, mas Dimitru era mesmo assim o que a tinha cometido.

O homem e o vampiro cravaram os olhos um no outro mutuamente, um ruborizado e furioso, o outro frio e equilibrado. Havia uma tensão nos ombros de Bishop que não gostava. Ele era como uma mola que só precisava de uma provocação correta para estalar.

- Parem com isso, os dois. Dimitru, se você não pode brigar ao lado de Bishop, então vá para casa com sua família, aonde é seu lugar.- Ela não pôde resistir a esse último sarcasmo. Tinha conhecido a família de Dimitru durante anos. Ela sempre tinha pensado nele como um marido e pai devoto. Como um amigo devoto. Agora que uma dessas crenças tinha sido posta em julgamento, ela não sabia como sentir-se. Mas ela sabia que acreditava em Bishop completamente.

O romeno corpulento não disse nada, mas ele deu um passo afastando-se do desafiante Bishop, esfregando a barba incipiente sobre sua cabeça com uma mão suja.

Surpreendentemente, foi Sergei que deu um passo adiante. De todos os homens ali – facilmente uma dúzia e meia – ele era único dos poucos que tinham estado na noite do ataque presenciando a morte de Ivan.

-Vi o vampiro salvar a vida de Marika essa noite, - disse aos outros. -Ele teve a oportunidade de escapar e ficou em lugar disso a nos ajudar. Se Marika confiar nele, então o farei também.

Foi necessario só esse testemunho para convencer os outros. Falaram silenciosamente entre eles por um momento e logo se adiantaram, um por um, a empenhar sua fidelidade contínua. Dimitru foi o último para dar um passo adiante, mas apressado ele o fez.

Marika silenciou seu suspiro de alívio detrás de um sorriso. -Obrigado, Dimitru.

Ele assentiu, mas sua atenção estava em Bishop. -Mas o matarei ante o primeiro sinal de traição.

Bishop assentiu – esse sinal masculino universal de compreensão.

-Deixaram alguma coisa útil atrás?- Ela perguntou a Sergei uma vez que o resto dos homens voltaram ao trabalho. -Algo que nos possa dar uma pista de sua identidade?

Ele colocou a mão em seu bolso e sustentou algo em seus dedos sujos. - Encontramos isto.

Marika o pegou, sustentando-o ante a luz do fogo. Era um anel – liso e de prata, a parte superior dele girava. O metal fez sua pele comichar, mas ela ignorou. Um lado representava um cálice. O outro, uma mão, uma palma que estava orientada para fora.

Marika o mostrou ao Bishop. -Viu alguma vez algo como isto?

Ele não tocou o anel – essa coceira seria uma queimadura terrível para ele – a não ser apoiado sobre sua mão para estudar o desenho. A ação pôs sua cabeça muito perto da dela, e ela podia cheirar o aroma quente, especial de seu cabelo. Seu coração golpeou pesadamente em resposta, e quando ele subiu seu olhar ao dela, ela pôde ver seu desejo não convidado.

Como podia isto acontecer?

- Não, - ele respondeu, endireitando-se.

- Vi este desenho em algum lugar antes. Marika olhou fixamente o anel, sua mente limpando-se como Bishop se afastou. O desenho nadou em sua cabeça – uma visão nebulosa de outro tempo.- O desenho inundou em cabeça – uma visão nebulosa de outro tempo.

- Tenta lembrar, - Bishop urgiu. -enquanto isso perguntarei a Molyneux se ele estiver familiarizado com isso quando escrever minha resposta a ele.

- Maravilhoso. Obrigado.

olharam-se um ao outro um momento, o calor do fogo não era nada comparado ao calor de seus olhares. Esta atração crescia fora de controle. Ela o desejava outra vez, queria senti-lo movendo-se dentro dela. Em seus braços não havia perigo, só segurança e prazer.

Quão violento era que o único lugar onde ela se sentia verdadeiramente como se tivesse um lugar era nos braços de um vampiro – seu inimigo jurado.

Não houve equilíbrio para seu mundo jamais.

Ela quase foi a ele. De fato, ela tinha dado dois passos em sua direção quando um cavalo e seu cavaleiro vieram galopando ao acampamento.

Meu deus, estavam ela e Bishop tão apanhados dentro do desejo um do outro que nenhum dos dois prestou nenhuma atenção seus a afinados sentidos? Um deles deveria ter ouvido este estranho muito antes de que ele chegasse.

Era Andrei, o filho maior de Sergei. Ele era tudo o que se espera de um rapaz de dezoito anos, alto e desengonçado, mas tinha os ombros firmes de seu pai e a força. Neste momento, entretanto, ele se via mais como um menino assustado que um jovem.

Ele desembarcou de um salto do seu cavalo e foi diretamente a seu pai. Logo, vendo Marika, ele mudou de curso e se precipitou diante ela em lugar disso.

-Andrei.- Ela o tomou pelos ombros. -O que é isso? Há alguém ferido?- Tinha morrido alguém? Houve outro ataque?

“ Um Povoado para o este,-disse-lhe , seu fôlego em curtos ofegos, - foi atacado cedo esta tarde. Mais da metade das pessoas foram assassinados.

O calor se foi do rosto de Marika e de suas mãos, apoiando rapidamente seu corpo na planta de seus pés. -Como?”

O moço olhou sobre seu ombro, deixando cair sobre Bishop um olhar de puro ódio. Vampiros.

Capítulo 10

- Obrigado por não machucá-lo.

Bishop se sobressaltou quando Marika tocou ligeiramente no corte no canto de sua boca. Estava já se curando, mas tinha o desconforto intenso de um papel talhado. Estavam de volta em sua casa, na quietude de seu dormitório. Ela pediu que a deixasse bancar a médica, assim é que ele permitiu – se não por alguma outra razão, pela necessidade patética de sentir suas mãos nele.

- Se o tivesse ferido, então teria posto os outros contra mim também.

Além disso, Andrei o tinha golpeado só poucas vezes antes de que seu pai e os outros os separassem. Tudo o que Bishop tinha que fazer era levantar-se ali e pegá-lo.

Ele tinha agüentado o pior.

Ela pousou o olhar nele. Para ele os olhos dela eram como opalas negras – tão brilhantes e ainda tão escuras. Seu arco de Cupido tão cheio e beijável. Recordava a uma boneca – uma boneca com uma adaga escondida dentro.

- Pode matar todos eles?- Ela perguntou com um indício de temor e certamente o fez franzir o cenho. Se ele respondesse honestamente, ela pensaria que era mais monstro do que ela já imaginava?

- Provavelmente, - ele respondeu. Seus homens são guerreiros especializados e mais ameaçadores que a média. Depende de suas armas e de qualquer modo têm mais dessa droga que usou em mim.

Ela se ruborizou. -Não tem.

Com ela estando tão perto ele podia sentir o calor crescente de seu sangue. De todas as mulheres no mundo, por que tinha que ser ela a que podia fazê-lo querê-la como ao ar que respirava? Poderia matá-lo em seu sono, matá-lo tão malditamente rápido e fácil que outros vampiros sacudiriam suas cabeças e lamentariam sua estupidez.

Ela terminou com seu corte – estava quase completamente curado – e lançou o tecido que ela tinha usado na bacia de água na mesinha de noite.

- Não tem que vir conosco.- Ela manteve seu olhar evasivo enquanto falava.

Ela ia atrás de um assassinato – uma reunião – de vampiros. É obvio que ele tinha que ir com ela. Ele a observou de frente, mas não encontrou emoção ali. - Não vou deixar que vá sozinha.

- São de sua espécie e tenho intenção de matá-los.

- Matam a pessoas inocente. Merecem morrer.

Seu olhar voltou outra vez a encontrar o dele. Você realmente acha isso?

Ele assentiu. - Acho.

-Não me trair na metade da briga e se unir a eles?

Se não fosse pelo medo real que ele ouviu em sua voz, poderia ter pensado que estava brincando. -Não. Por que faria isso?

Marika agachou a cabeça, a trança negra grossa caindo por seu ombro. -Pelo que te fiz, te seqüestrar, te torturar. Pode guardar uma necessidade de vingança.

Ele deu de ombros, subindo seus dedos para brincar com a ponta aveludada de sua trança. – Você já me compensou por isso.

Ela realmente se moveu de um puxão pela surpresa. Ele teve que soltar sua trança para evitar puxar seu cabelo. - Compensei?- Seu rosto mudou então, ficando rígido. Pelo sexo, quer dizer.

A trança tinha caído detrás dela. Ele teve que esticar-se ao redor de sua cintura para encontrá-la outra vez. Lentamente ele envolveu o cordão grosso de cabelo ao redor de sua mão. -Quando você voluntariamente me deu seu sangue me emocionou mais que qualquer vingança. Quer dizer que confia em mim – querendo ou não.

Ela não disse nada, mas ele a ouviu ofegar. Sua outra mão foi a seu quadril – suave e cheio sob suas calças ásperas – e a puxou para mais perto. Ela estava colocada no "v" de suas pernas, seus joelhos comprimindo contra seu colchão, seu peito simplesmente a polegadas longe de seu rosto.

- Quando você tomou meu pênis a primeira vez, soube que sua tortura era tão grande quanto a minha.

Ela tremeu, um simples pequeno reflexo que tirou suas presas. -A primeira vez? A única vez.

-Não se pudesse ajudar. Ele deslizou sua mão abaixo de seu quadril para seu joelho, puxando até que ela meio se ajoelhou na cama. Quero-te, Marika. Quero estar dentro de você.

Ela baixou os olhos a ele, firmando uma mão contra seu ombro – para que assim ele não pudesse deixá-la fora de equilíbrio, sem dúvida. -Sexualmente ou como alimento?

Ele riu abafadamente. -Ambos.- Ele soltou seu cabelo para alcançar seu outro joelho. Quando ele a teve escarranchada nele, segurou-a ali. -Se tivesse que fazer uma escolha, então seria sexualmente.

- Oh?- Sua suspirada pergunta enviou um golpe rápido de calor movendo-se a grande velocidade através dele acabando em sua virilha. Ele se engrossou e endureceu, estirando-se contra a parte dianteira de suas calças.

- Posso obter sangue em qualquer lugar, mas não há ninguém mais no mundo que seja como você.

E logo ele se precaveu que ele havia dito muito. Algo em seus olhos mudou – suavizando-os. Obscurecendo-os.

Ela baixou a si mesma em cima de seu regaço – a suavidade quente dela acomodando-se contra sua rigidez. Bishop gemeu ante a doce tortura.

As mãos da Marika dividiram a gola de sua camisa, fazendo saltar os botões até que tinha deixado ao descoberto seus ombros e a parte superior de seu peito. Seus dedos suaves foram deslizando-se pela parede de seu peito, através do pelo e até sua clavícula para finalmente acariciar e curvar-se ao redor da coluna de sua garganta.

-O que aconteceria se te mordesse? Sua voz tinha baixado uma oitava, a um grunhido baixo, gutural. Os pontos de suas pequenas presas cintilaram à luz de abajur, e Bishop tremeu ante a visão.

Por fazer a esses dentes perfurarem sua carne, por senti-la beber dele como ele bebeu dela...

Sua boca estava em seu pescoço, uma raspagem sutil que deixou seu pau pulsando desesperadamente.

- Não faça isso, - ele conseguiu ficar sem fôlego. -Marika, não sei o que acontecerá se o faz.

Ela levantou seu pescoço, seu olhar escuro travando-se com o seu. Ela entendeu o que ele queria dizer; Ele o podia ver. Não sabia o que aconteceria a ela e nunca perdoaria a si mesmo se seu sangue a transformasse.

Sua mão deslizou entre seus corpos, à dureza entre suas pernas. Ela acariciou e apertou até que pontos flutuavam ante seus olhos. -Há outras formas de te saborear, - ela gemeu contra sua boca, e logo ela se foi, deslizando-se para baixo para ajoelhar-se entre suas pernas.

Ele não a deteve. De fato, ele desabotoou suas calças, empurrando-a para baixo a fim de que fosse liberado o comprido completo, muito urgente. Firmando-se em sua palmas, os braços rígidos atrás dele, esperou, os quadris arqueando-se enquanto suas mãos firmes o rodearam. E quando seus lábios suaves se fecharam ao redor da

cabeça de seu pênis, ele afrouxou para trás sua cabeça e gemeu em submissão absoluta.

Sua boca era ardente e úmida, sua língua como veludo enquanto o acariciava. Cada roce de seus dentes – o fio dessas presas delicadas – enviava um estremecimento retorcendo-se na base de sua coluna vertebral. Ela chupou e lambeu e formou redemoinhos até que ele pensou que seu controle arrebentaria.

E então ela tinha ido, deixando-o pulsando e pulsando e friamente úmido.

As palpebras pesadas, Bishop abriu os olhos para vê-la posicionar-se ante ele. Ela tinha tirado as botas e estava trabalhando com o resto de sua roupa. A luz dourada a banhava. Seus olhos estavam negros, seus lábios vermelhos e úmidos. Ela tirou a camisa, revelando o pequeno meio espartilho debaixo. Empurrou seus seios para cima em colinas douradas, obscurecidas, nas que ele quis enterrar seu rosto. Inferno ele poderia mastigar esses cordões se com isso conseguisse despi-la rapidamente.

Começou a eliminar suas próprias roupas também, olhando como ela lenta e metodicamente se despia. Sabia ela o que seu pequeno “ espetáculo ” fazia? Se ele fosse humano, então ele já se teria consumido a estas alturas.

Graças a Deus que não era um homem normal enfrentado com admiração a esta mulher.

O último que ela removeu foi o pedaço de couro que segurava sua trança. Levantando seus braços, ela despenteava com os dedos a trança enquanto chegava a ele, gloriosamente nua. Fios de seda negras fluíram sobre seus ombros, correndo sobre seus seios. Os doces mamilos rosados apareciam através dos fios que foram a deriva para baixo para os cachos úmidos na parte alta de suas coxas.

- Deusa,- ele murmurou enquanto ela se unia a ele na cama. É a mas bela mulher que vi em toda a vida.

Ela o contemplou com olhos inquisitivos enquanto ele a colocava sobre suas costas contra a montanha de travesseiros. Ele sabia a pergunta em sua mente tão certamente como se a houvesse dito em voz alta.

Mais bela que Elisabetta?

- Sim.- Foi um chiado gutural, uma admissão que ele não queria fazer até enquanto seu coração o exigiu. O conflito entre cabeça e coração o frustrou, enchendo-o de uma quase feroz agressividade sexual. Ele não queria que esta pequena *dhampyr* fosse mais que Elisabetta quando tinham sido pessoas como ela as que tinham matado a uma mulher tão inocente. Mas ele não poderia negar que ele reagia com Marika de um modo que ele nunca tinha reagido com Elisabetta. Ele não se preocupou em machucar Marika. Os fortes membros dela o seguraram, embalaram-no. Havia calor e segurança em seus braços.

Deus o ajudasse, mas sentia Marika como se ela tivesse sido feita especialmente para ele.

Ele se aconchegou entre suas coxas estendidas, não querendo que ela visse a carga de emoção em seus olhos. Suas mãos se deslizaram sobre a pálida carne no vale fragrante no meio. Seus polegares a separaram – tão escorregadia e inchada – e

sua boca alí pousou, sua língua passando rapidamente dentro para roçar o nó sensitivo de carne escondido ali.

Ela ficou sem fôlego, os quadris arqueando-se. Desalmadamente, posesivamente, Bishop agarrou seus quadris e afundou nela. Ele tomou com sua língua, lambendo e acariciando sem piedade até que ela ondulava contra sua boca, pequenos gemidos e soluços separando-se incoerentemente de sua garganta.

Ele quis tomá-la onde ninguém alguma vez o fez. Ele quis fazê-la tão vulnerável a ele como ele era para ela. Qualquer homem que seguisse depois dele por sempre seria comparado com a forma em que ele a tinha feito sentir-se.

A idéia trouxe um grunhido a sua garganta. Não haveria outro homem. Nenhum outro.

Ele a importunou com lambidas suaves. Os dedos dela enredados em seu cabelo, oprimindo sua cabeça, tentando forçá-lo mais profundo entre suas pernas. Ele deslizou dois dedos dentro de sua acolhedora umidade, curvando-os para cima até que ele a sentiu responder. Explorou até que encontrou o ponto que a fazia ficar sem fôlego e tremer. Sorrindo para si mesmo, Bishop emparelhou os golpes de seus dedos com o golpe de sua língua e foi recompensado com os doces espasmos, alagando-a enquanto seu corpo ficava rígido e Marika gemia com o orgasmo.

Endireitando-se, Bishop aferrou suas pernas em suas mãos e instalou seus joelhos em seus ombros. Guiou seu pênis a entrada de seu corpo e se enterrou por completo dentro dela. Ela exalou um fôlego áspero, arqueando-se para cima para aceitá-lo. Ao redor dele, podia sentir as paredes apertadas de seu sexo estremecendo-se pela libertação que lhe tinha dado.

Ele a acomodou de tal maneira que seu traseiro descansou sobre suas coxas e logo ele se inclinou para frente, abrindo-a a seus impulsos. Uma mão sustentava sua cabeça, a outra foi ao seu sexo, acariciando essa pequena cordilheira que estava ainda dura e sensível a seu toque.

- Nenhum outro, - grunhiu, seu olhar enredando-se com a dela. Ela estava ruborizada e coberta de suor – as palpebras pesadas e os lábios separados. Ele empurrou forte. -Nenhum outro.

Ela se agarrou a seu braço com uma mão, seus dedos mordendo em seus bíceps. A outra agarrou seu cabelo, empurrando abaixo sua cabeça a seu peito.

- Nunca, - ela ofegou.- Nunca como você.

Bishop grunhiu de acordo enquanto seu sexo se fechava hermeticamente ao redor dele, agarrando-o com força com uma ferocidade que o fez apertar os dentes em um esforço por conservar o controle. Ele se recusou a gozar até que ela o fizesse. Ele queria saber que ele a tinha enviado ao limite pela segunda vez antes de abandonar-se ao prazer.

Ele importunou a seu mamilo com sua língua, sentindo a suave carne rosada endurecer-se e enrugar-se sob sua atenção. Ele o sugou, beliscando-o com seus dentes, devorando-o até que ela se contorceu baixo ele, seus calcanhares cravando-se em seus ombros.

Os dedos dela empurraram seu crânio. Bishop abriu sua boca mais à frente, deixando suas presas completamente alongados. Ele perfurou a carne de seu seio e o meteu em sua boca, saboreando. Marika ficou rígida, arqueando-se baixo ele enquanto gemia no clímax. O mesmo a seguiu – uma corrente paralizante de prazer que o fez lançar-se contra ela, sua boca se aferrou a seu peito até que ele explodiu dentro dela. Quando seus sentidos retornaram, ele jazia meio em cima dela, sua cabeça em seu seio. De alguma forma ele encontrou força para levantar a cabeça e lambeu as marcas da espetada em seu seio. Fechariam-se rapidamente e estariam curadas dentro de umas poucas horas.

- Sinto muito,- ele murmurou, seus dedos cuidadosamente acariciando a carne ao redor da ferida. -Pode haver um machucado.

Seus dedos acariciaram seu cabelo.-Desvanecerá-se.

Bishop fechou seus olhos e colocou seu couro cabeludo em sua mão. Se ele pudesse ronronar o faria. -Durará mais a seguinte vez, prometo-o.

- Não sobreviverei.

Ele sorriu ante o humor em sua voz.

Sua outra mão tocou suas costas, abraçando-o. -Sei que deveria dizer que esta será a última vez e nunca mais haverá outra vez, mas não posso fazer isso.

Abrindo seus olhos, ele virou sua cabeça para avaliá-la. A aparência de resignação em seu rosto rompeu seu coração. Ele não estava ofendido, só se entristeceu. E um pouco de culpa por ser o único que a tinha posto ali.

- Tudo o que tem que fazer é me tocar e me acendo. Ela colocou uma mecha de cabelo detrás de sua orelha. -Deveria-te odiar por isso e não posso. Poderia-me deixar amanhã e eu não lamentaria te conhecer assim.

Ele beijou sua bochecha. -Nem Eu.

Poucos minutos de silêncio passaram antes de que ela falasse outra vez. -Não te importa?

Ele beijou sua têmpora. Poderia passar o resto de eternidade acariciando com o nariz a esta mulher. -A respeito do que?

Ela mudou de direção para ele. -Que tenha ... experiência?

Ele lambeu a curva de sua orelha. Ela tremeu. -Sexualmente?

- Sim.

- Não. - ele estava ficando duro outra vez. -De fato, me alegro por isso.

-Se alegre?

Ele supôs que ela estava surpresa porque tinha passado algum tempo em uma sociedade onde uma mulher experiente seria tachada como uma puta, mas ele estava muito velho para essa tolice. - Sim. Não tenho que me preocupar com te machucar ou te assustar.

Ela tratou de afastar-se. -Ah, então sou conveniente.

Ele apertou seu abraço nela, moldando seu corpo contra o dela. -Soa ciumenta. É possível isso que a grande Caçadora tenha desenvolvido sentimentos por mim, um vil vampiro? Ele o quis dizer de brincadeira, mas a aparência do vermelho em suas bochechas o fez querer esbofetear-se a si mesmo.

- Marika, Eu... –

Ela o deteve com um dedo em seus lábios. -Sim, - ela respondeu, sua voz esquivada. -Sou estúpida por admitir, mas sinto algo por você. Cheguei a gostar de você e te respeito, Bishop. Não poderia estar aqui com você de outra maneira.

Ela o humilhou. -Sei.- Mas realmente ele não tinha idéia do quanto exatamente custou a ela dizer essas palavras. Ele só podia adivinhar, e até o havia tocado de forma que ele não estava preparado para admitir.

-Estou errada ao assumir que sente o mesmo a respeito de mim?- Havia tal vulnerabilidade nua em sua voz.

E mais. -Não. Não está errada.- Agora não era o momento para lhe contar que ele a perderia quando ela não estivesse ali, que ele temia por sua segurança. Em algum momento ele tinha querido matar a si mesmo, e agora aqui estava, tomando-a em seus braços e pensando em quanta vida lhe dava.

- Se as coisas saírem mal quando caçarmos aos vampiros...

Agora foi ele que a fez calar. -Não o sairão.- Ele se asseguraria disso. Ele não a perderia. Não agora.

- Não os deixe me converter.

Ele ficou rígido. - O que?

- Se um dos vampiros trata de me converter, mata-o. Ou me mate. Promete isso?”

Que diabos se supunha que devia dizer? Ela o olhou, tão séria e necessitadamente que ele quis lhe dar algo, mas ela tão bem podia lhe cravar uma estaca no coração.

-Você mas bem morreria antes que ser um vampiro?- A acusação era potente em sua garganta.

- Preferiria morrer antes que ser forçada.- Seu olhar pediu a ele para entender. - Não pedi para nascer assim. Se devo me converter em alguma outra coisa quero que essa decisão seja minha.

Ele entendeu então, e empurrou a tensão de seus músculos. Uma escolha. Ele tinha recebido uma escolha fazia muitas vidas. Ele tinha dado uma escolha a Elisabetta também, mas Marika... alguém tinha feito a escolha por ela.

-Prometo.

Seu sorriso rompeu seu coração. -Obrigado.- Ele a beijou, rodou-a sobre suas costas, e lhe fez amor de novo – meigamente esta vez. Era a única forma em que poderia lhe dizer tudo o que queria sem realmente usar palavras. As palavras poderiam retornar para causar obsessão. Seu toque e seu sabor, seu tato já o fazia.

Se chegasse o momento que Marika quisesse converter-se em vampiro, queria ser ele o que a convertesse.

Não estava escuro a muito tempo quando Bishop chegou a noite seguinte em seu acampamento perto de Brasov. Foram somente alguns quilômetros ao oeste do povoado sobre o que Andrei lhes tinha contado.

E embora Marika confiasse nele, uma pequena voz atrás de sua mente tinha duvidado se ele viria ajudar. Ela até chegou ao ponto de fantasiar a respeito de voltar a Fagaras depois que isto terminasse - depois de milagrosamente derrotar aos vampiros, de fato – e descobrir que fazia muito tempo que se foi.

O pensamento de que fosse embora de sua vida era pior que o pensamento de morrer por obra de um vampiro.

Em algum momento ela pensou que converter-se em um vampiro era a pior coisa que lhe poderia ocorrer, mas enquanto ela observava Bishop aproximar-se dela, a luz de seu acampamento iluminando a estrutura definida masculina de seu rosto, Marika compreendeu que não era verdade.

Perder a Bishop seria o pior. Tinha ensinado muito a ela, e havia ainda tantas coisas que poderia aprender. Sobre tudo lhe tinha ensinado que nem tudo o que parecia um monstro realmente era um.

Ela ficou em pé quando ele se moveu para ela, por completo fluída graça e sensualidade. Ele estava vestido de negro, combinando como parte da noite. Sua pele brilhava dourada, seus olhos redemoinhos brilhantes de verde e ouro. Seu cabelo brilhou com toques de luz avermelhados. Ele era, em sua mente, perfeição masculina.

Ela quis entregar-se por completo a seus braços, enredar suas pernas ao redor de sua cintura e enterrar seu rosto em seu pescoço. Ela queria – Oh, Meu deus, quanto queria – perfurá-lo com suas presas e saborear o calor salgado dele. Era um ato que ela associava somente com vampiros e isso deveria aborrecê-la.

Mas não fazia aborrecia; Embora ela soubesse o que faria a ela, não a desgostava ou assustava a metade do que deveria fazê-lo.

Provavelmente Bishop estava correto. Provavelmente ela era menos humana do que ela queria acreditar. Provavelmente o lado vampiro de sua natureza era o mais forte. Era uma revelação que não a incomodava tanto quanto deveria fazê-lo, e por essa só razão, ela decidiu já não pensar nisso.

- Chegou.

Ele ficou em pé ante ela, os membros frouxos e relaxados. Sob os aromas da noite – o bosque, a terra, madeira queimando-se, cavalo intranquilo – estava o aroma dele. Era essa doçura que o fazia pensar em canela quente, noz moscada ou cravos da índia.

-Disse que viria.- Ofereceu a ela um sorriso, seus olhos refletindo as chamas do fogo. -Pára de me olhar dessa maneira.

A pesar do perigo que poderiam encontrar, ela sorriu.-De que maneira?

- Como se quisesse muito comer um bocado de mim.

- Talvez queira.

Um grunhido baixo retumbou em seu peito. Conheço precisamente o ponto.

- Marika! Era Dimitru quem rompeu o feitiço. -Vamos. Agora!

Suspirando, Marika sorriu com arrependimento a Bishop. -Preparado?

-Adiante.

Uniram-se aos homens e se dispuseram a subir o campo. Em um prazo de minutos montavam para o seguinte povoado.

Baseados no que Andrei havia dito – e outras histórias que haviam arrecadado durante o dia – estavam seguros que os vampiros atacariam outra vez esta noite. Seu padrão parecia ser a cada dois dias, começando com um ataque quatro noites antes. Trabalhariam a rota oeste se se apegassem ao hábito.

Marika não havia dito nada, mas temia que os vampiros abrissem caminho para Fagaras. Não tinha provas, mas seu estomago diziam que estavam atrás dela – ou de Bishop. Desde que seu instinto raramente se equivocava, ela o escutava quando lhe dizia que a aldeia a que foram agora podia ser o próximo destino. Era a única a alguma distância, e seu isolamento a fazia o local de caça perfeito.

Ouviram gritos enquanto se aproximavam, e Marika correu velozmente para os gritos. Ela viu gente correndo através do povoado como patos acuados por lobos. Um por um caíram pela fome do que era facilmente uma dúzia de vampiros.

- Tantos, ela respirou. Ela nunca tinha visto tantos.

-Alguns jovens, - Bishop respondeu, deslizando seus dedos através das correias de um *katar* (N.T.: **Katar** é uma arma de origem indiana, muito usada pela seita Thugee. É uma adaga composta de lâminas e um bracelete, para que possa formar uma extensão do braço.). A folha se ajustava comodamente contra a parte superior de sua mão, o punho amplo contra seu pulso. Nenhum pequeno vampiro desalojaria esta espada enquanto ele golpeava com ela. -Será relativamente fácil matá-los.

Ela acreditou em sua palavra e enviou seus homens rapidamente. Com esperança poderiam salvar alguns dos cidadãos.

Como os vampiros conseguiram chegar tão rápido? Havian estado espreitando-os na espera?.

Ou nos seguiram? Para qualquer um poderia soar inverossímil, mas o pensamento a fez duvidar. O que acontecia se os vampiros tinham estado estando à espreita deles? Este ataque completo podia ter sido orquestrado para chamar sua atenção, para trazê-la aqui onde ela e seus homens seriam vulneráveis.

O que aconteceria se ela os tinha conduzido a uma armadilha?

Ela foi impedida de perguntar-se mais ainda quando um vampiro chegou arremetendo contra ela. Ia muito rápido para que ela o distinguisse claramente, mas havia algo incorreto com seu rosto. Seus olhos e suas presas pareciam de maneira pouco natural grandes. O reflexo tomou o controle e ela puxou sua espada, mas antes de que o vampiro a alcançasse explodiu em um brilho de luz. Quando sua vista se limpou, ela viu Bishop levantando-se antes dela, sua mão estava ensanguentada e havia algo em sua palma

Ele tinha colocado sua mão através das costas do vampiro e tinha arrancado seu coração.

Se ela duvidava de sua lealdade para ela, então nunca o faria de novo.

-Está completamente bem?- Sua voz era rude.

Ela assentiu. Quão último ela queria era que estivesse distraído pela preocupação por ela. -Estou agora. Vai.

Ele foi, girando ao redor com graça felina. Ele saltou para outro vampiro. O *katar* brilhava intermitentemente e o vampiro caiu. Logo sua atenção foi levada para a batalha, e Marika o perdeu de vista.

Deu-lhe a sensação de que horas passaram quando ela teve um momento de calma, embora sabia que não tinham passado mais que uns poucos minutos. Sua mandíbula estava machucada pelo punho de um vampiro, mas não estava quebrada. Seu pescoço havia sido arranhado, tal como seus braços, mas nada muito sério. Ela teve boa sorte. O colete de couro que tinha posto lhe proporcionava alguma amparo contra as garras, mas tinha sido rasgado durante a luta.. Se não fosse pelo colete ela muito provavelmente seria a morta – não o vampiro ardendo a seus pés.

Havia sangue em suas mãos e seu rosto. Estava toda ao redor dela, gotejando dos corpos de homens e vampiros que jaziam morrendo não muito longe. Ela cheirava essa e cheirava a dela. O medo e a agressão rodavam através dela, emergindo em suas veias. O sangue pareceu chamar buscando-a, fortalecendo-a. Logo, na brisa, outro aroma. Outro sangue.

Bishop.

Ela se dirigiu para o cheiro, seus olhos agudos indo em busca de seu amante na escuridão. Seu coração rasgava grosseiramente, sem ritmo ao pensar em nele ferido.

Ela avançou dentro do centro do povoado e o encontrou lutando contra dois vampiros enquanto três de seus homens lutavam contra um. Os vampiros não eram tão fortes quanto Bishop mas eles tinham armas. Saia sangue dos cortes em seu peito e suas armas, e de uma ferida maior ela não podia ver, mas ela soube estava ali pelo cheiro forte de seu sangue. Foi essa ferida maior que a deixou preocupada.

Com sua adaga na mão, Marika saltou para eles. O poder a incitou, lhe dando velocidade que não era normal até para ela. As presas explodiram de suas gengivas como algo profundo dentro dela levantando a cabeça e rugindo.

Ela saltou ao ataque - essa foi a única palavra para ela. Ela apanhou a um dos vampiros na metade do círculo e o jogou no chão, conduzindo sua adaga de prata em seu coração. O ar instantaneamente se encheu do aroma de carne muito quente. Marika retirou a espada e metodicamente cortou a garganta da criatura, assegurando que não cicatrizaria a si mesmo e se levantaria outra vez.

Lançou-o a seus pés, limpando sua lamina em sua coxa. Virou-se para ver Bishop despachar ao outro vampiro o enquanto três mais que se apressaram para eles. Seus homens acabaram com sua presa e passaram a unir-se a eles.

Marika passou ao quiosque ao lado de Bishop. -Pode brigar? Ela perguntou, sua voz baixa. Não é que tivesse importância; Os vampiros a podiam ouvir tão bem como ele. Podiam cheirar seu sangue como ela podia.

- Estou bem, - ele respondeu, seu olhar nunca deixando seus adversários.

- Ele está débil, - um dos vampiros arrulhou. -Toma primeiro ao velho. Logo aos homens. Depois a mulher.- Seus olhos frios, brilharam iluminados em Marika, dando indícios de uma promessa de tortura sexual.

Ele pensou que a assustaria, mas ele estava enganado. Aquilo dentro dela ria ante sua ameaça, arranhava-se mais perto da superfície. Com um som de quase pura alegria, Marika deixou ao descoberta suas presas e se lançou. Bishop se moveu com ela.

Sua espada relampejou e esfaqueou. Ela se movia com uma graça veloz como o raio que não tinha pensado que era. Seu único pensamento foi Bishop e sua sobrevivência. Ela matou para protegê-lo. Ela matou por ele. Ela perdeu a conta dos vampiros que vieram para ela. Ela não soube quantas ela matou ou como muitos de seus homens tinham morrido em pé de luta. Uma vez que um vampiro estava morto se virava para outro.

O aroma de sangue encheu a noite, conduzindo-a adiante até que finalmente não houve nada a não ser silêncio. Os vampiros estavam todos mortos ou tinham ido, não deixando nada a não ser ardente cinza onde seus corpos tinham estado.

Bishop veio a ela, tão cansado e ensanguentado quanto ela. Seus braços rodearam sua cintura enquanto a atraía a ele.

- Está ferida?- Seu fôlego estava quente contra sua bochecha.

- Nada que não possa cicatrizar, - ela respondeu. -E você?

- Uma espada entre as costelas. Estarei bem uma vez que tenha uma provada de você.

Ele o fez soar tão sedutor, ela quase se esqueceu de estar preocupada. -Agora. Quero saber que está bem antes de que retornemos ao acampamento.

Ele a soltou e ela começou a partir dando meia volta. Deu um passo e se congelou.

O que restava de seus homens – todos eles exceto dois – permaneciam observando-a, ficando com o olhar fixo nela como se fora uma abominação.

-É como ele.-Foi Dimitru que falou. Sua testa estava salpicado de sangue e sua cara estava maltratada, mas sua voz era forte. -É vampiro.

- Não, - disse. -Não sou. Enquanto ela falava dirigiu a Bishop um olhar que o deixou saber que não havia ninguém no mundo similar a ele – ninguém.

- Tem presas.-Foi Sergei esta vez– soando mais angustiado que assustado. -Viu os. Vi seus olhos.

- Vocês me viram mais cedo hoje, todos vocês.- Ela tratou de lhes sorrir tranquilizadamente – não mostrando os dentes. -Estava no sol.

- Talvez não seja um vampiro,- Dimitru corrigiu,- mas tampouco é humana.

Foi depois, com eles cravando os olhos nela tão ocamente, que Marika compreendeu que seus dias de ocultar seu eu verdadeiro tinham terminado. -Não sou diferente do que toda a vida fui. Sou *dhampyr* de nascimento e o fui minha vida inteira.

Sua explicação não surtiu efeito. Deveria-os ter acalmado, deveria-lhes ter feito ver a razão, mas não o fez. Moveram-se para ela como um grupo, seu conjunto de rostos, seus olhos zangados.

- Monstro, - Sergei vaiou. -Confiamos em você com nossas vidas, com nossas criaças.

-E eu nunca os traí. Bishop segurou seu braço, mas ela se recusava a mover-se. Estes eram seus homens, maldita seja! Sua família.

- Que vivas é traição suficiente.- Sergei levantou seu queixo. -Quando tinham você e seu amante do demônio intenção de nos matar? Quando retornássemos ao acampamento?

-Matá-los? Sergei, nunca lhes faria mal. Ela tratou de ir a ele, mas Dimitru saltou frente a ela, uma espada de aspecto malvado em sua mão.

- Feto do inferno. Ele realmente a desprezava. -Enviarei-te de retorno a seu Criador!

Se não fosse pelos reflexos rápidos do Bishop, seu antigo amigo teria encravado a faca em seu peito tal como lhe tinha visto fazer fazia alguns minutos aos vampiros. Marika cravou os olhos nele, incapaz para compreender mesmo que fosse consciente de tudo o que acontecia a ela.

A Bishop a segurou ao redor da cintura agora, enquanto seus homens convergiam neles com gritos de ódio e guerra. Uma dor abrasadora queimou sua perna enquanto deixavam o terreno – Sergei tinha tratado de esfaqueá-la na coxa.

O vôo de volta a Fagaras não foi tão fácil como a última viagem em que Bishop a tinha levado. Marika se aferrou a ele bastante depois de que tocaram a terra de novo. Na escuridão não tocada da horta detrás de sua casa, lhe ofereceu seu pescoço a fim de que ele pudesse cicatrizar – e a fim de que ela pudesse sentir algo além do estupor ameaçando por alcançar até sua alma.

Seus homens pensavam que era um monstro. Apesar de tudo o que tinham estado fazendo juntos, já não confiavam nela. Pensavam que ela era má. Não tinha importância que ela tivesse brigado ao lado deles, tivesse lutado por eles.

Se alguma vez na vida a encontrassem, então a matariam.

Capítulo 11

Sua pequena casa podia não ter muitas comodidades modernas, mas tinha uma banheira grande com água assombrosamente quente – algo de que ele tomou vantagem completa ao preparar um banho para Marika. Ele encheu a tina tão acima quanto pôde, acrescentando oleos e ervas que ele pensou que a poderiam reconfortar.

A verdade seja dita, ele não sabia mais que fazer com ela. Ela estava fria e tremula e coberta de sangue. Ele se tinha alimentado dela depois de sua volta – mas só o suficiente para aliviar o corte profundo em seu flanco, e só depois de que ela

pareceu necessitar que ele o fizesse ainda mais do que ele o fazia. Se ele só tivesse sabido o quão profundamente a tarde a tinha perturbado, então ele não a teria mordido absolutamente.

Normalmente poderia ter pensado em seus sentimentos, mas estava tão alterado pela briga que ele não tinha estado pensando claramente. Agora que seu julgamento tinha retornado ele percebeu apenas que tão desolada devia estar.

- Vêem.- Tomando a pela mão, ele a colocou na banheira. Seus dentes tagarelavam apesar do fogo que ele acendeu e a manta ao redor de seus ombros.

Esta reação o inquietou. Ele estava acostumado a vê-la forte, atrevida e desafiante. Vê-la assim era um aviso terrível de quão humana e frágil era na verdade. Não foi a briga o que lhe tinha feito isto, foi a traição desses aos que ela tinha apreço. Se alguma vez ele tivesse querido saber sua fraqueza, então agora saberia.

Ao menos ele podia relaxar na segurança de que seus homens não tinham idéia de onde estava sua casa ou como encontrá-los. Não havia dito a ninguém onde ficava, possivelmente porque estava envergonhada ou possivelmente para proteger tudo o que envolvia. Não lhe importava. Ele se alegrava simplesmente por isso.

E agora justamente queria encarregar-se dela e não pensar a respeito do que poderia ter acontecido.

Despiu-a como o faria a uma criança. Jogou suas roupas descartadas em um montão perto da porta para queimar. O sangue poderia sair mas seriam um aviso constante da traição de seus homens – algo que lhe economizaria se pudesse.

Se tão somente os vampiros realmente tivessem alguns dos poderes que o senhor Stoker e outros lhes tinham dado. Se tão somente pudesse introduzir-se em sua mente e arrancar esta noite horrível.

E logo poderia tirá-la de sua própria mente também.

Ele a pegou em seus braços e a levou pela curta distância até a tina. Ela tremeu, seus olhos desfocados enquanto ele a fazia descer na água quente. Ela suspirou quando o calor encontrou sua pele, e ele soube que ela não estava perdida completamente para ele.

Quando esteve instalada desatou sua trança e desembaraçou os fios pegajosos. Lavaria o sangue a ela depois. Logo tirou suas próprias roupas, as acrescentando ao montão e se meteu na tina atrás dela, acomodando-a a fim de que se encostasse contra seu peito. Desse modo poderia estar seguro de que ela estava quente.

E segura.

Bishop se sentou ali durante algum tempo, seus braços se envolveram ao redor dela enquanto se inundavam na água quente. Lentamente ela se relaxou contra ele.

- Estou te machucando?-Ela se retorceu para olhar sobre seu ombro. Foi a primeira coisa que ela havia dito desde que haviam chegado a casa. - Sua ferida ...

- Esquece-o.- Ela resistiu enquanto ele tratava de atrai-la a ele. -Está bem.

- Não quero te machucar.- Por que ela estava obcecada por isso, ele não sabia, mas obviamente significava algo para ela.

- Marika, estou bem.

Seus olhos escuros se abriram com ... medo?

-Não vai morrer ?

Bishop franziu o cenho. - Morrer? Claro que não.- Por que ela pensaria que ele ia morrer?

Ela sorriu. Estava tremendo mais. -Bom.- Finalmente ela se reclinou outra vez. Sua carne estava fria contra seu peito mas tinha perdido seu anterior calafrio.

- Me alegre que esteja bem, - disse-lhe, apoiando a cabeça sobre seu ombro. - Me alegre que esteja aqui comigo.

Então era isso. Abandonada por sua mãe, Saint e seu pai quando era menina e agora pelo homem que ela tomou como sua família adotada, ela estava vulnerável, completamente só e aterrorizava de que ele a deixasse também. Ele não duvidou por um minuto que ela fosse mentalmente e fisicamente capaz de ser sua própria proprietária, mas essa ferida era parte dela, essa parte que suplicava aceitação, necessitava alguém sobre quem apoiar-se como agora.

- Não vou a lugar nenhum, - disse-lhe e pressionou seus lábios contra a curva úmida de seu ombro.

Recolhendo o sabão e o pano do flanco da tina, Bishop ensaboou aos dois juntos até que uma espuma espessa os cobriu a ambos. Logo ele cautelosamente começou a esfregar o sangue, o suor e sujeira da noite fora de sua pele pálida.

Ela estava coberta de cardeais e talhos, mas pelo resto materialmente ileso. A navalhada em sua coxa já começava a cicatrizar – um dos aspectos mais positivos de sua dupla natureza.

Seus dedos tocaram a ferida franzida. -Arde.

- Deixa-a em paz. Cicatrizará logo.- Cristo, soou como uma mãe!

Ela não se arranhou, mas seus dedos continuaram riscando a carne viva, avermelhada. -Sergei tentou me matar. Ela pronunciou as palavras no mesmo tom desapaixonado que ela tinha usado para falar de sua ferida.

- Não pense nisso. Ele a enxaguou e voltou a ensaboar o pano, movendo-o sobre seu torso e seu estômago. Se ele deslizava sua mão entre suas coxas, faria-a desejá-lo? Esqueceria ela tudo isto se lhe desse prazer? Havia algo que ele pudesse fazer fodendo para subtrair esta traição e trazer de volta a sua Caçadora?

-Eles têm medo de mim. Odeiam-me.

- Camponeses ignorantes.

O momento de silêncio passou. Suas mãos chegaram a altura de sua cabeça. - Meu cabelo. Preciso lavar a cabeça.

Empurrando a um lado seu medo de que esta noite tivesse deixado uma cicatriz permanente de algum jeito, Bishop terminou de banhar a ela e a si mesmo e logo se reacomodou para ajudá-la a lavar seu cabelo. Ele encheu um tigela com água quente, para enxaguar a espuma. Quando terminou de banhá-la estava rosado profundo tingido de moreno. Ele fez uma careta.

Tirando a tampa do ralo da tina, ajudou Marika a levantar e abriu a água outra vez. Esta vez usou a mangueirinha para enxaguá-los a ambos, despachando qualquer vestígio restante da dura experiência caindo pelo tubo de deságüe.

Ele envolveu uma toalha ao redor de sua cintura e energicamente secou Marika antes de envolvê-la em uma bata e levá-la à cama.

Ela se virou contra ele sob as mantas, e lhe deu muito gosto descobrir que ela não estava já fria ou tremula.

-Deve pensar que sou uma criatura fraca,- ela comentou, sua voz se amorteceu contra seu peito. Seu fôlego enviou pequenos tremores através dele.

- É obvio. Qualquer que possa matar sozinha habilmente a três vampiros não é mais que uma desgraçada irritável.

Ela girou a ponta de seu dedo no pelo úmido em seu peito. -Não reagi bem quando Sergei e os outros vieram detrás de mim.

Ele respondeu a seu contato como um gato necessitado. Se fosse capaz de ronronar, então a cama tremeria por isso. -Não penso que ninguém nessa situação reagiria bem.

- Não podia pensar. Estava muito emocionada. Muito assustada.- Ela riu abafadamente auto-desaprovando-se.

Ele tinha tido medo também. Ver que esses homens vinham atrás dela tinha recordado a noite que Elisabetta tinha sido assassinada.

Alí não houve nada mais determinante que um grupo de homens assustados contra um inimigo comum. - Pensou que podia confiar neles. Eram seus amigos.

Ela levantou a cabeça. -Sinto alguma vez ter duvidado de você. Deveria me haver precavido de que escondi minha personalidade verdadeira deles por uma razão. Profundamente em meu interior sabia que se voltariam contra mim.

Não havia nada que ele pudesse lhe responder, assim é que ele beijou sua testa em seu lugar.

Sua cabeça voltou para seu peito. Depois de um momento ela deixou de brincar com seu peito e estava quieta. Tão quieta que ele pensou que poderia ter adormecido. Afastou seu cabelo de seu rosto para trás para assim poder vê-la e se surpreendeu quando ela elevou um olhar muito acordado e muito alerta ao dele.

Ele soube só por olhá-la que não tinha sido sono que a fez silenciar. Ela tinha estado revivendo a noite em sua cabeça.

- Esse primeiro vampiro.Ela franziu o cenho, trazendo os altos arcos , negros de suas sobrelanceias juntas. -Havia algo errado com ele.

Assim é que ela percebeu. -Nosferatu.

- Ouvi o termo antes. Sempre pensei que fosse outra palavra para vampiro popularizado pelos romances bárbaros.

Algumas vezes ele se esquecia que nem toda sua vida a tinha passado na rural Rumanía. Ela tinha sido educada e também tinha lido. Infelizmente certa quantidade do que tinha aprendido referente aos vampiros era falso – algo que ele teria para retificar se ele quisesse conservá-la viva.

E ele queria conservá-la viva por um tempo longuíssimo.

- Vem de uma palavra grega, *nosophoros*, quer dizer 'portador da praga.' Alguns o tomaram para dar a entender qualquer vampiro, mas se refere ao que chamamos um vampiro que se havia crivado a si mesmo ou a si mesma com doenças.

Ela pareceu confusa. -Mas eu pensei vampiros eram imunes às doenças.

-É verdade que não podemos contrair as afecções humanas normais, mas uma dieta de sangue doente cobrará seu preço no sistema de um vampiro.

Marika se apoiou em seus cotovelos. Ele tentou ignorar como sua toalha se escorregava, revelando a parte superior de seus seios. -Por que um vampiro beberia sangue doente?

- Usualmente podemos dizer: se uma pessoa está doente, e permanecer afastados. Mas algumas vezes a enfermidade está em suas etapas iniciais e não é detectável, mesmo para nós.

Seus olhos escuros se iluminaram com a compreensão. -E algumas vezes, como animais, os humanos mais fracos são a presa mais fácil.

Bishop fez uma careta. Ela o fazia soar muito básico, mas era certo. -Sim. E então há vampiros que estão tão denegridos por sua natureza que se alimentam só desses que são criminais, as prostitutas, dementes. Alguns pensam que o que fazem é compassivo, não dando-se conta de que envenenam a eles mesmos.

-Como sabe isso?

- Muitos de nós acreditamos nisso durante os anos de peste quando tantos Nosferatu começaram a aparecer. Infelizmente então era muito tarde.

-Como conseguiu evitá-lo?

Ele realmente não podia encontrar seu olhar. -Evitei as áreas onde a praga esteve. Só porque não podia permanecer vendo toda essa morte. E tinha visto o que beber sangue doente poderia fazer. Não quis me arriscar.

Com a parte de atrás dos nós de seus dedos passou roçando sua bochecha. Foi um gesto curiosamente reconfortante, um que esquentou seu coração. -Seu amigo? sobre o que me contou?

Bishop assentiu. Pensar em Dreux era doloroso. Tomou um curto tempo para dar-se conta do que tinha feito a si mesmo. A mudança foi lenta em vir.

-Ele não pôde curar-se? Certamente uma vez que ele começou a beber sangue saudável outra vez?

Com que facilidade ela abordava o beber sangue – como se não fosse mais ou menos tão repulsivo, tão malvado como ela uma vez tinha acreditado. -Ao princípio, possivelmente. Mas uma vez que um vampiro se converte em Nosferatu, não há volta atrás. Não que eu saiba.

Ela calou, ficando pálida à luz do abajur. -Que lhe passou?

- Uma manhã ele saiu caminhando para receber o amanhecer. Ele disse que ele não podia suportar converter-se em algo mais monstruoso do que ele já era. - Cristo, ainda doía pensar sobre isso. Tão aborrecido como Dreux podia ser, algumas vezes fastidioso e algumas vezes cordato, ele era ainda seu amigo, seu irmão. Um

momento Dreux estava ali e ao seguinte ele não era nada mais que chispas – fragmentos de luz gloriosa e logo ausente.

-Converteu-se em um monstro?

Bishop assentiu. -Ele ia nessa direção. Como ao vampiro que matei ontem à noite, ele teria começado a ser diferente, suas feições deformadas junto com seu corpo e alma. Ele era o mais suave de todos nós, mas ele se converteu em uma criatura que se alimentaria e mataria uma criança se o desejo se manifestasse. Graças a Deus tinha ficado suficiente remorso nele para pôr fim.

Ela o observou de perto, a simpatia em seus olhos desconcertando-o. Acalme-se, deve ter machucado vê-lo morrer.

O conhecia melhor do que poderia pensarque lhe gostava. -Não é algo que esqueça alguma vez em toda a vida.

-E então vocês se entregaram à igreja.

Ele assentiu. Não tomou por muito tempo ver que a igreja não era a resposta para nossa salvação. Recordo a Saint dizendo que ia drenar ao seguinte sacerdote que tentasse ' salvá-lo ' com uma ampola de água benta e um flagelo.

Ela se sobressaltou. - Meu Deus.

- Sim. depois de que saí me mantive em contato, algumas vezes ajudar com assuntos relacionados com a igreja. Têmples permaneceu conectado também. Só Chapel ficou atrás – obrigado pela culpa a ser o servente da igreja.

-Diz que o cálice estava maldito?

- Sim – por Lilith, uma *demoness*. Tenha ou não alguma verdade nisso não posso dizer. Chapel é o guardião da tradição, não eu.

Ela sorriu – com altivez, ele pensou. -Você é o guerreiro.

Rindo, Bishop retorceu uma mecha de seu cabelo úmido ao redor de seu dedo. - Outros poderiam disputar esse título, mas eu não posso, não se for assim que você deseja me ver.

Ela se entristeceu, seus olhos se estreitar atentamente. -Estive tão, mas tão errada a respeito de você. Fui horrível com você, e sinto muito por isso.

Ele sustentou seu olhar. -Isso teve seus momentos prazerosos.

Um rubor débil floresceu em suas bochechas, mas ela não afastou o olhar.- Teve?

Ele puxou seu cabelo em resposta. -Sim. Se não fosse por você me seqüestrando, ainda poderia pensar que era responsável pelo o desaparecimento de meu amigo, e agora sei que é inocente disso.

- Pelo seu desaparecimento, sim, mas houve outros que morreram em minha mão.Seu rosto se retorceu, como até com dor. -Bishop, não posso devolver as vidas inocentes que posso ter tomado.

Ele a parou com um dedo em seus lábios. -Não o faça. Não se castigue por algo mais à frente. Lamenta-o e faz o que possa por te emendar disso. A penitência sempre será recompensada.

-Você acredita nisso?

- Sim. Do contrário sou culpado de enganos passados também.

Um gesto de admiração suavizou seus traços, separou as suaves curvas rosadas de seus lábios.

- Como pude pensar alguma vez em você como um monstro?

Ele deu de ombros. - Isso é no que você precisava acreditar.

- Você sabe o que preciso agora? - Um fulgor malvado iluminou seus olhos enquanto ela perguntava.

- O que?

A seguinte coisa que Bishop soube foi que sua toalha foi arrancada bruscamente e ele estava de barriga para cima com ela escarranchada, o calor de sua virilha nua pressionada contra a dele.

- Você.

Sentando-se escarranchado ele, Marika agachou sua cabeça à curva quente do ombro de Bishop. Apesar de tudo era claro que ela precisava senti-lo, precisava sentir toda sua força ao redor dela – dentro dela.

- Poderia te morder aqui, - ela gemeu contra a doçura de sua pele. - me enterrar em você como você faz em mim.

Ele tremeu embaixo dela, e ela soube que era porque suas palavras o excitaram. - Não o faça. Meu sangue... –

Embora algum dia eu somente poderia te tirar de todas formas. - Ela mordeu seu pescoço com seus dentes para calá-lo. - Claro que poderia, não que o faria. - Ela se endireitou de volta a olhá-lo para baixo. - Embora algum dia somente poderia beber de você de qualquer maneira.

- Brinca. - Mas suas palavras o afetaram, podia contar com isso.

Ela acariciou seu peito. Os cachos maleáveis ali fizeram cócegas em suas palmas. Ele era tão sólido, tão forte. - Alguém alguma vez te mordeu?

Seus olhos se obscureceram como uma rica azeitona dourada. - Não.

Marika sorriu enquanto essa parte dele pressionou contra ela engrossando-se. - Parece gostar muito da idéia.

- Eu gosto da idéia de você fazendo-o muitíssimo.

Suas palavras a emocionaram, esquentaram-na. Quando ele tratou de alcançar seus seios, ela conduziu suas mãos a seu peito e acariciou seus antebraços enquanto ele apertava seus mamilos já doloridos. Seus quadris giraram contra os dele, e ela podia sentir umidade criando-se entre eles. Ela o poderia levar de volta para dentro agora mesmo e não sentiria nenhum desconforto.

Mas ela não ia fazer isso. Não ainda.

Ela olhou para baixo na beleza masculina de seu rosto. - Nunca conheci a um homem como você.

Seus olhos se ampliaram ante seu uso da palavra "homem". A humilhava que ele estivesse tão surpreso que ela pensasse nele como tal. - Não acreditaria que sim.

- Pensei que não merecia minha confiança mas me salvou – duas vezes.

- Tem uma dívida comigo muito grande. - Ele arqueou seus quadris contra as dela. - Desliza meu pênis dentro de você e me compense.

Marika riu abafadamente por sua crueza, sua risada tornando-se em um estertor de deleite enquanto ele beliscava seus mamilos. - Confio em você, Bishop. Com minha vida. Com meu sangue.

Ele se acalmou. Toda sua atenção pareceu enfocada nela através do calor de seus olhos. - Aceito essa honra, e ofereço minha confiança em troca.

Foram só palavras, mas dilataram seu coração até o ponto onde ela pensou que poderia explodir. - Estou tão triste por toda a dor e problemas que te trouxe.

- Pensei que ia te perder como perdi Elisabetta.

Por obra de humanos furiosos. Era assombroso para ela que conseguisse abster-se de atacar a todos eles. Ele deve ter se sentido tão zangado e doído mas seu primeiro pensamento tinha sido por sua segurança, não de vingança pelo passado.

Ela esfregou suas palmas contra o calor acetinado de sua pele. - Não vai perder me a menos que você queira.

Impediu-o de responder com um beijo – reclamando sua boca como dela. Tinham falado bastante – o suficiente foi dito, revelado e prometido. Não queria mais palavras. Escorregou sua língua entre seus lábios, acariciando sua língua, saboreando-o.

Queria mordê-lo. Procurar seu calor enchendo sua boca. Não era simplesmente o sangue o que ela queria, era ele. Queria possuí-lo, reclamá-lo para si mesma.

Se fosse imortal também, estaria para sempre com ela?

Amaria-a como estava chegando a amá-lo?

O que estava pensando? por que o estava pensando? Muito bem podiam morrer amanhã, e aqui estava considerando um para sempre? Idiota. Tudo o que importava era agora.

Alcançando entre seus corpos, ela se levantou para poder rodear com seus dedos ao redor da longitude dura, lisa dele. Ela acariciou e bombeou até que suas mãos deixaram seus seios e as deslizou abaixo para capturar seus quadris em lugar disso, urgindo-a a colocá-lo.

Lentamente ela o guiou à entrada de seu corpo. Acomodando-o nela, balançou-se para trás e abaixo, ficando sem fôlego quando a cabeça larga se deslizou dentro. Seu corpo se estirou e se seguiu ao redor dele, aceitando seu calor grosso com escorregadia facilidade.

Embaixo dela Bishop gemeu. Seus dedos apertaram seus quadris, tratando de baixá-la todo o trajeto em cima de seu regaço, mas ela se opôs. Ela se endireitou, cobriu suas mãos outra vez com as dela, e as abraçou fortemente enquanto separava seus joelhos e se desprendia completamente em cima dele pouco a pouco.

Estavam ambos tremendo com tensão quando ela o colocou completamente. Seu olhar de palpebras pesadas nunca vacilou do seu enquanto ela começava a mover-se, lentamente agitando-se em seu contrário, pressionando contra ele de tal forma que não só o fez enchê-la, mas também a fricção de seus corpos movendo-se de uma vez iniciou um delicioso som baixo dentro dela.

Seu cabelo caiu ao redor deles e Marika se inclinou para frente, fazendo cócegas no torso de Bishop com as pontas.

Suas mãos retornaram a seus seios, cavando-se de baixo de forma que ele a sustentou enquanto prazerosamente a torturava ao mesmo tempo. Seus polegares acariciaram seus mamilos, apertando-os, atormentando-os em bicos tensos, doloridos.

As coisas que ele fazia a seu interior. Ele trazia tal agitação a sua vida e apesar disso tanta paz. Tudo o que pensava que sabia – que acreditava verdadeiro – se destruiu em suas mãos, e mesmo assim não o poderia desprezar por isso. Foi como se um véu tivesse sido levantado de seus olhos e agora ela visse claramente – graças a Bishop.

Não gostou de algumas das coisas que ele tinha mostrado – mais recentemente lhe desagradou ver a escuridão dentro de seus homens. Tinham dado sua palavra lealmente– pretendendo ser seus amigos e logo se voltaram contra ela tão rapidamente, tão completamente.

Bishop, que tinha motivos para ficar contra ela, em lugar disso a tinha salvo. Salvando-a em tantas formas.

Ele não tinha podido salvar Elisabetta. Ele comparou as duas dessa maneira. Compararia-as ele em outras?

Montando-o, movendo-se de acima a abaixo de seu corpo com um ritmo que os deixou a ambos avermelhados e respirando rapidamente, Marika contemplou abaixo em seus olhos de olhar de falcão e disse as palavras que sua língua não pôde segurar. -Não sou ela.

Seus olhos se ampliaram, um pouco do verniz da luxúria desvanecendo-se. - Quem?

Ela se manteve em movimento, sem dar a oportunidade para deixá-la. - Elisabetta.

-Sei disso.- Suas costas se arquearam. - Acredite, eu sei.

-Bom.

Ele sorriu abertamente.- *Halfling*, nunca poderia te confundir com ninguém exceto com seu enloquecedor, belo ser. - Acabou de falar?

Ela assentiu, devolvendo o sorriso. - Acabei.

- Graças a Cristo. Ele começou a mover-se tão rápido, que ela nem o sentiu vir. Mal teve o tempo para gritar agudamente pela surpresa antes de que estivesse de barriga para cima e ele se afirmasse em cima dela, bombeando a si mesmo nela com um ritmo desesperado que a deixou ofegando e arqueando-se contra ele.

Sua cabeça foi enterrada em seu pescoço, seu fôlego quente contra sua pele. Sua dentada foi um beliscão breve seguido por uma onda de prazer intenso enquanto ele a extraiu em si mesmo. Marika sem discernimento, colou-se a ele, sacudindo com força seus quadris contra os dele enquanto a tensão dentro dela aumentava e aumentava e

Explodiu.

Em meio as ondas de sua libertação ela fracamente se deu conta de Bishop endurecendo-se e estremecendo-se sobre ela. Seu corpo ainda se balançava, chispadas pequenas de prazer prolongado, intenso ainda estalando.

Minha. A palavra ecoou em sua mente, tácita a não ser tão clara como se alguém a houvesse dito diretamente em sua orelha. Bishop tinha dito que ele não tinha poderes que tivessem que ver com a mente, mas não era sua própria voz. Melhor dizendo, havia outra voz com a dela.

Foi quase como se tivessem reclamado um ao outro no mesmo momento exato. Poderia ser sua imaginação, provavelmente poderia emparelhar-se ao desejo de seu coração, mas ela não acreditou nisso.

Ele era seu, pensou, enquanto seus braços se envolviam apertadamente ao redor dela. Seu corpo respondeu, com um abraço inquebrável dela mesma.

Capítulo 12

-Tem certeza que nunca contou a nenhum dos homens a localização de minha casa?- Bishop perguntou, apoiando-se sobre seu cotovelo na enorme cama. Amanheceria logo e ele sentia o cansaço de sua anterior batalha – sem mencionar seu entusiasmo ao fazer amor. O sono seria mais que bem-vindo, quanto mais que Marika estaria aconchegada contra ele.

-Tenho. Não quis que nenhum deles viesse te caçar e me encontrasse aqui.- Seus lábios se apertaram. -Não teriam entendido.

Ele deu uma palmadinha em sua mão. Dado aonde ia o resto depois do ataque humano é pouco provável que te seguissem aqui.

- Assumiriam que uma viagem a Fagaras significaria ficar com minha *bunica*.

Ele sorriu ante o término. Ele e Marika alternavam entre falar inglês e romeno e algumas vezes incluíam ambos em uma frase. -Sua avó sabe onde está?

- Claro que não. Não a poria em perigo. Os homens podem me caçar, mas a deixarão em paz por respeito a sua idade e sua posição social.

- Bom. Então acredito que estamos a salvo aqui por agora.

-E quanto aos criados? Pode confiar em que eles não falem?

- Têm elos com o mundo das sombras, assim como o dono desta casa. Não me trairão, não.

Ele ouviu seu suspiro suave de alívio e se viu forçado a adicionar, - Mas seus antigos companheiros nos caçarão, Marika. Eventualmente nos encontrarão.

Ela assentiu. -Sei. Depois que descobrirmos o que aconteceu a seu amigo poderá ir.

- Não deixarei a Rumania até que esteja seguro que está a salvo.

Um sorriso doce curvou seus lábios pequenos. -Isso poderia tomar um tempo.

- Então deve se acostumar com minha cara.

A mudança em suas feições foi sutil, mas ele o viu. Infelizmente, ele não podia dizer se era para melhor ou pior – e ele não ia perguntar. Se ele não perguntasse, então ele não ouviria algo que não gostasse, ou que não estivesse preparado para ouvir. Ele mudou o tema em lugar disso.

-Precisamos nos preparar. Repelimos aos vampiros mas isso foi com ajuda. Se formos brigar mais – possivelmente Nosferatu – precisamos combater como se fossemos um.

Ela passou seus dedos pelo pêlo em seu peito – ela estava fascinada pelas coisas indóceis. - Sim. Teremos que treinar. Onde?

- Há uma sala de treinamento no porão embaixo desta casa.

-Sua Senhoria, Bishop.-Ela estava completamente assombrada, e saltou à vista.

-De quem é este lugar?

Ele sorriu. -De um amigo.

-Uma mulher?

A suspeita e, sim, o brilho ciumento em seus olhos poderia provocar uma risada abafada se ele não estivesse nu e ela tão perto. - De fato, sim.

- Ela é sua amante?

Ciumenta ou não, isso alfinetou seu orgulho. -Você crê honestamente que estaria aqui com você se isso fosse verdade?

- Sinto muito.Ela se mostrou tão envergonhada, ele a perdoou instantaneamente. -Isso foi mesquinho e tolo de minha parte.

-E ciumento.-Ele teve que dizer.

- Isso também.- Ela o olhou carrancuda. Maldição, mas ela poderia mostrar-se feroz quando queria. - Eu não gosto.

A Bishop, por outro lado, agradou sua admissão. Ele gostava de saber que ela era possessiva com ele.

- Não perguntei a respeito de seus amantes.

- Só tive um outro. Meu noivo.

Isso o golpeou como uma onda fria. Noivo. Ela nunca tinha mencionado a um noivo antes. Ele entendeu que ela tinha estado com alguém no passado, não o importava quem tinha chegado antes, exceto a idéia de que houvesse alguém mais em sua vida – alguém que ainda estaria alí bem depois dele se fosse, encheu-o de uma sensação que só podia ser descrita como fúria.

Assassina. Fúria.

-Está noiva?

Ela sorriu sozinho um pouco. -Ciumento?

Ele grunhiu. -Não me faça brincadeiras , Marika.

- Estava noiva, sim.Ela recolheu a uma bolinha de linho na colcha, evitando seu olhar. -Mas Grigore mudou de ideia a respeito de casar-se comigo depois que matei seu pai.

Bishop tinha ouvido e havia visto muitas coisas estranhas em todos seus anos, mas até ele teve que exteriorizar sua surpresa no que a isso se refere. - Você o que?

“ O ancião se elevou de sua tumba como um vampiro. Atacou um menino. Matei-o.

O panorama deixou um mau gosto em sua boca. -Um vampiro novo precisa alimentar-se. Despertar em uma caixa e ter que dar arranhões a sua rota de saída é o suficiente para fazer com que alguns deles fiquem dementes – e vão atrás da primeira presa que vêem.

- Presas. Você não vê os humanos como presas, ou vê?

- Não, mas preciso de sangue humano para sobreviver, Marika. Nada jamais alterará isso. Seja que aceite isso ou não.

A cólera brilhou em seus olhos negros. - Até você, pensei que todos os vampiros eram monstros sem espírito. “Não posso aceitar” tudo disto imediatamente, por mais que você possa desejar.

Suspirando, Bishop a trouxe mais perto, baixando-se completamente em cima da cama outra vez a fim de que sua cabeça estivesse em seu ombro. - Sinto muito. Havia coisas que não podia aceitar no começo tampouco.

- Você fala como se eu fosse um vampiro. Não sou.

Ele ficou rígido. -Você é pela metade.

- Mas isso não é o mesmo. Há coisas a respeito de você que não entendo.

-O que há a respeito de seus preciosos humanos? Há coisas a respeito deles que você não entende?

Ela se afastou, elevando-se a fim de agora olhar para baixo, para ele. -Por que está sendo assim?

-Acha que seu sangue humano te faz superior a mim de algum modo?

- Claro que não.- Ela cravou os olhos nele. -Sei que crê que os humanos odeiam o que não entendem, Bishop. Eu não te odeio, nem te entendo completamente. Não deve ser tão rápido para me comparar com os que não quiseram saber como é realmente.

Suas humildes palavras o contentaram. Dizer isso a ela pareceu inadequado, assim é que a beijou em lugar disso. Beijou-a até que estiveram ambos os ofegantes e todos os sentimentos maus se desvaneceram.

Quando ela abriu seus olhos, ela o olhou com uma expressão de assombro total. -Lembrei onde vi um anel como o que Sergei encontrou antes.

Ele balançou com a cabeça. - Pensava nesse maldito anel enquanto te beijava. Onde o viu?

A expressão em seu rosto era de medo – tristeza. -Marika? Quem tem um anel como esse?

Seu olhar estava brilhante com lágrimas não derramadas. -Meu pai.

Bishop não a queria visitando seu pai por si mesma; Ele tinha sido muito claro nesse ponto.

Foi essa a razão pela que Marika esperou até pouco depois de amanhecer, quando Bishop estava dormido, para sair às escondidas da casa aos estábulos.

Poderia ser tola por ir ela mesma, especialmente se seu pai estava aliado com os homens que tinha tentado seqüestrá-la, mas estúpido se não ia. Ela deixou uma nota para Bishop lhe dizendo onde tinha ido, no caso dela não poder regressar. Não queria que pensasse que simplesmente o tinha deixado. Preferia enfrentar sua fúria por desafiar seus desejos antes que o fazer acreditar que ela o tinha abandonado.

A casa em que ela nasceu estava assentada nas montanhas, rodeada de abundante, escura vegetação e bosque exuberante. Longe do que eram os castelos, não era terrivelmente grande ou grandiosa, nem era imponente e aterradora. As vigas escuras se destacavam contra os muros branqueados. O capitel, os telhados assimétricos, estava coberto em sombreado avermelhado e castanho. E embora as mais altas janelas redondas eram pequenas, havia muitas delas.

Uma das poucas lembranças que tinha desta casa era que estava cheia de luz.

Se estava certa a respeito de seu pai, então essa luz não o tinha salvo da escuridão em sua alma.

Enquanto ela montava acima do sinuoso caminho longo, negou-se a sentir-se culpada pelo que era. A escolha não tinha sido dela e tampouco era culpa de ninguém. Não tomaria nenhum ódio que seu pai pudesse sentir pelos vampiros – ou por ela por ser meio vampira – em seus ombros.

Um jovem moço a encontrou enquanto ela alcançava o pátio aberto. Obviamente ele não sabia quem era ela porque ele simplesmente sorriu e se ofereceu a levar seu cavalo ao estábulo. Agradeceu, avisando que ela não ficaria muito tempo, e lhe deu as rédeas.

Os saltos das botas ecoaram nas pedras quando ela atravessou para a entrada dianteira da casa. Cada passo conduzia seu coração mais acima em sua garganta. Ela não tinha estado nesta casa em anos – não se havia sentido como se ela fosse querida. Não era sua casa e tampouco tinha direito a caminhar nela como se possuísse o lugar.

É obvio, agora que havia um menino, ele tecnicamente possuía o lugar, o que estava bem. Ela não o queria.

Sem preocupar-se com seus direitos, ela se deteve no degrau e levantou a aldrava pesada de ferro. Bateu na porta com um ruído surdo forte que reverberou em todo o comprimento do pátio.

A governanta, uma mulher chamada Ana que estava em seus sessenta se ela estava certa, abriu a porta depois de uns poucos momentos. Ela parecia justamente tão mesquinha e miserável como Marika recordava. Só que agora Marika era maior, mais alta – e uma pequena lenda por estes lugares.

Ana cravou os olhos nela como se o diabo em pessoa se levantasse ante ela. - Você.

- Bom dia, Ana meu pai está em casa?- Ela colocou seu pé na soleira, em espera da mulher a deixasse entrar.

-Como é que esta vindo aqui? Fora.

A mandíbula de Marika se apertou. -Ele está em casa?

A cara da velha era uma máscara de ódio. -Não pode entrar aqui A menos que te convide, e você não está convidada, feto *vampir*!

Todos na casa sabiam o que ela era – e ainda assim eles não contavam a todos por medo de seu patrão. Enquanto o resto de área a tratava como a uma héroína, em sua própria casa era tratada como um monstro.

- Esta é minha casa, velha, - Marika a informou, empurrando-a depois para entrar no vestibulo. -Não preciso de sua permissão para entrar.- Ela não precisava permissão para entrar em qualquer lugar, mas deixou que à governanta em sua ignorância.

Ela estava na metade de caminho através do vestibulo quando a porta se fechou. A toda pressa correu para alcançá-la. A velha feia poderia persegui-la tudo o que quisesse – ela não se aproximaria de seu pai antes de que Marika o fizesse. A casa inteira estava cheia de seu aroma – e não estava por nenhuma parte perto de ser a rastreadora que Bishop era. Em lugar disso ela se pegou a um aroma mais novo, mais fresco e o seguiu.

Seu irmão.

A pequena família feliz estava no salãozinho dianteiro, sentada ao redor de uma mesa pequena por um conjunto de porta-janelas que não estavam alí quando Marika vivia na casa. De fato, tinha havida muitas mudanças no interior da casa. Era mais moderna – mais ... francesa. Sua madrastra era uma discípula da moda, ao que parecia.

Olharam para cima quando ela entrou na sala. Não golpeou a porta, só caminhou a grandes passos para dentro. Se ela se deteve A golpear a porta, então estaria muito assustada para continuar.

A esposa de seu pai olhou para cima primeiro. Ela era uma garota atraente com cabelo loiro e olhos verdes. Sua pele clara ficou até mais pálida quando ela se deu conta de quem era sua convidada não anunciada. -Constantin, - ela murmurou.

Ele levantou a cabeça. O coração da Marika se deteve em seco em seu peito, esperando sua reação a ela.

Seu cabelo escuro estava mais cinza do que ela lembrava, seu sóbrio rosto com mais linhas, mas além disso seu pai era o mesmo homem elegante, de aparência agradável que ele sempre tinha sido.

Só agora esteve satisfeita de que ele que não fosse família para sua filha totalmente.

Seus olhos cinzas se ampliaram. Ele deixou a um lado seu guardanapo e se levantou sobre seus pés, lentamente. Tinha medo de que ela pudesse saltar ao ataque e arrancasse sua garganta se ele fosse muito rápido?

-Marika? Meu Deus, Marika!

Ela tinha esperado surpresa, possivelmente até agressão. Não tinha esperado que ele viesse com seus braços estendidos. Não tinha esperado que ele a abraçasse como se a amasse. Aparentemente tampouco Ana, porque a robusta governanta ofegou enquanto finalmente lançava bufos de fúria na sala.

Fechando os olhos, Marika se permitiu saborear o momento – e só por um momento – antes de liberar-se de seu abraço. Ela se manteve rígida, seu tom calmo.

- Olá, papa. Sinto muito interromper seu café da manhã.

- Não se desculpe. Você comeu? Você gostaria de alguns ovos? Café?

Por que ele estava sendo tão cordial? E por que não estava melhor endurecida contra isso? -Não quero incomodar.

- Não incomoda. Ele se voltou para a aturdida governanta. - Ana, traga uma xicara para Marika.

À velha repugnava obviamente ir, mas o dever saiu vitorioso e ela caminhou arrastando os pés da sala – depois de dirigir a Marika um olhar que só podia ser descrito como ameaçador.

Seu pai tomou seu braço. Ele poderia ser mais velho mas seu aperto ainda era firme. -Vem conhecer seu irmão.

Embora ela houvesse seguido o aroma do bebe a esta sala, ela não tinha notado o berço de vime sob o retrato carrancudo de seu tataravô.

Alí, em branco antigo e envolto como se fora o Mesías, estava seu irmão. Ele era grande e gordo e perfeito em todas suas dobras e redondez. O cabelo da cor do carvão cobria sua cabeça, e os olhos da cor do tempestuoso Mar Negro olhavam ao redor do cômodo como se tratasse de ver tudo o quanto antes.

Ela se apaixonou por ele nesse mesmo momento. Nunca levou em conta que ele só tinha a metade de seu sangue – menos se ela incluía sua ascendência de Saint–ela soube agora que não sentiria diferente se ela e este menino tivessem aos mesmos pais.

- Que menino tão bonito. O sorriso que curvou seus lábios enquanto ela lançou um olhar a seu pai não podia ser detido.

A testa de Constantin se crispou, entrando em um frágil cenho que se foi tão rapidamente como veio, substituído por um sorriso orgulhoso. -Sim é. Você gostaria de segurá-lo?

- Constantin.

Era a mulher capaz por completo de dizê-lo? Marika não a olhou. Não queria ver a rejeição, o medo ou a repulsa em seu olhar. -Não quero incomodá-lo.

-Você não o fará.-Seu pai dirigiu um olhar afiado a sua esposa. -Nosso filho conhecerá sua irmã.

Isto foi de tudo tão inesperado. Onde estavam os tridentes, as tochas? Ela tinha esperado uma recepção fria, não isto.

Uma recepção fria não a poria tão inquieta. Uma recepção fria não traria o desequilíbrio. Provavelmente essa era a intenção de seu pai – confundi-la um pouco, ela não distinguiria realidade de ficção.

Seu pai levantou nos braços ao bebê em suas mantas, a contemplação nele com tal amor, trouxe lágrimas para os olhos da Marika. Ele não a tinha olhado desse modo, disse ela estava segura. Ofereceu o pacotinho a ela.

Sua amargura e seu arrependimento se desvaneceram quando pegou ao menino em seus braços. Ondeando seus pequenos braços gordinhos, seu irmão fez um

bulício arrulhador, olhou Marika bem nos olhos e sorriu – revelando uma língua rosada diminuta e gengivas desdentadas. O arrulho deu auge a um chiado forte que sacudiu seu pequeno corpo inteiro e fez as suas pernas retorcer-se sob suas mantas.

Marika lhe sorriu de volta. OH, sim, não ia mandar de volta o amor que ela sentia por este bebê. Seu irmão. Não havia a mais insignificante duplicidade nele. Ele era a única pessoa nesta casa em que ela poderia confiar.

Seu pai se via estranhamente contente. Sua esposa se via pasma.

- Gosta de você,- ela comentou rousamente.

Marika dirigiu um olhar à mulher que não era muito mais velha que ela. Vocês estão aliviados ou consternados com isso?

Seu pai fez um ruído de brincadeira. -Não seja estúpida, Marika. Estou encantado!

Marika não afastou sua vista da mulher frente a ela, de seu olhar assustado permanecendo fixo em seu filho nos braços de Marika. -Acreditam que nunca o machucaria?

A mulher – Marika ainda não sabia o nome da esposa de seu pai! – olhou-a. Marika não sabia o que ela viu, mas foi o suficiente para tirar uma parte da tensão de seus ombros. –Sim. - ela respondeu.

Marika acreditou nela.

Ana retornou com uma xícara. A velha parecia como se pudesse cair morta pela impressão quando viu Marika segurando ao bebê. Marika lhe dirigiu um sorriso doce e a contra gosto entregou seu irmão a sua mãe. Ela havia aqui vindo por uma razão, e agora mesmo era mais importante que desfrutar tomando o café da manhã com esta família ou amedrontar a criada.

Sentando-se à mesa, Marika permitiu a sua madrasta preparar seu café. Ela tomou um sorvo e o declarou perfeito antes de voltar-se para seu pai.

- Não esperava uma recepção tão cálida de vocês, Papa.

Ele realmente parecia humilhado por suas palavras. Ela quis acreditar que a reação era genuína, mas ela se endureceu contra isso. Ela estaria de acordo com o que fosse que ele oferecesse, mas recordaria que este homem a tinha descartado como lixo uma vez, e as pessoas não gostam de fazer seu lixo sair a tona.

- Estou certo que não esperava, - respondeu, sua voz baixa. - por isso só posso me desculpar e esperar que algum dia possa me perdoar por todos meus pecados.

Bonitas palavras. Marika queria acreditar que eram verdadeiras – seu coração doía por fazer justamente isso. Ela assentiu e não disse nada.

Não havia uma forma delicada para fazê-lo, assim é que ela simplesmente pegou o anel de seu bolso e o ofereceu a ele. - Do que pode me dizer disto?

Ele piscou ante o anel. Foi um pequeno tremor o que ela detectou em seus dedos enquanto ele tentava alcançá-lo? -Iona, nos deixe.

Era o mais rude que sua voz tinha estado desde sua chegada. Marika girou para a outra mulher, querendo tranquilizá-la – tão tola quanto o sentimental era. -Sinto muito, mas é de suma importância.

Iona realmente sorriu. -Não importa. Levarei acima Jakob para sua sesta.

- Vocês não têm uma enfermeira?

O sorriso aumentou.-Tenho uma mulher que me ajuda, mas minha mãe se encarregou de mim e meus demais irmãos e irmãs. Farei o mesmo com meus filhos.

Marika voltou a sorrir. Ela não queria gostar desta mulher que tinha tomado o lugar de sua mãe, quem tinha dado a seu pai um filho totalmente humano, mas ela o fez.

Seu pai guiou sua esposa à saída, beijou a ela e a Jakob, e logo firmemente fechou a porta. Marika bebeu seu café e observou como retornou a sentar-se ao lado dela. Ele não falou até então.

-Onde vocês obtiveram isto?

- Veio de um homem que estava tentando me seqüestrar ou me matar; Não fiquei realmente convencida do anterior.

Seu pai tomou um sorvo de sua xícara. Não havia nada que negasse o pequeno tremor em seus dedos enquanto a porcelana da China tilintava contra seu pratinho.

-É como o teu, ou não? Sabe algo do homem que trazia posto isto?

Ele negou com a cabeça violentamente. -Conheço só a ordem a qual ele pertencia. Ele tomou sua mão, exibindo o anel em seu próprio dedo. -Pois fui membro também.

A decepção e o júbilo se combinaram. Ao final das contas ela teria informações a respeito de quem estava atrás dela, mas a idéia de que seu pai estava aliado com eles a fez sentir-se algo doente.

-Me conte a respeito deles.

- São da Ordem da Palma de Prata, uma ordem antiga e poderosa que avança através de toda a Europa.

-O que querem?

Escuras sobranceiras se arquearam juntando-se sobre o nariz régio de Constantin. - poder. Influência. -Quando me uni a eles pensei que poderiam ajudar a destruir o monstro que matou sua mãe.

-E agora?- Sentir pena por ele era um luxo que ela não podia oferecer, não quando o sangue do “monstro” corria em suas veias e ambos sabiam. Tinha oferecido a ordem destruí-la também?

Seu pai tinha perguntado?

Ele deu de ombros e lhe devolveu o anel. -Acho que há pouco lugar em minha vida para a vingança nestes dias.

Que coincidência. Parecia que ela e seu pai tinham mais em comum do que ela tinha pensado – ou isso era o que ele queria que ela acreditasse. -Por que pensou que poderiam conduzi-lo ao Saint?

Outro cenho franzido – mais profundo esta vez. -Você sabe seu nome?

Ela assentiu. - Sei. E sei que Mamãe tinha a intenção de fugir com ele.

Os ombros de seu pai se dobraram. - Tinha esperado que nunca aprendesse a verdade a respeito disso.

-Ele não tentou matá-la?

O rosto de Constantin se endureceu. - Ela poderia ter vivido. Quem sabe que poderia ter ocorrido se ele não houvesse...

Marika vacilou, permitindo ao silêncio alongar-se por um momento, em espera de que ele terminasse. Ele não fez.

- Me diga o que o conduziu para esta ordem.

Seu pai dirigiu uma mão sobre seu rosto. - São antigos, muito antigos. E têm elos com o oculto e a magia escura. Puderam me dizer muito deste Saint e seus irmãos. Por sua vez tudo o que tive que fazer foi dar macesso a minhas conexões e influência social.

Marika assentiu, agarrando firmemente a mão de seu pai na dela. Era estranho tocá-lo, mas a necessidade era muito grande para negá-la. - Você não pratica essa magia, ou o faz, Papa?

- Uma vez, faz muito tempo. Deixou um mau gosto em minha boca. - Ele tomou outro sorvo de café como se fizesse a tentativa agora de limpá-lo. - Não fui um membro ativo durante algum tempo, mas há vantagens em manter conexão com eles.

Ela não queria saber o que essas conexões eram. Ela não queria preocupar-se com ele ou o que ele fez. - Por que iriam atrás de mim?

- Certos membros têm um interesse nos vampiros, particularmente esses relacionados com este Saint. Recentemente capturaram a um de seus irmãos na Inglaterra. O Temple, acredito que disseram que era esse.

Marika estava muita assombrada para corrigir seu uso do "o". Esta ordem estava interessada em Saint e seus amigos. Eles haviam dito que estavam interessados em Bishop. O inglês que a contratou era um membro desta ordem? Teria vindo atrás de Bishop pensando que ela não o entregaria? Ou tinha sido esse outro grupo?

E se eles tinham ido atrás de Bishop, por que os homens que atacaram seu povoado pareciam mais interessados em seqüestrá-la?

- O que querariam comigo? Do mesmo modo que ela perguntou, a compreensão emergiu com clareza repugnante em sua alma.

Seu pai se via dolorido. - Suponho que o fato de que é uma raridade te faria de interesse para eles. O fato de que seja o sangue de Saint em suas veias só os faz te querer mais.

Inferno. O que ia fazer? Como podia opor-se a uma ordem que tinha grupos através do continente? Até com a ajuda de Bishop era só questão de tempo até que a apanhasse.

Ela não os deixaria pegá-la sem uma briga.

- Você os conduziu a mim? - Ela perguntou. Pai ou não, ela o trataria como qualquer outra ameaça.

Ele pareceu ferido por sua pergunta. - Claro que não.

Se só ela pudesse acreditar nisso. O instinto lhe dizia que ele estava sendo sincero, mas ela não podia confiar em seus instintos quando ele estava envolvido.

- Sabem de *Bunica*?

Constantin negou com a cabeça, o silêncio ferido de sua expressão enrugando seu rosto. -Nunca poria sua avó em perigo.

-Você pode dizer isso melhor.- Ela quis pôr ameaça em seu tom, e ele a ouviu.

- Sinto muito, Marika.- Ele estava velho e pálido enquanto cravava os olhos nela.- Realmente sinto.

Ela inclinou a cabeça distraidamente. -Obrigado, Papa.

- Se houver algo que possa fazer para te ajudar, não duvide em perguntar. Se precisar de ajuda para deixar o país, então posso assegurar secretismo total.

Sua cabeça se sacudiu com força para cima. - Faria isso por mim?

- É obvio. É minha filha.

Desde quando isso tinha importância? - Tem uma esposa e um novo bebê. Me ajudar não fará com que os exponha?

-A ordem nunca saberá. Tenho amigos que estão fora de seus alcances. É o mínimo que posso fazer por você depois de toda a dor que te trouxe.

Demônios, ele estava certo. E quem diabos eram estes amigos? Marika ainda não podia pensar direito agora. Tinha que voltar para junto de Bishop. Tinha que dizer o que ela tinha descoberto. Tinham que fazer planos. Sim, uma vez que ela tivesse falado com o Bishop decidiriam juntos o que fazer.

Ela tratou de ser otimista enquanto apertou a mão de seu pai. -Obrigado. Justamente poderia pedir sua ajuda dentro de pouco. Agora mesmo me tenho que ir. Tenho muito que fazer.

- Onde está ficando? -Perguntou, levantando-se quando ela o fez. -Posso ir com você.

- É mais seguro para você se não souber.- Mais seguro para ela também. Mais os criados poderiam escutar, e ela não confiava que algum deles não dissesse a seus excompanheiros para onde se foi. -Virei a você.

Ela estava na metade de caminho através do quarto antes de que se detivesse e girasse sobre seus calcanhares. Seu pai se viu alarmado quando ela o alcançou de uma pernada, até mais quando ela o abraçou. -Obrigado, Papa.- Ele a apertou, e por um momento ela permitiu a si mesma não ser nada mais que sua filha, e não alguém que ele pudesse querer ver morta. Deixá-lo pensar que ele a tinha feito confiar, que estava enganada de sobra. Se ele dizia a verdade não haveria nenhum dano, e se ele não o fazia...

Arrancaria seu coração fora de si mesma.

Deu um sorriso e a promessa de voltar e se foi.

Ela cavalgou forte e rápido de retorno a Fagaras, assegurando-se de que ninguém a seguisse. Voltou para Bishop rapidamente, se encarregou de seu cavalo antes de meter-se silenciosamente na casa. Ela conseguiu chegar acima sem ver Floarea e entrou na ponta dos pés no dormitório de Bishop.

O quarto estava obscuro quando ela entrou e silenciosamente fechou a porta. Só sua visão aguda fez possível escolher o caminho para a cama sem se chocar com algo.

Ela tirou às escondidas as botas e a roupa e cuidadosamente levantou as mantas.

-Ahh!- Ela saltou para trás e quase tropeçou com suas botas.

Bishop parecia o suficiente louco para matá-la, sentando-se ali na cama nu e carrancudo.

-Simplesmente onde diabos estiveste?

Ele cravou os olhos no anel em seu dedo, lhe dando voltas a fim de que o lado da palma ficasse para cima. Tinha sido tal honra receber este anel, para permitir-se trazê-lo posto. Onde estava essa honra agora?

Quando a criatura chamada Saint tinha vindo ao lado da cama de Marta, disse a Constantin que ele poderia salvar a ela e a criança. Como um tolo, ele tinha acreditado no vampiro. Ele fingiu ignorância no que se referia a como ocorreria o “salvamento”, mas em seu coração o tinha sabido. Tinha-o sabido e não tinha se importado.

Ele tinha querido tanto que seu filho nascesse saudável. Ele tinha querido que seu filho – e ele tinha estado convencido de que que Marta o levava – vivesse.

Assim é que ele tinha observado como o monstro violou sua esposa, tomou seu sangue e logo alimentou a ela do seu. Ele tinha ouvido as palavras de amor e devoção nos lábios de sua esposa, falando com outro homem.

Nem sequer um homem.

Quando o ato estava terminado, o vampiro não tinha querido ir. A coisa realmente pensava que ele tinha direito a estar ali para o nascimento – como se ele tivesse alguma pretensão para a criança. O vampiro poderia ter a Marta, mas o bebê seria dele!

Tinha levado uma grande quantidade de prata e de água benta para expulsar à força a criatura. Ele escapou na noite fumegando e cheirando a carne queimada – quase irreconhecível. Constantin poderia ter admirado a determinação da coisa por permanecer ao lado da Marta se ele não tivesse estado tão cheio de fúria e medo.

E logo Marta lhe tinha dado uma garota. Ela gritou todo o tempo enquanto Constantin caminhava de cima abaixo pelos vestibulos. Ela chamava seu amante – nem sequer uma vez pergunto por seu marido.

Ele recordou que rezando ela se calaria. Fê-lo. Morreu pouco depois de que Marika nasceu.

Quando o vampiro voltou, Constantin lhe disse que a criança tinha morrido também. Em retrospectiva, provavelmente teria sido melhor entregar a garota ao vampiro, mas a cólera e a dor lhe fez aferrar-se a uma criança que inclusive não queria. Ele podia ter aceito um menino *dhampyr* se fosse varão.

Ter Marika foi conveniente quando ele se uniu à ordem. Ela poderia agradecer a eles por sua vida. Ele a poderia ter delatado se não fosse por eles.

Tão pior que não o fez. A ordem os teria ignorado a ambos se só ele tivesse feito o devido.

O som de ruído de passos o despertou de seus remorsos. Levantando o pescoço, voltou-se para a porta, só para fazer a seu coração afundar-se ante a visão de sua visita.

- Maxwell.

O inglês sorriu, um predador em todo o sentido da palavra. -Olá, velho amigo.

Capítulo 13

Podia confiar ela nele, ou dava medo a ela? A pergunta ardia dentro atrás da mente de Bishop enquanto ele esperava Marika para que respondesse sua pergunta.

Seu queixo se levantou. -Fui visitar meu pai.

Lugares dançaram ante os olhos de Bishop. De todas as coisas que ele tinha imaginado que o ocorriam, de todos os lugares que ela podia ter estado, a casa de seu pai não era um deles, porque expressamente lhe havia dito que não fosse lá. Não sem ele.

Perguntaria. Não perguntaria. Ele tinha que perguntar – e preferivelmente com amabilidade também. -Por que?

Ela ainda segurava os lençóis – defendiam um pouco de seu corpo de sua vista, mas ele estava completamente nu ante ela. Ela agia como uma desvalida. A única que tinha algo para esconder.

Quando ele pensava no que poderia lhe ter acontecido...

- Tive que falar com ele a sós. Você sabe que ele nunca confiaria em você por sua associação com Saint.

E ela soube que ele nunca confiaria em seu pai por como tinha jogado de lado a sua filha como um cachorro não desejado. - Podia ter sido atacada.

- Até se meus homens soubessem onde nos encontrar, não poderiam montar um ataque tão cedo. Nunca suporiam que iria ter com meu pai.

Ela o disse tão despreocupadamente, tão indiferentemente. Ele impotentemente tinha estado esperando que ela voltasse, sabendo que até se precisasse de sua ajuda ele não poderia dar.

-Seu pai pode ter sido o que te atacasse. Você não tem idéia de quão profundamente está envolvido com a ordem.

- Se ele tivesse a intenção de me entregar à ordem, então poderia ter feito isso muito mais fácil antes do que hoje. Sua atitude indiferente o intimidou. Ela estava tão segura que poderia proteger-se, sem pensar que tão preocupado ele poderia ter estado. -Não estava em nenhum perigo físico com relação a ele.

Não, o perigo apresentado por seu pai era mais emocional, mais daninho. Essa era exatamente a espécie de perigo da que ele queria protegê-la.

- Não queria que ele soubesse o alcance de minha relação com você, - explicou. -Como você disse, não temos idéia quão profundamente está envolvido com a ordem.

Ela estava certa, maldita seja.

Quando ele não disse nada, ela sorriu ligeiramente. -Não tinha intenção de te zangar. Deixei-te um bilhete.

-Você disse que se encontraria com seu pai. Não disse onde – não é que tivesse importância. Estava aterrorizado. Agora estou zangado.

Marika cravou os olhos nele, uma expressão de prazer iluminou seus olhos escuros, curvando seus pequenos lábios. -Apavorado? Por mim?

Um grunhido retumbou baixo em seu peito, tão suave que até ele mal o poderia ouvir. -Vem para cá.

Ela vacilou. Ele agarrou as mantas e as puxou bruscamente, fazendo-a cair em cima da cama. Ele estava nela em um segundo, um falcão e um camundongo. Ela não lutou – ela não o faria até se tivesse tido tempo. Ela sabia o que ele queria, e pela forma com que lhe deu boas vindas, ele soube que ela o queria também. Ele a imobilizou no colchão e moveu a um lado suas coxas, colocando-se entre elas.

- A próxima vez, - ele retumbou, - espera até que escureça.

Ele tomou a primeiro com sua boca, lambendo-a e acariciando-a com sua língua até que ela ofegava, balançando-se ao limite do clímax. Logo ele se elevou sobre ela e colocou de um empurrão seu pênis tão profundo como podia entrar nela. Suas pernas se fecharam ao redor de suas costas enquanto ele alcançou abaixo entre eles e sacudiu com força seu polegar contra a cordilheira escorregadia entre os lábios de seu sexo.

Mais tarde ele deixaria para trás essa transa – básica e crua – mas ele sabia melhor. Assustou-se. E agora estava ferido e zangado. Tomá-la dessa forma era uma reclamação dela – quão único que ele podia fazer para que lhe desse um pouco de paz.

Ele ao mesmo tempo amava e odiava que ela pudesse cuidar-se, que ela fosse tão independente de sua força e amparo. Quando se daria conta de que podia confiar nele? Que ele queria brigar com ela, não contra ela?

Quando ela se daria conta de que era dele? E meu Deus, ele rezava para que nunca se precavesse simplesmente de quanto lhe importava – quanto poder tinha sobre ele.

Ela o queria, ele sabia que muito. Marika emparelhou seus impulsos com alguns gritos de prazer. Depois de sentir-se impotente todo o tempo que se foi, ele finalmente poderia recuperar algum sentido de controle mandando a ela longe.

Gozaram juntos em um abraço forte, trêmulo que os deixou a ambos incapazes de falar durante algum tempo.

-Você compreende, ?- ela disse mais tarde, seus lábios acariciando o lado de seu pescoço, - que não considere o que você fez como um castigo?

- Não quero te castigar, - ele respondeu brusco. -Quero que confie em mim.

Levantando o pescoço, ela o olhou – viu profundamente em seus olhos. Ele ficou olhando também, sem esconder nada. Finalmente ela assentiu, uma expressão tímida caindo por seu rosto. –Sinto muito por preocupar-se. Não farei isso novamente.

- Bom.

Ela continuou observando-o. Era óbvio que ali havia algo diferente que queria dizer. -Ninguém jamais se preocupou comigo antes – exceto *Bunica*.

- Não posso te proteger durante o dia, não como queria.- Não lhe disse o quão indefeso se havia sentido, enquanto tinha estado tentado a arriscar-se à luz do sol para encontrá-la. Ele precisava terminar esta conversa. Preocupar-se, proteger... essas eram todas as coisas que alguém fazia quando se envolvia profundamente com uma pessoa – quando a pessoa temia uma vida sem essa pessoa nela.

Mas em vez de empurrar a conversa como muitas mulheres poderiam fazer, em lugar de defender-se adequadamente, Marika simplesmente tomou o que ele oferecia e estava satisfeita. Por estranho que parecesse, Bishop estava um pouco decepcionado porque ela não o pressionou a admitir sentimentos mais profundos. Ela só se inclinou e o beijou ligeiramente nos lábios.

- Não preciso de sua preocupação ou seu amparo, Bishop, mas eu gosto de saber que a tenho de qualquer modo. Como você tem a minha.

Não havia nada que alegar, porque não lhe havia dito que não o queria. E tanto como ele quisesse negar, gostou de assegurar-se de que ela sentia o mesmo por ele. Assim é que simplesmente lhe beijou a nuca, e permitiu que este novo adiantamento afrouxasse o que ficou da discórdia dentro dele.

Apoiado em seu cotovelo com ela refletindo sua postura, ele jogou com as pontas de seu cabelo, esfregando os fios suaves entre seus dedos. -Me diga como foi com seu pai.

Ela o fez. Se ela deixasse algo de fora ele não poderia contar tudo a ela e não poderia protegê-la. Ele não acreditaria no que dissesse.

- Esta ordem tem a Temple?

Marika assentiu. -Segundo meu pai, sim. Não tenho razão para duvidar.

Que tipo de poder exerciam estes homens para que pudessem levar a Temple? Ele tinha sido o mais feroz de todos eles. Seu rival mais próximo em força tinha sido Chapel; Na velocidade, Bishop. Saint poderia ter sido um pouco mais ardiloso, Reign um pouco mais sofisticado, mas Temple era seu líder. Seguiam-no sem margem de dúvida e ele nunca os decepcionava.

Pensar em alguém – não importa quantos deles tinham estado ali – levando-o deixou Bishop sentindo-se oco e mais do que um pouco inquieto.

Se haviam levado a Temple, então poderiam levar a qualquer um deles.

Sabia Molyneux tudo isto? Sabia Chapel? O que estavam fazendo a respeito disso?

Os dedos suaves de Marika acariciaram seu quadril. Ele fechou seus olhos, centrando-se em seu toque. Magicamente, a tortura dentro dele diminuiu. -Entendo se precisa encontrar seu amigo.

Ele a olhou carrancudo por sugerir que pudesse abandoná-la. -Obrigado, mas não vou te deixar para sair à caça de Temple. Com tudo o que sabemos pode ser o que querem que faça. Não vou aonde seja até que escute de alguém confiável que Temple precisa de minha ajuda.

- Exceto meu pai.

-É da ordem, - ele recordou duramente. - ele poderia muito bem estar metido com os homens que o atacaram. Não vou aceitar nenhum conselho que seu pai ofereça.

Ela realmente parecia um pouco machucada. -Ele poderia ter dito a verdade.

- Se você precisa acreditar nisso, segue adiante.-Ele tratou de suavizar seu tom, mas não teve êxito. -Desconfiarei o suficiente pelos dois e talvez possamos nos manter vivos.

- Ele me ofereceu informação.- Agora ela franzia o cenho também. -Por que é tão desconfiado?

Suspirando, Bishop estendeu a mão e trançou um fio de seu cabelo ao redor de seu dedo. Ele odiava ter que mostrar o óbvio a ela. -Marika, seja razoável. Se este fosse qualquer um exceto seu pai, faria-o, então confiaria nele?

Ela parecia longínqua, mas o leve bico de seu lábio inferior revelou seus pensamentos.

- Sei que quer sua aprovação, *halfling*, mas não deixe que essa necessidade aflija seu instinto.

Ela assentiu, até sem encontrar seu olhar.

Amavelmente ele seguiu adiante. -O que te diz seu instinto?

Várias pulsações se passaram antes de que lhe dirigisse um olhar zangado, a contragosto. -Que ele me aceitou em sua vida muito rapidamente para um homem que nunca me quis nela antes.

Ele se opôs ao desejo de sorrir. Ele não queria que ela pensasse que a dor que obviamente sentia lhe causava riso. – garota esperta.

- Meu pai também disse que a ordem me queria pelo sangue de Saint.Seu tom era entrecortado, agitado. -Querem-me pela mesma razão que querem a Temple. - Deveria ignorar isso também?

Se as palavras fossem golpes, então ela o teria arrebatado com esse comentário. -Não. Claro que não.- As palavras saíram rígidas, como se sua língua tivesse dificuldade ao formulá-las.

Enquanto houvesse sangue em suas veias, ele rasgaria a garganta de qualquer homem que ousasse tentar machucar a Marika. -Não a terão, - prometeu.

Foi uma coisa pensar que a ordem queria matá-la, ou que “ colecionassem ” criaturas das sombras. Mas focavam a atenção nos cinco que encontraram o Graal de sangue e beberam o próprio ser de Lilith. Era pessoal, e só matar não ia lhes dar a vingança que queriam.

Cristo, Temple era o guardião do Graal. Tinha-no tomado a ordem também? O que fariam estes homens com essa espécie de poder? Seus predecessores tinham escondido a taça para os templários, que a protegeram por anos até que Bishop e

seus amigos tropeçaram acidentalmente com isso. O que fariam para recuperá-la? E o que planejavam para esses que a roubaram?

Ele ia ter que avisar a Molyneux; Molyneux diria a Chapel. Molyneux contaria a Reign e Saint também. E logo Bishop escreveria a Anara e diria a ela que ele não tinha encontrado seu irmão – e que esta situação era mais profunda e muito mais sinistra do que primeiro tinha pensado.

A mão de Marika subiu para cavar sua bochecha. Seus dedos eram ligeiros e suaves, mas colocavam uma pesada carga em seu coração. -Entende agora por que pensei que tinha que vê-lo a sós? Ele não me teria contado isso tudo se você estivesse comigo.

- É obvio. Sinto muito.- Era mais fácil dizer o que ela queria ouvir que contar que ele percebia que agora seu pai tinha estado informado sobre ele apesar do que lhe disseram.

Estavam tentando atraindo-lo a seu jogo, tratando de pregá-lo a sua vontade.

Logo se inteirariam de que ele não se dobrava.

Marika não teve que conter-se com Bishop. Ela poderia lhe dar tudo de si mesmo e ele tomaria – exigindo mais.

-Mais forte- ele ordenou. Ele nem mesmo suava, o caipira.

Marika, por outra parte, estava úmida sob os braços e em outros lugares, e seu fôlego saía em ofegos.

- Não mais, por favor.-Sua palmas se apoiaram em suas coxas enquanto ela se inclinou para frente, o fôlego chegando em ásperezas, duros ofegos. –Eu me rendo.

Ele estava em seu rosto antes de que ela pudesse piscar. -Não. Não se renderá. Mais forte. *Agora!*

Ela se endireitou e se impulsionou, mas ele aparou o golpe com graciosa facilidade. -Que diabos foi isso? Sua avó poderia superar isso.

-Vá brigar com ela então.- Ela estava aborrecida deste porão – Tão moderno e limpo como era. Ela queria um banho e tinha fome. Sobre tudo ela queria que Bishop ficasse em silêncio e deixasse de torturá-la. Esta era sua vingança por tudo o que ela tinha feito. Ele ia provocá-la até morrer.

Ele a tocou no seio. Ela o ignorou embora quisesse chutá-lo. -Só estivemos fazendo isto por três horas, Marika. Ele deu uma palmadinha – ligeiramente – na sua bochecha. -Não pode ir mais longe?

Ela sabia onde ele queria chegar. Ele estava atormentando-a. Não se importou. Ela afastou sua mão de um tapa. -Me deixe em paz.

- Mais dez minutos.- Ele se colocou entre ela e as escadas. -Ponha tudo o que tem mais dez minutos e paramos.

Meu Deus, se pensasse que poderia deixá-lo inconsciente usaria tudo o que pudesse do restante de sua força para fazê-lo. - Estou fazendo isso agora.

Ele a olhou carrancudo. - Pensa que a ordem vai parar quando estiver cansada? Não. Pensa que outros vampiros ou seus antigos amigos de luta se deterão quando

você o faça? Você vai parar quando eu te disser que pare, e digo que isso será em mais dez minutos.

Meu Deus, ele era bom. Seus punhos ardian por conectar com essa sua boca presumida, só para calá-lo. -Direi quando parar e já disse isso. Feito.

- Levarei-te ao Saint.

Sua cabeça respondeu bruscamente acima – tão rápido que seu pescoço rangeu. -O que?

Bishop sorria abertamente agora, nem sequer tentando encobrir sua intenção. Luta comigo como se sua vida dependesse disso e eu contatarei a Saint e direi que quer se encontrar com ele.

Ela cravou em silêncio os olhos nele. Sua busca – sua cruzada – para encontrar Saint tinha tomado segundo lugar a simplesmente permanecer viva. Ela quase se permitiu acreditar que nunca o encontraria. Ela quase tinha começado a se permitir a idéia de que Bishop era realmente ignorante sobre sua localização. –Fará isso?

Ele assentiu, muito autosatisfeito pelos termos. -Agora luta comigo.

Marika se lançou a ele, balançando-se com ambos os punhos e pés. -Você me disse que não sabia onde ele estava, bastardo!

- Não sé.Ele se agachou enquanto ela se balançou. - Mas sei como contatá-lo. Isso te enfurece, não é assim?

Demônios que o fazia. Ele esquivou muitos de seus golpes mas conseguiu chutá-lo uma vez na cabeça – o suficiente duro para golpeá-lo de volta– e lhe deu murros na boca o suficiente forte para lhe tirar sangue.

Ele sorriu, pressionando sua mão em seu lábio. -Isso é tudo o que tem?

Grunhindo, ela o atacou de novo. Ele não contra-atacava com toda sua força, mas esta sessão não era sobre ele. Era sobre ela e ver até onde poderia ser empurrada antes de que sua força se esgotasse.

Não importava que ele confiasse nela o suficiente para aproximá-la de Saint agora, o que importava era que ele levou essa informação à tumba com ele. Ele a teria deixado torturá-lo, entregá-lo ao Armitage, tudo para proteger seu amigo.

Ela se sentiu furiosa – como era a expressão?–intoxicada de que Saint tivesse tanto de sua lealdade.

Não, não intoxicada. Estava com ciúmes. Ciumenta de que um vampiro tivesse conhecido sua mãe enquanto que a ela nunca tinham dado essa oportunidade, e por quem Bishop morreria para protegê-lo. O que Saint tinha feito em toda a sua vida para merecer tão amável lealdade? Se ele era tão maravilhoso, então por que ele nunca tinha vindo atrás dela?

Quanto mais ele a afastava, mais zangada ficava. A fúria a alimentou, esquentando seu sangue. Logo seus punhos eram um borrão, até para ela, e Bishop tinha perdido seu sorriso presumido. Ela o obrigava a trabalhar para desviá-la. Ele tinha que defender-se agora.

Agora era seu turno de ser convencida. Ela conseguiu conservar esse pensamento ao redor de dois segundos. Quando seu joelho subiu à virilha de Bishop para terminar o golpe, ele se dobrou e se desforrou dela com um murro que a

golpeio a meio caminho pelo porão. Aterrissou com força sobre suas costas, a cabeça golpeou o piso com um golpe sólido que a deixou vendo estrelas.

Muito para se gabar.

Bishop estava ali em um segundo, inclinou-se sobre ela com uma expressão assustada em seu rosto. - Marika? Doçura, sinto muito. Marika? Diz alguma coisa.

Ela sorriu, pequenos pontos de cores dançavam ante seus olhos. -Eu gosto mais de Doçura que de *Halfling*.

E então não houve nada a não ser escuridão.

Ela despertou na cama. Passavam muitos de seu tempo na cama – não é que a Marika importasse, mas Bishop tinha razão quando disse mais cedo que ela precisava conservar seu discernimento e não permitir que suas emoções afetassem seu julgamento. E no que a Bishop concernia, suas emoções não podiam ser confiáveis.

Tampouco, ela pensou, cautelosamente tocando sua mandíbula palpitante, podiam ser seus reflexos.

Tinha sido sua posesividade por ele – sua necessidade de alguma conexão com sua mãe – o que a tinha afastado de enfocar a atenção na luta. Ela não poderia culpar ele disto; Tudo o que ele tinha feito foi reagir pelo que essencialmente foi um golpe baixo.

- Ponha isto.

Ela o olhou com atenção acima com um olho. O outro não queria abrir-se muito. Ele estava pálido e parecia tenso – uma expressão que ela começava a reconhecer como de culpa. Não era um aspecto que caísse bem nele, embora ela pensou que parecia bastante juvenil enquanto ele dobrou seus lábios para dentro como um.

Ela tomou o pacote dele. Estava frio – o gelo envolvido em tecido. Palpitou um pouco enquanto ela o colocou no rosto, mas ajudaria. -Obrigada.- Como qualquer outra lesão que ela houvesse alguma vez tido, esta cicatrizaria rapidamente.

Pelo canto de seu olho bom ela notou um prato com um sanduíche e um copo de leite na escrivaninha da cama. Devia ter sido obra de Floarea. Como sua avó, a governanta pensava que a comida poderia arrumar tudo. Seu estômago retumbou em resposta. Uma vez que ela estivesse segura de que poderia abrir a boca, ela ia engolir esse sanduíche.

Ele estava sentado sobre a beirada da cama. Trazia postos as mesmas calças e a camisa com a que eles tinham lutado – nada muito na moda. Seu cabelo tinha sido empurrado para trás de seu rosto com dedos ansiosos, e seus lábios estavam apertados enquanto ele a observava. Ele se mostrava quase... irritado.

- Eu gosto de olhar para você até com um olho, - Ela disse com um pequeno sorriso.

Seus lábios se curvaram em resposta, suas feições cobrando uma expressão que ela encontrou muito mais atraente. –Sinto tanto por te machucar.

Ela deu de ombros, e logo se sobressaltou quando o movimento colocou o pacote de gelo sobre sua carne arroxeadada. -Cicatrizarei logo. Fui golpeada por um vampiro antes. Não lembro de ter me machucado tanto assim realmente mas suponho que isso é porque você é tão velho.

Arqueou uma sobrancelha. Isso é um elogio? Porque é um horrível.

Marika riu abafadamente. Isso o feria também, demônios. -Só quero dizer que é muito forte.

-Sou e deveria ter sido mais cuidadoso.

- Não deveria ter te golpeado... onde o fiz. Não foi justo.

Seu sorriso realmente aumentou. - Mas efetivo.

-Você já... está... recuperado?

Uma risada abafada escapou dele. Ele era tão adorável quando ria. - Completamente, obrigado.

Esse era um alívio. -Por que é muito mais forte que os vampiros normais?

-Meu sangue, - foi sua resposta simples. -Bebemos do Graal de sangue. A essência do vampiro que entrou em nós era pura, não filtrada pelas veias de um humano. Além de Lilith mesma, que foi desterrada quando os anjos caíram, nós somos os vampiros mais puro-sangre que existem– ou isso é o que eu digo.

Esse era um ascendência impressionante. -Usou alguma vez seus dotes em sua completa extensão?

Ele negou com a cabeça. -Até onde eu sei isso só ocorre quando estamos sangrentos – como me tornei quando te ataquei. Você pode entender por que não permitimos que ocorra muito frequentemente.

Sim, ela entendia.

Bishop continuou, - Tudo o que sabemos a respeito de nós mesmos veio de textos velhos e o que aprendemos por nossa conta. Pode haver coisas que posso fazer que não sei, mas duvido.

E ela estava em segundo lugar da geração, com um pouco de humano misturado dentro. Não era estranho que ela pudesse brigar com um vampiro recém-nascido com facilidade. -Têm alguma vez desejado não havê-la encontrado?

Sua risada foi áspera. -É obvio. Não tanto como ultimamente, entretanto.

O calor alagou suas bochechas e iluminou seus olhos. Como ele poderia olhá-la desse modo quando seu rosto estava arroxeadado e inchado era um mistério, mas ela o amava da mesma maneira.

-Marika? Está dolorida?

Ela negou com a cabeça, preparando seu coração e seus pulmões para reatar suas funções. -Não, não. Não é nada, Bishop, honestamente. *É só que apenas compreendi que te amo.*

Foi medianamente óbvio que ele não acreditou nela. Ela mudou o tema. - Contatará Saint agora?

Ele assentiu. -Dei minha palavra e a mantere

-Obrigada.- Ela deixou a um lado o gelo – seu rosto estava tão frio que começava a doer mais – e recolheu o sanduíche. Pôs o prato em seu regaço e deu pequenas dentadas no pão e na carne para saboreá-los em sua boca. Não a machucava muito mastigar. Provavelmente ela já começava a melhorar um pouco.

-Acha que vai gostar de mim?- perguntou. Sua garganta se apertou enquanto ela perguntava. Isto significava tanto para ela – mais do que qualquer pensamento de vingança que alguma vez tivesse. Sua mãe o tinha amado. Ele poderia dizer coisas a respeito de sua mãe que ela não sabia.

Ele poderia falar sobre Bishop – a respeito de como era ele quando era humano.

- Ele te amará.- Ele soava tão seguro que o coração de Marika se sobressaltou. Bishop a amava? Talvez só um pouco? Ou se apressava a ver a confiança que seu pai tinha menosprezada? Ele se perguntaria se ela estava aliada com seu pai para capturá-lo?

-Confia em mim?- Não havia sentido em perguntar-se quando simplesmente poderia perguntar a ele.

Ele franziu o cenho. -Achei que já tínhamos estabelecido que o confio.

-Sei, mas você não confia no que meu pai e eu pensamos.

Uma sobrancelha escura se arqueou preguiçosamente. -Que suspeite que você conspira contra mim?

Ela inclinou a cabeça.

- Querida, honestamente você está muito longe de levar a cabo um subterfúgio como esse de forma convincente. Você simplesmente teria me matado o mais rápido e teria acabado.

Ele estava certo. E realmente gostava quando ele a chamava querida. - A vacilação e a paciência são dois luxos que nunca pude pagar.

Seu sorriso se desvaneceu. -Desejo poder afastar isso de você.

-Longe?- Ela cortou uma parte maior de seu sanduíche e o ofereceu a ele. Ele negou com a cabeça e ela o empurrou em sua boca em seu lugar. -Como? por que?

- Se fosse do meu modo você teria crescido com uma mãe e pai que nunca te deixariam. Nunca a abandonariam. Pensaria que os vampiros são coisa de histórias e passaria cada dia com um vestido bonito com centenas de admiradores competindo por seu afeto.

Surpreendentemente lágrimas apareceram em seus olhos. -Isso soa lindo. Ele não tinha mencionado onde ele encaixava nessa visão.

Ele deu de ombros. -Te daria isso se pudesse.

- Mas então nunca teríamos nos encontrado.

O sorriso se havia quase ido. -E você estaria a salvo – não sentada aqui com a metade do rosto preto e azul.

Ela colocou o sanduíche na mesa outra vez, seu apetite se foi. - Mas não te conheceria.

A curva de seus lábios era auto depreciativa no melhor dos casos. - Não acha que isso faria as condições serem uma má coisa, ou sim?

- Sim.

- Marika – ele apartou o olhar.

-Você me deseja fora de sua vida, Bishop? Se quer que eu vá, simplesmente diga.- Sua garganta se apertava ao redor das palavras, tentando mantê-las guardadas.
- Irei e você não precisasse preocupar-se por mim de novo.

Ele titubeou sobre seus pés sem sua graça usual. Ele segurou seus braços e a endireitou sobre seus joelhos na cama, puxando-a contra ele com uma expressão que roubou seu fôlego e a esquentou em lugares que a fizeram sentir formigamentos por dentro.

- Você me deixa e seguirei teu rastro. Sua mandíbula se apertou grunhindo a promessa. -Não há um lugar nesta terra em que você pode ir onde não te encontre.

Oh, Meu Deus. Ele muito bem podia dizer que era seu dono. Ela deveria opor-se a essa reclamação. Estava acostumada a não responder ninguém exceto a si mesma, e deveria lembrá-lo sobre isso.

Ela olhou em seus olhos. -Não vou a lugar nenhum.

Seus lábios caíram em cima dos dela, esmagando-os. Ela choramingou.

Bishop se afastou para trás. –Machuquei você?

- Sim, - ela murmurou contra sua boca, seus braços rodeando seu pescoço. – Faz de novo.

Victor Armitage estava caído. Cair tão rapidamente tinha deixado muito pouco dele.

Oxalá que a queda escada abaixo o tivesse matado. Só o tinha quebrado em partes.

Era este o castigo por falhar em trazer a *dhampyr*? Iam torturá-lo até que não ficasse nada dele destruindo-o e logo matando-o? Quanto tempo mais demoraria? Quanto tempo mais ele podia manter alguma biografia de si mesmo? Mais importante ainda, quanto tempo demoraria de que ele simplesmente pudesse deixar-se ir e pudesse fazer que tudo isto acabasse? Tudo o que ele queria era que isto acabasse. Ele até orou por isso. Ele rezou intensamente. Os vampiros que o custodiavam riram cada vez que o ouviram dirigir a palavra a Deus. Ele o fazia em sua cabeça agora, embora algumas das coisas que ele disse não eram tão cristãs quanto deveriam ser.

Ele não tinha visto Maxwell desde que o velho bastardo o chutou para baixo das escadas. Essa era uma garganta que ele ia desfrutar despedaçando se ele algum dia saísse desta prisão. Ele ia matá-lo lentamente, desfrutando de cada pequena fratura e rangido.

E logo ele ia atrás dessa *dhampyr* – a pequena cadela. Se não fosse por ela e seu envolvimento com ela, ele não estaria sofrendo agora. Ele não se perderia de vista como ele estava agora.

Sim, restava muito pouco dele, e o que o controlava o assustava mortalmente. Não o matavam. Estavam fazendo algo muito pior.

Capítulo 14

A tarde seguinte encontrou a Marika e Bishop preparando-se para jantar com a avó dela... Marika tinha ido visitar a velha senhora mais cedo esse dia, esperando persuadi-la para que deixasse o povoado por uns poucos dias – ao menos até que Marika estivesse segura de que sua vida não estava correndo perigo.

Sua avó sustentou que não tinha medo da morte e não quis ir, mas disse a Marika que o consideraria se ela trouxesse Bishop para o jantar. Marika não fez perguntas; simplesmente disse que sim.

-Você acha realmente que ela irá?- Bishop perguntou enquanto colocava sua camisa em suas calças.

Marika se sentou ante o espelho dando os últimos toques a seu cabelo e desfrutando de olhá-lo vestir-se. Ela gostava de vê-lo em roupa elegante. É obvio, preferia-o nu. - Se ela não estiver de acordo em ir, então estou preparada para usar a força.

Ele mandou um sorriso aberto através do quarto. -Por que isso não me assombra? Está linda.

Duas palavras simples e ela se ruborizou como uma garota. Era estúpido e ela o amava. Pela primeira vez em sua vida ela se sentiu normal. Com Bishop poderia ser somente uma mulher e não preocupar-se em caso de que ela o pudesse machucar ou que ele pudesse sentir repulsa por sua verdadeira natureza. Ele a aceitava – com imperfeições e tudo o mais. Era um sentimento maravilhoso.

E entretanto ela se sentiu adulada por suas palavras, ela não duvidava delas. Sabia que se mostrava bem – e via a verdade em seus olhos. Trazia posto o único traje que ela possuía adequado para a noite – e muito favorecedor – um de simples seda azul escura estilo Império que lhe tinha sido proporcionado por uma rica mulher francesa. A mulher e seu marido tinham estado viajando através da Transilvania em sua rota leste, procurando os lugares sobre os que Bram Stoker escreveu. Andavam procurando vampiros e um vampiro os encontrou. Um vampiro muito faminto.

A mulher tinha estado tão agradecida por Marika tê-los salvo dessa pobre criatura miserável – ela não percebeu que ele era um vampiro, mas sim só pensou que ele tentava roubá-los – que deu a Marika o traje de noite. Ao princípio Marika tinha a intenção de dar-lhe a Roxana, mas quando o teve em casa, ela não pôde separar-se dele. Sua avó o levou a costureira do povoado para ajustá-lo e assim foi feito. Era apropriadamente belo, acentuando seus seios, a curva firme de seus ombros. E a fazia sentir-se não só como uma mulher, mas sim como a senhora que ela podia ter sido se apenas tivesse nascido totalmente humana.

Não. Se ela não tivesse decidido a caçar monstros em vez de dançar nas festas e paquerar com adequados homens jovens. Seu nascimento – sua natureza – podia ter estado para sempre escondida. Ela tinha feito a escolha.

Até agora ela nunca tinha pensado que poderia ter estado errada. Mas não era sua escolha a que estava errada – eram todas as coisas que a tinham direcionado a fazê-la.

- Está muito calada, - comentou ele. -O que está pensando?

Marika sorriu para ele no espelho. Ele tinha terminado de se arrumar e estava em pé no centro do quarto com uma gravata e traje cinza com uma camisa branca como a neve e brilhantes sapatos negros. Seu cabelo grosso, escuro e castanho estava penteado para trás de sua cabeça, e ele estava recém barbeado.

- Pensava em como não mudaria nada que aconteceu em minha vida porque todas as coisas que aconteceram contribuíram para te trazer para mim.

Ele arqueou uma sobrancelha escura. Talvez você pudesse mudar a parte a respeito de me envenenar e me acorrentar a uma parede?

Ela se elevou à altura de seus pés e caminhou para ele com um sorriso. - E você teria escapado de minhas correntes? Creio que não.

Seus lábios se curvaram quando ele estendeu a mão e enrolou ao redor de seu dedo um comprido cacho que escorregou do coque em cima de sua cabeça. - Suponho que o resultado final valeu a pena.

Os olhos de falcão brilharam com calidez enquanto ele deixou seu cacho de cabelo livre. O calor arrastou-se em cima de seu estômago, fluindo para fora.

- Se não sair agora mesmo, então vou te agarrar à força, - Ela informou.

A diversão iluminou seu rosto enquanto ele deu um passo para mais perto, trazendo o perfume e o calor dele tão perto, que sua cabeça divagou. -Penso que você só me mantém aqui para seu prazer.

Marika sorriu abertamente. -O meu e para mim somente.

Bishop negou com a cabeça. -Tem razão, precisamos sair. Não quero ter que dizer a sua *bunica* que estávamos atrasados porque transamos primero.Ele se moveu em torno dela para a penteadeira onde suas armas estavam.

- Transar.- Não era um termo com o que estivesse familiarizada, mas entendia seu significado perfeitamente. -Isso é o que fazemos?

Ele levantou os olhos de uma faca deslizava na capa do braço sob sua camisa. - Preferiria que chame de *fazer amor*?

- Preferiria que você encontrasse um termo que não me fizesse sentir como se devesse te pedir dinheiro depois.

A cor se foi de seu rosto, seguido por uma aparência de indignação. -Está insinuando que penso que você é uma puta?

As mãos em seus quadris, ela ficou olhando bem em seus olhos. - Insinuo que acho o que fazemos juntos um pouco mais maravilhoso que simplesmente golpear partes do corpo juntas!

Ele cravou os olhos nela por um momento antes de explodir em risadas. O bastardo realmente riu!

- Então é fazer amor.- Ele reajustou o punho de camisa. -Ah, Marika, jamais pode deixar de me assombrar.

Muita de sua fúria amainou ante isso. -Obrigada.- Caminhou a ele e levantou suas saias. -Agora preciso que ajuste o estojo de coxa para mim. Não posso me dobrar corretamente neste maldito espartilho.

Dez minutos mais tarde estavam no teto da casa de Bishop – cortesia de uma escada secreta escondida atrás da parede de seu dormitório.

- É uma rota de fuga, - ele informou enquanto dava a direção subindo pela escada obscurecida. – Lembra dela em caso de que nossa posição seja descoberta.

Ela o faria. -Você podia ter me contado sobre isso antes.

Ele a olhou por cima de seu ombro. -Você não vai estar contente esta noite, ou vai?

Ele estava certo. Ela estava irritável e ansiosa mas não era sua culpa. Estava fora de seu elemento, envolvida em coisas que não entendia e preocupando-se a respeito das pessoas que amava assim como a si mesma. - Sinto muito, Bishop. Suponho que não sou tão forte como acreditei que era. Esta situação completa me assusta, e me assusto pelas pessoas que me preocupam também.

O sorriso que lhe ofereceu era reconfortante. -Farei todo o possível para proteger você e sua família. Entendido?

Ela assentiu. -E te protegerei.

Ele escovou os nós de seus dedos contra sua bochecha. -Não esperaria menos.- Logo ele mudou de direção e começou a subir outra vez.

Marika suspirou e levantou suas saias para segui-lo o resto do caminho. Ele estava divertindo com ela. Ela poderia discutir a respeito disso ou simplesmente aceitar que sua risada não necessariamente queria dizer que ele ria dela. Ela escolhia o último. Em seu coração ela sabia que essa era a verdade.

No alto das escadas estava uma porta inclinada que conduzia para fora sobre o teto. Bishop passou sobre a soleira e logo lhe ofereceu a mão. Era um gesto encantador, tão doce que a afetou mais do que provavelmente deveria fazê-lo.

Ela encobriu o ardor em seus olhos fazendo alarde de inspecionar seu traje de noite e sua capa por sujeira ou as teias de aranha do oco da escada. Não havia nenhuma.

- Limpei mais cedo, - ele disse, como se lesse sua mente. - Enquanto você estava no banheiro.

Outra vez seu coração ficou preso. A este passo estaria morta antes de sequer chegar a sua *bunica*. -É muito atencioso comigo. É tão sensato e eu tentei... - Ela se atrasou completamente, afogando um soluço.

- Marika. Querida.- Ele a tomou em seus braços. - Precisa parar isto. Sei que tem medo, mas não deixa que te enfraqueça. Usa seu medo como uma fonte de força e te servirá muito mais extensamente desse modo.

Sorvendo pelo nariz, ela assentiu. - Tem razão. Nunca temi a um inimigo antes e me recuso a fazê-lo agora.

- Linda.- Ele beijou sua testa e envolveu seus braços ao redor de sua cintura. - Agora, se agarre.

O vôo – ela ainda tinha problemas em dar-se conta de que realmente voavam ! – para a casa de sua avó foi de só minutos. Desceram na horta de trás, ao abrigo da escuridão e a folhagem espessa dali.

-Por que acha que ela quer me conhecer?- Bishop perguntou enquanto se aproximavam da porta traseira.

- Provavelmente para assegurar-se de que você é o suficientemente bom para mim, - Marika disse sarcásticamente.

Bishop riu abafadamente. - É óbvio. Devia ter pensado nisso.

Marika bateu na porta, e poucos segundos depois ouviram os passos arrastando os pés de sua avó. *Bunica* abriu a porta, e sua saudação de costume seguiu, só que desta vez ela trouxe para cena ante sua avó Bishop – o único homem que ela alguma vez, trouxe para casa. Nem mesmo seu noivo tinha sido apresentado desta maneira, tendo sido escolhido por seu pai.

Não foi até que estivessem completamente dentro da casa, que a porta achou detrás deles, que Marika percebeu que havia algo diferente a respeito de sua avó. Deu-se conta disso no mesmo momento que Bishop segurou uma mão firme ao redor de seu braço.

- Alguém está aqui, - murmurou, perto de sua orelha.

Medo, e logo cólera ondeou sobre ela. Suas gengivas doíam enquanto as emoções se rasgaram através dela. Se essa pessoa usava a sua avó para aproximar-se dela, então o lamentaria.

-*Bunica*, - queixou-se, - tem outro convidado?

Irina girou, espremendo suas mãos nessa forma culpada como só uma avó poderia fazer. - Disse que tinha que ver você, Mari. Disse que sua vida estava correndo perigo.

Enquanto viravam a esquina no salãozinho pequeno, Marika viu o homem que estava sentado sobre o sofá, sua mão apoiada contra suas coxas. Bishop o viu também – e grunhiu.

Era seu pai.

Bishop deu um passo adiante de Marika, defendendo-a com seu corpo simplesmente em caso de que suas suspeitas a respeito de seu pai estivessem corretas.

Muitas emoções se reproduziam pelo rosto de Constantin Korzha, mas a duplicidade não era uma delas. Bishop viu – e sentiu – medo e incerteza, e um pesar profundo, mas nenhuma cólera. Nenhum ódio.

Marika se impulsionou ao redor dele, lhe lançando adagas com seus olhos negros. Que pouco assustadiça estava esta noite. Ele também podia deixar de tentar – nada do que ele ia fazer esta tarde ia dar certo.

Meu Deus, ele a adorava.

- Papai, - disse, cruzando a distância entre eles. Bishop a seguiu.- O que está fazendo aqui?

Constantin assentiu para Irina. -Queria ver você assim é que vim a sua avó e pedi a ela que o arranjasse.

Bishop não estava assombrado, mas Marika sim. Olhou boquiaberta a sua avó. -Convidou ao jantar sabendo que ele estaria aqui?

A velha assentiu, com os lábios apertados com culpa. E legitimamente então, Bishop pensou sem simpatia. Ela não tinha idéia de no que poderia ter metido a Marika.

- Não fique zangada com sua avó, Marika. Disse como era importante que eu falasse com você.

Bishop nunca tirou o olhar do outro homem. -Você disse a ela que a vida da Marika estava correndo perigo?

Constantin assentiu, mantendo seu olhar surpreendentemente bem, para um humano a ponto de ter seu pescoço quebrado. - Disse.

-Te ocorreu mencionar que você é o perigo?-

Irina ficou sem fôlego, mas ambos, Bishop e o pai da Marika a ignoraram. Cravaram-se os olhos um no outro, do modo que dois depredadores o faziam quando se preparavam para a batalha.

- Não. Acredito que quanto menos Irina saiba mais a salvo estará.

- Que nobre.- Ele não pôde evitar a zombaria em seu rosto. - Você não queria que ela soubesse que está aliado com os homens que atacaram o povoado de Marika.

Um soluço suave chegou a seus ouvidos. Irina obteria um bom número de surpresas esta noite.

- Não, - Constantin respondeu.. – Não queria, mas agora fez isso por mim. Você é realmente a nobre criatura, não é mesmo?

Bishop deu um passo adiante, apertando os punhos enquanto ele se movia. Ele não mataria este homem na casa de Irina, não diante de Marika. Ele não poderia, por mais que ele pensasse que deveria fazer justamente isso. -Não me fale como se eu fosse o vilão aqui. Você sabia que esses homens estavam detrás de Marika. Você disse onde encontrá-la?

- Bishop! Marika soou pronta para espremer suas orelhas, mas ele não se aventurou a lançar um olhar a ela. Ela se moveu mais perto de seu pai – do alcance do Bishop.

Constantin observou sua filha aproximar-se com uma expressão culpada que fez os dentes de Bishop se juntarem. - Disse.

Marika fez o menor dos sons, mas se encheu de tal angústia, o coração do Bishop se rompeu ante isso. - Você bastardo.- Seus dedos trataram de alcançar a abertura no estojo de pulso.

-Por que?- A voz de Marika era forte embora um pouco espremida. -Odeia-me tanto assim?

Seu pai começou a confrontá-la, envelhecendo vinte anos no espaço de tempo que concordou em se responsabilizar sob seu olhar fixo. -“Pensei que odiava, até que vi você.”

Franzindo o cenho, Bishop se moveu para frente. Ele não estava preparado para confiar neste homem, mas suas palavras soavam sinceras. Agora era o momento para a paciência e precaução em vez da violência impulsiva. - Acredito que precisa se explicar, Korzha.

O homem de cabelo cinza assentiu. -Sim, tem razão.- Ele olhou só a sua filha quando ele começou, Marika, quando me inteirei de que sua mãe tinha um amante não estava terrivelmente alterado. Ela estava grávida com meu filho, e enquanto ela fosse discreta, que importância tinha?

- Mas então ela deixou de ser discreta, - Bishop prôpos.

Ninguém o admitiu.

-As pessoas começaram a falar, - Constantin continuou. - Foi vista em público com este homem, e em sua condição! Eu lhe pedi que deixasse de vê-lo. Aí foi quando disse me ia me deixar por ele. Ia pegar meu filho e me deixar.

Bishop falou despectivamente. Bishop zombou. -E não havia maneira de que fosse permitir a outro homem criar o que poderia ser seu herdeiro.

-Bishop!- Marika o olhou carrancuda.

Suspirando, Constantin finalmente lhe ofereceu um olhar breve. -Não deixaria outro homem criar meu filho.- Sua atenção retornou a Marika, que pendia de cada palavra dele. -Brigamos e ela entrou em trabalho de parto. No tempo que enviei alguém pelo doutor ela já experimentava dificuldades. Sua avó sabe que digo a verdade.

Bishop não olhou à velha, mas ele ouviu seu acordo suave.

- Ela queria que eu enviasse alguém por seu amante, mas me recusei. Ela deve ter obrigado uma das criadas a ir, de qualquer forma porque ele apareceu dentro da hora. Imagina a audácia do homem, entrometendo-se em minha casa e pedindo que concedesse acesso à sala onde ocorria o parto.

Bishop franziu os lábios. Ele facilmente poderia imaginar Saint fazendo justamente tal coisa. De fato, Constantin era sortudo de que Saint até mesmo lhe desse a cortesia de usar a porta principal.

-Algo como ele entro no quarto. O doutor já me havia dito que não havia muita esperança tampouco para você.- Houve uma lágrima no olho do velho bastardo. - Entrei para me despedir e o encontrei com ela. Vi o que ele era. A sua mãe teve força suficiente para me dizer que ele ia transformá-la e salvaria a ambos, a ela e ao bebê. Ele parou, levantando uma mão tremula para alisar para trás seu cabelo.

-Então o que?- Bishop finalmente observou quando ninguém mais o fazia. Marika lhe dirigiu outro olhar sujo mas ele a ignorou. Era seu dever protegê-la; Deixaria-a ficar de tão mau humor como ela quisesse com ele, mas não ia aceitar tudo o que seu pai dissesse como verdadeiro até que tivesse ouvido tudo.

- Foi muito tarde. Ela tinha perdido muita sangue e estava muito fraca. O vampiro deu a ela seu sangue e ela pareceu confortada por ele. Concluiu-se que ela teria ao bebê e chamei pelo medico. Disse ao vampiro que saísse. Ele não queria mas... o obriguei.

-Como?- Ele não podia imaginar este homem obrigando Saint a fazer algo que ele não quisesse fazer, e seu velho amigo não era o tipo que se afastasse de alguém que precisasse dele.

Constantin tragou. Ele não se mostrou muito arrependido quanto amargurado. - Água benta. Molhei-o com água benta tão completamente que não restou nenhuma alternativa que escapar. Bishop tragou contra a ascensão de sabor amargo em sua garganta.

- Você o queimou.

-Sim.

- Bastardo.

O pai de Marika lhe dirigiu um olhar desafiante. - Se soubesse como matá-lo o faria, ainda que Marta me tivesse odiado por isso. Ela estava tão feliz pensando que poderia ficar com ele por sempre.

-Matou-a? Bishop perguntou com aspereza.

Marika e seu pai se mostraram horrorizados por que ele fez a pergunta, mas isso não mudava o fato de que tinha que ser perguntado.

- Claro que não, - Constantin respondeu.

- Oh se isso é verdade, ela não tinha tido o bebê ainda. Queria primeiro o seu herdeiro.

- Não matei a minha esposa. -Constantin fixou sua atenção no rosto branco de sua filha. - tem que acreditar em mim, não machuquei Marta. Dar a luz tomou toda sua força, e morreu antes de que a linhagem do vampiro pudesse fazer efeito. Escondi você, e quando o vampiro voltou eu disse que tinha morrido junto com sua mãe. Suas sobrelanceiras se franziram. - Havia tanta tristeza em seu rosto.

“ É obvio havia, - Bishop quase grunhiu. - Tudo o que ele amava simplesmente lhe tinha sido tirado” .E Constantin podia ter poupado Saint de um pouco dessa dor. -Se você não o tivesse afugentado, então ele poderia ter dado mais de seu sangue. Poderia ter salvo a ambos.

- E levar os dois para longe de mim, - a voz de Constantin se fez pouco mais que um vaio. -Ele levou a minha esposa. Ele não levaria meu filho.

Bishop alegremente poderia matar a este homem. -O filho que você não quis.

-Me culpa por sua morte?- O tom lastimado da voz de Marika fez Bishop olhá-la zangado – Não porque se sentisse furioso mas sim porque não podia suportar que ela tivesse uma opinião tão baixa de si mesmo. Se seu pai dissesse que sim, então ele o mataria ali mesmo.

Constantin se mostrou tão horrorizado quanto Bishop se sentiu. - Não, meu amor. Culpei ao vampiro. Culpei a mim mesmo, mas não a você. Não foi até que vi que tinha mais dele que de mim que comecei a ter ressentimento. Mande-a viver com sua avó para que assim os criados não descobrissem que era como um monstro. Envie-a à escola no estrangeiro para que assim não tivesse que escutar os rumores. Quis que tivesse a espécie de educação que uma senhora deveria ter.

Bishop soprou. Talvez o velho pudesse convencer a si mesmo de que estava certo, mas no momento certamente não o tinha sido. -Sempre que não tivesse que olhar para ela.

Desta vez quando Marika o olhou ali não havia mais irritação. Ele havia dito exatamente o que tinha estado pensando; Ele sabia. Se surpreendeu que ele a conhecesse tão bem.

Constantin esfregou atrás de seu pescoço. - Isso também. Não tinha idéia do que fazer com uma menina pequena, e muito menos uma que parecia ser mais que apenas humana. Me resenti do vampiro por levar minha esposa e ao bebê de mim. Uma noite estava muito bêbado e contei a um estranho o que aconteceu, mas não lhe contei sobre os dotes únicos de Marika. Ele me convidou a uma reunião de um ' clube ' secreto a que ele pertencia.

-A Ordem da Palma de Prata?- Se as palavras fossem ácido, então Bishop queimaria um buraco pelo piso.

- Sim. Disseram-me o que eu queria escutar, fizeram-me acreditar que a vingança era possível. Mais tarde, quando se inteiraram de Marika, pensaram que ela poderia ser de valor para a causa.

Finalmente ele chegava à informação em que Bishop estava interessado. Infelizmente esta informação também transformou seu sangue em gelo e o fez querer ficar seriamente violento. -Como é isso?

Constantin negou com a cabeça. -Não sei todos os detalhes.

- Me diga o que sabe.- disse baixinho, amável até, mas a ameaça nas palavras era óbvia. Se Korzha não falasse, então Bishop rasgaria as palavras de sua garganta.

Surpreendentemente, o pai da Marika o confrontou com pouco medo. -Sei que a ordem quer o Graal que você e seus amigos lhes roubaram.

- Pertencia aos templários.

- A ordem foi uma vez em parte do templo *Knights*. Saíram depois de que algumas diferenças de opinião não puderam ser ajustadas.

Bishop não importou e não queria saber. -Querem o Graal de Sangue. Qual é a razão dos seqüestros? Por que nos querem? Por que Marika?

- Vocês são filhos de Lilith, a mãe de todos os vampiros. Seu sangue é em sua maior parte pura, por conseguinte o mais poderoso. Marika compartilha esse sangue. Isso a faz poderosa também, especialmente se ela se convertesse por completo.

Marika encontrou seu olhar com um horrorizado dela. Era a menção de sua linhagem o que a fez mostrar-se assim, ou o pensamento de converter-se em um vampiro?

Havendo Korzha confirmado suas suspeitas não tinha nada para confortá-la. - Para que querem nosso sangue? Querem simplesmente nos matar? Onde estão Tlemp e o que é que estão fazendo a ele? Como conseguiram pegá-lo?

Constantin levantou sua mão. -Direi o que posso, Sr. Bishop. levaram-se a seu amigo Temple porque havia muitos deles e usaram uma versão mais potente do veneno que Marika usou para te submeter.

Então ele sabia disso? -Sabia que a contrataram.

- Sim.

- Seu filho de puta.- Havia tantas formas com que ele o poderia matar. O perigo no qual ele tinha metido Marika– usando a sua filha como um peão. - A ordem organizou todo isso.

- Organizaram. Não querem matá-la, precisam dela viva. Por que, não sei. Suspeito que esse é um segredo mantido entre as hierarquias superiores, das quais não faço parte. Tudo o que sei é que os querem aos cinco e os querem vivos.

- Assim qual era seu plano? Que Marika me capturasse e logo me entregasse, o que indica que a pegariam também?

- Sabiam que andava procurando *Huntress* (N.T. huntress é caçadora em inglês) por causa de seu amigo. Te pegariam, desse modo.

Os olhos de Bishop se estreitaram. –Ele está morto?

- Não. Está com os outros.

-Que outros? Onde?

- Só sei que há outros. Onde, não sei. Roma talvez, ou provavelmente a Espanha ou Grécia.

- Não me diz nada útil, Korzha.

-Sabiam que encontraria Marika ou ela te encontraria. O que esperavam era que ela pudesse te levar a eles. Quando se tornou aparente que ela não ia te entregar.

A cabeça de Bishop se sacudiu com força na direção de Marika. - Não ia me entregar?

Ela negou com a cabeça. - Não tinha me dito onde estava Saint. Não estava pronta para deixar isso de lado.- Ela negou com a cabeça. -sinto muito.

Ah, então não foi que ela tivesse tido qualquer sentimento terno por ele na época. Pois bem, o que ele tinha esperado? Nesse momento ela pensava que era um assassino sem alma. Ainda assim, ofendeu-o.

- A ordem decidiu logo que provavelmente se Marika sumisse, você perceberia que ela não era a presa que procurava, e suporia que tinha sido raptada como seu amigo.

- Queriam que eu seguisse a pista dela. Vão usá-la como isca.

Constantin assentiu. -Mas os dois mudaram tudo isso.- Ele soou quase orgulhoso – e mais que um pouco atemorizado com como ele apreciava sua filha. - A ordem planejou os ataques de vampiro nos povoados da localidade te para fazer sair, esperando que seus ferventes companheiros se voltassem contra você quando se percebessem de que te tinha aliado a si mesma com Bishop. Essa parte correu melhor do que tinham esperado.

- Assim é que tinham um novo plano.- Bishop apostava que ele mesmo podia completar o resto.

- Sim. Isso foi quando vieram para mim. Pensaram que Marika aceitaria minha oferta de ajuda para deixar o país, ou talvez me dissesse onde se escondiam os dois.- ele sorriu. - Mas é obvio, ela é muito esperta para isso.

Marika se animou sob a lisonja. Meu deus, ela era tão jovem as vezes. -Então, quando formos daqui esta noite os membros da ordem estarão nos esperando?

- Não. Disse a eles que tentaria averiguar sua posição com a Irina.

-Depois de todos estes anos nos esperando – espera que Marika creia que você repentinamente tem as melhores intenções no coração e deseja trair a ordem?

- Sim.

Bishop disse com desprezo. - É um idiota.

Constantin o ignorou e voltou sua atenção a Marika. -Pensei que podia fazer o que queriam. Disse-me mesmo que era o melhor. Quase me pude convencer mesmo de que era um monstro.

-O que fez você mudar de opinião?- Ao menos ela soou como ela mesma outra vez, não como alguma menina assustada.

- Vi você com meu filho. E quando sorriu, lembrou a minha mãe, mesmo que se mostre também como você mesma. Vi você como família, como minha filha, e não poderia me voltar contra você outra vez.- Sua mão se fechou sobre a dela.- Não quero que a ordem te tenha. E você é a única pessoa que pode proteger Jakob deles.

Os olhos de Marika se alargaram. - Mas você.

- Sou um velho doente cujo tempo nesta terra, tenho medo, aproxima-se de seu fim. Até se viver outros vinte anos, a ordem ainda estará ali, à espera de que Jakob caia em seu vínculo. Quem sabe, eu poderia morrer por obra de um vampiro – a tragédia perfeita para dar suporte a luxúria de um filho pela vingança, não você acha?

Finalmente Bishop entendeu e acreditou. Korzha dizia a verdade. Se a ordem decidisse, que ele não era mais de utilidade, tomariam medidas para matá-lo e dessa maneira poderiam envolver seu filho em suas filas mais tarde. Ele não planejava ficar como um herói e ele não esperava que Marika caísse em seus braços, mas ele queria mantê-la viva porque era sua filha e porque poderia proteger a seu irmão melhor que ninguém nunca poderia proteger.

E ele não duvidava por um minuto que se o pai da Marika morresse como resultado de um ataque de vampiro, a ordem teria arranjado isso.

Graças a Deus Molyneux, que estava na Hungria, tinha mostrado o interesse de reunir-se para discutir esses temas. Isto era deste modo muito para pô-lo em um telegrama. E Molyneux poderia dar informação a Chapel e talvez aos outros. Se a ordem se esforçasse em pegá-los um por um, então seus amigos tinham que ser avisados.

-A ordem não conseguirá seu filho, - prometeu, provocando olhares sobressaltados de Marika e seu pai. -Não terão Marika, e se pensam que podem capturar meus amigos... bem, então a Palma de Prata está a ponto de ter uma surpresa infernal.

Depois de que o pai de Marika saiu, ela e Bishop se sentaram com sua avó e jantaram. Por estranho que parecesse, ter algum conhecimento do que estava planejado para ela aliviou o medo que tinha estado experimentando, e Marika

conseguiu comer uma refeição decente. Bishop comeu bem, mas não era como se a comida tivesse qualquer efeito nele além do sabor. Até sua avó encheu seu prato – depois de finalmente prometer a Marika que ela ficaria com seu irmão e sua esposa por uns poucos dias.

Quando saíam, Irina tomou a mão de Bishop. - Obrigado por cuidar de minha neta. Vai mante-la a salvo para mim?

O coração de Marika se inchou enquanto observava Bishop curvar sua outra mão ao redor de sua avó. Seus dedos eram tão grandes e escuros ao lado da velha. – Mantereí. Tem minha palavra.

Irina sorriu, enrugando seu rosto. –Te darei alguns brotos de meu jardim para plantar na tumba de sua esposa.

Bishop se mostrou tão emocionado como Marika pela oferta. Sua avó estava apenas sendo amável, mas Bishop parecia como se lhe tivesse atirada água fria no rosto. Ele tinha se esquecido de Elisabetta. Não, não esquecido, mas Marika e tudo o que tinha acontecido a tinha empurrado até o fundo de sua mente. Marika poderia dizer por sua expressão que ele não estava realmente seguro de como se sentia a respeito disso.

Nem estava segura de como sentir-se sobre o de que fato que tivesse que deixá-lo reconciliar-se com seu passado por si mesmo.

Bishop agradeceu a Irina e ajudou Marika com sua capa, embora ela fosse mais que capaz de fazê-lo por si mesma.

Foram-se da forma com que chegaram, atravessando de volta. Bishop quis ir primeiro para assegurar-se de que não havia ninguém esperando-os.

Marika o deteve. -Antes me disse que tinha que ser forte. Não posso fazer isso contigo sempre se pondo entre mim e qualquer perigo possível.

- Bem.- Não gostou, isso era óbvio, mas não se opôs a ela.

Ela tomou sua mão. -Vamos de mãos dadas.- Em algum momento durante seu breve tempo juntos, ela tinha caído na conta de que eram mais fortes quando trabalhavam ombro a ombro.

Logo que caminharam dentro do jardim, ela suspeitou que alguém estava com eles. Bishop o sentiu também; Ela o sentiu esticar-se ao lado dela. Uma sombra leve se moveu perto de uma roseira – uma forma familiar. Um perfume familiar.

- Roxana?- Soltando Bishop, ela deu um passo adiante. - O que está fazendo aqui?

A garota correu para ela. Marika abriu os braços para aceitá-la.

-Quem é? - Bishop perguntou, sua voz baixa.

- A filha de Dimitru, - ela respondeu, destinando a ele um breve olhar.

-Dimitru? Um de seus homens?

Marika assentiu. Foi rápido, enquanto Roxana voava em seu abraço, que ela se deu conta do perigo onde ela não tinha pensado que houvesse nenhum.

Aconteceu tão rapidamente. Aconteceu tão lentamente. Um minuto estava olhando aos olhos escuros da garota, tão feliz por vê-la, e então ela viu ódio alí, e sentiu a dor que veio com isso – cortante, penetrante. A mão de Bishop roçou seu

ombro e logo a separou de um puxão, mas até ele não foi rápido o suficiente. Marika deu um tropeção para trás, mas era muito tarde.

Roxana já a tinha apunhalado.

Capítulo 15

Bishop agarrou a garota pela garganta e a levantou para um lado. Pequenos pés deram pontapés em seu quadril e suas costelas, enquanto seus magros dedos davam arranhões aos seus. Ele não a estrangulava – não ainda – mas a apertou o suficientemente forte para que ela não pudesse gritar.

- Marika.- Ele podia cheirar seu sangue. -Quão mau está machucada?

O som de tecido rasgando-se deslizou através da noite. -A faca não me perfurou, mas ela tirou uma grande quantidade de carne. A dor era evidente em sua voz enquanto ela envolvia a dobra rasgada de seu traje de noite ao redor do diafragma. - Isto não pararia o sangue por muito tempo.

A gratidão o inundou. Ele percorreu com o olhar a garota pendurada por sua mão. -Quer que a mate?

Os olhos da garota se arregalaram e renovou seus esforços para escapar.

Um gemido suave saiu dos lábios de Marika enquanto se levantou sobre seus pés. - Pára de tentar assustá-la.

Olhando-a carrancudo, Bishop voltou a cabeça para ela. Assustá-la? Ele estava sério, extremamente. -Ela tentou te matar.

Marika assentiu, pressionando sua mão em seu flanco. Sua postura era um pouco torpe, mas ao menos ela podia levantar-se. -Ponha-a no chão.

Ela estava brincando? -Não.

- Bishop, ponha ela no chão. Por favor.

Como podia negar a ela algo? Se lhe pedisse para deixar a moça esfaqueá-lo também, então ele poderia fazer justamente isso para agradá-la.

Lentamente baixou a garota sobre a grama. Ela tentou correr quando ele soltou seu apertão de sua garganta, assim é que a agarrou pelo braço pelo lado contrário.

- Pare de lutar, - grunhiu, - ou rasgarei suas articulações.

A garota girou de volta para ele. Ele agarrou a mão livre justo quando ela a levantou –quando Marika o avisou. Havia uma estaca nela – áspera mas uma arma efetiva, de qualquer modo qualquer coisa morreria uma vez que seu coração fosse perfurado.

-Sabe quanta força se requer para introduzir uma estaca no corpo? Mais da que você tem, pequeno frango ossudo. Ele tomou a madeira de seus dedos e a meteu no bolso do casaco.

Quase se sentia como nos velhos dias quando ele e os rapazes iam ao teatro ou ao clube, arruinando-se por uma briga. Era diabo de difícil brigar em traje de noite, entretanto. Felizmente esta garota era mais uma chateação que uma ameaça.

A garota os amaldiçoou em rápido romeno. As obscenidades vindo de sua boca faziam até a maioria dos homens levantar uma sobrancelha. Quando ela o chamou de *cacete*, entretanto, Bishop teve que rir abafadamente.

Marika o olhou inquisitivamente. -Acha isto engraçado?

- Acho o fato de que ela justamente me chamou de pênis divertido, sim. Se lembrar corretamente, então fui suficientemente pouco divertido por você quando ela atentou contra a sua vida. Disse-me que não a machucasse.

- E é o que quis dizer. Roxana, por que fez isto?

- É um monstro, como ele. Merece morrer.

A dor que cruzou o rosto de Marika foi tão intenso, que Bishop a sentiu de forma igual. -Pareço um monstro?

- Se mostra igual, mas você me disse que nem todos os monstros parecem malvados.

- Não o fazem. Fiz algo ruim?

A garota a olhou.- Mentiu-nos. Acreditei em você. Não posso acreditar que alguma vez quis ser como você. Sim, é má.

Bishop não pôde ficar calado mais tempo, não quando Marika estava tão visivelmente dolorida. -tentou matá-la. Para mim, você é a má, garotinha.

A garota cuspiu em seu sapato. -Você nem mesmo é humano.

- Olhando você, não acredito que isso seja uma coisa ruim.

-Como soube onde nos encontrar?- Marika perguntou. Estava pálida, mas escondeu bem a sua dor.

Roxana zombou. -Sabia que viria atrás de sua avó eventualmente. Ela te ajuda, traindo a sua espécie.

Marika se moveu tão rápido, Bishop estava assombrado. Seus dedos se fecharam ao redor da mandíbula da garota, levantando o seu queixo e segurando-a assim até que a Roxana não restou nada mais que encontrar seu olhar.

- Sempre te considerei e tratei como a uma irmã menor, - ela disse a garota, sua voz tão baixa e perigosa, que Bishop a sentiu ao longo de sua coluna vertebral. -Mas se você machucar minha avó, então te farei sofrer por isso.

Bishop quase a aplaudiu. Sua caçadora tinha retornado.

-Não pode me machucar.- A garota estava completamente arrebatada. -Não tenho medo de morrer.

- Nunca disse que machucaria a você.

Era a ameaça mais obscura que ele já ouviu Marika pronunciar e soube o que ela quis dizer. A garota o fez também. Havia medo real em seus olhos agora.

Marika a soltou e deu um passo para trás. - Agora sai daqui e jamais volte.- Assentiu a Bishop para que deixasse Roxana ir. Ele não acreditava que fosse uma boa idéia, mas esta não era sua decisão, não a dele.

Uma vez livre, a garota não vacilou. Não disse nada, simplesmente deu a volta e escapou pela porta do jardim. Bishop esperou até que esteve seguro que ela se foi para levantar Marika em seus braços.

-Pode voar comigo assim?- Ela perguntou, apoiando-se em seu ombro.

- Sim.- O tecido ao redor de sua ferida estava molhada com sangue. Ele tinha que tirá-la daqui antes de que deixassem para trás um aroma que outros vampiros pudessem rastrear. Ele tirou seu casaco e o envolveu ao redor de seus ombros. Isto ajudaria. Ele voaria às cegas se significasse levá-la para casa onde ele poderia encarregar-se dela.

Tomou um pouco mais de tempo voltar a sua casa do que tinha levado quando se foram, mas ele o conseguiu. Ele a fez entrar em casa através da porta no teto. Uma vez que estavam dentro do dormitório, ele a despiu do traje de noite e do espartilho arruinado e a colocou brandamente na cama com uma toalha embaixo dela.

Ele limpou a ferida – justo debaixo de seu seio – uma abominável navalhada que ia da parte dianteira de suas costelas até o flanco, ampliando-se e tornando-se mais funda enquanto passava. Não era terrivelmente profunda, mas a carne se foi e ainda sangrava. Parecia que a lâmina da Roxana tinha sido dobrada pelas aspas do espartilho de Marika, mudando de direção e fazendo uma fenda no flanco até que se chocou em mais aspas.

Era feia, apesar de como aconteceu. A garota obviamente estava querendo o coração de Marika.

- Devia ter me deixado matá-la, - repreendeu-a secamente quando se sentou na cama ao lado dela, fornecimentos médicos em mão.

-Não podia, e você tampouco o faria.

Ele deu de ombros. Ela estava certo exceto por algo. A moralidade o protegia de machucar garotinhas, mas seus sentimentos por Marika eram o suficientemente fortes para ameaçar seu código moral.

- Isto vai doer, mas preciso que fique imóvel para mim.

Sombriamente, ela assentiu.

Bishop limpou a ferida com água e sabão, sobressaltando-se primeiro nas poucas vezes em que Marika vaiou de dor. Trabalhou rápida e eficazmente, querendo terminar tão rapidamente quanto ela queria.

Depois de limpar, puxou os extremos cortados da carne juntando-os e suturando para fechar. Logo cobriu toda a área com um unguento feito de ervas e azeites naturais – ele teve o cuidado de não dizer isso a Marika – sua saliva, que tinha suas próprias propriedades cicatrizantes.

Só quando a ferida foi enfaixada ele se aventurou a olhar para Marika. Seu rosto estava tão branco quanto o travesseiro onde ela jazia, sua boca e sua testa estavam apertadas e orvalhadas de suor.

-Está feito. - lhe disse brandamente.

Uma pesado pestanejar de palpebras abrindo-se, revelou um olhar cansado, e logo se fechou outra vez. -Bem. Sua cura causou mais dor que a verdadeira punhalada.

- Mas agora não terá uma infecção, nem cicatriz.- Essas coisas pareciam mais importantes antes de que ele realmente as dissesse em voz alta.

Os olhos ainda fechados, ela levantou uma sobrancelha. -É por acaso alguma cura milagrosa a que usou em mim?

- Não quer saber, confie em mim.

Ela realmente sorriu um pouco. -Acredito em você.- Sua sobrancelha arqueada.-Coitado do meu lindo traje de noite.

- Conseguirei outro para você, meu amor.

Marika sorriu por seu apelido carinhoso para ela. -Um de seda?

- É obvio. De qualquer cor que quiser.

Ela ficou silenciosa depois disso, e Bishop colocou a manta sobre seu corpo seminu para que assim não sentisse frio. Suas mãos estremeceram quando dobrou a suave colcha ao redor de seus ombros e alisou alguns cachos que escaparam sobre sua bochecha. Se essa garota tivesse sido mais competente com a faca, se Marika fosse totalmente humana ... ali não haveria dúvidas sobre ela, Marika estaria morta, ou pelo menos morrendo.

A idéia de viver sem sua pequena *halfling* audaz o encheu de um temor que ele nunca tinha acreditaria possível. Não pensaria sobre isso mais.

Ele se levantou. Ele desceria a escada e beberia uma das garrafas de sangue que Floarea tinha procurado para ele e logo se sentaria e pensaria longa e extensamente a respeito do que tinha que fazer.

-Bishop?- A voz sonolenta o chamou enquanto ele guardava os fornecimentos médicos. -Onde vai?

- Abaixo. Você tem que descansar.

-Não vai me deixar?

Graças a Deus que ela tinha os olhos fechados para que assim não pudesse ver sua boca apertar-se ou como se esforçava por engolir o nó em sua garganta. -Não, não vou te deixar.

Mas ele estava aterrorizado de que algum dia pudesse perde-la de alguma forma.

Então Constantin tinha ido ver a avó. Enquanto Maxwell supunha que as notícias podiam ser consideradas um pouco interessantes, ele estava mais preocupado pela natureza da dita visita. Tinha ido Constantin procurar o paradeiro da *dhampyr*, ou ele se decidiu a trair seus companheiros por algum recém encontrado sentido de devoção paterna?

De qualquer maneira, pouco importava. Maxwell queria que Bishop soubesse que a ordem tinha Temple. Se Constantin lhe deu informação adicional também, então que assim fosse. Se não Bishop, então um dos outros viriam por Temple. Sua própria natureza o exigia.

Para os vampiros, a Irmandade do Sangue, como eram chamados, era muito honorável, particularmente quando ia de um ao outro. Até Saint, esse sujo ladrão, uniria forças para salvar a um dos seus.

Tudo o importava era que os cinco acabariam onde se esperava que o fariam – nas mãos da ordem. Para assegurar esse sucesso, Maxwell tinha um plano. Ele sempre tinha um plano. Era a única forma de escapar da decepção quando outro plano não se cumpria. Seu plano atual implicava a *dhampyr* e a criatura recém acabada no porão.

Infelizmente este novo plano requeria que a *dhampyr* fosse sacrificada, mas era um preço que ele estava disposto a pagar se assegurasse que Bishop viria a ele.

A vingança, Maxwell sabia por experiência, era uma motivação genial.

Abrindo a porta, Maxwell cuidadosamente desceu a escada estreita, pouco profunda, onde ele tinha empurrado Armitage há algumas noites. O aroma de sangue e morte e maldade se aderiu ao ar como uma névoa espessa, e ele pegou um lenço de linho molhado com água de lavanda ao nariz para sobrepor-se ao fedor. Teria que trocar de roupa quando retornasse acima; esse aroma era ruim. Um banho seria bom também.

Várias celas estavam colocadas na longínqua parede do porão. Maxwell ignorou os gritos, os grunhidos e outros sons desagradáveis surgindo deles e continuou para o laboratório no meio.

Três homens ficaram em pé sob um candelabro esquelético que irradiava mais luz que as luzes elétricas que a propriedade em Londres de Maxwell ostentava. Um dos homens era Mikael, seu doutor /cientista russo. Os outros dois eram vampiros – jovens, fortes e mudos como cães. Fariam o que dissessem em troca de sangue, dinheiro e a senhorita. Nenhum dos deles possuía juízo para dar-se conta de que simplesmente poderiam pegar o que quisessem. Graças a Mikael, nunca o fariam.

Sobre a mesa diretamente sob a luz estava um jovem pálido, musculoso semidesnudo. Melhor dizendo, anteriormente um jovem. Grunhiu quando viu Maxwell.

Maxwell sorriu e fixou sua atenção no robusto russo.

- Mikael, voce se superou.

- Obrigado, senhor.

-Quem teria pensado que Armitage – esse idiota patético – poderia converter-se em uma criatura tão extraordinária?

- Bastardo. A voz da coisa sobre a mesa era baixa e áspera mas ainda com a calma tão tipicamente britânica. A estranheza disso fez Maxwell sorrir.

-É essa a forma de falar com o homem que te deu imortalidade?- Perguntou, vindo colocar-se ao pé da mesa. Ele não era o suficiente tolo para aproximar-se mais. A prata deveria sujeitá-lo, mas não era um homem que tivesse chegado aonde estava por se expor a riscos estúpidos.

Ele sorriu à criação de Mikael como faria com qualquer outro cavalheiro com quem ele esperasse negociar. - me diga, velho, recorda da *dhampyr*?

Armitage vaiou. -A cadela.

Maxwell tomou isso como uma afirmação. -Tenho um presente para cocê, Victor. Vou te dar a *dhampyr*. Pode rasgar sua garganta com seus dentes, pode se

banhar em seu sangue, pode fazer a ela o que quer que queira. Tudo o que peço é que a mate em alguma momento durante seu entretenimento. O que diz a isso?

Armitage sorriu, dentes brancos brilhantes e afiados na luz. E por um momento, mesmo Maxwell teve medo.

- Não irei a lugar nenhum, - Marika informou a Bishop duas noites depois de ser apunhalada. - não pode me obrigar a isso.

Ele a seguiu do quarto de banho. Ela estava ainda úmida pelo banho e vestida com nada mais que uma de suas camisas. Tinha esperado até que ela estivesse curada, vulnerável e desarmada para lhe dizer que queria que deixasse o povoado antes de que a ordem lançasse outro ataque contra eles.

Sua avó se foi no dia anterior – Marika a tinha posto no trem por si mesma. Foi tirar um peso enorme de seu coração saber que sua *bunica* estaria segura. Agora Bishop queria que se fosse também.

- Marika, quero você a salvo.

Ela girou para ele, o cabelo enlouquecendo ao redor de seus ombros como uma massa de látegos molhados. -Não me trate como uma fraca humana. Não o sou!

- Sei que não o é, mas não quero ter que me preocupar com você.

-Mas está tudo bem se tiver que me preocupar contigo, não é verdade?

Ele a olhou carrancudo. -Isso é diferente.

Suas mãos se apoiaram em seus quadris. -Como?

- Você não é imortal.

-Nem você o é!

Os antebraços musculosos se dobraram sobre seu largo peito, estirando sua camisa justa através de seus ombros. -Sou menos propenso a morrer do que você é.

Ela riu ante sua patética desculpa. -Não. Não irei.

-Por favor?

-Não!- Assinalando-o com o dedo, deu alguns passos para ele. –Enfrentaremos isso juntos, Bishop, ou não. Não deixarei você aqui a lutar sozinho. Se devo morrer, então será ao seu lado.

Cravou os olhos nela, olhando-o um pouco assombrado. -Isto é realmente uma declaração.

Meu Deus, ele estava certo, era-o. Deveria dizer como se sentia a respeito dele, ou devia esperar até que estivesse mais segura do que sentia? O que aconteceria se ele tentasse usar seu amor contra ela para obrigá-la a ir embora?

Seus homens – seus antigos homens – constantemente adulavam a suas esposas para fazer o que queriam aproveitando-se das emoções das mulheres. –Chama isso como quiser. É a verdade.

- Não esperaria menos de você.- Suas mãos subiram para rebuscar entre seu cabelo. -O que vou fazer com você?

Seus braços se envolveram ao redor de seu pescoço enquanto pressionou seu corpo contra a superfície do dele. Sentia-o tão bem, tão forte e correto. -Aceita que não vai se livrar de mim, e me foda.

Suas sobrancelhas se arquearam enquanto ele ria. -Foder. Isso é o que fazemos?

Marika sorriu timidamente quando lhe devolveu suas palavras. -Preferiria que chamasse de fazer amor?

Mãos quentes se deslizaram descendo para seu traseiro, cavando a carne nua sob a dobra da camisa que ela trazia vestida. -Isso depende. Qual dos dois ganhará o dinheiro quando o tivermos feitos?

Ela riu enquanto ele a levantava, enrolando suas pernas ao redor de sua cintura. -Foda-me.

Ele os levou a cama. -E o que me dará se te fazer amor?

Seu sorriso se desvaneceu quando ele a colocou sobre suas costas na cama, gravitando sobre ela com seus olhos formosos tão cheios de calor.

- A mim, - ela respondeu com voz rouca. – conseguirá a mim.

Havendo ido sua alegria, foi substituída por uma ternura que espremia seu coração. Era isso admiração? Tristeza? Amor? Ela não poderia dizê-lo, e Deus a ajudasse, estava muito assustada para perguntar. Até podia ser tão temerária antes de que o instinto de conservação a alagasse.

- Vamos fazer amor então.- Sua voz era rude. Escolheria você em vez de ouro puro em qualquer dia.

E logo seus lábios estavam nos dela e ela se perdeu. Saboreou-a, acariciou a língua dela com a sua. Mordeu seus lábios e lhes deu um golpezinho com sua língua até que ela ficou ofegante, suas mãos seguraram seu rosto enquanto ela dava sua boca voluntariamente para seu saque.

Ela sentiu a perda de sua boca quando ele levantou sua cabeça, mas ele logo se pôs a trabalhar esses lábios suaves, quentes beijando sua bochecha, mordiscando seu lóbulo, rastreando um caminho muito quente abaixo de seu pescoço até seus seios.

Ligeiramente mordeu seus mamilos através do fino algodão, umedecendo o fino material com sua língua e colocando-o na boca até que seus mamilos ficaram duros e obscureceram sob o tecido translúcido. Cada golpe de sua língua, cada puxão poderoso de seus lábios enviava uma onda de doloroso desejo até sua entreperna onde florescia calor puro, carnal.

Seus quadris se arquearam contra sua coxa, saindo a procurar a pressão doce que seu corpo prometia. Sua ereção se endureceu contra seu quadril, tão dura que ela pensou que poderia machucá-la, enquanto seus dedos acariciaram o interior de suas coxas separadas. Ela os abriu mais amplamente.

- Dentro, - meio rogou, meio ordenou. -Ponha seus dedos dentro de mim.

Bishop gemeu contra seu seio e mordeu sua carne suave forte o suficiente para que ela ofegasse e se arqueasse ante a dor aguda disso. Mas ele não se rendeu imediatamente ante ela. Seus dedos quentes continuaram riscando desenhos luminosos em sua carne, ignorando o lugar úmido tão necessitado de seu toque. Marika arqueou seus quadris e conseguiu abaixo com sua mão capturar a dele, dirigindo-a ao ponto mais alto de suas coxas.

Ele levantou a cabeça de seu peito. -Desabotoa sua camisa.

Ela o fez, seus dedos torpes pelo desejo, mas conseguiu fazer como lhe pediu, espalhando o tecido ao redor de si mesma a fim de que seu corpo inteiro estivesse nu para seu contato e olhar.

Finalmente, com uma risada sedutora, triunfante, deu o que ela desejava tanto. Sua boca voltou a seu seio, sugando um mamilo franzido, sensível em sua boca e lambendo-o até que gemeu em voz alta. Como ele importunou e atormentou sua carne nua, deslizou o dedo indicador dentro dela. Estava tão molhada que se deslizou dentro facilmente, e suspirou de deleite ante a intrusão. Seu dedo se moveu dentro dela, encurvando-se até que encontrou um ponto no qual desencadeou as mais intensas sensações de prazer. Abriu suas pernas até mais e ele se acomodou ajoelhando-se entre elas. Dobrando seus joelhos, ela as levantou ao seu peito para lhe permitir acessar mais profundamente em seu interior. As sensações despertadas por seu dedo aumentaram até um grau delirante.

Justo quando Marika pensou que não poderia dar a ela mais prazer, o polegar de Bishop se escorregou entre as úmidas dobras de seu sexo, encontrando um lugar que pulsou por seu toque. Marika gemendo, levantou seus quadris enquanto ele a acariciava por dentro e por fora. O prazer foi quase insuportável.

Desesperada por tocá-lo, Marika deslizou sua mão até a parte dianteira de suas calças. Ela apalpou por breves segundos e então conseguiu liberar a longitude quente, acetinada dele. Ele estava grosso e pesado em sua mão, a cabeça redonda escorregadia de umidade. Seu polegar espalhou essa umidade da diminuta fenda, até a pesada montanha que ela desejava envolver com seu corpo ao redor.

Ele levantou a cabeça por um momento e ela encontrou a intensidade brilhante, feroz de seu olhar. Seus lábios estavam úmidos, suas bochechas ruborizadas. - Acaricia-o, - ele disse com voz áspera, empurrando-se na tenaz apertada de seu punho.

Marika o fez. Ansiosa por agradá-lo, ansiosa por descobrir seu poder para fazê-lo desejá-la tanto quanto ela o desejava, acariciou-o. Foi desajeitada ao princípio até que o instinto tomou a iniciativa e ela aprendeu a ajustar-se ao ritmo de seus quadris e os dedos acariciando-a. Quando ele aumentou a velocidade, assim também fez o ela, até que pensou que com toda segurança estavam ambos em marcha para culminar cada um na mão do outro.

Logo ele se foi. Foi de seu seio, foi de sua mão e se foi de entre suas pernas. Por um momento, Marika ficou confusa, então algo roçou o interior de sua coxa e ela se deu conta de que era seu cabelo. Ela não teve a não ser um segundo doce para chegar a entender que tortura ia lhe dar a seguir antes de que o impulso úmido, duro de sua língua trouxesse de volta seus quadris para fora da cama, se arqueando em um arco profundo. Sua boca estava nela, sua língua deslizando-se entre os lábios inchados para acariciar o pequeno nó apertado de carne com decidida pressão.

Seus dedos se enredaram em seu cabelo quando seus quadris oscilaram sob seu assalto. Ela sempre havia sentido como se houvesse alguma parte dela que era mais animal que humana. Isso era o motivo pelo qual ela nunca poderia viver no mundo

que seu pai tinha tentado moldar para ela. Bishop fez com que essa parte sua chegasse a viver com um rugido e se igualasse com a dele.

Ele era seu par perfeito. Ela tinha se perguntado como pôde perdoá-la pelo que tinha feito a ele, mas agora estava tudo tão claro. Se dava conta disso ou não, sua alma reconhecia a dela como sua companheira. Ele a perdoou porque ele a aceitou completamente pelo que ela era. Ele tinha mudado seu mundo simplesmente com sua presença porque seu mundo não tinha estado bem até que ele entrou nele.

Isto era amor e ela não ia nunca deixá-lo ir.

E então seu corpo fez justamente isso – permitiu sair um mar de ondas, tremores de prazer que a deixou sem fôlego ante seu assalto repentino.

Ela ainda se sacudia por dentro quando ele se ergueu sobre ela e empurrou seu membro completo, duro, nela. Marika ofego ante a intrusão, seu corpo tão incrivelmente sensível. Mas ficava tão bem dentro dela, seu corpo tão apertado ao redor do dele que ela empurrou os joelhos acima para lhe permitir um acesso mais profundo. Ele investiu entre suas paredes internas com impulsos hábeis, bruscos que enviaram sacudidas ondeando a todo o comprimento de seu corpo. Ele se retirou e se afundou, retirou-se e se afundou, aproximando-a outro tanto a um segundo orgasmo.

E logo ocorreu. Ela não se recuperou da primeira parte quando outra libertação bem definida a reclamou, trazendo um grito de triunfo aos lábios.

Os quadris bombeando de Bishop, empurraram-se nela com crescente urgência até que ele repentinamente se esticou. Estremeceu-se, suas costas se arquearam, sua cabeça arremessada para trás, e gemeu – um comprido, rouco, profundo som que a fez tremer por dentro. Ela tinha feito isto. Ela o tinha feito derramar-se dentro dela com nada mais que o prazer de seu corpo. O pensamento despertou algo puramente possessivo dentro dela e Marika envolveu suas pernas apertadas ao redor de seus quadris, segurando-o profundamente dentro dela quando ele gozou.

- Meu, - ela disse enquanto ele saía de cima dela. - é meu.

-E você é minha, - ele grunhiu contra seu pescoço antes de perfurá-la com suas presas.

Acreditou que não era possível culminar de novo, mas sua mordida, a sensação dele chupando seu pescoço enquanto que seu corpo estava unido ainda com o seu, fez isso possível. Quando ele lambeu seu pescoço para fechar a ferida e saiu dela, Marika pensou que nunca poderia mover-se de novo.

Não tiveram oportunidade de desfrutar de um momento nos braços do outro. De improviso sons de gritaria surgiram fora. Mulheres e crianças gritando. E havia risadas. Terríveis risadas.

Bishop e Marika compartilharam um olhar horrorizado quando se lançaram fora da cama para a janela. Ali, abaixo na rua, homens brigavam com o que parecia ser outros homens e...

Vampiros.

-Merda!- Bishop voltou correndo a cama e agarrou suas calças. Marika lembrou-se de pegar as suas na penteadeira, agarrando um par da primeira gaveta. Bishop estava já vestido quando ela lutava com seu espartilho. Ele se deteve o

tempo suficiente para ajudá-la. Soube então que ele a considerava uma verdadeira companheira.

- *Dhampyr* - uma voz familiar e ainda assim estranha gritou de abaixo. - Sai para fora e me enfrente!

Marika voltou à janela enquanto ela rapidamente abotoava a camisa. Sob as lamparinas da rua viu um homem parado na metade da via. Ele levantou seu rosto e olhou para cima – direto para ela.

Ela ficou sem fôlego. - Oh, Meu Deus.

- O que é isso? - Bishop perguntou, derrubando de um empurrão suas botas que estavam em seus braços quando ele veio colocar-se ao lado dela. Olhou pela janela. - OH, Cristo.

- É o homem que me contratou para te encontrar, - ela respondeu ocamente, calçando suas botas com os dedos intumescidos. - Mas ele mudou. Ele se converteu –

Bishop terminou por ela. - *Nosferatu*. - Sua expressão era sombria. - E em um demônio bastante mortífero.

Capítulo 16

O *Nosferatu* era um dos que tinham chegado mais longe dos que Bishop havia visto alguma vez. Ele nunca admitiria isso diante de Marika, mas se preocupou. Essa era uma forma que, os dois sabiam, uns poucos jovens e alguns humanos tomavam, mas um *Nosferatu* tão desenvolvido... nem mesmo Dreux se pôs tão inchado e feio.

Dreux tinha retido sua consciência. Dreux preferiu destruir a si mesmo em vez de converter-se em uma criatura malvada. Esta... coisa na rua era pura maldade sem rastro de humanidade deixada nele.

- Ele não era um vampiro quando te contratou? - Perguntou carrancudo quando se separou da janela. As armas. Iam precisar de mais armas.

- Não. - Marika batalhava com suas botas.

Que diabos? Ele percorreu o olhar fora da janela outra vez, para confirmar sua anterior avaliação da criatura. Como tinha conseguido este homem tornar-se tão corrupto em um tempo tão curto? Usualmente levava meses – até anos para acontecer metade dessa metamorfose.

A ordem.

Ele não soube como tinham feito isso, mas a Palma De Prata tinha concebido algum modo de fazer um *Nosferatu* em um espaço de tempo abruptamente curto.

- Tem uma pistola?

Ela se acalmou, contemplando-o com medo real em seu rosto. - Isso é tão ruim?

Ele poderia mentir, mas ela precisava preparar-se. Esta luta ia ficar suja – mais suja do que ele queria admitir. -Sim. Aquilo é vil e venenoso e poderia ser mais forte que nós dois.

Seu rosto se tornou branco enquanto ela engolia saliva. -Como é isso possível?

Em qualquer outro momento ele poderia ter se engrandecido para que ela pensasse que ele era muito difícil de derrotar, mas não hoje. -Os vampiros são descendentes do demônio. O sangue doente se corrompe e algumas vezes aumenta os poderes que o sangue do demônio traz com isso.

Ela fechou os olhos enquanto se endireitava. -Não tenho um rifle.

Bishop reprimiu a fileira de adjetivos que saltaram aos seus lábios. -Tenho um. Vou perguntar a Floarea se há outro. Ela e seu marido podem usar balas de prateadas. Carrega as armas. Vamos precisar .

Antes de que ele saísse do quarto, agarrou-a pela nuca e a beijou tão forte, que estava seguro que seus lábios deixaram uma marca nos dela. -Não deixe este quarto até que eu volte.

Ela podia entender sua preocupação até certo ponto, porque ela fez como ele disse. Quando ele voltou ao quarto alguns minutos depois Marika estava completamente vestida e enfaixando sua lâmina ao redor de sua coxa.

-Encontrou outro rifle?

Ele assentiu. -Floarea e seu marido têm um pequeno arsenal. Estão bem preparados para esta espécie de ataque.- Graças a Deus que estavam. Ele e Marika iam precisar de toda a ajuda que pudessem obter.

-Qual é nosso plano?- Ela perguntou, pegando uma larga *katana*, que parecia malvada do pequeno arsenal em seu armário. Era a arma perfeita para ela –.

- Enfraquecer as fileiras, - respondeu. -As pessoas do povoado podem igualar-se aos humanos normais atacando, mas não aos vampiros. Floarea e seu marido a ajudarão com os vampiros – são sua preocupação principal.

-Enquanto você vai atrás do Nosferatu?

Ele assentiu, notando a preocupação em seu rosto. -Preciso que cuide de minhas costas também. Tira os vampiros da briga tão rapidamente quanto possa e logo vêm para o meu lado. Posso precisar de você.-Ele não estava pretendendo fanfarronear-se neste momento. Suas vidas não eram a única coisa envolvida. Estas situações nunca eram tão simples; Se fossem, então seriam somente os dois e o Nosferatu ali fora.

- Sairemos através do teto e nos aproximaremos da rua por trás. O *Nosferatu* não esperaiço.- Ele empunhou um sabre pesado e se colocou em marcha pelo oco da escada secreta.

-Bishop?

Sua voz o deteve, e se voltou. Ela estava parada ali, sua pequena guerreira, pronta mas estranhamente indecisa. -O que acontece com você?

Ela sacudiu a cabeça. -Nada. Simplesmente tome cuidado.

Isso não era o que ela tinha querido lhe dizer mas ele não ia refletir muito intimamente sobre isso, não quando precisava focar sua mente na próxima luta. - Você também.

Saíram para fora através do oco da escada, cruzaram o teto, e saltaram abaixo até a parte traseira do horta. Os gritos destroçavam a noite, e Bishop estava contente por que a avó de Marika se fora. Marika tinha acreditado em que seus homens não machucariam a velha, mas Bishop não se arriscaria a que eles conduzissem os vampiros até ela. Os vampiros certamente teriam usado Irina em seu desejo de aproximar-se de Marika. E Marika teria caído bem em suas mãos, indo atrás deles com uma fúria temerária.

Ele a sentiu atrás dele, uma amorosa sombra quando se moviam, veloz e silenciosa direto da noite. As pessoas corriam na rua, perseguidas pelos vampiros. Os homens brigavam e as crianças choravam. As mulheres tentavam salvar a ambos. Se gente suficiente estivesse exaltada, então teriam uma melhor oportunidade de ganhar esta briga. Ele esperava que o marido de Floarea fizesse o que lhe pediu e dissesse aos jovens que fizessem justamente isso. É obvio, a gritaria atrairia muita gente.

Pouco antes de entrar na rua onde o *Nosferatu* pacientemente esperava, como se fosse uma estátua, Bishop se voltou para Marika. Ele precisava beijá-la, e foi isso o que fez. Um último beijo antes de entrar na batalha. Um último beijo no caso de que nunca tivesse a oportunidade para saborear seus lábios outra vez. O *Nosferatu* estava esperando a ela e Bishop estava preparado para morrer por continuar tendo-a.

Ela se aferrou a ele com seus braços e lábios. Havia desespero, medo e esperança em seu beijo.

- Vamos matar esta coisa, - disse a ela quando se separaram. - Mire o coração ou a cabeça, igual a como faria com qualquer outro vampiro. Se tiver uma oportunidade, então lhe corte sua cabeça. Evita o sangue dele; Pode te queimar.

- Primeiro os vampiros, logo o *Nosferatu*. Evitar seu sangue.- Seu rosto estava branco mas seu olhar era firme e focado. -Alguma outra coisa?

- Sim, quero que volte para mim ao final disso, então permaneça viva.

Marika levantou o olhar para ele, um sorriso débil dançava em seus lábios. - Você também.

Ao redor deles o caos reinava mas parecia como se houvesse alguma espécie de barreira invisível ao redor deles que os mantinha separados do grosso da briga. Havia só eles dois.

E o monstro.

Com a luz em seu rosto o *Nosferatu* era uma criatura atemorizante. O homem que tinha sido era comum em estatura e constituição e no demônio não poderia alterar-se isso, mas era mais forte e mais rápido que qualquer humano, e o rosto estava alterado para combinar com seu sangue corrupto.

As maçãs do rosto eram altas e brilhavam, a carne se estendia tensamente ao largo dos ossos. Os brilhantes olhos amarelos estavam quase muitos grandes para o rosto sob sobrancelhas espessas, arqueadas. Mas a boca era o mas distorcido. Os

lábios vermelho sangue despiam as presas que já não se retraíam e eram mais ou menos do tamanho das de um urso.

Mas não eram as presas o que importava a Bishop – era o sangue do *Nosferatu*. Pior que água benta e prata combinadas, podia queimar através de sua carne como ácido, marcando e corrompendo. Se ele não o tirasse a tempo, então muito desse sangue o transformaria em um *Nosferatu* também.

E se isso ocorria ninguém a não ser o resto de seus irmãos poderiam detê-lo – e só se se unissem.

Isso era por que ele não queria Marika perto da coisa. A menos que fosse necessário. Ele queria mantê-la longe disso e sua corrupção.

- Me dê a *dhampyr*, feto de Lilith.- A voz da criatura era inglês educado mesmo nas vísceras do inferno.

Bishop levantou a espada –com as duas mãos e a equilibrou. -Não. - E então foi à carga.

O *Nosferatu* não estava preparado e estava desarmado, mas era rápido. Bishop conseguiu cortar uma rodela de seu braço antes de que saísse de seu alcance deslizando, mas ele queria algo mais que ameaçar a vida.

- Destruirei você primeiro então, - a criatura comentou casualmente, afastando a espada como se fosse só um aborrecimento. Só a força de Bishop segurando na empunhadura a impediu de voar fora de seu alcance.

Repentinamente havia quatro vampiros atrás do *Nosferatu*. De onde diabos tinham vindo? Arriscando um olhar a um lado, Bishop viu que Marika estava observando-o e brigando com outros vampiros ao lado do povo. Ela estava ainda viva, sua espada emitia brilho carmesim. Isso lhe deu força.

- Mate-o, a criatura disse a seus subordinados quando ele se afastou dando meia volta. -Quero a *dhampyr*.

Deus maldito. Se ele perseguisse o *Nosferatu*, então os vampiros o atacariam pelas costas. Se ele não perseguia a criatura, então ela mataria Marika.

Ele teria que matar estes vampiros rapidamente. Não havia margem para erros. A vida de Marika dependia disso e ele não estava disposto a perdê-la, não quando lhe tinha dado seu coração.

Bishop se equilibrou para golpear, solucionando em sua cabeça os movimentos que derrubariam aos vampiros, tão rápida e eficazmente como fosse possível.

Então golpeou, estripado um dos vampiros com uma descarga de sua espada veloz como um raio.

O *Nosferatu* pareceu surpreso. -Interessante, - comentou. Logo aos vampiros restantes,- Agora matem-no.

Outro disparo. Desta vez só passou voando sobre um dos vampiros. Foi tudo o que Bishop precisava. Ele se balançou forte e rápido, seccionando a cabeça do vampiro de seu corpo. Ele se moveu atrás do *Nosferatu*, mantendo-o em um flanco e a um vampiro que se entrometia pelo outro.

O *Nosferatu* o ignorou como se ele fosse tão insignificante como um menino, movendo-se com fáceis pernadas para Marika.

O ruído de cascos vindo chegou a Bishop através dos gritos de gente aterrorizada e vampiros sedentos de sangue. Um homem passou correndo por ele, e o reconheceu como um dos anteriores companheiros de Marika.

Dois cavalos dividiram o centro do povoado. Seus cavaleiros se lançaram à terra e correram para ele. Os cavalos mudaram de direção e trotaram para fora – não longe, mas o suficiente para estar fora do caos.

Escondendo na palma da mão uma lâmina de arremesso, Bishop se voltou para trás e enviou a adaga de prata atirando-a nas costas do *Nosferatu*. Ele não se deteve para ver se acertou ou não antes girar para encontrar outro vampiro.

Quando os homens se aproximaram mais, Bishop arriscou um olhar de soslaio neles. Reconheceu a um deles enquanto atravessava de lado a lado a seu atacante vampiro. Tinham passado longos anos desde a última vez em que viu o Padre Francis Molyneux, e o quanto o homem tinha envelhecido o assombrou, mas reconheceria esse rosto decidido em qualquer lugar.

Tinha uma pistola em uma mão, uma garrafa de água benta na outra e uma adaga em seu cinturão. Seu companheiro, um homem jovem de cabelo escuro, tinha um facão com uma lâmina incrustada em prata.

Levantando seu pé, Bishop apoiou sua bota contra do peito do vampiro e empurrou. -Molyneux, juro que estou tão feliz de verte.

- Desejaria poder dizer o mesmo, filho, - o sacerdote respondeu com marcado acento inglês. - Atrás de você.

Bishop girou bem a tempo para agachar-se e evitar as garras como navalhas do *Nosferatu*. – Me aborrece, vampiro, - grunhiu.

- A mim também- Ao menos não ia atrás de Marika. Ainda não.

Com Molyneux e o outro homem ali para lutar com os vampiros restantes, Bishop podia concentrar-se no *Nosferatu*. Ele balançou a espada e encontrou só ar enquanto o *Nosferatu* dançava afastando-se. A adaga que ele tinha atirado estava ainda inserida nas costas da coisa.

-Luta para proteger a *dhampyr* depois de tudo o que ela te fez? -Havia confusão verdadeira na voz murcha. - Acredito que ela deve significar alguma coisa para você. Talvez você signifique alguma coisa para ela também.

Merda. Por que esta coisa não podia ser estúpida? Ela me deve dinheiro, - Bishop disse sarcásticamente, marcando seu lado.- Além disso apostei que eu mataria seu rabo feio. Quero me assegurar de que me pague.

Para sua surpresa a criatura ria enquanto balançava suas garras ante ele outra vez. Bishop as esquivou, mas sentiu o vento da tentativa contra sua bochecha. Esteve perto. Muito perto.

-Então não se importará se a foder antes de matá-la?

O sangue de Bishop ferveu. Sua natureza demoníaca brilhou pela vida, saindo à superfície com um suspiro de satisfação violenta. O *Nosferatu* riu outra vez.

- Então se preocupa com ela. Não se preocupe, vampiro. Não tenho nenhum desejo pela cadela além de deixá-la seca. Golpeou e raspou suas garras através do ombro de Bishop, cortando através do músculo, quase até o osso. Bishop grunhiu,

mas chiou os dentes contra a escaldante agonia que se seguiu. Ele fingiria não estar ciente da dor. A dor não existia. Continuou dizendo-se isso, mesmo que sua cabeça oscilasse e seu ombro pulsasse.

Ele se desforrou equilibrando-se rápido e dando uma estocada. O *Nosferatu* se esquivou de seu ataque, mas não sem dano. Sangrava – até mais razão para que Bishop fosse mais cuidadoso com sua espada.

-Chega, - a criatura grunhiu. - afasta-me de minha presa.- Ele arrancou uma espada das costas de um humano assassinado e lambeu a lâmina antes de dirigi-la para Bishop. - Temo que devo acabar com isto, vampiro.

Bishop se aferrou ao momento, balançando o sabre com todo o controle e a força que ele podia reunir com seu ombro esmigalhado ao descoberto. A lâmina perfurou o flanco do *Nosferatu*, fazendo com que a criatura grunhisse dolorido. O triunfo alentou a Bishop, e logo uma dor rude brotou em suas vísceras. Ele não teve que olhar para baixo para saber que a espada da criatura o tinha atravessado completamente.

Suas pernas adormeceram e ele tropeçou, se paralisando sobre seus joelhos na rua pedregosa. Ele tinha que tirar a folha. Tinha que aproximar-se de Marika.

O *Nosferatu* não o matou como ele esperava. Já não vendo Bishop como uma ameaça, aparentemente, ele voltou a enfocar-se em Marika, que cruzava espadas com Dimitru. Seus homens ou pensavam que estava aliada com o *Nosferatu* ou só aproveitavam a oportunidade para matá-la. Ela estava imprecisa aos olhos de Bishop, mas seu coração a reconheceria em qualquer lugar.

- Tira-a, - grunhiu, chiando seus dentes. Suas mãos estavam escorregadias pelo sangue e não podiam agarrar a lâmina corretamente. - Tira-a agora. Tenho que detê-lo antes de que agarre Marika.

O velho sacerdote assentiu e se voltou para seu companheiro, cujo jovem rosto estava coberto de sangue. - Marcus, você pode tirar a espada? Bishop, *mon ami*, isto doerá.

- Só faz. Ele se foi para trás, inclinando seu peito para fora a fim de que o jovem pudesse apoiar sua bota contra ele enquanto agarrava o punho da espada. A empunhadura da espada pressionava em sua carne – a espada atravessada até o final.

Marcus Grei se revelou sendo um jovem muito forte. Agarrou a espada com ambas as mãos e puxou – rapidamente e lisamente. Ainda doía como o demônio. Quando a lâmina se deslizou livremente, Bishop caiu para frente, ofegante e quase ficando de quatro quando a dor o inundou.

Molyneux colocou uma ampôla em seu rosto. -Bebe isso.

Era sangue. Arrebatando a ampola, Bishop a bebeu de repente. Imediatamente se alagou de poder. Seu estômago ardia quando os finos tecidos rasgados começaram seu processo assombroso de cura.

-Vampiro?

Molyneux negou com a cabeça.- Homem lobo. Obtive-o de um velho amigo a caminho daqui. Pensei que poderia vir bem.

Bishop cambaleou sobre seus pés. - estava certo. Cristo, isso é assombroso. Ele tinha sabido sobre os weres e seus dotes cicatrizantes antes, mas isto era inesperado.

A ferida estava ainda doendo, ainda aberta, mas não sangrava tanto. Sua cabeça se limpou quando começou a seguir os movimentos do *Nosferatu*.

Seu olhar encontrou ao *Nosferatu* simplesmente seguindo o rastro de corpos, e viu a criatura se aproximando a uma Marika distraída. Ia matá-la.

O aço banhado de prata de espada de Marika se chocou com a arma mais pesada de Dimitru. - Não quero te machucar, Dimitru.

- Ora, - o homem robusto disse com desprezo. - Terminarei o que minha filha fracassou em conseguir.

Seu peito se oprimiu mas não lhe permitiria baixar a guarda nem por um segundo. -Deveria sentir vergonha de si mesmo por enviar Roxana atrás de mim.

Ele sorriu – um sorriso sombrio e malvado que Marika nunca tinha visto antes. - Ela teria te matado se não fosse por seu amante do demônio. Ele golpeou outra vez com sua espada e Marika se esquivou, atirando um murro na sua cara com o punho de sua arma enquanto ela se deslocava para um lado.

- E Bishop a teria matado se não fosse por mim.

Ele se deu de ombros – realmente se encolheu – e cuspiu sangue em cima da rua. -A sua tivesse sido uma morte honorável.

Era assim que seu pai pensava antes dela? Como um meio para um fim superior?

Ela adotou uma postura exagerada outra vez. -Nossa antiga amizade não significa nada?

- Não. Não é humana e por isso deve ser destruída.

Suas espadas se deslizaram juntas outra vez. Ela tinha sido assim tão iludida em sua maneira de pensar? Era sua própria culpa que ele pensasse assim? Não, ele tinha pensado coisas assim muito antes de ficar ao lado dela. Era apenas agora que conhecia o significado atrás da aparência de “monstro” que ela poderia ver o quão errada estava.

Ver quão monstruoso era ele a sua maneira.

Uma forma escura passou rapidamente até eles. Em um momento a espada de Dimitru estava contra a dela e no seguinte seu antigo amigo estava no chão, seus olhos abertos e sem vida, sua garganta aberta com uma ferida enorme. O sangue molhava o pó e as pedras embaixo ele, brilhando negra e oleosa na noite.

Marika ficou sem fôlego. Tinha acontecido tão rápido. Seu olhar se moveu com força acima, seco e amplo de terror.

O *Nosferatu* chupou os dedos parando ante ela, observando-a fixamente enfrentando-a com seus enormes olhos amarelos de maneira pouco natural. -Não sei por que não fez isso por si mesma faz muito tempo, - disse jovialmente. - tal arrogância de um subordinado não deveria ser tolerada.

Marika tragou contra a estreiteza que tomava sua garganta. Segurou rápido sua espada com as palmas que começavam a suar.

- Armitage, - ela o chamou pelo nome, esperando apelar ao pouco que de seu ser anterior ainda estivesse alí dentro. - Quem te fez isto?

- Você fez.- Ele lambeu o resto do sangue de Dimitru de seu polegar. -Oh, não exatamente, mas a culpa é sua. Se você não tivesse traído nosso trato Maxwell nunca me teria jogado neste porão.

Maxwell. Se ela sobrevesse a este encontro o suficiente tempo para falar com Bishop outra vez, então se asseguraria de que ele soubesse esse nome. - Sinto muito.

- É muito tarde para isso agora, pequena caçadora.- Ele deu um passo lento, enganosamente humano para ela. A única forma que tem de compensar a dívida comigo é em sangue. Seu sangue.

Em seu peito, o coração da Marika golpeava grosseiramente, despertando a parte dela que sobreviveria a qualquer preço. Ela estava tão acostumada a pensar que era parte de sua natureza de vampiro, mas não era. Era a mesma parte dela que procurava proteger a seus seres queridos. A mesma parte que amava Bishop. Não tinha nada a ver com ser humano ou vampiro ou estar no meio. Era sua alma, e ela não ia deixar esse *monstro* tirá-la dela.

Ela cravou os olhos nisso por baixo da borda de sua lâmina. -Não o darei voluntariamente.

Os lábios do *Nosferatu* sorriram, vermelhos, abrindo-se muito mais largos do que humanamente possível, revelando suas presas espantosamente afiadas. Havia sangue ao redor de suas gengivas, refulgindo sob as lamparinas da rua. - Tomarei então.

Ao redor dela, as pessoas estavam lutando e morrendo e correndo e chorando e Marika estava insensibilizada para isso. Não havia nada a não ser ela e esta criatura e a certeza de sua morte se não pudesse encontrar a força que precisava. Ela não sabia onde estava Bishop, não sabia se ele estava vivo ou morto e não podia contar com ele para vir em seu resgate desta vez.

Seus dedos se apertaram no punho de sua espada. - Você tentará.

Lançou-se para ela e ela fatiou uma rodela de sua cara, pulando para trás a tempo de evitar suas garras. Claramente atordoado, levantou os dedos ao corte profundo em sua bochecha descarnada. – Te subestimei, Caçadora. Minhas desculpas.

Ela preparou a si mesma para seu ataque, pernas estendidas, o peso distribuído a fim de que pudesse esquivar-se ou agachar-se sem perder o equilíbrio.

E então a espada estava fora de sua mão e foi puxada rápido e forte contra o peito do *Nosferatu*. Mais rápido do que ela pôde pensar, tinha-a despojado de sua arma e a tinha segurado em um agarrão mais apertado que qualquer corrente.

A criatura que tinha sido Armitage cheirava a sabão e colônia sob o sangue. Tinha tomado um banho antes de vir ali. Por que? Tinha ficado algo humano dentro dele? Ou tinha pensado em mascarar seu cheiro para ela e Bishop? Tinha surtido efeito.

- Armitage, - ela respirava com dificuldade como se isso a esmagasse. -Não faça isto.

Sorriu para ela, e uma gota de seu sangue caiu sobre sua bochecha. Ardia. Ardia como um atizador quente através de sua carne.

O *Nosferatu* limpou sua cara, tirando o sangue. -Não é isso interessante. Pergunto-me o que aconteceria se tomasse meu sangue?

Oh, Meu Deus.

A mordida do *Nosferatu* não foi nem um pouco como a de Bishop. Alí não havia prazer, só fogo intolerável quando presas enormes rasgaram tanto sua pele como músculo, abrindo-a à noite e seu abraço cruel. Ela até tentou não gritar. A dor rasgou através dela, a agonia de sua violência conseguiu sair à força de sua boca para a noite.

A criatura a levou a terra e a segurou alí, arrastando seus ombros na pedra, moendo os seus ossos. Ela podia sentir sua vida desvanecendo-se drasticamente de seu corpo e não se importou. Estava muita fraca. Também dormente.

O *Nosferatu* levantou a cabeça. - Tenho um presente para você, Caçadora. Mordeu seu pulso e o forçou sobre sua boca. Seu sangue vil a encheu, acre e picante. Ela se recusou a tragar, mesmo que queimasse sua boca.

- Engole. - o *Nosferatu* vaiou perto de sua orelha.

Ela meneou sua cabeça desesperadamente, a carne rasgada de seu pescoço aguilhoando enquanto ela fazia isso.

-Engole isso ou terei a esse seu irmãozinho antes do amanhecer.

A calma de repente se fechou forte em Marika. Se ela engolissem, só Deus sabia o que o sangue do monstro faria com ela, mas poderia lhe dar a força para matá-lo. E o mataria. Não o deixaria ter Jakob.

Sem ver, ela procurou pelo tato a adaga enfaixada em sua coxa. Ela manteve o olhar fixo focado no *Nosferatu* e lentamente assentiu.

Removeu seu pulso com um sorriso de agrado. - Engole.

Ela engoliu. Ardia, mas não tanto quanto o fazia em sua boca. O calor disso a alagou, mas não a matou. De fato, ela sentiu que começava a retornar sua força.

Por cima dela ouviu um rugido de fúria que fez seu coração golpear em resposta. Bishop. Ele não estava morto.

O *Nosferatu* levantou a cabeça e Marika agarrou sua oportunidade. Sua adaga saiu livre da bainha. Ela a dirigiu para cima e a empurrou com toda sua força. Perfurou carne, deslizou-se entre as costelas, e se alojou no coração enegrecido igual à pesada folha de uma espada que passou roçando seu rosto e cortou a cabeça da criatura de seus ombros. Bishop chutou o corpo longe, o pescoço sem cabeça fumegando pela cauterização da prata.

Marika sorriu para ele enquanto ele caía de joelhos a seu lado. Ele estava tão pálido, assim também como assustado e golpeado. -Marika, meu amor? Está totalmente bem?

Ela assentiu cautelosamente. -Ganhamos?

Ele olhou ao redor deles. A noite estava quieta agora. Havia vozes e soluços suaves, mas nada da violência que tinha estado antes. Ele deixou cair seu olhar ao dela uma vez mais. - Sim.

- Bem. Acredito que vou precisar um pouco de seu ungüento para meu pescoço.

Ele sorriu, seus olhos surpreendentemente brilhantes. Eram lágrimas isso que via? -Acredito que posso arranjar isso.

Endireitando-se, tomou sua mão. -Bishop, quão daninho é o sangue *Nosferatu* se o beber?

Horror puro horror ondeou sobre seu rosto, e Marika desejou não haver dito nem uma só palavra. Ela viu em seus olhos o que queria dizer.

Ela entendeu o presente de Armitage.

Ele havia a transformado em *Nosferatu*.

Capítulo 17

Bishop levantou a vista do livro em seu regaço para dirigir um olhar preocupado pelo quarto aonde Marika jazia no sofá. Depois de passar um dia apoplético debatendo-se dentro e fora do sono, ela agora estava falando com Marcus a respeito de ser uma *dhampyr*. O jovem pendia de cada palavra dela e rabiscava loucamente em seu diário. Bishop não gostava. Marcus era como um abutre, bicando em coisas que estavam já cruas. Que importância tinha o fato de que fosse uma *dhampyr* quando ela estava a ponto de converter-se em algo imensamente mais horrível?

Ele então o disse a Molyneux.

O sacerdote sorriu pacientemente, inclinou-se sobre um tomo encapado em couro velho que cheirava a poeira. - Ele a distrai, *mon ami*. Ao falar com Marcus ela não pode pensar no destino diante dela.

Bishop só grunhiu ante resposta. A distração era boa. Tomara que alguém o pudesse distrair da crescente magreza de seu rosto bonito, da dilatação de seus olhos amendoados. Seu rosto estava mudando. Sua conduta estava mudando. Uma hora atrás ela tinha arrojado um copo através do quarto porque ela já não o queria.

Ele a estava perdendo.

A dor, intrusiva e não convidada, saía para cima das profundidades de sua alma. Marika tinha enfrentado tantas batalhas e tinha ganho. Ela tinha vivido sua vida inteira como uma lutadora e agora não importava o quanto ela brigou. A corrupção em seu sangue era mais forte do que ela era.

-Você não encontrou nada ainda?- perguntou, apertando os lábios juntos. - Estiveste absorto na leitura desses malditos livros por horas.

Molyneux consultou seu relógio de pulso. - Duas, realmente, e não, não encontrei nada ainda.

Bishop amaldiçoou sob seu fôlego e fechou de repente o livro que tinha estado lendo. Não havia nada.

- Tenha fé, Bishop. Encontraremos a cura a tempo de salvá-la.- O velho sacerdote estava convencido de que havia uma forma de deter o veneno que Marika trazia nela – e que a resposta estava dentro de um dos velhos livros que ele trouxe das cercanias com ele.

- Deveria ter saído a procura desse Maxwell que o *Nosferatu* mencionou a Marika.

- Não durante o dia, não poderia. E até se pudesse, ia querer deixá-la?

Havia algo de experimentado no tom do sacerdote que fez a Bishop avaliá-lo através de seus olhos estreitados. -O que está insinuando? Que não posso suportar ficar sem ela?

- Não.

- Bom.- Tal devoção era para jovens doentes de amor – não para criaturas como ele que conheciam de primeira mão a fragilidade da vida humana.

- Tive a intenção de insinuar que você não ia querer ficar sem ela.

Ele não disse nada, só dirigiu um olhar furioso ao sacerdote. O que podia dizer? Em seu coração ele sabia que era certo. Poderia ir se tivesse que fazê-lo, mas ele não desejava isso. Ele queria estar com ela em caso de que algo acontecesse. No caso de que ela precisasse de algo.

No caso de que ela precisasse dele.

Quando a viu a primeira vez, ele pensou que era atraente, mas ele a teria matado por sua liberdade, tal como ela teria feito o que fosse para obter o que queria dele. Mas no curto curso de sua relação, a atração tinha deixado passo a emoções mais profundas. Ele respeitava sua honradez. Não havia duplicidade nela, nenhum capricho. Ela abriu a boca e o que dissesse era verdade, até se ele não quisesse ouvi-la. Ela podia admitir estar errada e dizer que o sentia. E embora devia ter sido muito difícil para ela, lhe ofereceu sua confiança. Ela colocou de lado seus sentimentos para assim poder lutar com um inimigo comum.

Ele sabia que todas estas coisas tinham acontecido, mas se ele evocava isso, então não podia precisar as datas exatas ou os momentos que marcaram mudanças em seus sentimentos. Um dia ele queria matá-la, no outro queria possuí-la. Agora ele daria qualquer coisa – até sua vida – para salvá-la deste destino.

E salvar a si mesmo de ter que tirá-la de sua existência.

Alí não sobraria nada dela quando a corrupção estivesse completa. Ela seria uma criatura malvada, uma criatura cruel que só pensaria em alimentar-se e em violência. Acima de tudo ele era um caçador e era seu trabalho destruir o mal. A Caçadora sabia disso.

- Não se alimentou.- A voz de Molyneux interrompeu seus pensamentos melancólicos. -Tem sangue aqui ou fará com que envie Marcus para conseguir algo?

Bishop se voltou. -Tenho algo aqui. Floarea sabe onde está.- graças a Deus por sua governanta. Ela e seu marido tinham disparado a três vampiros e vários humanos durante o ataque. Se não fosse por eles, as coisas teriam sido muito piores. Apesar

da violência, os dois estavam ainda na casa, ocupando-se de seus assuntos como sempre.

-Deseja algo mais?

-Marika precisa de alimento.- Bishop esfregou uma mão sobre seu rosto. - e você e Marcos deveriam jantar também. Sentarei-me com ela.

Molyneux inclinou a cabeça como se entendesse todavia o que Bishop deixou sem dizer. Ele queria ficar sozinho com ela, ainda se fosse por só uns poucos momentos.

- Marcos, vêm. É a hora do jantar.

O jovem olhou acima de seu diário, o abajur refletia sua luz nos pequenos óculos situados no alto de seu nariz perfeito. Ele o tirou e deixou sentir a seu brilhante olhar azul do sacerdote ao vampiro e para trás outra vez. -É obvio.

Bishop não tinha idéia do que estava passando pela cabeça de Grey e não se importou, mas se incomodasse a Marika, o seguinte que passaria pela cabeça do jovem seria o punho de Bishop.

- Talvez, - Molyneux murmurou a fim de que só Bishop pudesse ouvir, - você gostasse mais de meu jovem amigo se soubesse que ele é descendente de seu amigo Dreux.

Bishop se sobressaltou. Ele não tinha visto isto vir – não tinha suspeitado. Não era de estranhar que ele estivesse tão interessado nos vampiros – nos cinco em particular.

-Ele sabe que Dreux se converteu no *Nosferatu* quando se suicidou?- Ele perguntou em uma voz igualmente suave.

Molyneux negou com a cabeça. - Talvez você pudesse dizer isso. Ele gostaria de saber a razão para o suicídio de Dreux, acredito.

Sem dúvida o faria. -Possivelmente lhe direi, mas não agora.

Havia esse maldito sorriso do sacerdote outra vez. - É obvio.

-Oh, Padre Francisco?

O sacerdote se voltou, seu rosto deixando transparecer seu assombro ante o Bishop usando seu nome de batismo. -Sim, Blaise?

- Alguém deveria contatar ao pai da Marika.- No caso de.

Molyneux assentiu tristemente. -É claro.

O sacerdote e seu companheiro saíram do aposento juntos, deixando Bishop e Marika tranquilamente sozinhos.

-Se sentará comigo?. Ela perguntou, sua voz baixa e rouca. - Não estarei tão assustada como estou se estiver perto.

O pedido rompeu seu coração. -O que acha que poderia fazer, pequena *halfling*?

Ela sorriu debilmente. - Não sou uma *halfling*, Bishop. Já não mais. Sinto a violência dentro de mim, a cólera. Quero quebrar coisas. Quebrar pessoas. Cinco minutos antes pensei em dirigir o lápis do senhor Grey através de seu olho.

- Tive esse mesmo pensamento eu mesmo.- Ele caminhou a grandes passos através do quarto para tomar a cadeira que Grey tinha desocupado. -Felizmente não tenho um lápis, assim acredito que estou a salvo em sua presença.

Ela estendeu sua mão e ele a tomou. Sua pele estava quente. Muito quente. -Eu não gosto de ter tais pensamentos e tais sentimentos.

- Sei.

Ela brincou com seus dedos, acariciando-os com seu polegar. -Quando começar a gostar de tê-los, você me matará, não é verdade?

Bishop tragou. O nó em sua garganta não se moveu. - Quando colocá-los em ação, sim.

Ela realmente suspirou. - Bem. Não quero me converter em um monstro, Bishop. Não deixará que isso me aconteça?

Ele sacudiu a cabeça, garganta rígida, os olhos ardendo. - Não deixarei.

Apertou sua mão. -Obrigada.

- Como é que está tão tranqüila?- Ele perguntou.

-Por que não está zangada? Por que não luta?

Os olhos de Marika já incomumente grandes se arregalaram. Bishop escondeu uma careta de desagrado ante a visão. - Não posso lutar contra isso, ou sim? Ele me disse que bebesse e bebi porque ameaçou a meu irmão. Estou tranqüila porque não tenho medo da morte, e você não deixará que aconteça o que temo. E não estou zangada, meu querido Bishop, porque a cólera alimenta ao monstro dentro de mim e você está zangado o suficientemente por nós dois.

Pois bem, ele sem dúvida alguma estava zangado. Ele não sabia se poderia matá-la e ser capaz de enfrentar o seguinte amanhecer por si mesmo.

- Você disse quando nos vimos a primeira vez que um de nós ia morrer.- Ela riu secamente. -Estava resolvida que não seria eu.

- Não será.- Mas ele bem poderia estar falando com a parede pelo modo que ignorou seu comentário.

- Arrependo-me de duas coisas, -disse a ele, seu estranho olhar perfurando dentro dele. -a primeira é que nunca me reunirei a Saint e o conhecer por mim mesma ao homem que minha mãe amou.

- Se reunirá com esse bastardo perverso, prometo isso.

Seus lábios se curvaram ligeiramente. -A outra é que não tenho mais tempo com você. Onde quer que vá, perderei você, Bishop.

As lágrimas transbordavam de suas pestanas. Ela piscou, mas se derramaram de qualquer modo. Bishop estirou a mão e as enxugou. Estavam rosadas – tintas de sangue. Ela se iria logo.

- Não vai nenhum lugar, - ele disse roucamente. -Não vou te perder.

Cansadamente ela abriu seus olhos e lhe sorriu. -Amo você também.

Ele não podia deter a lágrima que desceu rolando por sua bochecha. A alegria, o pesar e a fúria tudo combinado dentro dele. Até a perda de Elisabetta não lhe tinha afetado como isto. Tinha havido cólera e vingança, mas não esta pena vazia, lacerante. Ele não havia se sentido como se estivesse morrendo também.

- Se me amar, então é melhor lutar contra isto. Ele deu uma palmada em sua bochecha com o dorso da mesma mão que tinha enxugado a dela. Suas lágrimas se mesclaram, molhadas e salgadas e indistinguíveis agora as de um das do outro. Porque me apaixonei por uma mulher que brigaria contra o próprio sol se ele pensasse em pegá-la, e não decidisse deixá-la ir.

- Me diga como lutar contra isso e o farei.

Pela primeira vez desde que tudo isto aconteceu, um sorriso verdadeiro curvou seus lábios. -Não deixe que te leve. Quando sentir fúria, oponha-se a ela. Você é mais forte que isto. Você só precisa se segurar, querida. Encontraremos a cura.- Ele acreditaria nisso. Ele tinha que fazê-lo.

- A cura.

- Sim. Depois de que o único com o que terá que lutar alguma vez será comigo. Ela sorriu, apoiando-se contra as almofadas. -Isso soa agradável.

-Amo você. - ele murmurou.

- Eu sei. Por isso é que vou lutar.

Ele a beijou. Seus lábios eram tão doces e suaves como sempre foram, mas embaixo deles os que eram dentes lentamente se convertiam em presas monstruosas. A mulher que era o suficiente valente para amá-lo estava lentamente sendo tirada dele.

Bishop rezou.

-Foi nisto que Dreux se converteu?- Marcus perguntou a Bishop enquanto se sentavam juntos no salãozinho muito depois dessa tarde, escavando entre os livros e vendo Marika dormir. As mudanças nela tinham piorado, mas o sono pareceu desacelerá-las, assim é que Molyneux tinha dado a ela um sedativo suave para mantê-la tranqüila. Desvaneceria-se logo à medida que seu corpo se acostumasse a isso , mas por agora ela estava quieta.

- Não. A condição do Dreux nunca esteve tão adiantada.- depois de descobrir que Grey era um descendente de Dreux's, Bishop tomou a decisão de lhe dizer a verdade sobre o suicídio dele. Embora seis séculos tinham apagado a conexão familiar entre eles, Grey pareceu aliviado ao escutar que a morte de seu antepassado tinha sido por razões mais nobres do que ele originalmente pensou.

Bishop não se incomodou em mencionar que Dreux tinha tido que matar mais freqüentemente que o resto deles por sua “nobreza.” Se o parvo se alimentasse como se supunha que o fizesse, então ele nunca teria começado a converter-se no que se converteu.

Mas na época, Dreux nunca se dedicou a ser um vampiro. Bishop suspeitava que ele tinha estado querendo suicidar-se durante algum tempo. Talvez ele tenha esperado que um dos outros o fizesse por ele, e então quando se deu conta do que acontecia, foi simplesmente uma desculpa conveniente pela qual finalmente acabar com tudo.

Talvez ele tenha assumiu que seu sacrifício o faria entrar em céu. Estranho, mas Bishop justamente assumia que era aí onde ele terminaria de qualquer maneira

– sempre e quando existisse tal lugar. Algumas vezes, dado tudo o que tinha visto, tinha suas dúvidas.

Ele era o suficientemente religioso para rezar pela cura de Marika, mas não muito para que ele acreditasse que sua condição era um castigo pela forma com que ele tinha matado aos homens que machucaram a Elisabetta, essa era a maneira de pensar de Chapel, não a dele.

- Estes acólitos da Palma De Prata, são perigosos.- Grey passou uma mão através de seu cabelo negro. -O veneno que usaram em Temple quase matou a Prudence Ryland.

-A mulher de Chapel?- Tinham conversado muito nestas últimas poucas horas, mais do que tinha feito por Grey e ocasionalmente Molyneux enquanto o informavam dos acontecimentos recentes na Inglaterra.

Grey fez uma careta ante seu comentário baixo. -Suponho que você poderia chamá-la assim. Ela é sua esposa. Casaram-se recentemente em Londres e saíram para a França ao mesmo tempo que nós saímos para a Hungria.

-Chapel a transformou em vampiro para salvá-la?

- Não, ele tirou o veneno dela em si mesmo. Ele não a transformou em vampiro até que esteve a ponto de morrer.

Bishop franziu o cenho. -Do veneno?

- Câncer.

-E Chapel voluntariamente lhe passou nossa “maldição”? Ele deve ter mudado desde a última vez que o vi.

Ele não estava seguro de quando tinha acontecido, mas muitos anos atrás Chapel tinha começado a sentir pena de si mesmo pelo quanto lhe preocupada ser um vampiro. Ele mesmo estava convencido que tinham sido amaldiçoados por Deus. Era molesto o inferno fora de Bishop e Saint.

- Penso que ele vê sua situação de modo diferente agora que ele tem a Pru em sua vida.

-Ele está apaixonado então?

- Indubitavelmente.

Que coincidência que isso tivesse acontecido aos dois em momentos similares em sua vida. Não tinha falado com Chapel – Severian – em algum tempo, mas suas vidas estavam conectadas não obstante. Bishop estava feliz por que seu amigo tivesse encontrado o amor – e violentamente invejoso de que ele pudesse aferrar-se dele. Ao menos a mulher de Chapel queria ser vampiro.

-Pelo que vale, - Grey disse nessa baixa voz dele, - sinto o que aconteceu a Miss Korzha. E a você.

Estranho, mas as palavras do jovem eram comovedoras. -Obrigado. Eu também sinto.

Uns poucos momentos de silêncio passaram enquanto liam algo mais. Grey esclareceu sua garganta. -Você sabe, a ordem me enganou também.

Agora havia um pouquinho de informação nova. -Realmente?

O jovem afastou o olhar. -Usaram meu afã por aprender a respeito de Dreux Breauvrai contra mim. Devia ter sabido que eram maus, mas deixei que meus interesses me cegassem. Possivelmente o Sr. Khorza fez o mesmo, e agora ele está pagando por isso.

Bishop não ficou realmente convencido, nem era ele totalmente pouco pormenorizado. -Possivelmente, mas isso não faz nada por ajudar a Marika, ou sim?

- Suponho que não. Se eu disser que ela escolheu este caminho por si mesma, me ameaçará com dano corporal?

Bishop rio – um som entre um grunhido e genuíno humor. -Ela pode ter escolhido caçar vampiros, Sr. Grey, mas ela nunca pediu para converter-se em um.

-Quer dizer que ela nunca pediu para converter-se no *Nosferatu*.

Bishop encolheu os ombros. –É o mesmo.

- Não é. Não realmente.

Ele estava a ponto de argumentar – Talvez até ameaçar ao homem com dano corporal apesar de tudo – quando Molyneux, que estava sentado em uma mesa a uns poucos pés longe, lançou-se sobre seus pés.

- Encontrei!- Ele ficou sem fôlego, sustentando o texto latino ele tinha estado estudando. -encontrei a cura.

O livro do próprio Bishop caiu de seus dedos intumescidos, esparramando-se no piso com um golpe apagado. Seu coração estava em sua garganta, muito assustado para palpar. -qual é?

O homem de cabelo cinza se adiantou, lhe mostrando as páginas onde a salvação de Marika estava explicada em latim. -É você, Bishop.

-Eu?- Mas ele não tinha idéia de como deter a corrupção que rasgava através do sistema de Marika. Ele olhou para cima no rosto do sacerdote. -Como?

Um olhar veemente perfurou o dele. - deve dar seu sangue a Marika. Deve transforma-la em vampiro.

Ele era o único que podia curá-la.

Bishop meditava nisto enquanto se sentava ao lado de sua cama onde tinha posto Marika a descansar somente momentos antes.

Depois que Molyneux lhe disse o segredo para a “cura” tinha levantado Marika em seus braços e a tinha levado a piso superior. Marcus e o sacerdote atuaram como se as notícias fossem boas, mas Bishop a conhecia melhor para estar de acordo.

Tomaria Marika seu sangue? Ele o tinha oferecido antes a Elisabetta fazia séculos e ela tinha preferido morrer a se converter em algo como ele simplesmente porque sua religião lhe dizia que isso era ruim. Marika disse que já não pensava nele como um monstro, mas seria isso certo quando enfrentasse a sua própria conversão em vampiro? Preferiria morrer antes que ser um *Nosferatu*, e Bishop não a culpava, mas *Nosferatu* era um vampiro debaixo de toda a fúria e a loucura.

Poderia converter-se na mesma coisa que tinha sido ensinada sua vida inteira a odiar? Sim, ela aceitava que nem todos os vampiros eram maus, mas havia uma diferença enorme entre saber isso e logo converter-se em um.

Ela disse que o amava, mas Elisabetta havia dito isso também. O amor não significava nada agora que esta decisão a estava afetando. Isto significava viver para sempre. Significava observar aos que ama morrer. Significava ser odiado por aqueles que não a poderiam entender. Ele já havia trazido tanto ódio à vida de Marika. Como podia pedir isto dela?

Porque tinha que fazê-lo. Era sua decisão. O que fosse que ela escolhesse, ele teria que aceitar isso, não importava quão difícil pudesse ser.

Não era somente o sangue de um vampiro o que a curaria. Era só o sangue mais puro o que o faria. Só eles cinco – que ele soubesse – que se fizeram do ser de Lilith seriam o suficientes fortes como para obtivesse tal cura. O sangue se voltava mais fraco geração detrás geração. Era a razão pelo que na maioria dos clãs de vampiro – ou os assassinos como eram freqüentemente designados – só ao sangue mais puro era permitido fazer acólitos novos.

Era por que, embora tenha só a metade do sangue, Marika podia manter-se firme com um vampiro, e por que ela tinha conseguido resistir ao veneno *Nosferatu* tanto tempo. O sangue de Saint a fazia forte, mas ela não podia continuar lutando muito mais tempo.

Como se ela de alguma forma pudesse sentir sua presença e seus pensamentos, seus olhos se abriram. Eram tão grandes agora. Sua pele estava estirada e seus lábios mal podiam conter as presas dentro. Rompeu-lhe o coração ver seu rosto bonito tão disforme. Ele não sentia repulsa porque a amava. E ele não tinha medo porque preferia que morresse por sua mão que pela de qualquer outro.

-Não há cura, ou sim?- Ela perguntou fracamente. As presas dificultaram seu discurso. A corrupção fazia mais profunda sua voz. Era ela e não o era. Aterrorizou-o, olhar ao veneno tomá-la.

Ele tomou sua mão – sua mão quente, fim como o papel – na dele. -Sim, há cura, querida. Molyneux a encontrou.

Seus olhos escuros se iluminaram. -Qual é?

Ele franziu o cenho. - Precisa beber meu sangue. Tem que se converter em vampiro.

Ela o observou estreitamente, como se estivesse procurando alguma duplicidade nele. -Por que se mostra tão triste? Não vou deixar você morrer para me salvar, Bishop. Me diga que não tem que dar sua vida pela minha.

Que bom par eram. Ambos desejando antes morrer pelo outro em vez de viver. Durante anos ele tinha pensado que Elisabetta morreu porque não queria ser como ele, agora finalmente entendeu que foi porque ela o tinha amado. Amo-o o suficiente para morrer por ele.

Queria que alguém vivesse para ele. Queria que Marika vivesse.

- Não me matará, mas Marika, tem que beber meu sangue. Converterá-te em um vampiro. Está preparada para fazer isso?

Ela guardou silêncio por um momento. -O que acontece se não tomar seu sangue?

-Se transformará em *Nosferatu*. - *E logo te matarei*.

- Então estou pronta para tomar seu sangue, Bishop. Sim.

Ele piscou ante sua resposta rápida. Ela não tinha vacilado, nem por um segundo. -Entende o que quer dizer?

Dedos anormalmente fortes o apertaram. -Entendo que não terá que me matar e que podemos ficar juntos. Há alguma outra coisa?

Ele estava confuso. -Não considera que troca um mal por um menor? Não acha que salvará sua vida, mas perderá sua alma?

Ela sorriu para ele. De fato ela sorriu. -Não. Você não é um monstro, Bishop. Teu sangue não me fará um tampouco. A menos que você não queira me transformar?

- É óbvio que quero. Nunca mais queria ouvir esse tom choroso de voz outra vez. -Quero você comigo para sempre.

- Então se apresse e me salve, vampiro.- Seus olhos estavam úmidos e brilhantes. -É o que faz melhor.

Ele sorriu ante isso. Ia acontecer ia curá-la e iam ficar juntos. Ele lhe daria seu sangue esta noite para empurrar o veneno de seu sistema. Outra alimentação amanhã uma vez que ele tivesse recuperado sua força a faria um vampiro completo e os juntaria para sempre. Deveria ter lhe dado um susto mortal, mas não para ele.

Havia um copo na mesa de noite. Ele apertou sua mão ao redor dele e apertou forte o suficiente como quebrar uma lasca de vidro. Trouxe-a para um lado da gola de sua camisa, colocou o pedaço de vidro quebrado contra a base de sua garganta, perto na curva de seu ombro, e cortou. Um breve corte e logo ele o sentiu correr empapando abaixo por seu peito.

Os olhos de Marika se arregalaram, convertendo-se em enormes buracos negros em seu rosto. Seus lábios separados, revelando essas resplandecentes, presas assassinas.

Bishop franziu o cenho, seu coração deu um pulo em seu peito. Algo estava errado. Chegou tarde? A mudança já tinha chegado para ela?

-Marika?

-Bishop!- foi isso – não mais que um grito diminuto de impotência antes de que ela se equilibrasse sobre a cama, tão rápida que foi um borrão ainda para ele. Agarrou-o pela nuca, dobrando seu pescoço para trás e agarrou seu ombro com dedos como garras.

Suas mãos se levantaram para detê-la, mas chegaram tarde. Seus dentes rasgaram-no como um animal selvagem. A dor chicoteou através dele enquanto o empurrava atrás sobre a cama, cravando-o como um lobo faminto.

Ele empurrou, mas ela não o deixava libertar-se, e empurrar muito forte poderia lhe custar a vida se ela não o soltasse primeiro.

Ele nunca tinha tomado a alguém assim. Nunca tinha experimentado algo tão doloroso em sua vida, mas ele jazia alí e a deixou rasgá-lo, deixou-a faltar-se com o que livremente lhe ofereceu. Sua vida dependia disso.

Ele fechou seus braços ao redor dela e a segurou enquanto ela se alimentava intrometidamente. –Amo você, Marika.

Ela ficou rígida ante o som de sua voz e levantou a cabeça. Seu rosto estava ensanguentado quando ficou olhando fixamente abaixo para ele, o horror esticando suas feições.

-Bishop? Oh, Meu deus, Bishop, me perdoe!- Os soluços a sacudiram enquanto ela deixava seu cabelo e seu ombro. Seus dedos se agitavam sobre ele como mariposas, querendo aterrissar mas duvidando que fosse seguro.

- Alguém me ajude - ela gritou. -Por favor me ajudem!

Bishop tratou de alcançá-la. - Está tudo bem, Marika.- Sua voz soou rouca e distante em seus ouvidos.

Seus olhos se arregalaram enquanto contemplava seu pescoço. -Oh, Bishop, não está.

Antes de que ele pudesse dizer alguma outra coisa, seus olhos rodaram para trás em suas orbitas e caiu longe dele sobre a cama. Tentou alcançá-la, mas ela o chutou, expulsando-o da cama para o piso. Não foi até que ele tentou se levantar que percebeu que ela tinha estado certa. Ele não estava bem, não.

De onde ela o tinha jogado, ele podia ver um pouco dela na cama. Ela estava segurando-se, seus braços e pernas agitando-se violentamente como se lutasse contra algum adversário invisível. Provavelmente estava. Provavelmente seu sangue brigava contra a infecção *Nosferatu* pela supremacia. Ou provavelmente ele não chegou a ela a tempo e ela estava se tornando um monstro que até ele não poderia deter. Ela o mataria uma vez que a transformação fosse completa.

Ele não queria morrer sabendo que tinha falhado com ela.

Bishop olhou do piso como Marika se movia agitado na cama. Ele estava muito fraco para mover-se. Tinha bebido muito. Estava sangrando até agora, sua vida filtrando-se em cima do tapete. Ele não podia ajudar Marika. Inclusive não se podia ajudar a si mesmo.

A porta do dormitório se abriu repentinamente. Ele voltou a cabeça e viu Molyneux e Grey entrar no quarto, seguidos por Constantin Korzha. Molyneux tinha enviado alguém atrás dele afinal de contas. O pai de Marika foi a ela. Bishop podia ouvir seus calcanhares golpeando a cama, ouvia os baixos grunhidos de sua garganta.

Molyneux e Grey se apressaram a seu lado. -Mon Dieu, - Molyneux murmurou. -Bishop, o que te fez?

Ela tinha tentado arrancar sua garganta, era isso. -Armário, - murmurou. -O estojo de primeiro socorros.

Foi Grey quem se lançou ante sua ordem e retornou com os fornecimentos.

-Há mais desse sangue de homem lobo?- perguntou. Se não fosse pela dor que falar lhe causou, não teria reconhecido essa voz como sua.

O sacerdote negou com a cabeça. -Não mais que talvez umas poucas gotas.

- Pegue-as. Mescle-as com o bálsamo e ponha em meu pescoço.

Outra vez Grey se apressou a ir completar a tarefa. Bishop estava paralisado sobre o toalha da mesa quando Molyneux pressionou um quadrado grosso de linho dobrado sobre seu pescoço.

- Estamos a ponto de saber se os vampiros podem morrer sangrados. -disse a Molyneux.

- Cale a boca. Não vai morrer.

Bishop agarrou seu braço. -Se o fizer, então tem que te assegurar de que Marika está curada. Pegue o que for que tenha deixado e dê a ela. Se não puder ser curada, então tem que destruí-la.

- Não.- seu pai chorou.

Bishop tragou. Deus maldito, doía. -É o que ela quer, Korzha.

- Bishop, deve ficar em silêncio. Insisto. O tom do velho sacerdote não admitia replica. - sobreviverá A isto e viverá para ver Mademoiselle Korzha curada. Prometo.

Sua visão começava a nublar-se, mas Bishop lutava por permanecer acordado. Grey retornou para dentro do quarto e se ocupou de curar a carne rasgada do pescoço de Bishop. Bishop jazia alí, cravando os olhos no céu raso.

O movimento agitado na cama tinha parado.

-É ela?- Sua língua estava muita seca e também grossa para formar mais palavras.

-Ela está bem!- O tom festivo de Korzha teria feito sorrir a Bishop se pudesse. Talvez o velho não fosse tão bastardo apesar de tudo. -Dormindo, mas bem.

Os olhos de Bishop se abateram fechados. Marika estava dormindo. Viva e dormindo. Bem.

-Bishop? Bishop!- Molyneux o chamou mas Bishop não respondeu. Ele ia à deriva. Distanciando-se. Até a dor em seu pescoço – a irritação do bálsamo em sua carne rasgada – não o poderia trazer de volta.

Tinha completa escuridão ao redor dele, doce e suave escuridão, e ele estava flutuando nela. O calor o inundou, uma repentina sensação doce que o fez desejar agarrá-la e segui-la aonde quer que fora. Ele se agarrou a isso, deixando-a o encher de paz.

E então não houve nada.

Capítulo 18

Marika despertou com um sentimento de medo em seu estômago e um rifle apontado para sua cabeça.

Cuidadosamente, voltou o olhar para Marcus Grey, o homem sentado na cadeira ao lado de sua cama segurando o rifle. Ele tinha seu costumeiro aspecto

jovem, exceto pela sombra de barba incipiente ao longo de sua mandíbula. Ele parecia com um anjo cansado, sujo ao lado de sua cama.

-Estas planejando disparar em mim?- perguntou, sua voz mais forte do que ela esperava.

- Se for necessário desejo tentá-lo, sim.- ele lhe deu um bom olhar de cima. -a julgar por sua aparência, não penso que seja necessário apesar de tudo.

Não. Disparar nela não seria necessário no momento. Ela podia sentir as diferenças em si mesma. Sentia-se mais como ela costumava ser. Seus olhos e sua pele não ardiam, e seus dentes não estavam muito grandes para sua boca. Exceto seu coração, Oh, seu coração era muito pesado e doloroso para suportá-lo.

Estava melhor, mas não completamente. Engoliu. Sua garganta estava tão seca que doía. -Embora, se Bishop estiver morto por minha causa quero que aperte o gatilho.

O rifle descansou fora – mas não longe. - Está vivo.- Ele mostrou a bandagem em seu antebraço. -Precisou do sangue de Molyneux, seu pai e eu mesmo para conseguir, mas vive.

O alívio não bastava para descrever como ela se sentia. -Oh, obrigado Deus.

Marcus deu de ombros. -Não estou certo de que ele tenha feito muito com isso, mas certamente não pode doer ser agradecido, suponho.

Ela o viu observando-a por um momento. Agia de forma relaxada, mas havia uma rigidez em sua postura, uma certa cautela em cada olhar e movimento. -Te dou medo?

- Não muito agora.- Sua honestidade era bem-vinda, apesar de um pouco desconcertante. -Quando vi o que fez a Bishop ontem à noite estava aterrorizado.

Bishop. Quando pensava no que lhe tinha feito. Tudo o que podia lembrar era o cheiro dele e logo o sabor – a doçura enriquecedora, de especiarias enchendo-a. Ele havia dito que a amava e então viu o que tinha feito

-Odeia-me?- não poderia culpá-lo se o fazia, mas a idéia disso rompia seu coração.

Marcus a olhou com ar carrancudo, como se ela fosse uma idiota. -Ele estava pronto para morrer por você. Acredito que é seguro assumir que gosta bastante de você também.

Ela quase sorriu ante isso. -É um homem muito sarcástico, senhor Grey.

- Minhas desculpas.- Ele não soava nem um pouco arrependido. -Geralmente sou muito mais amável, mas na maior parte acho os rituais de cortejo dos vampiros tediosos. Embora deva dizer, que certamente o tem feito interessante.

Ela provavelmente deveria estar ultrajada, mas ele fazia isso muito difícil. Talvez fosse porque era tão agradável de ver, ou talvez porque estava justamente tão encantada de estar viva – e que Bishop estivesse vivo – que não se importou. - Estou curada?

- Molyneux pensa que o estará.

Estaria? Mas ainda não. -Quando?

- Quando Bishop esteja o suficiente forte para te dar mais sangue.

Oh, não. Marika negou com a cabeça. -Não me arriscarei a machucá-lo outra vez.

Suspirando, Marcus ficou em pé. -Então terá rasgado sua garganta por nada, não é assim? Suponho que vai querer que a mate também.

Marika piscou ante ele. Por que o dizia como se fosse uma idéia ridícula? -É obvio. Antes morreria que lhe fazer mal outra vez.

- Vampiros.- Ele negou com a cabeça. -Não acredito que tenha considerado o que fará a ele ter que matar à mulher que ele ama.

É obvio que se angustiaria, mas Bishop faria o fosse necessário. Ele tinha prometido isso. -Ele não ia me querer convertida em um monstro.- Ela não pensaria sobre o fato de que se converteu em um monstro temporalmente quando atacou Bishop.

-Exatamente! Marcus empurrou suas palmas para fora em um gesto majestoso de contrariedade. “Assim por que não bebe seu sangue, aceita amá-lo para sempre e então podemos voltar ao aparentemente Oh tão insignificante negócio de salvar Temple e deter a Ordem da Palma de Prata?”

Ele era rude, arrogante e, infelizmente, estava certo. -Fala sempre tão francamente?

- Não. Mas vi sangue suficiente para me banhar dentro nesta tarde. Não tive uma noite de sono aceitável em mais de um mês, e tive que aceitar que há realmente mal no mundo. Isso tem feito estragos em minhas maneiras, temo.

Marika sorriu apesar de si mesma. -Eu gosto.

Isso pareceu fazê-lo dar um passo para trás. -Provavelmente quando já não tiver que me preocupar com que me mate, eu gostarei de você também.- Ele gesticulou para a porta com a parte traseira do rifle. -Irei dizer aos outros que está acordada.

Quando ele saiu, Marika jogou para trás as mantas e baixou as pernas a um lado da cama. Ainda estava instável, mas se sentiu muito mais forte do que tinha estado depois do ataque. Infelizmente trazia ainda posta a mesma roupa que tinha usado esse dia. Bishop não tinha podido trocá-la, e nem Marcus nem o Padre Molyneux foram o suficiente valentes para tentá-lo. Não os culpava. Assombrava-lhe que Marcus até se atrevesse a sentar-se ao lado de sua cama, armado ou não.

O sangue seco formava pequenos atoleiros escuros de casca dura em sua camisa, e cheirava a suor rançoso e febre antiga. Sua trança parecia uma calamidade e seu couro cabeludo ardia. Queria um banho. Precisava de um banho.

Ela não tinha atravessado a metade do quarto antes de que a porta se abrisse e Bishop entrasse no quarto.

Olhá-lo quase lhe tirou o fôlego. Via-se cansado, e seu cabelo estava desarrumado, mas ele estava inteiro e belo. Aonde vai?- Ele perguntou nesse tom familiar, abrupto enquanto ele punha um frasco de café no penteadeira. Estava como se nada tivesse mudado entre eles, como se não tivesse tentado matá-lo.

Marika estourou em prantos, surpreendendo até a ela mesma. Nunca esteve acostumada a chorar, e agora, desde que havia encontrado Bishop, parecia estar bastante fazendo disso.

Instantaneamente ele a tomou em seus braços e acariciou suas costas. -Shh. Tudo está bem, Amorzinho.

- Estou tão feliz de ver você,- disse-lhe, sorvendo contra seu peito. -Sinto ter te machucado.

Suas mãos, quentes e firmes, apertaram seus ombros e a afastaram. Ela secou os olhos e levantou o olhar ao dele.

- Perder você teria me machucado muito mais, -disse-lhe, seu verde e dourado olhar cheio de amor, doía olhá-lo. - não te oporá a mim nisso, Marika. Precisa de um tratamento mais de meu sangue e tomará.

Ela inclinou a cabeça, recordando sua conversa com o Marcus Grey. -Não me oporei a você, Bishop. Tenho terror de te machucar outra vez, mas voltarei a tomar seu sangue se isto for o que se tem que fazer.

A pele entre suas sobrancelhas escuras se enrugou. -Tomará?

- Sim. Não quero que tenha que me matar quando me tornar uma *Nosferatu*. Quero viver contigo. Amo você.

A expressão mais estranha cruzou seu rosto. Nesse momento Marika teria dado qualquer coisa para saber o que ele pensava. -Viver. Para mim?

- Para você.- Estirando-se acima, dirigiu as pontas de seus dedos ao longo de sua bochecha, baixando o lado de seu pescoço, onde a prova de sua violência contra ele era pouco mais que fracas marcas rosadas em sua carne. De outra maneira ela nunca teria sabido que ele quase tinha morrido em sua mão. -Contigo. Por você. Você vai me ter?

Sua resposta foi um beijo – um beijo comprido, doce, alma a alma que a deixou saborear, terna e faminta por mais.

-Terei você,- gemeu contra seus lábios. - em todos os aspectos imagináveis.

Tão cansada e suja como estava, seu corpo ronronou pelas possibilidades. Como podia chegar tão perto da destruição como esteve e agora pensar em tê-lo dentro dela?

-Posso ir me limpar primeiro?- perguntou.

Sorrindo Bishop se afastou dela. - É óbvio. Preciso me alimentar outra vez ou Molyneux terá um ataque. Mas primeiro... - lhe deu a garrafa que ele havia trazido com ele.-Toma isto enquanto arrumo o seu banho.

-O que é isso?

- Sangue. Confio em você, mas antes de que me ofereça a você esta noite, quero me assegurar de que teve um aperitivo primeiro.

A garrafa de sangue oscilou entre os joelhos de Marika no banheiro quente, esperando pacientemente para que a abrisse e bebesse.

Isso era tudo o que tinha que fazer – abri-la, aproximá-la de seus lábios e bebê-la. Se o fizesse, então estaria forte o suficiente como para que quando Bishop lhe

oferecesse seu sangue, não tivesse que preocupar-se em machucá-lo outra vez. Estaria muito mais perto de ser um vampiro – algo no que ela nunca, nenhuma vez pensou que se converteria.

Bishop lhe disse que seria mais fácil para ela se o esquentasse primeiro. Disse-lhe que fingisse que era vinho morno.

Não lhe incomodava que fosse sangue. Ela o tinha desejado ardentemente antes, tinha-o saboreado antes. A horrível essência ardente de Armitage a faria beber qualquer outra coisa facilmente. E ela não estava indecisa por converter-se em um vampiro, tão estranho como isso agora parecia. Não ia fazê-la diferente; Sabia agora. Mas seria mais forte e mais rápida e seria capaz de lutar junto a Bishop no futuro. Não envelheceria, não morreria a menos que fosse assassinada.

Não a incomodava que provavelmente nunca tivesse filhos – a menos que os vampiros pudessem reproduzir-se. Isso era simplesmente algo mais que ela não conhecia a respeito deles. Não tinha pensado em maternidade em longos anos. Antes não tinha querido passar a contaminação de seu sangue. E agora tinha outras coisas pelas quais preocupar-se, como em Bishop e como iam lutar contra a Ordem da Palma de Prata.

Não, não a incomodava que houvesse sangue na garrafa. O que a incomodava era o aspecto impessoal dela. O sangue era vida – um presente. Quando um vampiro se alimentava de uma pessoa, ele essencialmente acolhia dentro de si uma parte dessa pessoa. Era algo pessoal, íntimo. Um momento de delicadeza e confiança quando tomava a vida de alguém em suas mãos. Não havia nada disso quando vinha de uma garrafa.

Não sabia de quem era aquele cuja essência estava nessa garrafa, e já havendo ingerido sangue esse que lentamente a destruía, estava um pouco indecisa de beber agora.

Não obstante, se beber da garrafa significasse, que então não machucaria Bishop outra vez, não havia motivo para pensar mais. Bishop mesmo havia lhe trazido a garrafa, assim é que tinha que ser de uma fonte confiável– um que ele tinha estado usando para si mesmo.

Marika tirou a garrafa fora da água, destampou-a e engoliu o conteúdo em um gole comprido, quente.

Uma irradiação preciosa a encheu, brotando fora para suas extremidades. Seus dedos dos pés e das mãos formigaram; Sua mente parecia mas bem definida, mais cristalina.

-Isso não foi tão ruim, ou sim?

Ela voltou a cabeça para observar como Bishop entrava pela porta do banheiro. Sua expressão era esperançosa. Quanto tempo tinha estado parado alí observando?

- Foi mais fácil do que esperei. - respondeu.

Ele tomou a garrafa vazia dela. – Fico feliz ouvir isso. Me dê o pano e lavarei suas costas.

Ela o agradou e ele a ensaboou com o doce, sabão de sândalo. Este era escorregadio e quente contra sua pele, o perfume relaxando-a quase igual a seu toque.

-Como se sente?- perguntou enquanto seguia o caminho do tecido com lentidão, massageando com o toque de seus dedos.

Marika suspirou enquanto ele enxaguava o sabão. - Ansiosa. Lenta.

Ele beijou a molhada inclinação de seu ombro. - Quando tiver terminado de se banhar, vêm se unir a mim no dormitório.

Ele poderia não ter dado a entender como um convite sensual, mas o corpo de Marika reagiu a ele como tal. No minuto que ele saiu do banho, terminou de lavar-se e secou a água de seu cabelo. Uns poucos minutos depois se secou com a toalha e caminhou dentro do dormitório em uma bata de vestir ligeira.

Bishop obviamente tinha querido dar a entender o convite como sexual. Ele estava esperando-a na metade do quarto, banhado na luz do fogo e gloriosamente nu. Simplesmente vê-lo a fez engolir em seco, toda a umidade de seu corpo alagou uma parte muito mais abaixo.

- Pensei que poderia aliviar sua ansiedade, - disse a ela.

Sorrindo favoravelmente ante sua nudez, Marika teve que admitir que ele estava fazendo justo isso. - É um homem esperto.

-Está segura de que é o que quer? -Perguntou quando ela veio a ele, sua mão tratando de alcançar a suave perfeição de seus ombros firmes.

- Quero a você, Bishop. Quero que estejamos juntos sempre.

Seus lábios se apertaram juntos, logo se relaxaram outra vez. -Não estou seguro de que respondesse minha pergunta. Isso foi um sim?

-Foi.- Logo, com vacilação: -É isto o que você quer?

- Meu Deus, sim.

Marika poderia ter rido se não estivesse consciente do dano que lhe tinha feito a última vez. -Não tem medo de mim?

-Medo de você?- Suas mãos chegaram a altura de seu rosto, os polegares acariciando suas bochechas. Pequena *halfling* boba. Poderia temer por você, mas nunca temer você.

Foi essa declaração a que a empurrou a agir. Nenhuma vacilação mais ou incerteza. Seus dedos desataram a faixa em sua bata, e a deixou cair de seus ombros em um montão suave a seus pés. Pararam um ante o outro, nus e vulneráveis.

- Assim é como devemos estar,- disse a ela, alisando seu cabelo atrás de sua cabeça. - Assim é como quero que sempre estejamos.

Ela soube exatamente o que ele quis dizer. Sempre deveria haver honradez e confiança entre eles – e nada mais. E quando compartilhassem sangue com ela seria outro momento de intimidade compartilhada – nenhum medo e nenhuma ansiedade. Quando se juntassem desta forma outra vez ela saberia quão correto era, e nunca mais teria dúvidas.

Ela assentiu.- Estou pronta.

- Me beije, - ele ordenou, logo tomou posse de sua boca antes de que ela pudesse responder.

Seu fôlego era docemente temperado, o interior de sua boca úmida e quente enquanto sua língua brincava com a sua. Suas mãos se deslizaram ao longo da largura de seus ombros, acima da coluna quente, sólida de seu pescoço para acariciar o fio de sua mandíbula. A pele ali era quente e suave, cheirando ligeiramente a essência de louro. Ela acariciou suas bochechas, deslizando seus dedos de volta à espessura sedosa de seu cabelo. Ela amava seu cabelo, amava o cheiro dele, a sensação e o sabor.

As mãos de Bishop se deslizaram abaixo de suas costas com um suave sussurro, pondo sua pele arrepiada com cada golpe tenro. Ela sentia formigamentos da cabeça aos pés – as pontas de seus seios, até a parte de atrás de seus joelhos. A fome aumentou para dentro dela, mas era uma fome dele. Uma fome que só se saciava com a união de seu corpo com o dele.

Era necessidade, simples e reta. Precisava senti-lo dentro dela. Precisava saber que ela o possuía em todos os aspectos possíveis e entregar-se a si mesma em troca. Só quando estivessem finalmente unidos seu coração poderia sentir paz.

O pêlo crespo em seu peito raspou seus mamilos, enviando algumas sacudidas e calafrios entre suas pernas. Contra seu ventre, a dura longitude dele empurrava, pulsando quando ela o tocava ou se movia contra ele. Estava sedoso e insistente e preparado para ela.

Saber que ele a desejava trouxe uma inundação de umidade do mas profundo dentro dela, umedecendo-a com seu impudico calor.

As mãos dele se deslizaram abaixo, apertando uma bochecha tremula de seu traseiro enquanto a outra se aproximou de suas coxas para separá-las por trás. Um dedo indicador acariciou a fenda de seus glúteos, incomodando a carne sensível ali antes de descansar entre os lábios úmidos de seu sexo. Marika ficou sem fôlego contra sua boca quando seu dedo se deslizou profundo nela, enchendo-a. Cada impulso lento enviou uma sacudida de prazer passando como um relâmpago por ela. Ela parou sobre as pontas dos pés, abrindo suas pernas para lhe permitir acesso mais profundo.

Seu dedo avivou o fogo dentro dela, enviando chamas de desejo dançando ao longo de seus nervos com gentil insistência. A palma de sua mão cavou a curva de seus asentaderas, pressionando-a mais apertada contra a cordilheira dura de seu sexo.

Quando ele retirou sua mão de entre suas pernas ela quase elevou a voz ante a perda. Seu fôlego chegava em bufos abafadiços enquanto sua boca deixava a dela, queimando uma rota sedosa desde abaixo de sua mandíbula até sua garganta. Ela jogou a cabeça para trás, para lhe dar acesso para mordê-la, mas ele não o fez. Ele ia fazê-la esperar por isso.

Ou temia tomar seu sangue? Não, ela não ia ter tais pensamentos, não agora.

Bishop continuou beijando-a, desde abaixo de sua clavícula a seu peito. Ele capturou um mamilo em sua boca, o lambendo a crista até ficou enrugado e

palpitante por seu trabalho. Dardos de afiado prazer se disparavam através de seu peito quando sua boca devorava, arqueando-a para trás. As sensações correram velozes através dela, reunindo-se entre suas coxas, aumentando as palpitações de desejo que empapavam ali.

Os dedos de Marika atiraram em seu cabelo, freneticamente revolvendo entre os fios escuros. Seus dentes beliscaram sua dolorida carne, tirando uma exalação de deleite de seus lábios. Quando ela pensou que não poderia suportar mais, ele se mudou ao outro peito, tratando-o em uma maneira similar até que ela choramingou em sinal de rendição.

Ela não protestou quando ele os levou até o chão diante da chaminé, colocandoo-a para baixo no tapete suave, luxuoso que a amorteceu, brindando sua pele com uma fricção deliciosa, sensual. Sua carne dourada resplandecia, a luz do fogo imbuindo-a com uma luz trêmula reservada para os deuses. As chamas apanharam o ouro em seus olhos e o avermelhado em seu cabelo, fazendo-o tão brilhante, belo e fascinante como o fogo mesmo.

Ele a olhou como se ela fosse sua deusa. Aos seus olhos ela era bela, perfeita e um presente. Sua garganta se apertou com a revelação. Ninguém nunca a tinha olhado desse modo antes.

Se Deus quiser, ninguém jamais o faria de novo. Ela queria Bishop e a nenhum outro pelo resto de seus dias.

Pela eternidade.

Marika mudou de posição sob seu olhar, o tapete deliciosamente áspero contra suas costas. Ela estava tão pronta para ele, desejava-o tão loucamente. - Bishop, quero... –

Ele a silenciou com um dedo contra seus lábios. -Ainda não. Quero te saborear primeiro.

Ele não queria dizer seu sangue. Ela o compreendeu logo que sentiu sua língua mergulhar-se no nicho de seu umbigo exatamente onde ele tentava saboreá-la.

Ela abriu suas coxas para ele, os quadris arqueando-se enquanto esses lábios perfeitos tocavam os cachos úmidos. Seus dedos separaram, a língua deslizando-se através de sua carne sensível com lentidão penosa. Quando ele finalmente alcançou o bico apertado, dolorido, ele lambeu uma vez e logo esperou um batimento de coração completo antes de lamber outra vez. Marika gemeu pela tortura. Ela curvou seus dedos em seu cabelo, urgindo-o mais perto.

- Outra vez, - implorou. Exigiu.

Seus lábios e sua língua se moveram contra ela, beijando e chupando, mordiscando e gentilmente lambendo até que ela esteve pouco mais que aturdida, retorcendo-se de prazer, movendo-se contra a pressão quente de sua boca, esperando para explodir.

E logo ele se deteve, deixando-a ofegante e tremula. Ela choramingou um protesto quando ele levou para cima suas mãos e a puxou em cima de seus joelhos. A umidade se colou a suas coxas, pegajosa e fresca. Ela pulsava por ele, ansiava-o.

Bishop sentado no chão, suas costas contra o pequeno sofá. Seu sexo estava erguido no ninho de pêlos entre suas pernas, a cabeça larga excitada e úmida. Ainda segurando suas mãos ele a guiou para a frente até que ela o cavalgou, sua carne pressionou contra as dobras delicadas dela.

Ela se inclinou para a frente para beijá-lo. O sabor de si mesma era denso em seus lábios e não lhe importou.

Ele gemeu em sua boca enquanto ela chupava seus sucos. Alcançando abaixo, ela capturou a longitude sedosa dele em sua mão. A ponta grossa estava escorregadia de umidade.

-Você gosta do sabor de si mesma?- Ele perguntou, ofegante quando suas bocas se separaram.

- Eu gosto do sabor de mim mesma misturado com seu sabor, -ela gemeu, acariciando-o. Ele pulsou em sua mão.

Ela se moveu para beijá-lo de novo, mas ele voltou a cabeça, lhe oferecendo sua garganta em lugar de sua boca. Ele a segurou em seus braços, uma mão atrás de seu crânio, pressionando sua cabeça para o oco morno entre seu pescoço e ombro onde ela podia sentir o calor de seu sangue sob a doçura de sua carne.

As presas cresceram e ela não tentou detê-las. Abrindo a boca, ela os deixou raspar sua garganta, onde o calor dele era doce e a cativava. Ele ficou rígido.

Não estava pronto. Ele não confiava em que ela não tomasse em excesso. Marika levantou a cabeça, tentou afastar-se, mas sua mão atrás de seu crânio a deteve.

Sua outra mão baixou e tomou a que havia estava ao redor de seu sexo. -Quero gozar dentro de você, não em sua mão.

Ela tremeu, deleitando-se com seu próprio poder sexual. - Quero isso também.

Ele a sujeitou, pressionando sua cabeça em seu pescoço outra vez. "Quero te sentir dentro de mim, - disse, sua voz uma rouca sedução. - Bebe meu sangue e vive para mim.

Era um convite se alguma vez tinha recebido um. Suspirando, Marika separou os lábios, suas presas estavam dispostas a sua completa longitude. Afundaram-se limpamente na carne de Bishop. Ele ficou sem fôlego enquanto ela entrava nele. Seus dedos freneticamente revolvendo seu cabelo, um pouco em suas costas. Ele a segurou, estirou seu pescoço a fim de estar mais acessível e vulnerável para ela. Ela o podia sentir rodeando-a, sentir-se dentro dele, e ela desejou que ele estivesse dentro dela também.

Seu calor e poder a encheram, apaziguaram a inquietação em sua alma e a substituíram com uma fome de outro tipo. Cada nervo pareceu lançar-se à vida. Cada polegada sua procurando possuí-lo e ser posuída por ele.

Lentamente, ela baixou seu corpo no seu, sentiu a grossa longitude dele enchendo-a, acolhendo dentro de si seu corpo e seu sangue. Seu organismo cantou com a plenitude perfeita do momento. Eram um.

Ela bebia enquanto seus quadris subiam e baixavam. Os dedos de Bishop se cravavam em seus quadris, levantando-a e obrigando-a a descer em sua longitude

escorregadia. A fricção deliciosa se acumulou entre eles, criando um pendente febril enquanto Marika cegamente empurrava seu corpo abaixo sobre o dele.

Sua cabeça se desviou. Ela sentiu o roce de seu cabelo contra sua bochecha e então uma espetada em seu ombro que rapidamente deu lugar a uma inundação de calor esmagador. Ele a tinha mordido. Ele não se alimentava, mas o ato surtiu efeito desejado. Enviou-a sobre o limite no vórtice impactante do clímax. Ela gritou contra sua garganta enquanto o prazer a assaltava, sentindo que seus braços se fechavam ao redor dela enquanto ele se esticou com sua libertação.

Com que força ela tinha terminado, Marika levantou sua cabeça e lambeu as espetadas que seus dentes tinham feito, fechando as pequenas feridas. Desmaiadamente, paralisou-se em cima dele e suspirou quando ele a sustentou em seus braços, e a levou a cama.

Guardaram silêncio durante algum momento. Ele acariciou o cabelo enquanto ela riscava círculos em seu peito com a ponta do dedo. Estavam cómodos um com o outro, mas Marika ansiosamente esperava pelo efeito que seu sangue teria nela. Teria convulsões como tinha tido a última vez?

Mas em lugar de sentir como se seu corpo estivesse sendo queimado de dentro para fora, Marika sentia só satisfação e palpebras pesadas próximas à sonolência.

Ela não sentiu mais violência tampouco. Nenhuma sensação de temor. De fato, ela se sentia ligeira e vital. Sentia-se vibrante e viva. Sentia-se Imortal.

Estava curada. Soube em seu coração que já não estava em nenhum perigo de converter-se em *Nosferatu*. Bishop a tinha curado.

O roce suave de seus lábios em sua testa a fez levantar o olhar ao dele. Seu olhar sempre tinha sido vivaz mas agora era tão claro que ela teve que piscar para assegurar-se de que não se enganava.

-Sente-se melhor?- perguntou com um sorriso.

Ela o beijou, sua alegria lhe dando a energia que não poderia ter obtido de nenhuma outra maneira. - Muito. Obrigado.

- De nada, mas o fiz tanto por mim mesmo como por você.

Ela o beijou outra vez. - Por nós.

Seus braços se apertaram ao redor dela e ela se aconchegou contra seu flanco. - Eu gosto de como soa isso.

Sorindo, Marika fechou os olhos enquanto descansava a bochecha contra seu peito. Suas sensações anteriores de cansaço foram lentamente retrocedendo, cobrindo-a com um calor reconfortante. Pela primeira vez em vários dias ia dormir sem preocupar-se pelo que pudesse ocorrer quando despertasse.

-Bishop?- Ela perguntou pouco antes ficar adormecida.

-O que, meu doce?

Ela levantou o olhar ao dele. -Estou feliz de que a ordem tenha me contratado para capturar você.

Ele cravou o olhar nela um momento antes de pôr-se a rir. - É a mulher mais estranha que jamais conheci.

-A vampiresa mais estranha que você jamais conhecesse. E orgulhosa por isso.

-A mulher vampiro mais incrível, mais estranha, mais atrevida, mais valente, que ninguém que tenha conhecido e amado.

Ela arqueou uma sobrancelha. Esse foi realmente um tributo. -Mesmo que tenha tentado te matar?

Ele sorriu abertamente e se inclinou – esperando por outro beijo. -O que você acha que me manteve vivo?

Capítulo 19

Era uma tarefa ingrata, essa de deixar tudo empacotado para sair de um domicílio e mudar-se para o seguinte. Era por isso que Maxwell tinha criados que fizessem isso por ele. Tudo o que tinha que fazer era subir no carro e fazer que com que seu motorista o levasse a estação, onde seu carro privado seria incluído no próximo trem com direção a Budapeste. Dali seguiria adiante para a Itália, onde seria recompensado por um trabalho bem feito.

Não tinha sido algo fácil, refletiu enquanto colocava seu chapéu em sua cabeça, mas não tinha sido excessivamente árduo tampouco. Os vampiros eram como ovelhas. Se ao princípio não se moviam na direção que desejava, um pouco de paciência e pensar de maneira criativa logo traria progresso, então algumas vezes com resultados surpreendentes.

Bishop estava muito preocupado por sua pequena *dhampyr* vir buscá-lo e realmente, quem podia culpá-lo? Mas Maxwell era um homem esperto – um homem que tinha melhor critério para confiar muito em sua sorte. Bishop não era tão esperto, mas depois de que fosse fisicamente poderoso o suficiente para tomar o que quer que você queira, a inteligência não era uma preocupação.

Até Armitage – que tinha demonstrado alguma faísca de entusiasmo a princípio – tinha acabado sendo uma decepção. Felizmente tinha conseguido emendar-se por isso convertendo-se no melhor *Nosferatu* que Maxwell tivesse tido diante de seus olhos. Era uma desgraça que Armitage tivesse que ser destruído assim tão rápido, mas realmente não teria sido fácil de controlar totalmente. Bishop lhe tinha feito um pequeno serviço com essa infame espada dele. Se ele tivesse permitido a Armitage viver, certamente teria revoltado para casa para fazer um último trato com “*seus criadores*”.

Armitage inclusive não dispunha de inteligência para dar-se conta de que tinha feito exatamente o que Maxwell queria. Talvez tenha simplesmente algo na índole demoníaca que fazia aos vampiros ser de natureza torpe.

Ou talvez Maxwell fosse simplesmente peculiarmente brilhante. Ele sorriu ante sua xícara de café. Sim, ele pensava que era isso.

- Assegurem-se de que a caixa de madeira seja enviada na frente, -disse aos trabalhadores que subiam artigos do porão. Mikael precisaria de sua equipe na Itália.

Sim, faziam um bom progresso até agora. O contingente inglês não só teve êxito em capturar Temple – com ajuda do francês, não obstante –, mas também em pôr ao descoberto a Chapel também. Sua operação produziu um bônus em que Chapel tinha transformado a uma humana. Ela seria uma vampiresa poderosa com seu sangue em suas veias.

Tão melhor para a ordem.

Armitage já não era uma preocupação, graças a Bishop. Pelo que respeita a Korzha... pois bem, possivelmente Maxwell deveria castigar sua traição, mas Constantin tinha acabado sendo útil para a causa apesar de sua duplicidade, e foi por isso que lhe permitiria viver. Além disso, a ordem poderia dar uso ao filho de Korzha algum dia e mais valia que se aproximassem dele como amigo em vez de inimigo.

E agora tinham Bishop exatamente onde o queriam. Tinha dado um pouco de trabalho de sua parte e tinham sofrido alguns contratemplos, mas eventualmente o vampiro se fundiu com o resto de rebanho. Que afortunado para a ordem que estes vampiros parecessem apaixonar-se tão facilmente! A mulher logo seria uma vampiresa também. Ela obviamente acompanharia seu amante em sua busca por seu amigo perdido – quanto mais que Bishop agora sabia que a ordem foi responsável por outros desaparecimentos também.

Entrariam andando voluntariamente na armadilha da ordem.

Maxwell virtualmente saltou descendo as escadas para o pátio onde seu meio de transporte e motorista esperavam. Um lacaios segurou a porta aberta para ele e se deslizou dentro, cobrindo seu traje caro com uma capa de motorista para protegê-lo o da poeira e resíduos.

- Rápido, -disse a seu chofer. –Quero deixar logo este lugar.

- Sim, Sua Senhoria.

Enquanto se moviam a grande velocidade sob o impulso, Maxwell observava o campo abundantemente verde passar. O fazia pensar na Inglaterra, e uma onda de nostalgia pela pátria baixou sobre ele. Logo. Uma vez que isto estivesse acabado ele poderia voltar para casa e controlar seu reino pessoal.

Sim, Chapel e Bishop tinham caído na linha. Reign e o Saint logo os seguiriam. Maxwell felicitou a si mesmo por seu êxito.

Sua busca os conduziria a ambos dentro do círculo de poder da ordem, diretamente dentro da liga principal. acreditariam-se capazes de liberar a Temple.

Estariam enganados.

Era um erro que custaria suas vidas – e daria à ordem o poder para reger o mundo. Tudo o que Maxwell tinha que fazer era ter paciência e esperar.

Ele era um homem muito paciente.

- Maxwell se foi, - ele informou a Marika e a seus acompanhantes enquanto entrava no salãozinho. -Segundo os criados, saiu ao amanhecer esta manhã. Não me disseram aonde ia.

Se Bishop tivesse agido mais cedo, então poderiam ter capturado ao homem, mas ele não podia sentir-se muito culpado por isso. Sua atenção tinha estado em Marika, onde deveria estar. E se Korzha estava certo sobre o homem, então Maxwell não teria dado nenhuma informação de qualquer maneira – não importava o que Bishop lhe fizesse.

- Provavelmente não sabiam, - disse o pai de Marika. -Maxwell é ardiloso. Ele lhes diria só o que precisavam saber e conhecem o castigo por traí-lo.

Nesse momento Bishop quase sentiu pena de Korzha. Ele sabia que a ordem algum dia exigiria o pagamento por sua traição, seja contra ele ou contra sua família. Marika já tinha prometido proteger Jakob, e desde que ele tinha a intenção de nunca deixar sua Caçadora afastar-se de sua vista outra vez, ele ofereceria seu amparo para o menino.

As ações de Korzha – dando seu sangue e subministrando informação sobre a ordem – tinham ganho o respeito do Bishop também. Não compensava tudo o que ele tinha feito Marika passar, mas Bishop sabia que seu pai honestamente lamentava tê-la machucado. Marika o perdoou, e até se Bishop não pudesse, apreciaria que o homem tivesse posto sua vida no perigo para ajudá-los. Para ajudar A Marika.

Marika deu uma palmadinha no braço de Bishop enquanto ele se sentava ao lado dela no sofá. Ela se mostrava rosada e bonita em seu colete e calças de sempre. Seus olhos escuros estavam brilhantes com o começo do anoitecer e ela sorria... era só para ele. Ele estava morrendo por beijá-la, mas não diante de uma audiência.

Porque um beijo nunca seria suficiente quando seus lábios tomavam os seus, e ele não poderia deixar de beijá-la.

- Encontraremos Maxwell, Bishop. E Temple também.- Sua voz era determinada enquanto fazia a promessa.

Ele sorriu. Logo que ela se recuperou de sua dura experiência– o que foi quase imediatamente depois de sua união – ela se entregou por completo ao desafio de encontrar Temple. Quando Bishop disse que talvez ajudaria a Molyneux e Marcus com sua investigação, Marika imediatamente começou a fazer planos para deixar Rumania.

-Não há nada para mim aqui, - Marika lhe tinhaa dito. -Tenho muitos inimigos, e minha família se angustiará por isso. Quero estar com você onde é o meu lugar.

Irina, que tinha passado sua vida inteira em Fagaras, tinha ficado permanentemente recolocada. Com a Marika longe, a velha tinha decidido que ali não restava nada para ela. Ela se mudaria para mais perto da família restava.

Este capítulo de suas vidas tinha chegado a um final rápido.

Não estavam casados – não ante os olhos da igreja – mas no coração de Bishop eram marido e mulher em todos os aspectos que importavam. Ele não poderia imaginar a vida sem ela– não o faria –.

- Um Pacote chegou para você enquanto estava fora, - ela disse, lhe dando uma caixa que ela recolheu do chão ao seus pés. -Estava no degrau.-

Na experiência de Bishop isso tendia a significar uma de duas coisas. A caixa ou continha alguma relíquia ou carta secreta – ou a cabeça de alguém próximo a ele. Independentemente, ele estava desconfiado ao abri-la.

- Acredito que poderia saber o que contém.- Molyneux tirou uma carta dobrada de seu bolso.

- Recebi isto de Chapel ontem.- Ele a deu a Bishop.

Franzindo o cenho, Bishop examinou a breve nota rabiscada com a mão familiar de Chapel. -Um amuleto?- contemplou ao sacerdote. -Feito da taça?

- Possivelmente nosso *bon ami* Temple te enviou um também.

Isso certamente seria preferível a uma cabeça. Quanto sabia Temple para fazer isto?- Ele perguntou a Molyneux enquanto abria o pacote. -Ele sabia que alguém ia atrás dele?

O sacerdote se encolheu de um modo que só um francês podia. -Não sei. Não tinha falado com ele por meses. Se teve qualquer suspeita conservou para ele.

-É de prata?- Marika perguntou, olhando com atenção dentro da caixa aberta.

Bishop assentiu. Lentamente, ele colocou a mão dentro e pegou o amuleto. Marika ficou sem fôlego e tentou detê-lo, mas ele envolveu seus dedos ao redor da prata fundida e a levantou na luz para obter uma visão melhor. Era quente e pesado e enviava calafrios de poder para cima de seu braço enquanto ele o segurava.

Marika cravou os olhos nisso com temor. -Não arde.

- Não, - Bishop respondeu. -Isto é porque é feito da taça que nos transformou . É o Graal de Sangue – a única prata que sempre pude tocar sem dor.

Sua mão gravitou sobre a peça. -Posso sentir seu puxão. É como se me puxasse do interior.

Seu pai chegou mais perto e colocou seu dedo no metal. - Não sinto nada.

- Acredito que esse é o ponto, - Bishop lhe disse, deslizando o amuleto ao redor de seu pescoço. - Temple não queria que qualquer a não ser nós soubesse o que era.- A espada, cruz e cálice gravado no fronte disso eram um indício, mas provavelmente mais para fazer que qualquer um que o visse pensasse que era somente um medalhão velho em vez de uma relíquia de poder.

-Há uma nota?- Molyneux perguntou.

Havia. -É o nome de um banco em Roma. E a informação para que eu pense que deve ser uma caixa de segurança.

- Chapel disse que ele recebeu uma direção em Roma também – uma casa.

Bishop lançou o escrito no fogo – depois de aprender de cor a informação nele. -Pergunto-me se Reign e Saint conseguiram pistas similares?

Foi Marika a que respondeu – embora não diretamente a pergunta em que ele meditava. -Acredito que é melhor se os quatro nos dirigirmos para Roma logo que seja possível.”

Bishop arqueou uma sobrancelha. -Nós quatro?

Ela inclinou a cabeça. -Você e eu, o padre Molyneux e o senhor Grey. O padre Molyneux tem boas conexões dentro da igreja e o Sr. Grey sabe muito a respeito da ordem. Precisamos deles.

Bishop a olhou fixamente, sorrindo. "Você me assombra."

Ela expressou com um sorriso recuado, obviamente contente por seu reconhecimento.

- Precisamos deixar este lugar, - Marcus anunciou, destruindo o estado de ânimo enquanto ele irrompia no quarto. Seus olhos estavam arregalados e suas bochechas acesas de cor. Há uma turba preparando-se em alguns povoados mais distantes. Querem à Caçadora e a cabeça de seu demônio.- Ele lhes dirigiu um olhar acusador. -Sem querer ofender, mas assumi que se referiam a vocês.

Bishop ficou em pé. -Quanto tempo temos?

- Até que amanheça, suponho. Felizmente têm a impressão de que estará fraco e adormecido. Se pudermos ir dentro das poucas horas seguintes, devemos fazer isso então. O único problema será protegê-los do sol.

Parecia que Bishop era o único que não tinha começado a pensar nos quatro como uma equipe.

- Poderia ser possível ir num trem, - Molyneux.

- Há um que sai às seis para Budapeste, -o pai de Marika disse.

Marika ficou em pé também. -Talvez possamos conseguir um vagão?

- Não precisa, - Bishop disse disse a todos eles. -Tenho meu próprio vagão. Só temos que nos assegurar de que haverá um trem ao que anexá-lo.

Marika o olhou boquiaberta. -Tem seu próprio vagão?

Ele assentiu. -É obvio. Do que outra forma posso viajar sem me preocupar com luz do dia e sem ser descoberto?

-Excelente!- Marcus se entusiasmou. -Agora só temos que nos preocupar com chegar à estação.

- Peguem meu carro, - Constantin propôs. -Não caberão os quatro.

- Marika e eu não precisamos conduzir, - Bishop lhe lembrou de improviso. Logo sorriu. "E obrigado por sua oferta."

Marcus realmente sorria. É uma aventura melhor quando um homem não tem que preocupar-se com o transporte.

-É rico?- Marika balbuciou, aparentemente encontrando sua voz.

Bishop riu – tanto quanto Molyneux e Grey. -Isso depende do que você entende por rico, mas sim. Suponho que sou.

- Assim é que pode me comprar um vestido de noite novo apesar de tudo.

Levou um momento entender do que ela falava – o traje de noite que Roxana tinha destruído quando a apunhalou. -Muitos, de fato.

Ele poderia supor pelo aspecto de seu rosto que ela gostou dessa idéia. Nunca deveria ter lhe dito o quanto gostava dela em vestido.

- Vou empacotar minhas coisas, - ela disse. -depois de ter levado grande parte da minha vida para finalmente me dar conta de que os monstros são verdadeiros, tenho pouca vontade de ser caçada como um.

- Vou ter que me afastar de você então, - seu pai disse brandamente. -Talvez, Marika, eu poderia usar sua égua para voltar para casa?

- É claro, -ela respondeu, indo abraça-lo. -Ela é sua para que a conserve. Dê a égua a meu irmão quando ele tiver idade suficiente para cavalgar.

Bishop sabia que não devia observar – não devia escutar como pai e filha se despediam, mas ele o fez de qualquer forma. Não tinham passado muito tempo juntos para sentir saudades ardentes um do outro, mas algum dia Marika ia querer voltar a Rumania – ou seu pai ir a eles em qualquer lugar que se acomodaram uma vez que encontrassem Temple e derrotassem à ordem.

E encontrariam Temple e derrotariam à Ordem.

Quando Constantin se foi, os quatro estiveram rapidamente embalando sem se importar que pertences teriam que pegar. Nenhum deles tinha muito – na mala dele e Marika em sua maior parte roupas e armas. Roupas e livros para Grey e o sacerdote. Decerto Grey levava uma pistola carregada que Bishop estava disposto a apostar que estava carregada com balas de prata – para prevenir.

Saíram dentro da hora; Marcus e Molyneux no Daimler com a bagagem, e Bishop e Marika no ar. Embora ela agora poderia voar por si mesma, insistiu em pendurar-se dele.

- Não posso imaginar estar no céu sem algo a que me agarrar, - lhe disse e ele riu abafadamente, sabendo que um dia teria que testar suas habilidades.

Chegaram primeiro ao pátio do trem. Bishop acendeu uma lanterna e a pendurou fora para que Molyneux e Grey os encontrassem, e os dois homens chegaram pouco tempo depois – Bishop inclusive não teve tempo de beijar a Marika corretamente antes de que batessem na porta.

Passaram algumas horas antes do amanhecer no vagão do trem de Bishop. Marcus falou com as autoridades da estação e fez acordos para serem anexados ao próximo trem que se dirigisse ao oeste. Os “ acordos ” basicamente queriam dizer que deu ao homem suficiente do dinheiro de Bishop para assegurar seu transporte.

Uma vez que o trem arrancou da estação, Molyneux e Grey os deixaram, afirmando que precisavam fazer exercício e refrescar-se.

-E tomar sol, - Marcus sublinhou secamente. -Começo a me sentir como um cogumelo. Nos dêem licença?

Bishop sorriu ao jovem, que começava a crescer para ele – mas não como um cogumelo. -É claro.

Nos rincões obscuros, confortáveis do vagão, Bishop e Marika subiram à cama no fundo e deslizaram as portas corrediças ao redor dela fechando. A cama estava desenhada para estar fechada como uma pequena caixa, assegurando escuridão total – e privacidade para seus ocupantes.

- Tem medo?- perguntou uma vez que ela estava em seus braços.

- Não. - Seu fôlego era morno em seu pescoço. -Talvez seja arrogante de minha parte, mas acho que juntos você e eu podemos fazer alguma coisa.

Ele beijou a parte superior de sua cabeça. -E agora que tenho você só pra mim, há algo que estive querendo fazer durante horas agora ...

A risada suave o acariciou enquanto a começou a rodar sobre suas costas. Ele a beijou – nos lábios e nas bochechas; Nos seios, importunando seus doces mamilos rosados completamente eretos enquanto ela murmurava com entusiasmo; E descendo, tirando suas roupas enquanto ele foi até que esteve entre suas coxas estendidas, lambendo seus sucos enquanto ela se estremecia e gozava em sua boca.

E logo ele estava dentro dela – onde ele tinha um lugar – empurrando e lentamente balançando seu corpo no dela, fortalecendo a tensão acesa entre eles. Nada antes tinha sido tão correto como tê-la em seus braços. Nada tinha lhe dado a paz, a sensação de poder pessoal que Marika lhe dava. Por séculos ele tinha sabido que era imortal – mas não impossível de matar. Em seus braços ele sabia que devia ser invencível. Esta mulher valente e atrevida se entregou totalmente a ele, aceitando tudo o que ele era e não pedindo nada além de que ele fizesse o mesmo. Era uma exigência a que ele prazerosamente se unia.

Seus joelhos agarraram seus flancos. Suas mãos estavam nas dele, seguras por cima de sua cabeça, e seu pescoço estava aberto e convidativo. Ele a mordeu, delirante enquanto ela enchia sua boca, estremecendo-se quando ela fez do mesmo modo afundando suas presas em seu ombro. Não houve palavras para descrever o êxtase de morder e ser mordido. Sentindo seu interior nele, sabendo que estava o fazendo a ela com o sexo e boca, sentindo seu calor apertado, molhado, envolto ao redor de seu pênis enquanto ele tirava seu ser em si mesmo. Era um sentimento de consumação que não tinha sentido antes e nunca o sentiria outra vez.

Gozaram juntos, agarrados um ao outro como hera enquanto o prazer os estremeceu até o próprio centro. Por um momento não houve nada a não ser seus corações palpitando juntos, e logo o mundo lentamente os trouxe de volta a seu abraço escuro.

- Nunca pensei que poderia amar alguém como te amo,- ela gemeu um pouco mais tarde, enquanto jaziam envolvidos juntos. -Estava muito ocupada enchendo minha vida com ódio antes de te encontrar.

Ele desenredou sua trança, entrelaçando seus dedos através da longa suavidade de seu cabelo. Até com seu alcance visual, ela não era a não ser uma sombra em seu pequeno refúgio escuro. - teve uma boa razão para se sentir como sentia.

-Pensei que tinha, mas você mudou tudo isso.

- Ambos tivemos que mudar.- Ele entrelaçou os dedos de sua outra mão com os dela e a trouxe para seu peito. -Para melhor.

- Lembro o momento exato que começou. Foi o dia que percebi que tinha cuidado da tumba de Elisabetta. Acredito que meu coração soube então que ia ser seu.

Esse mesmo coração se inchou ante sua admissão. -Para mim foi o dia em que me confiou seu nome.

Sua cabeça se levantou. Ele a podia sentir olhando-o embora não o pudesse ver. Nem ele podia ver a ela. -Confie em você com mais que meu nome.

-Eu sei. É por isso que te amo tanto.

Seus lábios estavam perto dos dele – tão perto que ele podia sentir seu delicioso calor. –Amo você, Bishop. Tanto assim assim que dói.

- Conheço uma cura para isso, - ele gemeu, enquanto colocou a mão atrás de sua cabeça, puxando-a para um beijo.

Ela subiu em cima dele, e enquanto avançavam em frente para o que fosse que o destino guardasse para eles, enquanto Marika cobria seu corpo com o dela, unindo-os outra vez, Bishop agradeceu em silêncio.

Ele estava tão mas tão contente por ter encontrado a sua pequena caçadora incrível – e que ela o tivesse capturado não só com seu corpo, mas com seu coração também.

Fim

